O GÉNERO NO DISCURSO DE OPINIÃO NA IMPRENSA PORTUGUESA

MARLENE LOUREIRO

livros LABCOM books

MARLENE LOUREIRO

O GÉNERO NO DISCURSO DE OPINIÃO NA IMPRENSA PORTUGUESA

livros LABCOM books

Livros LabCom
Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom
www.livroslabcom.ubi.pt

SÉRIE
Pesquisas em Comunicação

DIREÇÃO
José Ricardo Carvalheiro

DESIGN DE CAPA
Cristina Lopes

PAGINAÇÃO
Cristina Lopes

ISBN
978-989-654-136-1 (papel)
978-989-654-134-7 (pdf)
978-989-654-135-4 (epub)

DEPÓSITO LEGAL
373717/14

TIRAGEM
Print-on-demand

TÍTULO
O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa

AUTORA
Marlene Loureiro

ANO
2014

Índice

Preâmbulo 1

Introdução 7

CAPÍTULO 1 - O GÉNERO 15
1.1. Diferenças biológicas entre homens e mulheres – o sexo 15
1.2. Diferenças socioculturais entre homens e mulheres: a questão do género 23

CAPÍTULO 2 - DIFERENÇAS COMUNICATIVAS 45
2.1. Origens do tema 45
2.2. Os primeiros estudos de género na linguagem e o feminismo 58
2.3. O feminismo e a linguagem 60
2.4. Sexismo na linguagem 62
2.5. Ideias correntes sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres 95
2.6. Os estudos da sociolinguística e o género 102
2.7. O género investigado no domínio da competência comunicativa – etnografia da comunicação 109
2.8. Linguagem do poder (homem) *vs* linguagem sem poder (mulher) 133
2.9. Consequências das diferenças comunicativas de género 140
2.10. Mudanças: a linguagem "politicamente correta" ou linguagem inclusiva 150
2.11. Síntese 157

CAPÍTULO 3 - ESTUDOS SOBRE O GÉNERO EM PORTUGUÊS EUROPEU 159
3.1. Ideias tradicionais sobre o género na linguagem 159
3.2. O género e as diferenças entre homens e mulheres 168
3.3. Estudos sociolinguísticos e de comunicação e o género 169
3.4. Em busca de uma linguagem inclusiva 171

CAPÍTULO 4 - O GÉNERO E AS DIFERENÇAS COMUNICATIVAS EM PORTUGUÊS EUROPEU 173
4.1. Metodologia: técnicas e métodos de investigação 176
4.2. *Corpus* de análise 181

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE TEXTOS DE OPINIÃO
PUBLICADOS NOS *MEDIA* PORTUGUESES 183
5.1. *Corpus* e metodologia 183
5.2.Análise dos textos 185

Conclusões 255

Referências bibliográficas 271

Preâmbulo

O presente livro, intitulado *O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa*, decorre da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, entre os anos de 2009 e 2012, que foi apresentada e defendida na Universidade da Beira Interior.

Neste trabalho exploramos as diferenças comunicativas entre homens e mulheres em Portugal e como essas diferenças se refletem em textos de opinião publicados na imprensa nacional. Desta forma, o nosso trabalho de investigação baseou-se na análise de um *corpus* linguístico, constituído por textos de opinião publicados por autores masculinos e femininos nos *media* portugueses, a partir do qual se fez uma análise de conteúdo, com o intuito de levantar e sistematizar as principais diferenças entre os discursos masculino e feminino.

A tese de que homens e mulheres têm estilos conversacionais diferentes está já bastante divulgada. Efetivamente, a questão das diferenças comunicativas entre homens e mulheres advém dos papéis tradicionais que lhe são comummente atribuídos, resultado da sociedade ser maioritariamente patriarcal, que relega as mulheres para o domínio privado ou doméstico e os homens para o domínio público, o mundo dos negócios. Embora esta divisão patriarcal esteja a mudar, ainda existem diferenças, que se refletem nos modos de expressão feminino e masculino. Assim, as mulheres usam um discurso mais centrado na esfera íntima; os homens, por sua vez, dominam um discurso mais virado para a esfera pública de interação. A par desta explicação de ordem sociocultural, existem outras razões que estão na origem das diferenças de género na comunicação, nomeadamente razões de ordem biológica e psicológica.

Assim, vários foram os investigadores que, a partir da década de 70 do século passado, se debruçaram sobre as diferenças comunicativas de género, nomeadamente Robin Lakoff (1975), Barrie Thorne e Nancy Henley (1975), Dale Spender (1980), Deborah Tannen (1990), Deborah Cameron (1996 e 2006), Clare Walsh (2001), Mary Talbot (2003), Jane Sunderland (2006), entre outros. Tendo como ponto de partida estes e outros estudos, o nosso trabalho de investigação, com um forte pendor linguístico, procurou verificar as diferenças comunicativas entre os géneros e como essas se refletem em textos de opinião publicados nos *media* portugueses.

Depois de alcançados os objetivos a que nos propusemos, atestando a existência de diferenças comunicativas entre homens e mulheres, não podemos deixar de sublinhar que, sobre esta temática, ainda há muito por desbravar. Por isso, esperamos que este trabalho seja o ponto de partida para a florescência de mais investigações nesta área dos estudos de género na comunicação, uma área de estudo particularmente interessante, empolgante e motivadora, mas simultaneamente difícil e ardilosa, devido à complexidade e interdisciplinaridade que o tema envolve.

So although it is readily demonstrable that both sexes use the language, this cannot be taken as sufficient evidence that both sexes stand in the same relationship to that language.
(Spender 2001: 12)

We shall look at evidence from anthropology, dialectology, sociolinguistics and social psychology, firstly to establish that language of women and men does *differ, and secondly to show* how *it differs. We shall also attempt to answer the question that inevitably follows:* Why *do women and men talk differently?*
(Coates 1986: 3)

Dedicatória

Ao meu avô, por tudo o que ele é e sempre será para mim...
E também ao João, pais, avó e irmão, que sempre estiveram presentes.

Introdução

A sociedade acredita, atualmente, na "igualdade" entre Homem e Mulher. Ambos têm as mesmas competências, atitudes, sentimentos e aptidões. No entanto, o que se tem vindo a provar é que, no que diz respeito ao modo como comunicam, eles são "completamente" diferentes. Em vários contextos e de várias formas se nota que o homem e a mulher não, ou nem sempre, interpretam a linguagem do mesmo modo. Efetivamente, mesmo quando não parece haver lugar para qualquer mal-entendido, o homem e a mulher podem interpretar a mesma conversação de forma díspar.

As origens das diferenças de género dos estilos em interação remontam aos primórdios da história humana, tendo em conta os diferentes papéis do homem e da mulher no que concerne ao acompanhamento das crianças (Key 1996: 1). Estes papéis constitutem as tradicionais funções ocidentais de género, que relegam a mulher para o reino doméstico e o homem para os negócios e o mundo exterior. Embora estes papéis estejam a mudar na nossa sociedade, a verdade é que as normas sociais e as normas de interação que lhe estavam associadas ainda se mantêm e impedem a mudança. De facto, na sociedade ocidental ainda permanecem valores patriarcais, em que o homem surge como o sexo dominante e superior. Neste contexto, podemos também dizer que estamos perante um ciclo vicioso, na medida em que a linguagem é a maior influência no que e no como as crianças aprendem sobre o género. Por outro lado, o género é a maior influência no modo como as crianças usam a linguagem no dia-a-dia.

Na generalidade, as pessoas têm estilos conversacionais distintos, mas estes acentuam-se quando, em interação, se distingue um homem e uma mulher. A ideia de que homens e mulheres têm caraterísticas conversacionais diferentes é uma ideia já bastante difundida no senso comum. No entanto, pouco se tem publicado sobre o assunto, talvez, como considera Deborah Tannen, porque este campo de estudo é demasiado controverso (Tannen 1990: 14). Com efeito, o desejo de afirmar que mulher e homem são iguais fez com que muitos investigadores

[O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa, pp. 7 - 14]

se mostrassem relutantes em explorar o tema, uma vez que as dissemelhanças podiam ser usadas para justificar tratamento e oportunidades diversos.

O ano de 1975 foi o ano de lançamento dos estudos linguísticos sobre a relação entre a linguagem e o sexo/ género, destacando-se as publicações de *Language and Women's Place*, de Robin Lakoff; *Male / Female Language*, de Marie Ritchie Key; e *Language and Sex: Difference and Dominance*, de Barrie Thorne e Nancy Henley. Estes livros vieram lançar as bases de investigação sobre as diferenças no modo como homens e mulheres usam a linguagem e interagem. A partir daqui, a relação entre a linguagem e o género tem vindo a ser estudada, resultando numa literatura inter e multidisciplinar. Neste seguimento, surgem várias explicações para as diferenças de género no uso da linguagem. Alguns investigadores afirmam que as diferenças entre o modo de falar do homem e da mulher são o reflexo de diferenças biológicas e psicológicas; outros defendem que essas diferenças são sociais e estão associadas ao estatuto e ao prestígio distinto entre homem e mulher; e outros atribuem as diferenças no uso da linguagem a diferenças culturais, uma vez que rapazes e raparigas são socializados separadamente à semelhança dos seus pares, com desiguais formas e funções comunicativas. Não obstante, estas abordagens não são, obviamente, mutuamente exclusivas.

Ao longo do seu percurso, tem vindo a verificar-se uma bifurcação nos estudos da relação entre a linguagem e o género: por um lado, surge o "dominance approach" e, por outro, o "difference approach". O primeiro está associado ao trabalho de investigadores como Robin Lakoff, que postulam que a mulher e o homem comunicam de modo diferente porque é o homem que domina a linguagem. O segundo aparece ligado a investigadores como Deborah Tannen, que defendem que existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres, porque realmente eles são diferentes, seja por razões biológicas e psicológicas, seja por razões sociais e/ou culturais.

Não obstante esta dicotomia, todos estes estudos revelam um caráter multidisciplinar, solicitando o recurso ao conhecimento de várias ciências e áreas de investigação, nomeadamente a Comunicação, a Pragmática, a Sociolinguística e a Psicolinguística, entre outras áreas do saber. Por isso, Barrie Thorne, Cheris Kramarae e Nancy Henley, em *Language, Gender and Society*

(1983), defendem que, mais importante do que as abordagens da diferença e do domínio, o contexto social e cultural onde os comunicadores estão inseridos aparece como fundamental para analisar essas diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

Do exposto, convém ainda ressalvar que a exploração do tema se encontra ainda bastante restringida, havendo publicações sobre as diferenças de género em geral e alguns estudos de caso sobre as diferenças de género a nível linguístico. Portanto, daí surge a pertinência de estudar o tema no caso português. As diferenças comunicativas entre homens e mulheres é então o nosso objeto de estudo numa investigação no campo das Ciências da Comunicação, mas marcada fortemente pelos estudos das Ciências da Linguagem. Embora, à partida, pareça um trabalho de cariz feminista, tal não é o caso, uma vez que o que se pretende é uma diferenciação clara e objetiva dos discursos masculino e feminino. No entanto, a verdade é que o mérito fundamental do tema foi levantado por feministas (Yaguello 1978), que arvoraram a questão das diferenças entre a linguagem dos homens e a das mulheres. Contudo, o que acentuaram foi a condição feminina em detrimento da diferenciação de sexos. Até então, a distinção sexual na língua era considerada uma questão de aspeto arcaico, uma vez que se tratava de analisar as diferenças de falar/ comunicar entre homens e mulheres nas sociedades primitivas e, por isso, tal trabalho de demarcação estava destinado a desaparecer à medida que as sociedades primitivas se ocidentalizassem ou desaparecessem. Não obstante, permaneceu a ideia de que as diferenças comunicativas entre homens e mulheres são caraterísticas das sociedades arcaicas e primitivas, o que sugeria que tal distinção estava ligada a um estado de desenvolvimento e de mentalidade primitivos.

Contudo, de forma distinta, a diferenciação linguística baseada no sexo permanece. Efetivamente, a origem das diferenças sexuais na língua, como já referimos, remonta aos papéis tradicionais que relegam a mulher para o reino doméstico e o homem para o mundo exterior, ou seja, reflete a oposição que se estabelece entre a esfera pública, ainda domínio masculino, e a esfera doméstica ou privada, domínio ainda maioritariamente feminino. Nesse sentido, os homens são socializados e aprendem uma língua voltada para o mundo exterior, para a esfera pública, onde se expõem e confrontam pontos de vista com diferentes

pessoas. As mulheres aprendem e mantêm uma língua que é usada num circuito mais fechado, a dita esfera privada, em que comunicam com um número mais reduzido de pessoas e sobre assuntos mais centrados nesse pequeno grupo. De facto, esta disparidade está ligada não só a diferenças biológicas e psicológicas, mas essencialmente à aprendizagem de papéis culturais e sociais, que se refletem na língua enquanto sistema semiótico.

Embora se esteja a verificar uma mudança nos papéis sociais, a verdade é que as normas sociais e as normas de interação que estavam associadas aos diferentes sexos ainda se mantêm. Por outro lado, o facto de a mulher entrar cada vez mais em áreas comummente masculinas não vem mudar esta dinâmica, mas torná-la ainda mais complexa. Neste contexto, as diferenças linguísticas prevalecem e, como um ciclo vicioso, é pela linguagem que as crianças aprendem sobre o género e comunicam de forma diferente de acordo com o seu sexo, mantendo a variação. Tal como postulou Philip M. Smith, a linguagem é o repositório e o veículo de transmissão do que se sabe e do que não se sabe sobre os sexos e o género (Smith 1985: 31).

De facto, uma língua não é um todo homogéneo e monolítico, existindo variantes sociais e regionais, registos de língua, níveis de língua, dialetos, idioletos, gírias, etc., que se entrecruzam e se sobrepõem. Efetivamente, tal como defendeu Labov (1972), a língua não é um todo uno, está sujeita à variação, que atualmente é considerada um aspeto central e inerente à língua. Portanto, no que diz respeito aos idioletos ou variantes diafásicas, o sexo do indivíduo é um importante fator a ter em conta. Deborah Tannen fala mesmo em "genderlects"[1] (Tannen 1990: 42).

Tendo como ponto de referência alguns trabalhos desenvolvidos por investigadores nos Estados Unidos da América e também, em menor número, em França e Inglaterra, a nossa tese debruçar-se-á sobre a realidade comunicacional portuguesa. Desta forma, partindo da análise de vários textos escritos na comunicação social portuguesa, publicados por homens e mulheres, tentaremos verificar se existem diferenças nos seus registos discursivos. Esta exploração,

1) Entenda-se "genderlects" como a junção das palavras género e dialetos, dando origem a "generoletos".

influenciada pelos estudos linguísticos, vai passar pela análise dos textos, com a ajuda de dois programas informáticos de tratamento estatístico de dados, no que diz respeito ao registo lexical e morfológico, à ordem sintático-estilística e à *performance* verbal dos indivíduos.

Para Allen (1998), as investigações sobre as diferenças de género dividem-se em dois momentos: num primeiro momento, tem-se em consideração a medição dessas diferenças; já num segundo, examinam-se os resultados da investigação que atestam essas diferenças entre homens e mulheres. Também o nosso trabalho de investigação procura abranger essas duas partes em que, segundo Allen (1998), se dividem os estudos das diferenças de género.

Assim, o resultado do nosso trabalho de investigação organiza-se, na sua redação escrita, em cinco capítulos. Com efeito, depois de introduzido o tema e os objetivos, a nossa investigação parte do levantamento e análise do estado da arte sobre as diferenças comunicativas de género, que se constituirá como a fundamentação teórica do nosso trabalho. Esta fundamentação teórica abarcará os três primeiros capítulos. Assim, o capítulo 1 diferencia os conceitos de género e sexo e explora as diferenças biológicas, sociais e culturais que deles decorrem. Já o capítulo 2 versa sobre a relação do género com as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, abordando os estudos feministas, o sexismo na linguagem, os estudos da sociolinguística e as consequências das diferenças comunicativas de género. Já no terceiro capítulo, centrado na realidade portuguesa, apresentam-se as ideias tradicionais sobre o género no português europeu, bem como as diferenças comunicativas entre homens e mulheres na realidade portuguesa. Depois, segue-se a parte empírica desta investigação. O capítulo 4 expõe a metodologia de investigação. No que respeita à metodologia, adotámos uma das sete abordagens apontadas por Jane Sunderland e Lia Litosseliti (2008: 5) para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género, nomeadamente a análise de um *corpus* linguístico. A partir desse *corpus*, faz-se, no capítulo 5, uma análise de conteúdo, procurando diferenças entre os discursos masculino e feminino. Essa análise, que decorre da aplicação de dois programas informáticos de análise estatística de dados - *Tropes Semantic* e *Lexicon* -, procura seguir Moshe Koppel, um matemático que desenvolveu um programa informático que permite descobrir se o autor de um texto é homem ou mulher,

através do levantamento das combinações lexicais e sintáticas caraterísticas de cada género. Assim, à semelhança do programa de Moshe Koppel, procuramos, através do *Tropes Semantic* e do *Lexicon,* sistematizar as principais diferenças discursivas entre homem e mulher. A análise de diferentes textos de opinião, redigidos e publicados nos *media* portugueses em quatro anos de quatro décadas diferentes (2009, 1999, 1989 e 1979), pretende verificar se existe variação nos discursos feminino e masculino ao longo dos anos, consoante os textos se vão afastando do 25 de Abril de 1974, data que se constitui como marco histórico na política portuguesa, pela reconquista dos valores democráticos, que estão na base e dão legitimidade à comunicação social (Traquina 2007). Por último, apresentamos as conclusões a que chegámos, procurando fazer uma análise comparativa dos resultados obtidos e responder às hipóteses por nós levantadas, como sejam:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras.

Como o nosso trabalho de investigação se insere no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, mais especificamente nas Ciências da Comunicação, a escolha da metodologia revela-se fundamental para o sucesso do mesmo. Deste modo, na nossa investigação está presente o método indutivo, que postula que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria sobre essa análise; está ainda presente o método descritivo, através do qual se procura identificar, observar e descrever os factos que suportam as hipóteses levantadas; e, por último, predomina ainda o uso do método correlacional, através do qual estabelecemos interrelações entre duas variáveis, neste caso, o género e a comunicação (Freixo 2009).

Assim sendo, o nosso intuito é verificar em que medida as diferenças comunicativas entre homens e mulheres se refletem nos meios de comunicação

social. A partir daqui, temos de ter presente que o registo de língua será o corrente, obedecendo à norma-padrão, não estando tão sujeito a variação linguística, seja ela diatópica, diastrática ou diafásica. Por outro lado, são discursos mais formais, nos quais, segundo alguns investigadores, as diferenças discursivas entre homens e mulheres se esbatem (cf. Berryman-Fink e Wilcox 1983; Simkins-Bullock e Wildman 1991). Portanto, a questão que se levanta é se as diferenças de género se verificam nos meios de comunicação social, nomeadamente ao nível da expressão da opinião publicada em suporte escrito.

O nosso trabalho debruça-se, asssim, sobre a comunicação social, pois trabalhamos no âmbito da comunicação mediatizada (Thompson 1999). Enquanto que na comunicação face-a-face existe um emissor e um recetor presentes na situação de comunicação, no caso dos *media*, comunica-se, na generalidade, com um recetor ausente. Por outro lado, este recetor não é um ser individual, mas um conjunto de indivíduos, considerados como um ser compósito, constituído pela audiência (Talbot *et al.* 2003: 9-10), acentuando o grau de formalidade dos textos. Não obstante, acreditamos que as diferenças comunicativas entre homens e mulheres não se esbatem, independentemente do registo de língua ou do meio de comunicação e expressão. Desta forma, com esta investigação, pretendemos demontrar que o género e as diferenças comunicativas estão presentes nos meios de comunicação social, nomeadamente nos textos de opinião da imprensa portuguesa, pois o género, tal como a comunicação, só existe como resultado da nossa existência social.

Capítulo 1

O género

1.1. Diferenças biológicas entre homens e mulheres – o sexo

A biologia reconhece a unidade do ser humano, uma vez que a nível hormonal os sexos não são opostos, já que todos os seres humanos partilham das mesmas hormonas sexuais. No entanto, consegue-se diferenciar um homem e uma mulher pelas suas caraterísticas associadas ao sexo. Eakins e Eakins (1978) consideram que essas caraterísticas sexuais se distinguem a três diferentes níveis: a nível reprodutor, anatómico e sociocomportamental[1]. A partir destas caraterísticas, aflora a diferenciação entre sexo e género. Assim, o sexo diz respeito às diferenças biológicas entre homens e mulheres, nomeadamente ao nível dos órgãos reprodutores; o género é um termo de cunho cultural, que distingue socialmente o masculino e o feminino.

Desta forma, qualquer estudo ou investigação sobre comunicação e as diferenças comunicativas entre homens e mulheres deve começar, obrigatoriamente, por explicar as razões dessas diferenças. Porém, se a questão das diferenças comunicativas é controversa, encontrar as razões que justifiquem essas diferenças é-o ainda mais. Vários são aqueles que buscam respostas; biólogos, antropólogos, neurologistas, sociólogos e psicólogos estão entre os principais investigadores que procuram uma explicação ou explicações para essas

1) *Cf.*: "1 primary sex characteristics, which have to do with reproduction hormonic differences, and the production of spermozoa or ova
2 secondary sex characteristics, which are anatomical in nature and include distribution of body hair, differential bone structure, and size
3 sexual characteristics, which are social-behavioral in nature, are related to culture, and include learned, patterned communication behaviors such as posture, facial expression, leg position, and the like" (Eakins e Eakins 1978: 4).

diferenças. Apesar de não se chegar a respostas definitivas, existe o consenso de que essas diferenças comunicativas são resultado de diversas variáveis, desde biológicas, ambientais, psicológicas, sociais e culturais.

Entre essas razões que explicam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres surge o cérebro e o seu desenvolvimento. Investigadores descobriram que havia hormonas que eram responsáveis por "masculinizar" ou "feminizar" o desenvolvimento do cérebro ainda no útero materno (Glass 1993: 4). Efetivamente, o sexo aparece como uma variável relevante para compreender as diferenças na organização do cérebro humano (McKeever 1987: 277). Nesta linha de investigação, Anne Moir e David Jessel (1992) argumentam que essas diferenças têm por base diferenças biológicas e psicológicas, na medida em que os sexos são diferentes porque os cérebros masculino e feminino são diferentes, processando a informação de forma distinta, daí resultando diferentes perceções, prioridades e comportamentos[2].

Embora os fatores sociológicos e culturais também condicionem e expliquem as diferenças de género, conhecer os fatores biológicos inerentes às diferenças de género revela-se fundamental. Na verdade, apesar da emancipação da mulher a nível social e cultural, as diferenças de género prevalecem. Por outro lado, como questionam Moir e Jessel (1992: 10), se os homens e as mulheres são semelhantes, como se explica que, no percurso dos tempos e na maioria das sociedades, o homem sempre conseguisse ter mais sucesso, sendo a mulher subordinada.

Assim, a primeira asserção que se deve ter presente é que os cérebros do homem e da mulher são diferentes. Essas diferenças vêm desde o nascimento e são concebidas ainda durante o período de gestação, fazendo com que a nível celular o homem e a mulher sejam diferentes. Também Hilary M. Lips e Nina Lee Colwill (1978ª) concordam com tal asserção, afirmando que cedo os investigadores relacionaram as diferenças de comportamento e de temperamento

2) *Cf.*: "The sexes are different because their brains are different. The brain, the chief administrative and emotional organ of life, is differently constructed in men and women; it processes information in a different way, which results in different perceptions, priorities and behaviour" (Moir e Jessel 1992: 5).

entre os géneros como consequência das diferenças anatómicas[3]. No entanto, devido ao ímpeto do movimento feminista, houve uma sobrevalorização da análise das diferenças de género tendo em conta o contexto social, em detrimento da componente biológica e psicológica.

Para além dos cromossomas X e Y, que determinam se o feto é rapariga ou rapaz, também as hormonas são importantes para a determinação do sexo e para a construção do cérebro masculino ou feminino. O cérebro humano é organizado e estruturado por hormonas. Se a estrutura do cérebro e as hormonas são diferentes no homem e na mulher, é natural que o homem e a mulher se comportem de modo diferente. Na generalidade, a estrutura do cérebro humano está dividida em duas partes: hemisfério esquerdo e hemisfério direito. O lado esquerdo lida predominantemente com a capacidade verbal e com o processamento detalhado de informação, bem como com os processos de pensamento lógico e sequenciais. Assim, falar, ler e escrever são atividades controladas pelo lado esquerdo do cérebro. Se este lado esquerdo não funcionar bem é a causa de vários problemas relacionados com a linguagem. O lado direito do cérebro é responsável pelos sentidos visual e de espaço. Ele controla os processos de pensamento abstrato e algumas das nossas respostas emocionais.

Lado direito do cérebro	**Lado esquerdo do cérebro**
Visual	Verbal
Espacial	Linguístico
Imagens	Detalhes
Emoções	Prático
Abstrato	Concreto
Formas e padrões	Sequências ordenadas

Tabela 1. Controlos dos lados direito e esquerdo do cérebro humano (Fonte: Moir e Jessel 1992: 40).

3) Cf.: "[...] early investigators saw sex differences in temperament or behavior as logical consequences of obvious (and not so obvious) anatomical differences" (Lips e Colwill 1978[a]: ix)

A nível corporal, o lado direito do cérebro comanda o lado esquerdo do corpo e o lado esquerdo do cérebro controla o lado direito do corpo. Do mesmo modo, aquilo que vemos com o olho esquerdo é processado pelo lado direito do cérebro e o que vemos com o olho direito é processado pelo lado esquerdo do cérebro. Acrescente-se ainda que o cérebro das mulheres é um pouco mais pequeno do que o dos homens, embora tal facto não faça qualquer diferença fundamental (Moir e Jessel 1992: 39).

No que concerne às diferenças cerebrais entre homens e mulheres, Anne Moir e David Jessel apontam diferenças ao nível da organização do cérebro:

1) Na mulher, a linguagem e os sentidos de espaço são controlados por centros em ambos os lados do cérebro; no homem, essas capacidades estão localizadas de forma mais específica – os sentidos de espaço são controlados pelo lado direito e as capacidades verbais são controladas pelo lado esquerdo (Moir e Jessel 1992: 42). Portanto, a divisão funcional dos lados direito e esquerdo do cérebro não está tão claramente definida na mulher como no homem, já que ambos os lados estão envolvidos nas capacidades verbal e visual.

2) O lado esquerdo do cérebro está organizado de forma diferente no homem e na mulher. As funções cerebrais relacionadas com os mecanismos da linguagem, como a gramática, a pronúncia e a produção discursiva, estão organizados de forma diferente no homem e na mulher. No homem, estas funções estão localizadas nas áreas da frente e detrás do lado esquerdo do cérebro; nas mulheres, essas funções estão mais centradas na área da frente do lado esquerdo do cérebro (Moir e Jessel 1992: 44). Também as respostas emocionais estão localizadas diferentemente no homem e na mulher. Na mulher, encontram-se em ambos os lados do cérebro; no homem, essas funções estão concentradas no lado direito (Moir e Jessel 1992: 46).

3) O cérebro das mulheres tem mais ligações entre os dois lados do que o dos homens. Isto quer dizer que há mais troca de informação entre o lado esquerdo e o lado direito no cérebro feminino (Moir e Jessel 1992: 47).

Tendo em conta estas diferenças de funcionamento dos cérebros masculino e feminino, haverá vantagens e desvantagens na organização do cérebro de ambos os sexos. Por exemplo, o padrão masculino, com mais funções especificamente organizadas, revela que os homens não são tão facilmente distraídos por

informação supérflua (Moir e Jessel 1992: 47). Por outro lado, as diferenças na organização do cérebro também fornecem uma explicação para a superioridade masculina na orientação espacial. Como a orientação espacial feminina é controlada por ambos os lados do cérebro, existe uma sobreposição com áreas do cérebro que controlam outras atividades. Assim, se a mulher está a tentar fazer duas coisas ao mesmo tempo com a mesma área do cérebro, a capacidade espacial sofre. Tal não acontece com o homem, uma vez que a capacidade espacial é controlada por uma área específica do cérebro, logo há menos hipóteses de outras atividades interferirem (Moir e Jessel 1992: 45).

A superioridade verbal da mulher pode também ser explicada pela diferente organização do cérebro. As capacidades de linguagem, como a gramática, a pronúncia e a escrita, estão todas especificamente localizadas no lado esquerdo do cérebro da mulher. Como no homem estão espalhadas na parte da frente e detrás, o homem terá que se esforçar mais do que a mulher para se apurar nestas capacidades (Moir e Jessel 1992: 45). Também por isso, as meninas aprendem a falar mais rapidamente do que os meninos, tal como aprendem a ler mais rapidamente. Por isso, o sexo masculino tem mais probabilidade de sofrer de autismo infantil e de dislexia.

Outros estudos sugerem que quanto mais conexões se estabelecerem entre os dois hemisférios no cérebro, mais fluentes e articuladas essas pessoas serão. Daí que as mulheres sejam mais fluentes nas línguas. Moir e Jessel (1992) relacionam esta caraterística do cérebro feminino com a chamada intuição feminina. Para estes autores, a intuição feminina advém do facto de as mulheres conseguirem relacionar, melhor do que o homem, informação verbal e informação visual[4].

Por último, também existem diferenças em termos emocionais. Devido também à organização do cérebro, as mulheres são menos capazes de separar as emoções da razão, já que as respostas emocionais encontram-se em ambos os lados do cérebro, estabelendo relações com o lado verbal do cérebro. Por sua vez,

4) Cf.: "Could it provide a somewhat prosaic solution to the secret of female intuition? [...] Since women are in general better at recognising the emotional nuances in voice, gesture, and facial expression, a whole range of sensory information. They can deduce more from such information because they have a greater capacity than men to integrate and cross-relate verbal and visual information" (Moir e Jessel 1992: 48).

o homem controla mais as suas emoções, pois, como as respostas emocionais se encontram do lado direito do cérebro e o poder de expressar sentimentos e emoções está no lado esquerdo, o homem estabelece menos relações entre a parte verbal e a emocional, ou seja, o lado esquerdo e o direito do cérebro. Assim, torna-se mais difícil para o homem expressar as suas emoções (Moir e Jessel 1992: 48).

Como já referimos, segundo Anne Moir e David Jessel, estas diferenças entre os cérebros masculino e feminino são inatas. No entanto, também sublinham que, ao longo do crescimento e desenvolvimento do indivíduo, vão sendo acentuadas pelo desenvolvimento do próprio cérebro, mas também pelos valores sociais e culturais da comunidade onde o indivíduo está inserido (Moir e Jessel 1992: 53). Os mesmos autores apontam ainda um segundo momento em que as hormonas modelam novamente o cérebro, condicionando ainda mais as capacidades, as aptidões e os comportamentos do homem e da mulher – a puberdade (Moir e Jessel 1992: 68).

A puberdade, e respetivo aumento dos níveis de hormonas, implica alterações fisiológicas e psicológicas em ambos os sexos. No caso das raparigas, a puberdade pode começar a partir dos 8 anos de idade e as principais hormonas femininas envolvidas são o estrogénio e a progesterona. Os rapazes atingem a puberdade cerca de dois anos mais tarde do que as raparigas e a hormona principalmente envolvida é a testosterona, responsável por organizar o cérebro de acordo com o padrão masculino. Enquanto na mulher, as hormonas aparecem com flutuações mensais regulares (associadas ao ciclo menstrual), no homem, as hormonas não variam da mesma forma previsível (Lips 1978[c]: 82). Durante séculos, o ciclo menstrual da mulher foi a causa de a mulher ser caraterizada como instável e, logo, não capaz de ocupar posições sociais de responsabilidade. Em contraste, aparece o homem, fisiologicamente estável (Lips 1978[c]: 82-83). Não obstante, embora Hilary M. Lips (1978[c]) concorde que as mudanças hormonais do ciclo menstrual da mulher afetam o seu temperamento e comportamento, também acredita que existem, por exemplo, fatores socioculturais que condicionam esses efeitos, acentuando-os.

Por outro lado, Hilary M. Lips também defende que, à semelhança da mulher, o homem também tem variações "de humor" de forma cíclica, em períodos intercalados entre 4 a 8 semanas (Lips 1978[c]: 94).

A mais óbvia diferença decorrente desta distinção hormonal entre homens e mulheres reside no caráter agressivo do homem[5], que não é caraterística das hormonas femininas. A esta diferença juntam-se outras caraterísticas de personalidade que opõem homem e mulher, mas que resultam de diferenças naturais[6]. A par disto, estas diferenças hormonais explicam ainda as diferenças de género nos comportamentos e atitudes sociais, sejam interesses, conhecimentos, gostos, preferências ou mesmo os próprios papéis sociais. Assim, os homens preocupam-se com realidades concretas, teorias e o seu *status*; as mulheres preocupam-se mais com as pessoas, com a moralidade e com as relações sociais.

Desta forma, Anne Moir e David Jessel (1992) também consideram que este argumento, segundo o qual as diferenças de género têm por base diferenças biológicas, foi contestado pelo movimento feminista e outros estudiosos das diferenças comunicativas de género, que viam nesta teoria um entrave à defesa da igualdade entre os sexos. Por exemplo, Nancy Henley (1975) começou um dos seus artigos afirmando que se deve evitar o erro de assumir que as diferenças verbais e não verbais que se observam entre os géneros resultam de diferenças

5) Wendy L. Josephson e Nina Lee Colwill (1978) postulam que a agressividade, considerada maior no homem, não é somente resultado de diferenças hormonais e fisiológicas. Para estas autoras, a agressividade masculina tem ainda explicação na evolução histórica e social do homem, que, por razões de organização social, teve de se tornar o mais forte:

> It is possible, of course, that men did not start out as the stronger sex. They may have been forced to handle the jobs of hunting and fighting, mainly because the women were busily engaged in giving birth to and nursing children. Thus, greater male strength may have been a result of this division of labor rather than a cause (Josephson e Colwill 1978: 201).

6) *Cf.*: "Anger and placidity, aggression and appeasement, sociability and individuality, dominance and compliance, obedience and assertiveness – taken together, these make up a fair amount of what we can call personality. And in each of these aspects of personality, marked measurable differences have been observed between girls and boys, men and women, which we know have an underlay in the wiring of the brain.
Men and women are different; the society we grow up in does affect us, but essentially in reinforcing our natural differences" (Moir e Jessel 1992: 86-87).

biológicas[7]. Porém, tal como sublinham Bing e Bergvall (1996), há um facto que não pode ser ultrapassado, nem esquecido, é o facto de que existem algumas diferenças biológicas entre homens e mulheres (Bing e Bergvall 1996: 15). Do mesmo modo, Susan U. Philips corrobora a existência de diferenças biológicas baseadas no sexo, na localização e processamento da linguagem no cérebro. Contudo, a natureza dessa relação entre a linguagem e o sexo ainda precisa de muitas investigações para ser determinada (Philips 1987[a]: 6). Por sua vez, também Julia T. Wood (1996[b]) considerou a existência de diferenças entre homens e mulheres ao nível das funções cerebrais e da organização dos cérebros masculino e feminino[8]. No entanto, tal como também alegou, é igualmente possível que a socialização dos homens e mulheres conduza a um diferente desenvolvimento da organização e do funcionamento do cérebro[9].

De um outro ângulo, Kirsten Hastrup (1978) também defendeu que a questão biológica, que engloba a sexualidade e a reprodução, é fundamental para a compreensão das diferenças entre os sexos numa sociedade. De certa forma, Hastrup vem relembrar que quer a sexualidade, quer a reprodução são tidos como factos sociais, quando verdadeiramente têm origem na biologia. Efetivamente, para a autora, existe uma interconexão entre o social e o biológico, por exemplo, quando se abordam questões como o aborto e a virgindade (Hastrup 1978: 50). Nesse sentido, a própria heterossexualidade vem estabelecer uma relação dicotómica entre homens e mulheres, em que surgem como duas categorias feitas uma para a outra, mas que implicam uma oposição entre homem e mulher (Hastrup 1978: 53).

7) *Cf.*: "From the beginning we should guard against the mistake of assuming that the observed nonverbal (or even verbal) differences between the human sexes result from biology" (Henley 1975: 185).

8) *Cf.*: "In general, females are more adept in using the right brain lobe, which controls creative abilities and intuitive, holistic thinking. Males are generally more skilled in left brain functions, which govern linear thinking and abstract, analytic thought. […] Thus, females may have advantage in crossing from one side of the brain to the other and in using both brain hemispheres" (Wood 1996[b]: 5).

9) *Cf.*: "It is equally possible that males and females are socialized in ways that lead to differential development of ability in the distinct lobes of the brain" (Wood 1996[b]: 5).

Rosaldo e Lamphere (1974) argumentam que as diferenças entre homens e mulheres resultam da interação entre a formação biológica e os padrões da vida social, ou seja, contribuem de forma conjunta para explicar as diferenças de género que se verificam[10]. Efetivamente, homens e mulheres não são iguais. Portanto, várias são as razões que explicam essas diferenças: razões biológicas, psicológicas, sociais e culturais, todas interligadas e interdependentes concorrem para a formação da identidade de género. Hilary M. Lips (1978[b]) sublinha que a identidade de género, embora ligada ao sexo, ultrapassa essa noção, pois é desenvolvida depois do nascimento.

Sherry Ortner e Harriet Whitehead, em forma de princípio, postulam que as relações de género influenciam e são influenciadas por noções culturais de género e de sexualidade (Ortner e Whitehead 1981[b]: 1). Efetivamente, as diferenças de género tornam-se ainda mais compreensíveis quando se relaciona o género com a sociedade e os seus valores culturais (Collier e Rosaldo 1981: 275).

1.2. Diferenças socioculturais entre homens e mulheres: a questão do género

1.2.1. O género como desenvolvimento psicossocial

O género é aqui entendido como um conceito de ordem sociológica, distinguindo-se, por isso, de sexo, do domínio biológico, já que este diz respeito somente à parte física que distingue os indivíduos, nomeadamente as diferenças no aparelho reprodutor. Segundo Julia T. Wood, o sexo é inato, mas o género é construído socialmente e aprendido pelos indivíduos (Wood 1996[b]: 4). Para Julia T. Wood, nascer homem ou mulher não implica necessariamente que se pense, se aja e se sinta nos modos que a sociedade acredita que o homem e a mulher devem agir (Wood 1996[b]: 4). Desta forma, embora o género esteja ligado ao sexo para distinguir feminino e masculino, o género é um termo mais abrangente, que

10) *Cf.*: "[...] the conclusion that biology constraints but does not determine the behavior of the sexes, and that differences between human males and females reflect an interaction between our physical constitutions and our patterns of social life" (Rosaldo e Lamphere 1974[b]: 5).

ultrapassa o domínio puramente biológico, e abarca as caraterísticas psicológicas, a formação sociológica e cultural do indivíduo. Ou seja, o género é socialmente construído (Rodrigues 2003:16). Segundo esta conceção, o conceito de género é formado pela socialização e pela cultura e, por isso, Judith Butler (2007) afirma que o género não é resultado do sexo do indivíduo, nem fixado pelo sexo[11].Assim, será a noção de género a geradora das diferenças entre homens e mulheres.

Desta forma, o nosso trabalho debruça-se sobre questões de género, pois a linguagem e o género estão intimamente correlacionados, uma vez que ambas as conceções são resultado de conhecimentos adquiridos, produto da nossa vivência em sociedade. Não obstante, por vezes, pode aflorar o termo sexo(s), mas este será sempre utilizado no sentido que tem o conceito de género, pois este implica as noções de identidade de género e papel de género. Muitas vezes, como se depreende, a identidade de género é confundida com identidade sexual. Contudo, não estamos a falar do mesmo, embora estas duas identidades estejam inter-relacionadas. De facto, são os indivíduos que constroem a sua identidade de género ao se identificarem social e culturalmente como masculinos ou femininos. A identidade sexual é construída através da vivência da sexualidade com parceiros do mesmo sexo ou do sexo oposto. Assim, por exemplo, em alguns homens homossexuais, a identidade de género é masculina, enquanto a identidade sexual, em termos de fantasia e escolha objetal, é feminina (Rodrigues 2003: 18).

Por conseguinte, esta identidade de género levará à existência de papéis de género femininos e masculinos, que refletem, no fundo, "[...] padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para os seus membros, definindo os seus comportamentos, as suas roupas, os seus modos de se relacionarem" (Rodrigues 2003: 18) e o modo de comunicarem. Portanto, desde cedo, as crianças vão sendo socializadas tendo em conta os seus diferentes papéis de género, partindo da parte biológica, o sexo. Tal como a idade, o sexo é uma categoria biológica que serve como fundamento para a diferenciação de papéis, normas e expectativas de género, enquanto constructo social do sexo (Eckert

11) *Cf*.:"[...] gender is neither the causal result of sex nor as seemingly fixed as sex" (Butler 2007: 8).

1997: 213). De facto, segundo Butler (2007), existe um certo determinismo na forma como o género vai sendo construído, uma vez que essa construção é feita a partir do sexo natural/ biológico[12].

Desta forma, enquanto o sexo pode ser considerado como uma categorização biológica, baseada primeiramente no seu potencial papel reprodutor, o género é a elaboração social do sexo, que é biológico. O género é assim um processo de construção a partir do sexo biológico, segundo o qual os indivíduos adotam e seguem comportamentos, atitudes, posturas de acordo com os papéis de género esperados de acordo com o sexo. E é neste ponto que o género e o sexo confluem.

Para explicar o desenvolvimento dos papéis de género, concorrem três teorias do ramo da psicologia: a teoria psicanalítica de Freud, a teoria da aprendizagem social e a teoria do desenvolvimento cognitivo (Rodrigues 2003: 19).

Segundo a **teoria psicanalítica** de Freud (1988), por volta dos três aos cinco anos, os meninos desenvolvem sentimentos sexuais pela mãe, o conhecido Complexo de Édipo. Nas meninas, por sua vez, o processo é diferente, pois o alvo do seu amor é o pai. Assim, no que diz respeito aos meninos, o chamado Complexo de Édipo faz com que eles desejem tornar-se parceiros da mãe, substituindo, por isso, o pai. Tal faz com que os meninos sintam uma enorme culpa por nutrirem aquele tipo de sentimentos pelas mães e começam a temer os pais, achando que estes os castigarão, caso descubram os seus pensamentos e desejos. Por isso, essa culpa e medo transformar-se-ão em identificação, ou seja, eles começam a adotar as mesmas atitudes e comportamentos do pai. Assim sendo, se os meninos não conseguem substituir os pais, eles vão esforçar-se por ser como eles. Desta forma, eles copiam o comportamento masculino dos seus pais. O mesmo se passa com as meninas, mas na situação contrária, pois, como não conseguem substituir a mãe junto do pai, acabam por identificar-se com ela, copiando-lhe os comportamentos e atitudes. Daí que, com tenra idade, as meninas queiram maquilhar-se, fazer a *manicure*, etc., tal como faz a mãe.

12) *Cf.*: "[...] the notion that gender is constructed suggests a certain determinism of gender meanings inscribed on anatomically differentiated bodies, where those bodies are understood as passive recipients of an inexorable cultural law [...] then it seems that gender is determined and fixed as it was under the biology-is-destiny formulation. In such a case, not biology, but culture, becomes destiny" (Butler 2007: 11).

Por conseguinte, de acordo com a teoria psicanalítica, as consequências deste estágio de desenvolvimento são as mesmas para os meninos e para as meninas. A culpa e o medo fazem com que as crianças adotem os comportamentos e o código moral apropriados ao seu género, de acordo com a identificação que têm com os seus pais do mesmo sexo. Assim, mesmo antes de tomarem consciência das diferenças biológicas e anatómicas entre os sexos, os meninos e as meninas já desenvolvem os papéis de género.

A **teoria da aprendizagem social** (Bandura 1977) defende que os papéis de género são aprendidos. Desta forma, os pais, os professores e a sociedade, agentes de socialização, são responsáveis por qualquer manifestação ou comportamento de género que a criança apreenda ou demonstre. Segundo esta teoria, os papéis de género "masculino" e "feminino" são transmitidos às crianças através de modelos de comportamento de homem e mulher, sendo que cada modelo de comportamento será alvo de reforço ou punição. De facto, as crianças estão expostas a modelos de comportamento e atitudes estereotipados e são recompensadas ou punidas se seguem ou não os padrões apropriados ao género. Por isso, os meninos jogam à bola e as meninas brincam com bonecas e, caso estas joguem à bola, são "marias-rapazes". Da mesma forma, mesmo em bebés, os meninos vestem azul e as meninas cor-de-rosa. Aqui os pais são considerados os principais atores de socialização, especialmente nos primeiros anos de vida, uma vez que eles são quem passa mais tempo com as crianças nesta fase da sua vida, estando em condições de administrar e condicionar as atividades das suas crianças (Maccoby 2003: 118).

Por último, para a **teoria cognitiva** (Kolberg 1966; Bem 1981), a identidade de género e o desenvolvimento de papéis de género são explicados através da compreensão que as crianças têm de género e como elas veem as diferenças entre homens e mulheres e como são motivadas/levadas a comportarem-se de acordo com o seu papel de género. Assim, de acordo com esta teoria, a identidade de género é a primeira etapa da organização cognitiva do mundo social da criança. Ou seja, da observação da realidade envolvente, das diferenças entre homens e mulheres, a criança autocategoriza-se menina ou menino. Primeiramente, a criança compreende as diferenças de género baseando-se na aparência e no comportamento, e não em diferenças biológicas. É só por volta dos 4 ou 5 anos

que a criança começa a olhar para si fisicamente e começa a conhecer o seu corpo e toma consciência de que não o pode alterar. É a partir deste momento, ou seja, quando se dá o entendimento de que o género não se pode mudar ao longo do tempo, que a criança cria verdadeiramente a identidade de género. A partir de então, a criança demonstra-se mais empenhada e motivada para aprender acerca dos papéis de género e a adotar comportamentos apropriados ao seu papel de género. "À medida que o género se torna estável as crianças aprendem estereótipos de género pela observação de ações e papéis de género de homens e mulheres que as cercam" (Rodrigues 2003: 24).

Em síntese: a teoria psicanalítica descreve um processo através do qual a criança se identifica com o ascendente do mesmo sexo; a teoria da aprendizagem social sugere que a criança desenvolve a identidade de género através de um processo de aprendizagem que envolve a imitação de modelos e o reforço; e a teoria do desenvolvimento cognitivo defende que o género só é verdadeiramente aprendido pela criança a partir de um determinado estádio de desenvolvimento cognitivo, ou seja, entre as idades de 3 e 5 anos (Lips 1978[b]).

Por isso, tendo em conta o seu conhecimento de género, a criança vive de acordo com dois padrões de comportamento:

- primeiro, conhecendo o seu género e identificando o género das outras crianças, a criança tende a ser atraída pelos que são iguais a si;
- segundo, tendo em conta o que aprendeu sobre os esterótipos de género – desde padrões e práticas culturais relativos ao modo como os dois sexos se comportam e atuam em sociedade e o que é esperado deles – a criança também vai procurar adaptar-se a esses padrões e práticas comportamentais adequadas a cada género (Maccoby 2003: 182). Portanto, esta segunda hipótese pressupõe que as crianças adquirem a capacidade de identificar não só o género a que pretencem, mas também o género das pessoas que as rodeiam, que podem servir como modelos de comportamento.

Assim sendo, a identidade de género de um indivíduo começa a ser construída bastante cedo, desde que lhe é designado o seu sexo. A partir daí, todo o meio envolvente vai orientar o género a ser seguido pela criança e a própria criança vai

categorizar-se de acordo com o seu sexo. Uma vez estabelecidas, estas categorias vão ser o ponto de partida da construção dos estereótipos de género (Maccoby 2003: 183). Assim, vão associar-se diferentes caraterísticas psiológicas ao homem e à mulher. Tal como enumera Mary Ritchie Key (1996), os homens são tidos como agressivos, assertivos, autoritários, competitivos, corajosos, ousados, decididos, dominadores, independentes, inovadores, confiantes, vigorosos, francos, prepotentes, lutadores, presunçosos, etc.; já as mulheres são caraterizadas como carinhosas, recatadas, dependentes emocionalmente, gentis, com pouco sentido de lógica, indecisas, intuitivas, passivas, sensíveis, dóceis, pouco ambiciosas, inconstantes, superficiais, vacilantes, astutas, etc.[13]. Algumas destas caraterísticas haviam já sido referenciadas por Robin Lakoff, em 1975.

Tal como o meio envolvente orienta o género, também a aquisição da linguagem vai ser condicionada, uma vez que esta faz parte da cultura e é um instrumento para a transmitir e para a preservar[14]. Por isso, Amy Sheldon afirma que a linguagem é a maior influência no que e no como as crianças aprendem sobre o género e o género é a maior influência no modo como as crianças usam a linguagem no seu dia-a-dia (Sheldon 1993: 84)[15]. É através da linguagem que nos criamos e estruturamos enquanto seres humanos (Cameron 1992: 13-14). Por isso, a linguagem funciona não só para iniciar as crianças nos papéis de género, mas também para perpetuar e reforçar as diferenças de comportamento de género no que diz respeito às relações sociais estabelecidas nas interações conversacionais do dia-a-dia entre homens e mulheres. Para Sheldon (1993),

13) *Cf.*: "In our society, the psychological characteristics of males are said to be: aggressive, assertive, authoritative, competitive, courageous, daring, decisive, domineering, independent, innovative, self-reliant, and vigorous, as well as blunt, boastful, bull-headed, combative, presumptuous, pugnacious, sadistic and violent. Females are said to be affectionate, demure, dependent, emotional, excitable, gentle, illogical, indecisive, intuitive, passive, sensitive, submissive, tender, and unambitious, as well as bitchy, fickle, sacchaine, secretive, superficial, undependable, vacillating, whiny, and wily" (Key 1996: 18).

14) *Cf.*: "Language is a part of culture and an instrument for transmitting and perpetuating implicit, historically situated, and culture-bound principles of social order and systems of belief that define and assign unequal social value to feminity and masculinity" (Sheldon 1993: 84).

15) *Cf.* "From this we can expect that language is a major influence on what and how children learn about gender and that gender is a major influence on the way children use language in everyday life" (Sheldon 1993: 84).

o processo pelo qual as crianças aprendem a usar a linguagem de acordo com o que é apropriado para uma mulher ou para um homem chama-se "language socialization" (Sheldon 1993: 84). Nesse sentido, a interação com adultos é uma maneira de as crianças serem socializadas pela linguagem e aprenderem a usar a linguagem de acordo com a ideologia de género. Portanto, para a referida autora, a informação sociocultural sobre o género está codificada na organização do discurso e, dessa forma, os adultos influenciam a linguagem das crianças, fornecendo modelos de como homens e mulheres falam uns para os outros (Sheldon 1993: 84).

Por seu turno, Jane Sunderland e Lia Litosseliti entendem o género como uma variável crucial para analisar a variação na linguagem, visto que, mais do que individual ou social, o género deve ser analisado contextualizado (Sunderland e Litosseliti 2002: 6 e 31).

1.2.2. O género como constructo social e cultural

Embora o género possa ser relacionado com a biologia, ele não imana diretamente do nosso corpo. Tal como disse Julia T. Wood, nós somos assexuados mesmo antes de nascermos, só adquirimos género no processo de interação social (Wood 1996[b]: 6). O género é o processo de criar a dicotomia entre os sexos, apagando as semelhanças e sublinhando as diferenças, sendo sempre pensado em termos de oposição. Assim, masculino e feminino, como duas categorias bipolares, são constructos comportamentais que regulam fortemente a vida humana (Key 1996: 14). Harriet Whitehead (1981) afirma que quando se fala em construção cultural de género se está a dar significado ou sentido social às diferenças físicas entre os sexos e, em vez de se falar em masculino e feminino, fala-se em homem e mulher[16].

16) *Cf.*: "When I speak of cultural constructions of gender, I mean simply the ideas that give social meaning to physical differences between the sexes, rendering two biological classes, male and female, into two social classes, men and women, and making the social relationships in which men and women stand toward each other appear reasonabe and appropriate" (Whitehead 1981: 83).

Desta forma, as próprias diferenças biológicas são reforçadas e exageradas para construir a ideia de género. Por isso, as mulheres pintam as unhas e o cabelo, fazem a depilação, etc., tudo para diferenciar o seu corpo do masculino. Nesse sentido, a identidade de género é construída ao longo de toda a vida, desde o nascimento, passando pela atribuição de um nome, feminino ou masculino. A partir daí, primeiramente, são os pais os responsáveis pela formação do género da criança, pois vão cuidar da criança consoante seja um rapaz ou uma rapariga. Com o passar dos anos, a criança tomará também parte do processo, fazendo o seu próprio trabalho de aprendizagem do género. Holmes e Meyerhoff (2003) também reiteram que o género é um constructo social, em vez de uma categoria social dada, já que é um produto e resultado da interação social. E sublinham que o género emerge ao longo do tempo na interação do indivíduo com os outros (Holmes e Meyerhoff 2003[b]: 11).

Por um outro ângulo, o género ou a identidade de género é construído social e culturalmente, e a diferenciação de género pode ser entendida como um produto da socialização (Maccoby 2003: 3). Por socialização, Eleanor Maccoby (2003) entende o processo ou processos através dos quais cada geração de adultos passa à geração seguinte de crianças o conjunto de conhecimentos, crenças e aptidões que constituem a cultura do grupo. O processo de socialização na infância pode ser visto como antecipatório, uma vez que vai preparar as crianças para os papéis que vão desempenhar enquanto adultos.

Neste contexto, uma vez que a sociedade identifica diferentes papéis sociais para os adultos dos dois sexos, os meninos e as meninas necessitam de uma socialização preparatória diferente. Portanto, desde a infância, as meninas e os meninos são tidos como diferentes e, por isso, os adultos interagem com elas de forma diferente[17]. Da mesma forma, falam com as crianças de modo diferente. Gleason *et al.* (1994) postulam que os pais usam mais diminutivos (pequenina, fofinha) e palavras ligadas ao estado de espírito (alegre, feliz, contente) quando falam com as meninas. Por seu turno, com os meninos, já usam mais expressões ou palavras ligadas à proibição (Não!...Não!; Não faças isso!). Do mesmo modo,

17) *Cf.*: "[...] people handle infants more gently when they believe them to be female, more playfully when they believe them to be male" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 17).

os pais lidam com os meninos mais bruscamente e de forma mais robusta do que com as meninas, que são tratadas com mais cuidado físico (Glass 1993: 68). Por outro lado, os pais distinguem-se das mães, uma vez que são mais diretos a dar ordens e utilizam menos cortesia, interrompendo mais vezes, exigindo mais da criança e testando mais vezes os seus conhecimentos[18]. Do mesmo modo, seguindo os exemplos dos adultos, os rapazes enunciarão de forma mais direta frases imperativas e as raparigas enunciarão questões e perguntas mais corteses do que os rapazes (Gleason 1987: 198).

Portanto, Gleason e Greif (1983) sugerem que pais e mães são diferentes na interação com as crianças. Embora os pais sejam menos corteses e menos sensíveis, o seu estilo de interação também tem um efeito positivo nas crianças (Gleason e Greif 1983: 149). De facto, para estes investigadores, na família tradicional, as mães são as primeiras cuidadoras das crianças e com quem estas mais contactam. Também Jane Sunderland (2002) refere a presença desta visão tradicional da família na literatura sobre bebés / crianças e, por isso, categoriza em "Part-time father / Mother as main parent" (Sunderland 2002: 302). Por outro lado, Anne Moir e David Jessel (1992), sob o ponto de vista fisiológico, argumentam que a ligação da mulher às crianças é inata e que a mulher-mãe é a principal cuidadora da criança, ocupando o pai um papel subalterno. Para Colwill *et al.* (1978), os papéis que homem e mulher ocupam na família (microcosmos) são um retrato do que se passa a nível do macrocosmos, a sociedade: o homem protege, inicia e decide; a mulher toma conta dos filhos[19]. Será então através do pai que as crianças aprenderão a comunicar com o exterior, pois este incita as crianças a utilizar um estilo de comunicação diferente do que utilizavam no microcosmos familiar.

18) *Cf.*: "Fathers interrupt their children more than mothers do; they issue more direct orders, and they are less likely to say polite things like "thank you" and "goodbye" when the opportunity arises. At the same time, fathers' style demands more of the child: fathers are more likely to use difficult words and to request relatively sophisticated information from their children. They spend more time testing the child's knowledge and encouraging the child to display that knowledge" (Gleason e Greif 1983: 148-149).

19) *Cf.*: "The marital roles provide us with an interesting microcosm of our general sex-role structure: men in our society protect, initiate, and decide, and women care for and defer to others" (Colwill et al. 1978: 265).

Também Marianne Engle (1980), que analisou e caraterizou a linguagem das mães e dos pais em interação com as crianças, verificou que tanto as mães como os pais simplificam a sua linguagem quando interagem com as crianças e vão adaptando essa linguagem de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. No entanto, Marianne Engle (1980) verificou diferenças entre a linguagem usada pelas mães e pelos pais. Assim, as mães interagem com as crianças com frases simples, pequenas, mas gramaticalmente bem formadas, sendo que vão aumentando o grau de complexidade das frases de acordo com o desenvolvimento linguístico da criança. Do mesmo modo, a linguagem usada pelas mães carateriza-se também por ser repetitiva, mais orientada para o presente, controladora, vagarosa, com muitas pausas, com diferentes entoações e volume (Engle 1980: 260). Por sua vez, embora os pais também ajustem a sua linguagem e procurem seguir a linguagem usada pelas mães, eles não usam tantas repetições, tantas perguntas e usam mais imperativos. A verdade é que os pais parecem mais interessados em perceber o que as crianças estão a dizer (Engle 1980: 261). Marianne Engle (1980) conclui então que as mães surgem como as principais cuidadoras das crianças, os pais serão a ponte com o mundo exterior, incentivando as crianças a expandirem a sua linguagem[20].

Deste modo, é na interação em família que continuamente se negoceiam o papel e a identidade de género (Tannen 2003: 200). Obviamente, tendo diferentes tratamentos, as crianças aprendem a comportar-se de acordo com o esperado e, por isso, aprendem a ser diferentes, a ser rapazes ou raparigas, e a comunicar de forma diferente. Por outro lado, também se nota que os pais se preocupam mais do que as mães em formar a identidade de género nas crianças, uma vez que são eles quem mais distingue as meninas e os meninos através da interação que estabelecem com eles. Por isso, são mais brutos com os meninos e mais carinhosos e atenciosos com as meninas.

20) *Cf.*: "[...] they are the bridge between the close and tuned-in world provided by the mother and the less comprehensible outside world. Fathers may supply the impetus for the children to expand their language abilities as well as a suitable environment where this can occur" (Engle 1980: 261).

Não só os homens / pais procuram reforçar o género, como são mais exigentes com os meninos nas suas opções de género[21]. Talvez por isso, os meninos vão ser mais rígidos na escolha dos seus brinquedos de acordo com o seu género, discriminando mais facilmente do que as meninas quando os seus pares não escolhem o mesmo tipo de brinquedos de acordo com o género. Obviamente esta atitude contribui para uma visão androcêntrica do género, uma vez que as atividades (brincadeiras) masculinas são consideradas normais (pois podem ser masculinas como também femininas). Não obstante, as atividades (brincadeiras) femininas são exclusivas desse género, sendo por isso marcadas e diferenciadas (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 21). Esta assimetria conduz a uma desvalorização cultural e social do que é feminino. Por isso, desde cedo, a maioria dos meninos e das meninas aprende que as brincadeiras e atividades masculinas são mais valorizadas do que as das meninas, sendo que os meninos são constantemente desencorajados de eventuais interesses por atividades femininas. Daqui resulta que haja um tão baixo número de educadores de infância, cozinheiros, dançarinos, etc. Por outro lado, Miriam Meyerhoff constata que os rapazes valorizam mais a identidade de género do que as raparigas (Meyerhoff 1996: 208).

Os próprios brinquedos estão associados à construção do género. Para Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Theo van Leeuwen (2002), essa construção do género passa pelo *design* e movimento dos brinquedos, pelas cores, bem como pelos textos associados a esses mesmos brinquedos. Assim, os brinquedos dos rapazes têm de implicar movimento e ação; os próprios bonecos (como o *Action Man*) têm de mexer braços e pernas; já as bonecas das meninas podem ou não mexer. Por outro lado, as cores são também muito significativas do género, tal como exemplifica a oposição tradicional entre o azul e o cor-de-rosa nas roupas dos bebés. Do mesmo modo, as bonecas das meninas aparecem vestidas de cor-de-rosa e outras cores derivadas (cf. *Barbie*). Os brinquedos dos meninos já estão ligados aos azuis, aos pretos, cores que aparecem associadas à masculinidade.

21) *Cf*. "Fathers react more strongly than mothers toward cross-sex activities in their children, particularly in their sons. Parents, then, give girls more leeway than boys when it comes to sex-typing" (Maccoby 2003: 145).

Acrescente-se ainda que os brinquedos são classificados e nomeados em termos de papéis sociais. Os brinquedos para os meninos têm nomes mais "esquisitos", como *Homem-Aranha*, *Super-Homem*, *Homem de Ferro*, *Demolidor*, *X-Man*, que conotam, contudo, uma orientação para a ação e para o poder. Já as bonecas das meninas são classificadas de acordo com profissões e papéis femininos. Assim aparecem as bailarinas, as mães, as enfermeiras, as cabeleireiras, etc. Para além das bonecas, há ainda outros brinquedos ligados aos contextos e espaços tipicamente femininos, como sejam espaços domésticos como a cozinha.

Por sua vez, nos textos publicitários ou textos descritivos dos brinquedos são também valorizadas as caraterísticas associadas ao género acima mencionadas. Desta forma, Caldas-Coulthard e Theo van Leeuwen (2002) consideram que, no mundo dos brinquedos, a divisão de género continua a ser vincada, uma vez que os brinquedos masculinos estão direcionados para a esfera pública, estão orientados para a ação e têm poderes superiores. Por sua vez, os brinquedos das meninas aparecem ligados à casa, a profissões de cuidadoras e são apreciados também pelos seus valores estéticos[22]. Assim, tal como sublinhou Cook-Gumperz (1995: 407), as brincadeiras das crianças podem ser consideradas como uma janela para a vida cultural das sociedades e para as rotinas do dia-a-dia, bem como uma fonte social e pessoal para o desenvolvimento dos valores culturais.

Esta diferenciação de género é também constantemente reforçada pela separação durante as brincadeiras: os meninos brincam com os meninos e as meninas com as meninas. Esta segregação de género, que começa cedo na infância, atinge o seu auge no meio da infância (por volta dos 8-11 anos), e embora os adultos, como educadores, promovam a interação entre os indivíduos de sexos diferentes, as crianças preferem interagir com os seus pares. Maccoby (2003) advoga que esta preferência pela interação com os seus pares nas atividades da escola é uma estratégia de segurança e previsibilidade, uma vez

22) *Cf.*: "In the world of toys, gender divisions continued to be enacted – men have to do with the public domain, are action-oriented and have superior powers; women's worlds are linked to the house, are appreciated in terms of aesthetic values and are generally involved in the nurturing professions – even the Playmobil teacher is dressed in pink!" (Caldas-Coulthard e Leeuwen 2002: 106).

que as crianças esperam que os seus pares reconheçam o seu estilo de brincar (Maccoby 2003: 23). Deborah Tannen (1990) afirma mesmo que, embora algumas das atividades dos meninos e das meninas sejam semelhantes, os seus jogos e brincadeiras preferidos são distintos, tal como o modo de usarem a linguagem é diferente (Tannen 1990: 43). Não obstante, não é claro em que medida estes comportamentos resultam da preferência das crianças ou da imposição social (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 25). No entanto, as brincadeiras dos meninos e das meninas são totalmente diferentes. Deborah Tannen (1990) refere que os meninos preferem brincar na rua, com grandes grupos de meninos, onde a hierarquia está estabelecida e onde há vencedores e vencidos[23]. Por outro lado, as meninas preferem brincar em pequenos grupos ou em pares, onde na maioria das brincadeiras não existem vencedores nem vencidos, mas reina a intimidade, e a diferença entre elas é estabelecida pela proximidade que têm entre si[24].

À semelhança das suas brincadeiras, os meninos são mais competitivos e têm mais discussões do que as meninas. Enquanto as discussões entre as meninas acabam mais rapidamente, uma vez que elas procuram sempre eliminar o conflito e manter a harmonia, os meninos discutem durante mais tempo, com mais insistência, e, muitas vezes, terminam com violência física entre si (Tannen 1990: 45).

Por conseguinte, para Cook-Gumperz (1995), é durante este período de convívio entre os pares, onde há partilha de segredos e o estabelecimento de relações de amizade, que se consolida a identidade de género.

Por outro lado, Cordelia Fine (2010) pondera também que os pares funcionam como vigilantes do comportamento individual, verificando se o comportamento

23) *Cf.*: "Boys tend to play outside, in large groups that are hierarchically structured. Their groups have a leader who tells others what to do and how to do it, and resists doing what other boys propose. It is by giving orders and making them stick that high status is negotiated. [...] Boys' games have winners and losers and elaborate systems of rules that are frequently the subjects of arguments. Finally, boys are frequently heard to bost of their skill and argue about who is best at what"(Tannen 1990: 43).

24) *Cf.*: "Girls, on the other hand, play in small groups or in pairs; the center of a girl's social life is a best friend. Within the group, intimacy is key. Differentiation is measured by relative closeness. In their most frequent games, such as jump rope and hopscotch, everyone gets a turn. Many of their activities (such as playing house) do not have winners or losers" (Tannen 1990: 43-44).

e as brincadeiras de cada um se adequam ao género. Por isso, uma criança, em idade pré-escolar, pode brincar com algo que seja indiferente ao seu género quando está sozinha, mas, quando acompanhada por colegas do outro género, brinca maioritariamente com brinquedos adequados ao seu género.

Por volta dos 12-13 anos, começa a mudança. Em vez de se relacionarem com os seus pares, as crianças, já adolescentes, começam a organizar-se em casais, pois descobrem a heterossexualidade (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 25-26). Não obstante, será também por estes relacionamentos que vai sublinhar-se a diferença de género, uma vez que os opostos se vão atrair, procurando acentuar caraterísticas do género. Por exemplo, as raparigas gostam de ser vistas como pequenas e delicadas, já os rapazes querem sentir-se grandes e fortes. Efetivamente, para Penepole Eckert (2003: 381), é na adolescência que as ideologias de género estão mais presentes e salientes.

Portanto, a criança define a sua identidade de género de acordo com o meio social envolvente. Fichtelius *et al.* (1980) afirmam que as crianças constroem as suas ideias de género e de papéis de género de acordo com o que observam da diferenciação de papéis de género e através do que lhes foi e é comunicado pelos adultos e, a partir daí, constroem os seus modelos e padrões a seguir.

Por sua vez, Cordelia Fine (2010) destaca mesmo que as crianças nascem num mundo onde o género é continuamente enfatizado através de convenções presentes no vestuário, na aparência, na linguagem, na cor, em símbolos, denunciando que diferenciar o masculino do feminino é de grande importância.

O desenvolvimento do género não termina na adolescência, continua na juventude e mesmo na idade adulta, quando se entra no mercado de trabalho, quando se desempenham os diferentes papéis na família que se constitui e ao longo de toda a vida. Por conseguinte, pode afirmar-se que o género não é algo que se tem, mas que se faz, e não se constrói de forma individual, mas de forma colaborativa através da interação entre os indivíduos (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 31-32). Por isso, Eleanor Maccoby (2003) argumenta que o género, para além de ser construído através da socialização, é construído e defendido em contexto, ou seja, em contexto de grupo, onde os indivíduos interagem, comportando-se de forma diferenciada consoante estejam a interagir com indivíduos do mesmo sexo ou do sexo oposto (Maccoby 2003: 187). O mesmo

postula Joan Swann quando refere que o género, tal como a linguagem, é fluído, contigente e dependente do contexto (Swann 2002: 47).

Em suma, tal como sublinhou Judith Butler (2007: 139), o género é uma categoria fluída, um ato simultaneamente intencional e performativo, através do qual se constroem significados. Assim, os papéis de género não são totalmente pré-determinados pelo sexo, mas construídos e estabelecidos através da linguagem e do discurso.

Por último, falta sublinhar o conceito de diversidade de género, cunhado por Serena Nanda (2000). Segundo Nanda (2000), a oposição masculino e feminino não faz parte da natureza humana, mas sim da cultura. Tal como o género é um constructo social e cultural, as diferentes culturas do mundo constroem os seus sistemas de género de acordo com as suas ideologias e valores, podendo existir sistemas de género diferentes do mundo ocidental. Portanto, numa perspetiva multicultural, Serena Nanda (2000) verificou que existem diversas maneiras ou modos de as sociedades organizarem o seu pensamento sobre sexo, género e sexualidade. Neste sentido, é importante ter presente que a exploração do género que se faz neste tabalho é centrada na realidade do mundo ocidental.

1.2.3. Aprender a linguagem de acordo com o género

Como se explicam as diferenças de género no uso da linguagem? A aprendizagem da linguagem acompanha a aprendizagem do género? Por outro lado, como se explica o surgimento dessas diferenças, quando são as mulheres as principais responsáveis pelo acompanhamento das crianças desde que nascem? Não aprenderiam todos a falar a "linguagem da mulher"?

De facto, Robin Lakoff (1975) sugeriu que, primeiro, todas as crianças aprendiam a "women's language" através das mães e outras figuras femininas, como *baby-sitters* e educadoras; à medida que iam crescendo, as raparigas mantinham a sua forma de falar, mas os rapazes começavam a mudar. Por volta dos 10 anos, já as crianças brincam com os seus pares do mesmo sexo e já se distinguem dois estilos de conversação. Por isso, tal como conclui Deborah Tannen (1990), as crianças aprendem a conversar e a manter uma conversação

não só com os pais, mas também com os seus pares. Também Penepole Eckert (2003) concorda que é a partir da adolescência que se dá a mudança. Por isso, considera que os adolescentes, tal como as mulheres, são considerados indivíduos emotivos, instáveis, irracionais, triviais e pouco objetivos (Eckert 2003: 382). Logo na infância e adolescência, os indivíduos vão-se distanciando da linguagem da mulher, da mãe, criando a sua própria linguagem a partir das ideologias de género que receberam. Logo, para Penepole Eckert, a adolescência é uma etapa da vida particularmente rica para o estudo da interação entre o desenvolvimento da linguagem e a construção da identidade social (Eckert 2003: 382).

William Labov (1972) sublinhou que os grupos de pares do mesmo sexo exercem uma grande influência na aprendizagem dos diferentes estilos discursivos de acordo com o género, já que as crianças seguem o padrão dos seus pares. Não obstante, é necessário ter presente que as diferenças de género são resultado de diferenças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, tudo em simbiose. Do mesmo modo, a aprendizagem da linguagem será condicionada por essas diferenças, sendo também o seu resultado. Por outro lado, a linguagem é a maior força criadora da ideologia de género na cultura, pois é através da linguagem que se reflete, se constrói e se perpetua o género (Sheldon e Johnson 1998: 76). A isto acresce todo o ato comunicativo e a comunicação em geral, pois a comunicação, desde uma conversação familiar ao discurso político, contrói e perspetiva a ideologia de feminino e masculino, de mulher e de homem (Wood 1996[b]: 12). Efetivamente, tal como sublinham Fichtelius *et al.* (1980), desde cedo as crianças aprendem a usar caraterísticas linguísticas específicas do seu género, tal como os adultos usam diferentes estratégias linguísticas consoante estejam a falar com uma menina ou um menino (Fichtelius *et al.* 1980: 225).

Por outro lado, como sublinham Barrie Thorne e Nancy Henley (1975[b]: 30), também não se pode estudar a aquisição da linguagem sem a variável sexo, que entra nos padrões de socialização muito antes da classe social. Por isso, Jacqueline Sachs (1975: 154) considera que até o tom e o volume de voz com que homens e mulheres falam são resultado, mais do que de diferenças de tamanho do trato vocal (diferenças biológicas), de arquétipos culturais. Efetivamente, as diferenças de tamanho do trato vocal são o único condicionador do volume e do tom de voz quando se fala de diferenças entre rapazes e raparigas, entre os

5 e os 12 anos. Estas diferenças anatómicas são, nestas idades, potenciadoras de diferenças fonéticas. No entanto, a partir desta idade, também os rapazes e raparigas começam a aprender a usar a voz e o estilo discursivo que consideram mais adequado para o seu género (Sachs 1975: 168). Por isso, muito facilmente se distingue, mesmo sem se ver, se a voz que ouvimos é de um homem ou de uma mulher, se é carateristicamente masculina ou se é carateristicamente feminina.

Portanto, como afirma Kathryn P. Scott (1980), a linguagem é um importante veículo de transmissão dos comportamentos e papéis de género, quer sejam femininos quer sejam masculinos. Nesse sentido, até a personalidade do indivíduo é julgada pela linguagem usada e pelo estilo de expressão (Scott 1980: 199). Weatherall e Gallois (2003) acrescentam ainda que a linguagem é simultaneamente um meio de expressar o género e o reflexo dele (Weatherall e Gallois 2003: 489). Neste sentido, a identidade de género do falante condiciona a perceção e avaliação do discurso e linguagem que ouve e fala. Por isso, Deborah Cameron acrescenta que a dicotomia masculino / feminino projeta-se na linguagem, especialmente na gramática (Cameron 2002: 126).

1.2.4. Viver o género

Já referimos que o género é um constructo social e que o género de cada indivíduo é formado de acordo com a ordem social (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 32). De facto, o género consiste num padrão de relações que se desenvolve no tempo para definir o masculino e o feminino, estruturando e regulando simultaneamente a relação dos indivíduos em sociedade. Por esta razão, o género está presente em cada aspeto da vida e da sociedade – nas instituições e organizações, nos espaços públicos e privados, nas artes, no vestuário, nos jogos e brincadeiras, na linguagem, etc. Portanto, a dicotomia do género está no centro da nossa ordem social porque somos nós que o mantemos (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 33). A diferenciação entre masculino e feminino serve não só para garantir a reprodução biológica, mas também para garantir a reprodução social, uma vez que a sociedade está organizada nestas duas categorias, masculino e feminino,

que perpetuam continuamente os papéis sociais de género (Lips e Colwill 1978[b]: 144).

Assim, o género é apoiado por um conjunto de ideologias e convenções que fazem com que faça parte de todos os aspetos da nossa vida. Por exemplo, nomear primeiro o homem e depois a mulher (Senhores e Senhoras…; Sr. Oliveira e Sra. Oliveira…) faz parte da convenção, embora, cada vez mais, isso esteja a mudar. A ideologia diz respeito a um conjunto de crenças, através das quais as pessoas explicam e justificam o seu comportamento e interpretam o dos outros. Por conseguinte, a ideologia está presente na questão do género, pois este é construído através daquilo que as pessoas acreditam ser caraterístico de determinado género, em detrimento do outro. Dessa forma, a ideologia de género estabelece uma ordem, explicando e justificando o género dos indivíduos. Logo, a ideologia dominante não prescreve simplesmente que masculino e feminino devem ser diferentes, como insiste e acredita que eles simplesmente são diferentes (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 35). À partida, esta visão parece dar uma ideia dicotómica de que os géneros são opostos. Contudo, não podemos esquecer que os opostos se atraem, surgindo a ideia de complementaridade entre os géneros, conduzindo à reprodução social do género. Efetivamente, Eckert e McConnell-Ginet (2003) veem que masculino e feminino tornam-se duas facções colaborativas na empresa heterossocial, onde a oposição é substituída pela noção de complementaridade (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 36).

Por outro lado, esta diferenciação de géneros está presente também nas instituições e no trabalho. Primeiramente, por razões fisiológicas, a mulher sempre foi encarada como o sexo mais fraco. Na generalidade, a mulher é mais baixa, mais leve, tem menos massa muscular do que o homem, logo, é justificável que a mulher seja encarada como incapaz de fazer determinadas tarefas ou exercer determinadas atividades. Não obstante estas diferenças, a mulher tem sido capaz de ocupar lugares e cargos cujo acesso lhe tem vindo a ser dificultado por estas ideias pré-concebidas.

Nas sociedades ocidentais, a divisão do trabalho por género está ainda ligada ao poder e ao *status* diferentes entre os géneros. As atividades dos homens estão associadas a um maior poder societal. Na maioria das culturas, é o homem que tem maior acesso a posições públicas de poder e influência. Esta diferença é o

resultado da estrutura social que premia o estatuto e o estereótipo masculinos como mais competentes do que as mulheres (Lips e Colwill 1978[c]: 241). As mulheres, por sua vez, têm influência em situações domésticas e em contextos privados. Neste sentido, se fala em discriminação das mulheres no que respeita às oportunidades de trabalho, aos salários e às promoções[25].

Para Eleanor Maccoby (2003), as diferentes histórias de infância dos dois sexos têm uma série de implicações na maneira como homens e mulheres se correlacionam com o mesmo sexo ou com o sexo oposto, sendo que se pode esperar uma segregação de género no local de trabalho, tal como acontece na infância[26]. Não obstante, as crianças também convivem e partilham atividades com o sexo oposto, seja em atividades escolares ou de entretenimento. Estas também são favoráveis às boas relações entre os géneros no trabalho. Neste sentido, na realidade do dia-a-dia do trabalho, até que ponto será preferível falar em integração de géneros, em detrimento de segregação?

Portanto, o paralelo que existe entre as caraterísticas das relações entre homens e mulheres no trabalho e as relações que prevalecem entre rapazes e raparigas na infância parecem, para Maccoby, bastante claras, embora considere que possam existir diferenças (Maccoby 2003: 251). Essas semelhanças englobam vários aspetos:

1. A forma de falar

Os grupos de rapazes normalmente falam de assuntos relacionados com sexo, em que a mulher é vista como objeto sexual. Também no mundo do trabalho, esta visão pode estar presente. Assim, quando um homem se aproxima e interage mais com uma mulher pode ser alvo de rumores sobre eventuais interesses românticos e sexuais, fazendo com que ambos evitem interações.

25) *Cf.*: "There is plentiful evidence that discrimination exists at all levels, and is a powerful force affecting women's opportunities for job training, for being hired, and for being promoted" (Maccoby 2003: 227).

26) *Cf.*: "We have seen that when children have a choice of social partners, they tend to gravitate toward same-sex others and avoid children of the other sex. On this basis alone we might expect to see tendencies toward gender segregation in the workplace as well" (Maccoby 2003: 227).

2. Diferentes interesses

Tal como na infância, em que as crianças se agrupam de acordo com o mesmo género, as mesmas brincadeiras e interesses, também num grupo de trabalho, onde existam pessoas de ambos os sexos, as pessoas tendem a agrupar-se com pessoas do mesmo sexo para almoços e outras situações informais.

3. Hierarquias e competições

As brincadeiras de infância dos rapazes têm sempre presente a hierarquia e a competição. Por sua vez, as brincadeias das raparigas têm como principais caraterísticas as relações igualitárias, um discurso colaborativo e uma liderança democrática. Na sua vida social informal, as raparigas nunca tiveram necessidade de encontrar um lugar na hierarquia estabelecida pelos rapazes. Talvez, por isso, se diga que a inexperiência feminina com hieraquias as coloque em desvantagem na hieraquia do trabalho. No entanto, não existem provas que o confirmem (Maccoby 2003: 252).

Contudo, esta perspetiva do mundo do trabalho parece já fora de moda, pois já existem muitas profissionais mulheres que fazem parte de grandes organizações – de médicos, de advogados, de departamentos universitários – onde homens e mulheres trabalham juntos e onde têm um *status* igual. Por outro lado, também em outros tipos de trabalho, menos de elite, que primeiro eram considerados unissexo, já são desempenhados por ambos os sexos, por exemplo: caixa de supermercado, taxista, juiz, camionista, piloto, polícia, etc.

Por conseguinte, o aumento crescente de mulheres no mercado de trabalho fez com que algumas ideologias mudassem, nomeadamente a segregação de género no trabalho, para se transformar em integração de género. Porém, Eleanor Maccoby (2003) alerta para o facto de, apesar desta mudança geracional de atitudes perante a igualdade de géneros no mercado de trabalho, ainda existirem muitos entraves à mudança[27].

27) *Cf.*:" The fact that there is a generational shift in attitudes, with younger people taking gender equality in the workplace more for granted, also holds promise of greater cross-sex acceptance in the future.
Nevertheless, there are still some sobering impediments to change" (Maccoby 2003: 253).

Noutra perspetiva, nas sociedades ocidentais, esta divisão do trabalho pelo género assenta basicamente no papel que a mulher ainda ocupa no domínio doméstico, sendo o homem que domina na esfera pública. Ideologicamente, esta divisão do trabalho está ligada aos diferentes papéis reprodutores, em que a mulher é a cuidadora dos filhos, ficando a seu cargo a educação dos filhos e a manutenção da casa. Para além das diferentes exigências de serem progenitores, também existe divisão sexual no trabalho, porque se atribuem caraterísticas / capacidades sociais e intelectuais diferentes aos dois géneros. Por exemplo, a mulher é tida como mais atenciosa para os outros, sendo melhor a estabelecer relações interpessoais. Por isso, as mulheres, tendencialmente, ocupam cargos ao serviço dos outros, como seja educadoras de infância, professoras, enfermeiras, secretárias, hospedeiras de bordo, etc. Por outro lado, como os homens são considerados melhores a julgar, a dar conselhos e a peritar, eles ocupam cargos onde tenham poder e onde resolvam e forneçam soluções. Por isso, são os homens que maioritariamente ocupam grandes cargos de chefia.

Embora a divisão do trabalho pelo género esteja a mudar, acompanhada pela mudança de mentalidades, ainda se mantêm muitas ideologias arreigadas, que dificultarão a completa mudança, continuando a acentuar as diferenças de género. Portanto, será impossível viver em sociedade sem género, pois as suas categorias são constantemente reforçadas pelo comportamento da maioria dos indivíduos, mantendo a ordem social do género.

Capítulo 2

Diferenças comunicativas

2.1. Origens do tema

A ideia de que homens e mulheres têm estilos conversacionais diferentes já está bastante difundida, e não é raro encontrar livros de psicologia e antropologia, entre outros, a apresentarem capítulos inteiros sobre como entender o sexo oposto. Exemplos disso são os livros *You Just Don't Understand* (1992), de Deborah Tannen, e *He Says, She Says* (1993), de Lillian Glass. Esta última autora chega mesmo a enumerar 105 diferenças comunicativas entre homens e mulheres, que agrupa em 5 categorias: (1) linguagem corporal; (2) linguagem facial; (3) padrões do discurso e da voz; (4) conteúdos linguísticos; e (5) padrões comportamentais (Glass 1993: 45 e ss.). Não obstante, o que nos interessa aqui, enquanto estudiosos da linguagem e da comunicação, não é reiterar estas "receitas", mas tentar compreender qual a natureza e a razão dessas diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

Entre as razões que explicam essas diferenças comunicativas de género, já apresentámos razões biológicas (ponto 1.1), psicológicas (ponto 1.2.1.), sociais e culturais (pontos. 1.2.2., 1.2.3. e 1.2.4.). A partir de agora, vamos procurar compreender como se verificam e a natureza dessas divergências de género na comunicação. Para isso, vamos, pegando nos estudos realizados na área, refletir teórica e evolutivamente sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

Os primeiros dados a centrarem-se sobre as diferenças comunicativas e o género remontam já, segundo Ann Bodine (1975), aos séculos XVII e XVIII, época em que alguns estudiosos, exploradores e missionários europeus, na Ásia, na África, nas Américas, na Austrália e no Pacífico, verificaram e relataram que

os homens e mulheres dessas regiões falavam de forma diferente[1]. Estes estudos continuaram no século XIX, mas estas novas investigações sobre a linguagem procuravam, tendo em conta as diferenças de discurso entre homens e mulheres que haviam sido relatadas, verificar como as diferenças entre os discursos masculino e feminino haviam sobrevivido à colonização (Bodine 1975: 130).

A par destes estudos sobre as diferenças comunicativas de género em sociedades mais primitivas, recém-colonizadas, começaram a surgir, no século XX, investigações nos E.U.A e em alguns países da Europa. Entre esses estudos e estudiosos que começaram a aparecer, vamos começar por falar de Robin Lakoff que, segundo Deborah Tannen, foi a pioneira na investigação linguística sobre as diferenças comunicativas entre os géneros (Tannen 1990: 11), e, de acordo com Kira Hall e Mary Bucholtz, tem um "foundational text" (Hall e Bucholtz 1995[b]: 1), não havendo outro texto tão influente, mas também tão controverso (Hall e Bucholtz 1995[b]: 1). De facto, bem antes de Robin Lakoff, o português João da Silva Correia escreveu a obra *A linguagem da mulher em relação à do homem* (1927), onde faz uma análise da linguagem da mulher, em constante comparação relativamente à linguagem masculina, sempre dependente do contexto social, económico, político e cultural dos inícios do século XX. Efetivamente, esta obra revela-se fundamental nos estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres no português europeu. Por outro lado, deve salientar-se o seu caráter extremamente vanguardista, porque aborda uma temática (diferenças de género na comunicação/linguagem) que só começou a ser verdadeiramente explorada a partir da década de 70, com a emancipação do movimento feminista e dos estudos do género. Por isso, Robin Lakoff destaca-se pela obra *Language and Woman's Place*, que editou em 1975. Embora temporalmente não seja a primeira obra a abordar questões de género, é importante pelo relevo que atribui ao tema e pela importância que lhe é reconhecida por outros investigadores, que a partir do seu trabalho iniciaram ou enriqueceram outras investigações.

1) *Cf.*: "Throughout the seventeenth and eighteenth centuries European scholars, explorers, and missionaires to Asia, Africa, the Americas, Australia, and the Pacific produced a steady stream of descriptions of languages with gender, which they considered unremarkable, and languages in which women and men spoke differently, which they considered remarkable and treated as an entirely different phenomenon from gender" (Bodine 1975: 130).

No que concerne às diferenças linguísticas e comunicativas entre homens e mulheres, Lakoff começa por afirmar que essas se baseiam nos diferentes papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade, e acrescenta que, por sua vez, a mulher é alvo de discriminação linguística de duas formas: primeiro, pelo modo como é ensinada a usar a língua e, segundo, pelo modo como a língua em geral é usada para a tratar[2].

Neste sentido, desde cedo as crianças, ou seja, os rapazes e as raparigas aprendem a usar a língua de modo diferente. Embora, a princípio, tanto os rapazes como as raparigas aprendam a linguagem no convívio feminino, com a mãe em casa, consoante vão crescendo, vão modificando o seu modo de falar de acordo com os seus pares, o pai, os familiares mais velhos do sexo masculino e os próprios amigos. Lakoff (1975) postula, neste seguimento, que a mulher é constantemente alvo de críticas pelo modo como usa a língua, seja por falar como uma "lady", seja por não o fazer, sendo ridicularizada e criticada como pouco feminina[3].

Por isso, muitas mulheres tentam usar a língua de acordo com quem estão falar, tendo assim a capacidade de falar dois dialetos, tornando-se bilingues. No entanto, uma vez que se está aqui a falar do domínio de dois dialetos, a verdade é que é difícil dominar os dois dialetos de forma equitativa, o que leva as mulheres a tornarem-se menos participativas em discussões, conversas ou debates que envolvam os dois sexos. Não obstante, a linguista americana sublinha que é importante destacar que, cada vez mais, a linguagem masculina é usada ou imitada pelas mulheres, não acontecendo o inverso (Lakoff 1975: 10). Do mesmo modo, por exemplo, há trabalhos ditos masculinos que têm vindo a ser procurados e desempenhados por mulheres (ex. camionista, tratorista, pintora,

2) *Cf.*: "We will find, I think, that women experience linguistic discrimination in two ways: in the way they are taught to use language, and in the way general language treats them. Both tend, as we shall see, to relegate women to certain subservient functions: that of sex object, or servant; and therefore certain lexical items mean one thing applied to men, another to women, a difference that cannot be predicted except with reference to the different roles the sexes play in society" (Lakoff 1975: 4).

3) *Cf.*: "If she refuses to talk like a lady, she is ridiculed and subjected to criticism as unfeminine; if she does learn, she is ridiculed as unable to think clearly, unable to take part in a serious discussion in some sense, as less than fully human" (Lakoff 1975: 6).

etc.), mas o contrário não acontece tão regularmente (ex. educadores de infância, *baby-sitting*, etc.).

Para Robin Lakoff (1975), estas diferenças de comportamento entre os dois sexos baseiam-se, mais do que em diferenças biológicas, em diferenças sociológicas, decorrentes do processo de socialização e educação das crianças. Por isso é que algumas palavras mais grosseiras não são admitidas na boca de uma mulher, sendo logo considerada mal-educada, rude ou *rapazola*, mas são admiradas num homem, revelando a sua masculinidade e afirmação perante os seus pares. Deste modo, neste domínio lexical, Lakoff (1975) divide a escolha das palavras da língua em dois tipos: as neutras e as carateristicamente específicas da mulher. Neste último ponto, destaca-se a escolha dos adjetivos e das cores para caraterizar algo. As mulheres são muito mais específicas e têm vantagem de poder escolher entre as palavras específicas do seu dialeto e as palavras neutras, caraterísticas do sexo masculino (Lakoff 1975: 12).

Relativamente às questões sintáticas, Lakoff (1975) admite que não existe na gramática inglesa uma regra específica de uso da mulher, mas reconhece que existe pelo menos uma regra que as mulheres usam muito mais do que os homens em conversação – a regra da formação *tag questions.* Este tipo de formação de perguntas (ex. *Este vestido é bonito, não é?*) é usada quando o falante afirma algo, mas não tem plena confiança daquilo que está a dizer ou não se quer comprometer com o que diz. Assim, procura uma partilha de ideias com o(s) seu(s) ouvinte(s). Contudo, o problema desta formação sintática é que dá a impressão de que a falante é insegura, uma crítica que constantemente é feita à mulher em conversação. Não obstante, o uso da construção *tag questions* pode também remeter para uma outra caraterística do discurso da mulher – a sua polidez ou cortesia. Portanto, o uso desta construção sintática é uma forma de cortesia, através da qual a mulher não impõe os seus pontos de vista ou ideias.

Da mesma forma, as mulheres não dão ordens, antes fazem pedidos ou dão sugestões. Uma ordem clara (muitas vezes pouco cortês) expressa a ideia de que o falante tem marcadamente uma posição superior à do seu ouvinte. Assim, pode-se concluir que a mulher faz sugestões, dá ordens e faz pedidos de uma forma mais cortês e menos impositiva do que o homem. Assim sendo, nota-se que

o discurso feminino denota uma maior preocupação com a cortesia linguística na conversação.

Ainda no que diz respeito à questão da cortesia, Lakoff (1975) diz que a própria mulher é designada eufemisticamente por *lady*, em português *senhora*, porque é uma forma de enobrecer a mulher. Não obstante, alerta que tal não acontece para designar o homem, que muito mais raramente é designado por *gentleman*/*senhor*, talvez porque não necessita de ser enobrecido[4]. Do mesmo modo, se recorre eufemisticamente à palavra *girl*/*rapariga* para designar a mulher, mas, neste caso, enquanto uma pessoa que é demasiado imatura ou está muito distante da vida real para lhe serem confiadas responsabilidades e decisões (Lakoff 1975: 26). No fundo, ambas as formas de tratamento da mulher, *senhora* e *rapariga*, não possuem as implicações sexuais que o termo mulher encerra. De facto, a mulheres são, primeiramente, encaradas como seres/objetos sexuais, não tendo, por isso, um estatuto marcado na sociedade.

São estes factos sobre a posição da mulher relativamente ao homem que levam a linguista americana a questionar algumas críticas comummente feitas às mulheres, como, por exemplo, que as mulheres são vaidosas e egocêntricas, preocupadas apenas com as aparências e como os outros as veem (Lakoff 1975: 27). Para Lakoff, são os homens que são vaidosos e egocêntricos e que a aparente vaidade das mulheres não é, de todo, vaidade (Lakoff 1975: 27). Para Lakoff, o cerne da questão reside no facto de que a sociedade define o homem em função daquilo que faz, a mulher é definida em função da sexualidade, isto é, em termos de um aspeto particular da sua relação com os homens (Lakoff 1975: 30). Por isso, na maior parte das vezes, a mulher é chamada pelo nome do marido (a Sra. Martins, a esposa do Sr. António, etc.). O mesmo se passa com os títulos, *menina*

4) *Cf.*: "Most people who are asked why they have chosen to use *lady* where *women* would be as appropriate will reply that *lady* seemed more polite. The concept of politeness thus invoked is the politeness used in dignifying or ennobling a concept that normally is not thought of as having dignity or nobility. It is this notion of politeness that explains why we have *cleaning lady*, but not, normally, *lady doctor*. A doctor does not need to be exalted by conventional expressions: she has dignity enough from her professional status. But a cleaning woman is in a very different situation, in which her occupational category requires ennobling. Then perhaps we can say that the very notion of womanhood, as opposed to manhood, requires ennobling since it lacks inherent dignity of its own: hence the word *woman* requires the existence of a euphemism like *lady*" (Lakoff 1975: 24-25).

ou *senhora*, que existem em função do estatuto social e matrimonial da mulher na sociedade.

Ainda no que aos aspetos gramaticais diz respeito, a linguista americana aponta ainda o "machismo" das gramáticas, que recorrem ao pronome pessoal masculino *ele,* quando se quer referir alguém no geral e indefinido, e ao pronome *eles* e *todos* (também género masculino) para referir um grupo de homens e mulheres. Outro exemplo é ainda a utilização da palavra *Homem* com maiúscula para designar toda a humanidade, sendo que esta última seria a palavra mais apropriada e inclusiva. A consequência de tudo isto é a inferiorização da mulher, ou seja, o silenciar do género feminino.

Embora Robin Lakoff (1975) admita, na sua obra, que as ideias e argumentos que apresenta sobre as diferenças comunicativas se baseiam na observação casual e na intuição, reconhecendo que as diferenças que estabelece partem também de ideias estereotipadas sobre a linguagem da mulher e como a mulher deveria falar, sistematiza uma série de diferenças entre a linguagem da mulher e do homem. Embora se apliquem à língua inglesa, torna-se pertinente, pelo seu pioneirismo, citar aqui as diferenças enumeradas pela linguista:

1. As mulheres têm uma larga panóplia de palavras relacionadas com os seus interesses e trabalho;
2. As mulheres utilizam adjetivos "vazios" para caraterizar objetos comuns, como: divino, charmoso, fantástico, etc., e usam mais formas expressivas do que os homens;
3. As mulheres usam mais diminutivos e eufemismos do que os homens;
4. As mulheres usam entoação de pergunta quando estão a fazer declarações, como no caso das *tag questions*, conotando algum incerteza ou necessidade de aprovação;
5. A voz das mulheres é mais aspirada do que a dos homens, isto é, falam com musicalidade;
6. O discurso das mulheres socorre-se muito de partículas que apoiem o seu discurso e chamem a atenção do ouvinte. Por exemplo: *bem, tu sabes, portanto, não é*, etc.;

7. As mulheres também recorrem a expressões como "parece-me", "eu penso", "eu acho" para introduzir declarações, e expressões como "eu gostava de", e "queria" para introduzir perguntas, denotando alguma imprecisão ou incerteza;
8. Relacionado com os pontos anteriores, está o uso excessivo de "pois";
9. Hipercorreção gramatical: como as mulheres supostamente não devem falar mal, são levadas desde crianças a corrigir o erro e depois caem na hipercorreção (exemplo no caso português: trocar o *b* por *v*, *bem* por *vem*);
10. As mulheres são também consideradas como conservadoras/ preservadoras da literatura e da cultura;
11. Uso de formas supercorteses: as mulheres são consideradas mais corteses do que os homens a falar;
12. As mulheres usam mais um discurso indireto do que os homens;
13. As mulheres têm um estilo comunicativo que tende para ser mais colaborativo do que competitivo;
14. A mulher expressa-se mais não verbalmente do que o homem;
15. Quanto mais feminina for uma mulher mais fala em *itálico*, isto é, mais transparece insegurança naquilo que está a dizer (Lakoff 1975: 53-56).

Não obstante esta listagem, Robin Lakoff alerta para o facto de nem todas as mulheres falarem da mesma forma e de igual modo, sublinhando que as mulheres com habilitações académicas mais elevadas são as que menos se distinguem, pois são as que mais evitam utilizar estas caraterísticas marcadamente da linguagem feminina[5].

Por outro lado, Lakoff destaca que se o homem tivesse um discurso demasiadamente elaborado gramaticalmente e muito cortês, isso levantaria suspeitas quanto à sua masculinidade (Lakoff 1975: 60). De facto, tal como a mulher, que não adequa o seu discurso a determinadas caraterísticas exigidas

5) *Cf.*: "It is equally true that different women speak women's language to differing extents; and interestingly enough, it seems that academic women are among the least apt to be speakers of this language. But this may be because women who have succeeded in academy have more power than other women who have no outside roles; and that in determining their real-world power, women use as a basis the power of the men they know" (Lakoff 1975: 57).

pela sociedade, é acusada de não ser feminina e ser comparada a um homem; também o homem, que não utilize um discurso tipicamente masculino, é tido como afemininado e homossexual. No entanto, são os homens que saem mais penalizados quando lhe são atribuídas caraterísticas do sexo oposto (Eakins e Eakins 1978: 129). Portanto, no caso da mulher, esta encontra-se perante um beco sem saída: se utiliza um discurso carateristicamente feminino, não é levada a sério; se recorre a um discurso tipicamente masculino, é também criticada e discriminada. Como sistematiza Lakoff, independentemente das escolhas que a mulher tome – falar a "linguagem da mulher" ou não – ela não será respeitada (Lakoff 1975: 62)[6].

Em suma, o livro de Lakoff foi o primeiro a alertar os linguistas para as implicações políticas e ideológicas da diferenciação dos sexos. Não obstante, para Deborah Cameron (1992), a obra *Language and Woman's Place* não é um trabalho de investigação empírica, mas um exemplo de linguística popular feminista, embora enformado pela formação linguística da autora[7]. Também Cameron *et al.* (1989) reiteram a falta de uma investigação empírica no trabalho de Lakoff, mas destacam que as caraterísticas do discurso feminino levantadas continuam a figurar na investigação sobre as diferenças comunicativas de género[8]. Não obstante, as considerações de Lakoff (1975) foram, como reconheceu Philip M. Smith (1985), estímulos para futuras investigações sobre a comunicação entre homens e mulheres, embora partindo sempre da linguagem ou estilo da mulher (Smith 1985: 149).

De facto, para Deborah Cameron (1992), surgiram, no seguimento da obra de Lakoff, uma série de asserções sobre o perfil do discurso feminino, as quais

6) *Cf.*: "[...] whichever course the woman takes – to speak women's language or not to – she will not be respected" (Lakoff 1975: 62).

7) Cf.: "[…] is not a work of empirical investigation but an example of feminist folklinguistics, though informed by the author's linguistic training" (Cameron 1992: 70).

8) *Cf.*: "From the point of view of today's researchers, the major drawback in Lakoff's work is its lack of any empirical basis. Rather than collecting corpora of male and female speech, Lakoff made claims based on her own intuitions and anecdotal observation of her peers' language use. Many of these claims have, not surprisingly, proved contentious. Yet, despite criticisms of Lakoff's methodology, the set of features she somewhat arbitrarily selected as markers of women's speech style continue to figure in research on sex differences" (Cameron *et al.* 1989: 75).

ainda não tinham qualquer fundamentação científica até então. Cameron (1992) enumera como ideias pré-concebidas sobre o estilo conversacional da mulher:

1. A falta de fluência, isto é, a mulher tem problemas em comunicar na 'linguagem masculina' e o resultado são as hesitações e os falsos começos;
2. Frases inacabadas;
3. Discurso desordenado de acordo com as regras da lógica;
4. Uso frequente de perguntas, incluindo afirmações disfarçadas de perguntas;
5. Falar menos do que o homem em grupos mistos de conversação;
6. A mulher é mais conservadora;
7. Usar estratégias de cooperação e apoio na conversação, enquanto o homem é mais competitivo (Cameron 1992: 45).

Para Deborah Cameron (1992), estas são ideias pré-concebidas sobre o discurso da mulher, que não se aplicam a todas as situações e contextos de conversação e que pecam por serem meras generalizações, injustificadas cientificamente, e que entre si também se contrariam. No entanto, não podemos esquecer que estas se constituíram e constituem, muitas vezes, como o ponto de partida para a investigação científica sobre a relação entre a linguagem e o género[9].

Para Dennis Baron, Robin Lakoff retrata o discurso da mulher como doméstica e subserviente, cheio de termos "coloridos" e construções "passivas" (Baron 1986: 9). Embora Baron reconheça a influência de Lakoff no trabalho de investigadores seguintes, considera que as alegações de Lakoff não são suportadas pela evidência (Baron 1986: 9). De facto, a questão levantada por Lakoff dizia respeito ao facto de à mulher ser negado o acesso a estilos de conversação ligados ao discurso do poder, que lhe conferissem autoridade e credibilidade

9) *Cf*. "Stereotypes are the starting point of much research on language and gender for a reason. First of all, any research begins with a focus or a hypothesis, and foci and hypotheses have to come from somewhere. If gender stereotypes are part of our sociolinguistic life, they need to be examined – not simply as possible facts about language use, but as components of gender ideology" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 85).

como falante, ou seja, era-lhe negado o acesso ao discurso masculino, entendido como o dominante e o do poder (Cameron 1992: 71). Lakoff segue assim o ponto de vista "dominance current" (corrente do domínio), isto é, um ponto de vista que enfoca na dominação/domínio da mulher pelo homem.

A par da "dominance current", Deborah Cameron (1992) afirma que outros investigadores seguem outra linha de investigação, a "difference current" (corrente da diferença). Os investigadores que se orientam pela "difference current" interessam-se pelos estudos de Lakoff, mas criticam a sua avaliação negativa da posição da mulher. Para estes investigadores, a mulher não é inferior, mas diferente[10].

Podemos assim considerar o desenvolvimento de dois paradigmas ou abordagens das diferenças de género: o da diferença e o do domínio. Aqueles que seguem o paradigma da diferença propõem que homem e mulher comunicam de modo diferente, porque existem diferenças na sua relação com a linguagem, talvez por terem diferentes experiências e uma socialização diferentes. Os outros, como Robin Lakoff, que seguem o paradigma do domínio, justificam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres como resultado do domínio masculino (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 1-2).

Assim sendo, algumas das caraterísticas da linguagem feminina, como o uso dos adjetivos, dos intensificadores, das *question tags*, das hesitações, etc. não deve ser interpretado como sinal de fraqueza ou de falta de autoridade, mas, de acordo com a abordagem da diferença, como cortesia e ponderação do discurso feminino (Cameron 1992: 73).

No fundo, Deborah Cameron (1992) discorda da subordinação da mulher e dos teóricos e teóricas que escrevem para aconselhar as mulheres a conversar e a lidar com os homens, como, por exemplo, Deborah Tannen e a sua obra *You just don't understand*. Primeiro, parece que as diferenças entre homens e mulheres são naturais e inevitáveis, e, ao invés de se questionar de onde vêm e o que refletem essas diferenças, os leitores são conduzidos a aceitar e

10) *Cf.*: "Researchers in this current [difference current] are interested in Lakoff's suggestions that there is a women's language, but they criticise her negative evaluation of it. They propose that it is not, in fact inherently disfunctional and should be valued as something positive and authentic: different not inferior" (Cameron 1992: 72).

a ajustar-se a essas diferenças. Em segundo lugar, essas diferenças entre os discursos masculino e feminino são vistas como um problema para a mulher, que se torna responsável, na interação conversacional, por facilitar e promover a comunicação eficaz (Cameron 1992: 79). Para Cameron (1992), os estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres têm razão de ser, porque realmente existem diferenças, mas deve evitar-se seguir a "dominance current", que sublinha a superioridade e o poder do homem relativamente à mulher.

Não obstante, outros teóricos continuaram a sublinhar que a origem das diferenças comunicativas começa exatamente pela diferente representação e poder que homem e mulher têm na sociedade. Mary Ritchie Key (1996) considera que o comportamento feminino e masculino só pode ser compreendido dentro da matriz de poder estruturada na sociedade[11]. Judith Butler (2007) reitera que a mulher, em termos linguísticos, não tem qualquer relevo ou representação numa linguagem marcadamente masculina[12]. E acrescenta que a linguagem apresenta uma dupla possibilidade: por um lado, dá voz a todos, tornando-os iguais; por outro, pode também, ela própria, ajudar a instituir e marcar a hierarquia[13]. Portanto, existe uma relação diferente de homens e mulheres com a linguagem, reflexo do contexto sociocultural em que vivem e das próprias caraterísticas daqueles.

Outros teóricos e investigadores debruçam-se principalmente sobre as razões psicológicas que suportam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres. Para Deborah Tannen (1990), as mulheres falam e escutam a linguagem da conexão, da intimidade, das relações; o homem fala e escuta a linguagem do estatuto e da independência na hierarquia. Logo, irá existir um confronto de diferentes estilos conversacionais (Tannen 1990: 42).

11) *Cf.*: "male and female behavior can only be understood within the matrix of the power structure of the total society" (Key 1996: xiv).

12) *Cf.*: "Within a language pervasively masculinist, a phallogocentric language, women constitute the *unrepresentable*. In other words, women represent the sex that cannot be thought, a linguistic absence and opacity" (Butler 2007: 13).

13) *Cf.*: "Language has a dual possibility: It can be used to assert a true and inclusive universality of persons, or it can institute a hierarchy in which only some persons are eligible to speak and others, by virtue of their exclusion from the universal point of view, cannot "speak" without simultaneously deauthorizing that speech" (Butler 2007: 164).

Por outro lado, a própria sociedade alimenta determinadas crenças sobre as diferenças de papéis entre homens e mulheres, sublinhando o papel dominante que o homem ocupa (Cameron 1997[a]: 63). Como não se pode separar a linguagem / língua da comunidade que a fala, também as diferenças sociais se refletem na linguagem. Deborah Cameron, em *Feminism and Linguistic Theory* (1992), vem defender que a linguagem não deve ser encarada de uma forma determinista e abstracionista, mas primeiramente como um fenómeno comunicativo. Primeiro, a linguagem é contextual, ou seja, a língua / linguagem não pode ser analisada retirada do tempo e do espaço em que é falada, nem de todas as outras dimensões extralinguísticas que envolvem a situação de comunicação. Neste sentido, os significados também não são determinados, mas variáveis. Segundo, a linguagem em uso é um processo criativo e, virtualmente, não existem limites para as situações comunicativas. Assim sendo, também a interpretação é criativa e contextualizada (Cameron 1992: 192). Portanto, mais importante do que estudar a linguagem em si e a sua relação com o género, revela-se crucial estudar o discurso, pois as diferenças comunicativas ocorrem a nível discursivo, em situação de comunicação (Cameron 1992:198). No fundo, pegando nas ideias de Saussure (2005), pai da linguística, o género deve ser estudado não no âmbito da *langue*, mas da *parole*, ou seja, no âmbito da linguagem em uso. Da mesma forma, não é a linguagem que é sexista, mas o discurso[14], ou seja, a linguagem em uso pela comunidade e suas instituições, valores, ideais e crenças. É neste contexto que se pode falar em linguagem do poder ou discurso do poder. É aqui que falamos de determinadas áreas onde o discurso feminino não entra ou tem dificuldade em entrar, como seja no domínio do direito, da religião, da investigação e da política. Estas são áreas onde não se verifica uma igualdade de participação, sendo, em muitos casos, o acesso negado à mulher (Cameron 1992: 200). No entanto, não são somente nestas áreas que

14) Esta questão relembra a posição de Platão e de Aristóteles perante a Retórica, que implica a utilização hábil da língua (Rei 1998: 9). O último, conversando com o seu mestre, dizia também que não era a retótica que era boa ou má; era o retor, que era bom ou mau, consoante o uso que fazia dela. Para Platão, a Retórica era boa se conduzisse à verdade; era má, se conduzisse à mentira ou ao erro. Do mesmo modo, só existe sexismo na linguagem se o indivíduo usar a linguagem nesse sentido.

se verificam diferenças comunicativas de género, uma vez que as diferenças não passam só pela questão do poder e do domínio do homem.

De forma sistematizada, Eakins e Eakins (1978) explicam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, apresentando seis grandes razões que justificam essas diferenças:

1. Diferenças inatas, ou seja, diferenças que nascem com o indivíduo, uma vez que homens e mulheres têm estruturas anatómicas e reprodutivas diferentes. Esta explicação explana, maioritariamente, as diferenças não verbais, nomeadamente formas de movimento, posturas, gestos, etc.
2. Personalidade, pois homem e mulher têm personalidades diferentes, uma vez que os sexos divergem em termos hormonais e químicos. Por outro lado, esta personalidade é também moldada por valores culturais e sociais, transmitidos pelo meio onde o indivíduo se encontra inserido.
3. Elaboração cultural, isto é, as diferenças comunicativas entre os géneros resultam de valores e ideologias culturais que o indivíduo aprende.
4. Divisão sexual do trabalho, na medida em que a sociedade relega certos trabalhos, atividades, responsabilidades e privilégios em função do género a que os indivíduos pertencem. Desta forma, as diferenças comunicativas resultam do tipo de linguagem que se utiliza nas diferentes ocupações.
5. Domínio masculino, ou seja, o controlo masculino da sociedade. De acordo com esta teoria, a comunicação ocorre num contexto dominado pelo homem, que, consequentemente, domina e controla também a linguagem. Por seu turno, a mulher ocupa uma posição de submissão e subordinação.
6. Sistemas de valores diferentes, isto é, de acordo com o género, os indivíduos aprendem diferentes valores. Estes valores estão associados não só a valores e ideologias culturais, mas também a um domínio masculino, cujo sistema de valores é dominante e superior, condicionando, dessa forma, os comportamentos dos homens e das mulheres (Eakins e Eakins 1978: 16-19).

Desta forma, vários são os fatores que concorrem para as diferenças comunicativas entre homens e mulheres. A questão fundamental reside em verificar essas diferenças.

2.2. Os primeiros estudos de género na linguagem e o feminismo

Inicialmente os estudos de género andaram de mãos dadas com o feminismo. No entanto, nem todos os que se dedicaram e dedicam ao estudo do género e da linguagem têm uma posição feminista. Por isso, convém, desde já, saber o que é o feminismo e qual a sua relação com os estudos de género na linguagem.

Historicamente, o movimento feminista iniciou-se no século XIX e tinha como escopo o estabelecimento para a mulher de direitos iguais aos do homem no campo social, político, jurídico e económico (AA.VV. 2006: 64). A reivindicação do voto feminino foi o primeiro grande objetivo. Embora em 1791, Olympe de Gauges, com a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã,* e Mary Wollstonecraft, em 1792, com *Vindication of the Rights of the Women*, reclamassem a emancipação da mulher, só no século XIX, o movimento ganha repercussão efetiva, criando-se associações feministas e lançando-se jornais para divulgar os seus ideais, como o *English Women's Journal* (1870) e o *Women's Suffrage Journal* (1870). 1869 é também uma data importante, pois Stuart Mill lança a obra *On the Subjection of Women*, que recrimina a exploração e discriminação da mulher, não só a nível social como familiar, e defende a igualdade de direitos da mulher relativamente ao homem, nomeadamente no mundo do trabalho e dos negócios. Entretanto, as reivindicações feministas vão-se organizando através de manifestações coletivas, comícios, greves de fome, entre outros.

Com a I Guerra Mundial, as reivindicações feministas impõem-se verdadeiramente, pois as mulheres, substituindo os homens alistados, desempenham funções importantes a que antes nunca tiveram acesso. De facto, o poder do homem é, neste momento, posto em causa, uma vez que, enquanto o sexo masculino se dedica à guerra e à morte, as mulheres são a fonte de vida, uma vez que cuidam das crianças, dos idosos e dos feridos. Revela-se, desta forma,

para as feministas, o papel fundamental da mulher na sociedade e na evolução da humanidade (Pierson 1987: 221 e *ss*.). No entanto, só em 1928, em Inglaterra, a mulher começa a votar. Em Portugal, por sua vez, a mulher só começa a votar em 1931. À medida que os objetivos políticos são alcançados, a atenção feminista volta-se para outros campos, como: indiscriminação nos salários e no acesso à cultura e à informação, igualdade perante a lei e assistência na maternidade.

Em 1950, o movimento feminista é influenciado pelo pensamento e obra de Simone de Beauvoir, que chamou a atenção para a "objetualização" da mulher, provocada pela dominação social masculina, pois são os homens que detêm o poder económico e os cargos mais importantes na sociedade[15]. Esta ideia acentuar-se-á, nos anos 60, com a pretensão de libertação sexual, que se transformou mesmo, algumas vezes, em guerra contra a ordem masculina dominante e que originou uma série de manifestações e o aparecimento de uma literatura feminista.

Para Deborah Cameron, o feminismo é um movimento que luta pela plena humanidade das mulheres (Cameron 1992: 4). A linguista sublinha que o feminismo não fala em direitos das mulheres ou igualdade entre homens e mulheres, pois essa igualdade pressupõe que o padrão seja o homem. Por isso, as feministas lutam, em última análise, por uma mudança radical, em que não seja um género a definir o padrão do valor humano no mundo (Cameron 1992: 4). Obviamente que, para alcançar tais objetivos, terá de haver uma mudança de valores no seu todo, em que a mulher seja libertada da sua atual subordinação e exclusão.

Portanto, o feminismo procurará, em primeiro lugar, compreender como as atuais relações entre homens e mulheres são construídas, pois elas não são naturais. Será à luz dessa compreensão, que se deve procurar como mudar. Neste sentido, o feminismo vai debruçar-se sobre como a mulher é representada pelos diversos produtos culturais representativos da sociedade.

15) *Cf*.: "Économiquement hommes et femmes constituent presque deux castes; toutes choses égales, les premiers ont des situations plus avantageuses, des salaires plus élevé, plus de chances de réussite de leurs concurrentes de fraîche date; ils occupent dans l'industrie, la politique, etc., un beaucoup plus grand nombre des places et ce sont eux qui détiennent les postes les plus importants" (Beauvoir 1976: 23).

2.3. O feminismo e a linguagem

As feministas preocuparam-se com a linguagem porque esta é um meio de representação. Para Deborah Cameron (1992), o próprio uso da linguagem representa a mulher como menos importante do que o homem e, por isso, a própria linguagem deveria mudar para uma linguagem não sexista. De facto, para a autora, verifica-se um sentimento de incapacidade por parte das mulheres, que consideram que não são compreendidas, que as palavras que utilizam não são as mais adequadas para o que pretendem comunicar.

A visão das feministas da linguagem é semelhante à visão que têm da sexualidade. A linguagem é também um recurso poderoso ao serviço de uma sociedade patriarcal, na qual a mulher continua na sombra. Efetivamente, são dois os grandes motivos para as feministas estudarem a linguagem no que concerne às diferenças de género: um deles é positivo, diz respeito à busca de uma linguagem feminina autêntica; o outro é negativo, na medida em que exige a identificação da dinâmica do poder sexual no uso da liguagem, nomeadamente as convenções e os comportamentos através dos quais o discurso reflete e perpetua as desigualdades de género (Cameron 1992: 37)[16]. Ambos os motivos podem ser percebidos na linguística feminista, pois não são necessariamente opostos, podendo coexistir. Realmente, o que se propõe é saber como as diferenças entre os géneros se refletem na linguagem, nomeadamente através dos diferentes papéis, estatutos ou natureza do homem e da mulher.

Ainda sobre os estudos sobre a linguagem realizados pelas feministas, Júlia Kristeva, num artigo intitulado "Woman's Time", considera a existência de três estádios-modelo no feminismo:

16) *Cf.*: "One is *positive*: the quest for an authentic female language, whether this is taken to reflect some deep-seated cognitive difference or the existence in many societies of a distinctive female structure. The other is more *negative*: to identify the sexual power dynamic in language use, the conventions and behaviours through which speech reflects and perpetuates gender inequality" (Cameron 1992*:* 37).

1. Numa primeira fase, apareceu um *feminismo liberal*, segundo o qual as mulheres procuraram a igualdade com o homem, principalmente a nível sociopolítico;
2. Depois, um *feminismo radical*, quando as mulheres procuraram reinterpretar as diferenças relativamente ao homem, para assim valorizar socialmente as atividades das mulheres, embora estas sejam diferentes das dos homens;
3. Numa última fase, existe um *feminismo utópico*, que pretende ultrapassar / transcender as divisões de género no seu conjunto. Aqui as diferenças masculino / feminino não iriam necessariamente desaparecer, mas tornar-se-iam socialmente insignificantes, como muitas outras variações humanas (altura, grupo sanguíneo…) o são agora (Kristeva 1981).

Deborah Cameron (1992) considera que o modelo proposto por Júlia Kristeva não pretende ser um relato conciso da história recente do feminismo, nem uma cronologia ordenada e linear para as feministas seguirem, mas pondera que cada estádio representa um melhoramento do anterior. Esta divisão não quer dizer que todos estes estádios estejam igualmente representados ou compreendidos. De facto, para Deborah Cameron, a maioria das políticas feministas contemporâneas ainda se situam entre o primeiro e o segundo estádios, isto é, ainda oscilam entre procurar a diferença ou sublinhar a diferença; situam-se ainda entre as suas motivações negativa e positiva já abordadas (Cameron 1992: 39).

Por conseguinte, as diferenças de género que se procuram não são anatómicas/fisiológicas, mas do tipo social e cultural. Por isso se fala em género e não em sexo, pois a ideia de género é criada no indivíduo através da sua socialização, que está intimamente relacionada com o contexto social e cultural em que o indivíduo está inserido. Será também este contexto que vai condicionar a análise dos discursos masculino e feminino e a descoberta de diferenças.

Assim sendo, o género gramatical não pode ser confundido com o sexo, pois os termos masculino e feminino não referem "essências", nem definem qualidades imutáveis que existem independentemente. Deborah Cameron apela à teoria linguística saussureana para explicar esta relação entre o feminino e o masculino, na medida em que estes dois termos se comportam exatamente como

o signo saussureano, definido não pela sua essência, mas pela sua diferença (Cameron 1992: 83). Não obstante, a mesma teoria saussureana pode ser utilizada para argumentar a ideia de oposição entre masculino e feminino, pois também a língua se baseia em oposições. E, seguindo este raciocínio, o masculino será o oposto do feminino e vice-versa, tal como o homem será o oposto da mulher e vice-versa. Deste modo, aquilo que carateriza o homem, segundo o seu ponto de vista, será definido na mulher como o seu oposto. Assim, se o homem é visto como ativo, a mulher será passiva; se o homem é racional, a mulher é emotiva[17].

Simone de Beauvoir, na sua obra *Le Deuxième Sexe*, editado pela primeira vez em 1949, considera que o homem encara a mulher como o *outro*, alguém que é diferente dele, mas que não tem capacidade para se afirmar e se equiparar a ele. No fundo, o que começou a ser questionado pelas feministas foi a questão do género, que mais do que uma questão de diferença, tem a ver com hierarquia. Efetivamente, embora o termo género aplicado à gramática tivesse tido origem na Grécia, com Protágoras, significando classe ou tipo, a verdade é que surgiu sempre associado ao sexo. Desde há muito que os dois conceitos aparecem ligados e, ainda hoje, condicionam a perceção do género gramatical, bem como as diferenças sociais. É também nesta ordem de ideias que se fala em linguagem sexista ou sexismo na linguagem.

2.4. Sexismo na linguagem

2.4.1. Origens do sexismo

O tema do sexismo na linguagem começou a ser debatido nos círculos de feministas por volta dos anos de 1960. A questão sexista surgiu das assimetrias que se notavam na linguagem e nas línguas quanto às formas de tratamento do homem e da mulher (Pauwels 2003: 553). O grande objetivo da luta feminista

17) *Cf.*: "Whatever characterises men, in their own view, women are defined as the opposite. If men are active, women must be passive, if men are rational, women are emotional; if men represent good, then women must represent evil. In other words, all the negative characteristics of humanity as men perceive them are projected into women" (Cameron 1992: 84).

era mudar a linguagem, que discriminava a mulher e desvalorizava todas as atividades relacionadas com ela. Por isso, era necessário mudar o modo como a mulher era representada nos anúncios, nos jornais, nas revistas, e também como era tratada nos textos e em interação conversacional (Mills 2008: 1). O debate e a luta alargaram-se aos nossos dias, e pode dizer-se que não são só feministas que encabeçam esta luta.

Dale Spender, na obra *Man Made Language*, pela primeira vez publicada em 1980, defendeu a tese de que os homens controlam a linguagem e esta funciona a seu favor[18]. Efetivamente, como o homem ocupa um lugar dominante na sociedade, o seu domínio está refletido e é reforçado pela linguagem e pelo uso da língua. Do mesmo modo, Daniel Maltz e Ruth Borker afirmam que, quando homens e mulheres tentam interagir de igual para igual em conversações mistas, eles não desempenham o mesmo papel na interação (Maltz e Borker 1982: 196-197). Estamos aqui a falar do reflexo de uma sociedade patriarcal que perdura e que continua a acreditar que o homem / masculino é o sexo superior e essa superioridade está refletida nas instituições e no dia-a-dia das práticas sociais, como o uso da língua. Tal como sublinha Rosaldo (1974), as atividades masculinas, como opostas às femininas, são sempre reconhecidas como mais importantes, atribuindo-se mais autoridade e valor às funções e atividades dos homens (Rosaldo 1974: 19). No entanto, Dale Spender (2001) sublinha que, porque as mulheres também usam a linguagem, esta não pode, portanto, ser propriedade dos homens (Spender 2001: 12). Efetivamente, a questão do poder de quem controla a linguagem, como é controlada e em que medida é controlada sempre foi uma questão levantada e procurada pela teoria feminista (Cameron 1992: 219).

Deste modo, o sexismo tem a ver com um sistema em que a mulher e o homem não são simplesmente diferentes, mas sim desiguais em termos do grau de importância. Tem a ver com as reminiscências de uma sociedade patriarcal. Marielouise Janssen-Jurreit (1982) entende "patriarquia" como um sistema social organizado e estruturado, por forma a garantir ao homem parcial ou total controlo sobre a existência feminina (Janssen-Jurreit 1982: 329).

18) *Cf.*: "[...] men controlled the language and that it work in their favour" (Spender 2001: X).

Sara Mills (2008) considera que o sexismo funciona em dois níveis: a nível institucional, representativo das normas da sociedade, e a nível individual / localizado, reflexo das normas sociais. Por outro lado, o sexismo não está presente só na linguagem, mas também em ideias esterotipadas baseadas em questões de género e que são transmitidas e partilhadas através da linguagem. Por exemplo, a ideia de que as mulheres são más condutoras e fazer piadas sobre isso é sexismo, uma vez que o género é tido como importante para a habilidade de conduzir.

Neste contexto, tendo em conta a história do sexismo, Sara Mills (2008) distingue ainda entre sexismo direto e sexismo indireto. O sexismo direto é aquele sexismo facilmente identificável na linguagem, nas palavras e expressões discriminatórias da mulher, denunciando o seu papel secundário na sociedade. É este tipo de sexismo na linguagem que começou a ser contestado pelas feministas e que, por isso, se tem tornado estigmatizado pelos falantes, conduzindo a algumas mudanças e a algum cuidado na expressão de ideias sexistas. Assim, como "resposta" para os protestos feministas, vemos o aparecimento do sexismo indireto. Este é um tipo de sexismo que domina nos *media*, disfarçado através do humor ou da ironia, onde o autor se desresponsabiliza de tal sexismo[19]. Obviamente, este sexismo indireto surge do facto de, cada vez mais, se denunciarem casos de sexismo e de visões esterotipadas, resultado de uma evolução das mentalidades, para a qual contribuiram as feministas e as mulheres em geral.

Por conseguinte, o sexismo direto, presente na linguagem, foi o que levantou verdadeiramente as lutas contra o sexismo, uma vez que o sexismo na linguagem funciona para desvantagem das mulheres e não dos homens. De facto, este foi o ponto de partida para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, uma vez que a linguagem é um espelho da comunidade / sociedade que a fala. Deste modo, também a linguagem reflete as diferenças sociais entre

19) *Cf.*: "[...] because overt sexism is more difficult to articulate these days, a more indirect or discourse level of sexism has developed which manages to express sexism whilst at the same time denying responsibility for it. For example, sexist terms are now often used in newspapers , and on certain radio and television programmes, whilst at the same time being undercut by humour or irony, signalled by, for example, exaggerated or marked intonation or stress" (Mills 2008: 12).

homens e mulheres, acentuando a superioridade do homem relativamente à mulher, ou seja, uma sociedade patriarcal, na qual só os homens dominam e controlam a linguagem do poder (seja no direito, na religião, na investigação ou na política). Não podemos deixar de referir aqui o papel que as religiões ocidentais tiveram na perpetuação da sociedade patriarcal (Miller e Swift 1976: 76). Para Casey Miller e Kate Swift (1976), estas religiões, para além de serem patriarcais, encaram o seu deus como masculino, sendo que o homem foi feito à sua imagem e semelhança[20].

Neste contexto, uma língua é sexista se der a perceber que a mulher é relegada para segundo plano em termos sociais e culturais. O mesmo pode perceber-se, por exemplo, por um sem número de termos que designam a mulher de forma pejorativa, tal não acontecendo com tão grande incidência no que diz respeito ao homem. Mesmo quando as palavras designam o mesmo estado ou condição, quer para o homem quer para a mulher, podem assumir sentidos diferentes. Neste aspeto, as próprias palavras para referir o homem e a mulher passam por aquilo que Casey Miller e Kate Swift (1976) designam "semantic polarization" (polarização semântica), ou seja, as palavras adquirem um sentido que está mais relacionado com um sexo do que com o outro, tendendo a reforçar a importância masculina e a inferioridade feminina[21]. Esta polarização semântica, e consequente desvalorização das palavras de acordo com o seu uso, acontece também com algumas palavras que originalmente eram somente masculinas e que, na sua forma feminina, ridicularizam e acentuam negativamente a mulher. Temos por exemplo atualmente a palavra *presidenta*.

Para Deborah Cameron (1992), efetivamente, verifica-se no dia-a-dia sexismo na linguagem, nomeadamente:

20) *Cf.*: "[...] these religions have insisted for tens of centuries, the symbolization of a male God must not be taken to mean that God really is male. In fact, it must be understood that God has no sex at all. But inevitably, when words like father and king are used to evoke the image of a personal God, at some level of consciousness it is a male image that takes hold" (Miller e Swift 1976: 77).

21) *Cf.*: "[...] words according to their sex assignment follow a pattern that might be called semantic polarization. Having acquired a sense that is related more to one sex than the other, words tend to fit into and reinforce the male-positive-important and female-negative-trival cultural categories. *Master* and *mistress* are striking categories" (Miller e Swift 1976: 69).

1. Nos pequenos insultos enquanto termos que transmitem carinho;
2. Nos insultos *(piropos)* enquanto violência verbal contra as mulheres;
3. Nos insultos para exercer controlo social;
4. E também na linguagem institucionalizada nos dicionários e nas gramáticas.

Assim, no que diz respeito ao primeiro ponto - *pequenos insultos enquanto termos que transmitem carinho* – Deborah Tannen refere-se ao facto de as mulheres se queixarem de serem tratadas por termos carinhosos, que muitas vezes as deixam envergonhadas, como *querida, docinho, anjo, bebé, fofinha, amor, patanisca, pequenina*, entre outros. Embora estes termos conotem intimidade entre as pessoas, a verdade é que são muitas vezes utilizados pelos homens para demonstrar a sua superioridade. Tal como sublinha Cameron, não existe paralelo entre homens e mulheres no uso destes termos e diminutivos como formas de tratamento. De facto, as mulheres também utilizam estes termos entre si e com o homem, mas maioritariamante quando os utilizam têm intimidade com o homem e uma idade similar, demonstrando carinho e afetividade. Tal é o caso de *querido*. Por sua vez, o homem utiliza mais indiscriminadamente o termo *querida*, exceto se a mulher em questão for uma superior direta. Caso contrário, não interessa se a mulher é mais velha, tem um *status* mais elevado ou é uma estranha, os homens tendem a presumir familiaridade e superioridade na escolha dos termos para se dirigirem às mulheres (Cameron 1992: 106). Por outro lado, para além de conotarem intimidade e familiaridade entre as pessoas, estes termos carinhosos também podem ser extremamente desrespeitadores quando usados em determinados contextos conversacionais.

No que concerne aos *insultos (piropos) enquanto violência verbal contra as mulheres,* Cameron está aqui a referir-se aos *piropos* que as mulheres ouvem quando circulam na rua, por exemplo. Estes *piropos* podem ser considerados ambíguos: se por um lado, em certas circunstâncias, podem ser considerados como uma espécie de elogio, por outro, podem ser hostis e desagradáveis. No fundo, estes *piropos* de rua podem ser entendidos como uma forma do homem controlar o espaço público e excluir dele a mulher. Mas, uma vez mais, também estes termos são utilizados em maior número pelos homens, pois a mulher sente

que é olhada e observada de uma maneira que o homem não é. Talvez por isso existam mais palavras para insultar as mulheres do que os homens, especialmente em termos sexuais (Cameron 1992: 107). A maioria dos insultos que existem para o homem são considerados como tal porque conotam homossexualidade, o que reflete não só a homofobia, mas também o sexismo, já que os homens homossexuais são estereotipados como afemininados ou muito parecidos com as mulheres (Cameron 1992: 108).

Quanto ao terceiro aspeto - *insultos para exercer controlo social* – tem a ver com o facto de as mulheres terem atenção ao modo como se apresentam, se vestem e se comportam sexualmente, por forma a evitar serem insultadas. Isto porque a proliferação de termos que funcionam como insultos sexuais, afetando a reputação das mulheres, é usada como uma arma para manter as mulheres em linha[22]. Por seu turno, como já referimos, a mulher não consegue usar tanto essa arma linguística para também atacar o homem, ou seja, não tem termos para denegrir o homem como ele tem para a denegrir a ela e, consequentemente, controlar. Também Casey Miller e Kate Swift (1976) sublinharam o maior número de palavrões para referir e denegrir a imagem da mulher[23]. Mesmo os insultos que existem para os homens insultam, de certa forma, as mulheres (como por exemplo, *filho da puta*). Por outro lado, verifica-se ainda na linguagem "a derrogação semântica da mulher"[24], ou seja, existem muitos termos usados para referir a mulher que foram degenerando para um valor pejorativo depreciativo (como acontece, por exemplo, com os títulos: dama, princesa, baronesa…).

Em suma, tal como sublinhou Laurel A. Sutton (1995: 280), muitos dos insultos que as mulheres recebem são criados em função da visão sexual que o homem tem dela. De acordo com este ponto de vista, a mulher só existe para o homem como objeto sexual. Os termos pejorativos usados para nomear a mulher são criados pelo homem porque receia que o poder sexual da mulher ameace o seu

22) *Cf.*: "In other words, the proliferation of terms that function as sexual slurs on women's reputation is used as a weapon to keep women in line" (Cameron 1992: 109).

23) *Cf.* "Words used to insult men differ in several ways from those used to insult women. In the first place, there are not as many" (Miller e Swift 1976: 127).

24) Expressão traduzida do inglês "the semantic derogation of woman", empregue por Schulz (1975).

poder hegemónico. Este poder sexual da mulher está associado ao seu papel de progenitora, aquela que dá a vida e permite a continuação da vida humana e que é, no fundo, o fundamento das antigas e atualmente raras sociedades matriarcais (Sanday 2002: 237). Obviamente está aqui presente uma generalização feminista bastante redutora, que recorre à generalização chocante para chamar a atenção dos nichos de sexismo presentes no uso da linguagem.

O último ponto - *a linguagem institucionalizada nos dicionários e nas gramáticas* – afasta-se dos três primeiros, que ocorrem em contextos não regulados, uma vez que diz respeito ao que está estabelecido através de normas e regras - os dicionários e gramáticas. Para Deborah Cameron, será a partir do sexismo institucionalizado e codificado que se poderão levar a cabo alterações na linguagem de modo a torná-la menos sexista (Cameron 1992: 112). O que se pretende é deixar de passar a mensagem de que o homem é mais importante do que a mulher (Cameron 1992: 115), criando dicionários e gramáticas que sejam mais representativos dos dois sexos. Alma Graham (1975) apresenta o dicionário *The American Heritage School Dictionary*, publicado em 1972, como o primeiro dicionário publicado em que os lexicógrafos fazem um esforço consciente para corrigir as diferenças sexuais que existem comummente na língua inglesa (Graham 1975: 57). Um outro exemplo é o dicionário de Cheris Kramarae e Paula Treichler, *A Feminist Dictionary* (1985).

No que concerne às gramáticas, a grande questão sexista da linguagem centra-se no uso genérico dos pronomes masculinos (eles, todos) e da palavra homem como representativos de ambos os géneros indiferenciadamente. Estes dois aspetos são algo que as feministas se têm esforçado para mudar, de modo a alcançar uma linguagem não sexista, mais inclusiva (Graham 1975: 117). Assim, por exemplo, a palavra Homem deveria ser substituída por humanidade. De facto, cada vez mais, principalmente no mundo dos negócios, da educação e da publicidade, se procura uma linguagem inclusiva.

Como já referimos, Sara Mills (2008) distingue dois tipos de sexismo: o sexismo direto e o indireto, este último resultado do combate ao sexismo. Assim, o sexismo direto engloba as seguintes categorias:

1. palavras e significados (inclui nomes, dicionários, pronomes, insultos, nomes depreciativos, os apelidos e os títulos);
2. processos (inclui uma análise da transitividade, do discurso indireto e das piadas) (Mills 2008: 42).

No que diz respeito às *palavras e significados,* importa relembrar a distinção que Sara Mills (2008) faz entre o sexismo institucional e o individual. A linguagem sexista foi institucionalizada através de dicionários e gramáticas, documentos políticos e relatórios dos governos, através do uso de pronomes genéricos e termos mais particulares para referir a mulher. Portanto, este discurso convencional, baseado em estereótipos, vem atestar o sexismo individual presente nas conversações do dia-a-dia.

Dentro desta categoria – *palavras e significados* –, muitas feministas, debruçando-se sobre o sexismo da linguagem nos anos de 1970-1980, centraram-se nos nomes, argumentando que a linguagem era "man-made" e que a mulher era excluída do processo de nomear e definir. Dale Spender (2001) afirmou que os homens, como grupo dominante, têm produzido a linguagem, o pensamento e a realidade, sendo que as mulheres particamente não desempenham qualquer papel nessa produção[25]. Portanto, esta visão determinista de Dale Spender estabelece uma relação entre a linguagem e a realidade, sendo que a linguagem foi criada pelo homem, que tem mais poder, a linguagem representa e nomeia a mulher como inferior e negativamente. Dale Spender aparece, assim, como representante daqueles que consideram a linguagem causa da opressão feminina e não somente sintoma dela (Cameron 1992: 104). Cameron (1992) conclui assim que todas as palavras encarnam sexismo, porque o seu significado e uso é fixado por homens numa perspetiva antifeminista[26].

25) *Cf.*: " Males, as the dominant group, have produced language, thought and reality. Historically it has been the structures, the categories and the meanings which have been invented by males - though not of course by *all* males – and they have then been validated by reference to other males. In this process women have played little or no part" (Spender 2001: 143).

26) *Cf.*: "[…] all words embody sexism because their meaning and usage is fixed by men from an antifeminist perspective" (Cameron 1992: 104).

Embora pareça claro, para Dale Spender (2001), que o sexismo da linguagem é o reflexo de uma sociedade patriarcal, para Sara Mills (2008), a linguagem é um sistema sujeito à mudança. Por isso, as crenças e estereótipos sobre a mulher podem vir a mudar. Do mesmo modo, os termos sexistas que existem na linguagem para designar a mulher também podem ser alterados (Mills 2008: 44). Da mesma forma, também Janssen-Jurreit (1982) alertou que nem sempre as sociedades foram patriarcais (Janssen-Jurreit 1982: 70). Por outro lado, como os dicionários e as gramáticas são sítios onde se regista a língua e a linguagem e as suas regras, também eles foram alvo de crítica por representarem e preservarem uma linguagem sexista, nomeadamente através das regras do uso dos nomes e dos pronomes genéricos (cf. capítulo seguinte).

Dentro da categoria das *palavras e significados*, Sara Mills (2008) apresentou, tal como Cameron (1992), os insultos e os nomes semanticamente depreciativos, usados para referir a mulher. No atinente aos insultos, estes estão maioritariamente ligados à sexualidade da mulher (por exemplo, *puta, vaca, cabra*…). Já os nomes, que ganham um valor semântico depreciativo, são termos que têm vindo a ser associados à mulher e à sua feminilidade e que, historicamente, têm vindo a tornar-se depreciativos e pejorativos. Por exemplo, *menina*, *dama*, *madame, rainha, patroa* eram termos que inicialmente eram usados para designar mulheres com poder, mas que degeneraram para outros significados mais depreciativos.

Por último, nesta categoria das *palavras e significados*, Mills (2008) inclui ainda os apelidos e os títulos. O sexismo dos apelidos está presente no facto de as mulheres adotarem o apelido dos maridos e ser o apelido dos maridos aquele que permanece na família. Efetivamente, é o apelido do homem que designa a família e que perdura na transmissão de geração em geração, pois é o nome que passa de pais para filhos. Por outro lado, as mulheres passam a ser designadas pelo apelido do marido. Lakoff (1975) havia alertado para o facto de as mulheres serem referidas ou chamadas em função do homem próximo delas. Eakins e Eakins (1978), partindo desta ideia de Lakoff, afirmam que as mulheres são muitas vezes designadas em função do seu parceiro masculino. Assim, é muito comum escutar *a mulher ou a esposa do João, a namorada do Pedro, a irmã do António, a filha do Joaquim, etc*. Quanto aos títulos, existe também

sexismo. As mulheres são chamadas por *Menina* ou *Senhora* consoante o seu estado civil, ou seja, aqui o título depende sempre da sua relação com o homem. Tal diferenciação não existe relativamente ao homem.

No que concerne à segunda categoria, *os processos*, Sara Mills (2008) aborda a transitividade dos verbos, o uso do discurso indireto e as piadas. As mulheres são apresentadas como mais passivas e submissas na ação. Mary Ritchie Key acrescenta que estas passividade e submissão das mulheres são ainda reiteradas pela sua linguagem não verbal, já que, normalmente, as mulheres estão com a cabeça inclinada, ou seja, cabisbaixas (Key 1996: 105). Os homens usam mais a voz ativa, apresentando-se como agentes da ação. Por outro lado, as mulheres usam também o discurso indireto, tal como Lakoff (1975) já havia defendido. Enquanto os homens dão ordens diretas, as mulheres fazem sugestões ou mesmo pedidos; os homens fazem afirmações, as asserções das mulheres aparecem disfarçadas de perguntas. Por último, as piadas são uma forma complexa de excluir as mulheres, como grupo minoritário, sem, no entanto, assumir qualquer responsabilidade dessa exclusão. Normalmente as piadas sexistas permitem dar visões inaceitáveis da mulher, já que o contador da anedota não se responsabiliza pela sua autoria, uma vez que foi também alguém que lhe contou[27].

Assim sendo, embora seja difícil eliminar o sexismo presente na linguagem e nas línguas, a verdade é que foram as feministas que chamaram à atenção para esse sexismo e para as suas implicações. No fundo, o que acontece é uma má representação do mundo, onde a mulher tem um papel secundário, meramente sexual, e é muitas vezes encarada como fonte do mal[28]. Esta é a visão dada por um "feminismo radical", que encara a linguagem de uma forma determinista. De acordo com este determinismo, a linguagem determina as nossas perceções do mundo e do que nos rodeia. Assim, a linguagem determina a nossa realidade, a nossa perceção dessa realidade e o nosso pensamento sobre ela. Do mesmo

27) *Cf.*: "Sexist jokes allow generally unacceptable views of women to be expressed, because the person who tells the joke generally can claim that they themselves did not make up the joke" (Mills 2008: 71).

28) *Cf.*: "There has been widespread protest against what is seen as a constant and damaging misrepresentation of the world by sexist language. In that language women are portrayed as second class citizens, neither seen or heard, eternal objects and personifications of evil" (Cameron 1992: 128).

modo, como se vive numa sociedade patriarcal, são os homens que controlam a linguagem e todos os recursos desta sociedade; são os homens que determinam como a linguagem é usada e o que ela significa, e, consequentemente, a linguagem consagra uma visão masculina e misógina do mundo[29]. Logo, para este feminismo radical, as mulheres ficam em desvantagem enquanto usuárias da língua, na medida em que têm de usar a linguagem masculina, falsificando, por isso, as suas experiências e perceções (Cameron 1992: 130). De acordo com este ponto de vista, a mulher vive, fala, escreve e assina num mundo criado pelo homem e à sua semelhança. Por isso, a mulher tem mais dificuldade em expressar-se em público, sendo menos participativa em conversas públicas do que em situações de conversação mais privadas.

Um exemplo deste feminismo radical pode ler-se na obra de Dale Spender, *Man Made Language*, publicado pela primeira vez em 1980. Nesta obra, Dale Spender apresenta o homem como aquele que controla os significados da linguagem e impõe a sua visão e perceção do mundo. A mulher, por sua vez, está impossibilitada de simbolizar / representar a sua experiência através da linguagem masculina, uma vez que vive na realidade masculina e é incapaz de dizer alguma coisa da sua realidade. De facto, este conflito entre a experiência da mulher e a linguagem força a mulher ao silêncio, uma vez que se encontra de fora, não só da realidade criada pelo homem, mas também da linguagem. Portanto, para a autora, existe um perpetuar da linguagem sexista através desta ordem patriarcal existente na sociedade, conduzindo a uma alienação da mulher perante a linguagem. A mesma ideia foi corroborada por Andrea E. Goldsmith, que afirmou que a ideologia da patriarquia tem sido perpetuada através do desenvolvimento de um uso da linguagem cuidadosamente estruturado, rematando que a linguagem é a guardiã da patriarquia (Goldsmith 1980: 181). No fundo, tal como apresenta Sherry B. Ortner, o estatuto secundário da mulher na sociedade ocidental é um facto pan-cultural universal (Ortner 1974: 67), resultado da organização social e económica das sociedades.

29) *Cf.*: "Men determine how language is used and what it means; and consequently language enshrines a male and misogynist view of the world" (Cameron 1992: 130).

Seguindo esta ordem de ideias, Cheris Kramarae (1981) defendeu a teoria da "mulheres como grupo silenciado"[30], segundo a qual a linguagem, ou língua de determinada cultura, não serve, nem é usada de igual forma por todos os indivíduos. As mulheres, como grupo subordinado, não são livres e capazes, como os homens, de dizer o que querem, quando e onde querem, uma vez que estão a usar uma linguagem criada pelo homem[31]. Kramarae (1981) apresenta uma lista de caraterísticas, que considera caraterizar a sua "teoria da mulher silenciada", revelando a coexistência de diferentes visões do mundo por parte da mulher e do homem:

1. As mulheres têm mais propensão para sentir dificuldades em expressar-se fluentemente nos domínios públicos de expressão.
2. Os homens têm mais dificuldade do que as mulheres em compreender o que os membros do sexo oposto querem dizer.
3. As mulheres tendem a encontrar formas para se expressarem fora dos modos públicos dominantes de expressão utilizados pelos homens de forma verbal e não verbal.
4. As mulheres são mais propensas a indicar insatisfação com os modos dominantes de expressão.
5. As mulheres que se recusam a viver de acordo com as ideias do grupo dominante (por exemplo, as mulheres modernas) vão alterar os modos de expressão pública dominantes.
6. As mulheres não são tão propensas a criar palavras que se tornem largamente reconhecidas e usadas, quer por homens, quer por mulheres.
7. O sentido de humor das mulheres é diferente do sentido de humor dos homens (Kramarae 1981: 4).

30) Também Shirley Ardener se havia referido às mulheres como um "muted group" (Ardener 1978: 20), uma vez que as mulheres, para se fazerem ouvir, teriam de falar a linguagem / discurso do grupo dominante, os homens. As mulheres ocupam, assim, uma posição inferior e subalterna na sociedade (Ardener 1975ª: xxi).

31) *Cf.*: "Women (and members of other subordinate groups) are not as free or as able as men are to say what they wish, when and where they wish, because the words and the norms for their use have been formulated by the dominant group, men. So women cannot as easily or as directly articulate their experiences as men can" (Kramarae 1981: 1).

Portanto, a ideia de que as mulheres têm mais dificuldade em expressar-se parece implícita na teoria da "mulher silenciada", embora outras teorias e investigadores considerem que a mulher fala mais do que o homem. Por outro lado, não podemos esquecer que os estudos sobre a organização do cérebro apresentam a mulher como possuindo mais competências linguísticas, uma vez que usa ambos os hemisférios do cérebro, enquanto a capacidade linguística do homem aparece mais lateralizada no hemisfério esquerdo (cf. Moir e Jessel 1992; Maccoby 2003).

Por seu turno, Dale Spender acrescenta que as próprias investigações e estudos sobre a *linguagem da mulher* têm sido elaborados sob a premissa de que a *linguagem da mulher* é inferior e, enquanto não se provar o contrário, permanecer-se-á neste ciclo vicioso[32]. Na verdade, para Dale Spender, numa sociedade que desvaloriza a mulher, não é de admirar que também a sua linguagem seja desvalorizada. A mesma ideia é defendida por Cheris Kramarae, que considera que o discurso feminino tem sido desvalorizado ao longo dos tempos, uma vez que tem sido excluído dos lugares públicos de conversação (Kramarae 1981: xiii). Na mesma linha de pensamento, Julia T. Wood acrescenta e defende que a linguagem masculina não é norma absoluta, mas aquela que é socialmente construída e ensinada como a norma (Wood 1996[b]: 8). Nesta corrente de pensamento, estiveram ainda antes Casey Miller e Kate Swift, quando escreveram *Words and Women*, em 1976, onde postulam o sexismo do discurso, defendendo que a linguagem é incapaz de expressar a mulher e a sua experiência na globalidade, uma vez que o homem é que é a norma e a mulher tem um estatuto secundário. Por isso, propuseram uma mudança / reforma na linguagem, para que esta dê voz à mulher. Admitiram que essa mudança já estava a acontecer devido, sobretudo, à emancipação da mulher no mundo do trabalho e às leis que entretanto se foram redigindo. No entanto, reconhecem que a transformação da linguagem numa linguagem mais inclusiva é um processo moroso e difícil, passando obrigatoriamente pela socialização e formação das crianças.

32) *Cf.*: "Experiments and theories have been constructed on the premise that women's language is inferior and by some strange 'logic' where this premise has remained unproven, the result is *not* the rejection of the initial premise, but the 'explanation' that researchers have been 'looking in the wrong place'" (Spender 2001: 10).

O facto de os últimos milhares de anos terem sido dominados por sociedades patriarcais faz com que as ideologias se mantenham mais arreigadas e a evolução seja constantemente travada, quer por ideais culturais, quer sociais, políticos ou religiosos. Não podemos esquecer que estas ideologias começam em casa, na família, onde o homem vive com a sua mulher e os filhos. Nesse sentido, Sara Mills (2008) argumenta que o sexismo está ainda mais estigmatizado do que no passado. De facto, o sexismo perdura e sobrevive nesta constante luta de vozes contra a discrimação e exclusão pela linguagem através de um sexismo indireto, como o denomina Sara Mills (2008), decorrente do desenvolvimento do conceito do "politicamente correto". Neste contexto, muitas instituições tentam irradicar todo o tipo de sexismo das suas organizações. Isto não quer dizer que todo o sexismo aberto ou direto seja eliminado da interação comunicativa, mas pelo menos no discurso público e oficial tornou-se estigmatizado. Concomitantemente, como reação à pressão da estigmatização, desenvolve-se o sexismo indireto, ou seja, o sexismo prevalece, mas encoberto pelo humor, pela ironia e pela pressuposição, que livra de qualquer responsabilidade sobre esse sexismo (Mills 2008: 133). Para Sara Mills (2008), este novo sexismo deve ser apelidado indireto, porque ele é reminiscente do antigo sexismo, só diferindo pelo modo como é expresso. Por sua vez, Lazar (2005) chama-lhe sexismo subtil ("subtle sexism"). Por isso, Mills acrescenta que o facto do humor e da ironia serem usados não muda a natureza do próprio sexismo[33].

Em suma, para Mills (2008), o sexismo indireto é também um produto do modo como alguns homens lidam com a sua masculinidade face aos desafios do feminismo. Portanto, este sexismo indireto resulta da reação provocada entre os homens pelo novo papel que a mulher vai conquistando no mundo do trabalho, nas relações interpessoais e no poder que vai alcançando. Ao mesmo tempo, pode também ser visto como um novo modo de expressar sexismo, mais sofisticado pela ironia e pelo humor, retirando qualquer responsabilidade sobre

33) *Cf.*: "[...] the fact that humour and irony are used when being sexist does not change the nature of the sexism itself, but rather changes the way it can be responded to" (Mills 2008: 134).

esse sexismo. No fundo, tanto o sexismo direto como o indireto emanam da mesma insegurança sobre o estatuto da mulher na sociedade[34].

Portanto, este sexismo indireto é um tipo de sexismo mais difícil de eliminar. No entanto, o facto de o sexismo direto/aberto ser, hoje em dia, recriminado e eliminado da linguagem institucional é uma grande mudança. Porém, muitos estereótipos e ideologias prevalecem. Enquanto referir homem e mulher não é sexista, as palavras masculino e feminino são sexistas, uma vez que é impossível usá-las sem invocar os estereótipos culturais e sociais que lhe estão associados. O mesmo se passa com as restantes palavras, já que linguagem nomeia e constrói uma realidade em que a mulher é ignorada e ainda continua discriminada. Por isso, se continuam a discutir questões relacionadas com uma linguagem gramaticalmente mais inclusiva, do mesmo modo que ainda se distingue a linguagem tipicamente masculina e a linguagem tipicamente feminina, enumerando as suas caraterísticas (vejam-se pontos seguintes).

2.4.2. O género na gramática

Alguns teóricos, pioneiros no estudo do género na linguagem (Cf. Lakoff 1975; Spender 2001 [1.ª ed. 1980]); Coates 1986; entre outros), consideram que a mulher vive / convive / fala a linguagem / língua usada no dia-a-dia, uma vez que ela fala uma espécie de "women's dialects" (Baron 1986: 6). Baron (1986) destaca mesmo que, em alguns casos, as mulheres são tidas como falantes de uma outra língua, diferente da dos homens[35]. Neste sentido, o género masculino, em termos gramaticais, é tido como a norma /regra, excluindo, dessa forma, a mulher da linguagem. Dale Spender (2001) interpreta esta regra como uma forma de perpetuar o poder e o domínio do homem sobre a linguagem. Da mesma forma, o uso da palavra 'homem', muitas vezes maiusculizada, para referir toda

34) *Cf.*: "Both of these types of sexism spring from the same insecurity around women's position within society, and institutions, whilst challenging overt sexism on the whole, continue to promulgate indirect sexism" (Mills 2008: 160).

35) *Cf.*: "In extreme cases, women are thought to speak an alien tongue, a language altogether different from that of men" (Baron 1986: 6).

a humanidade (homens e mulheres), é encarado como uma forma de excluir a mulher da sociedade e da linguagem (cf. Spender 2001: 150). O mesmo se passa com o uso do pronome pessoal, terceira pessoa do plural, para referir homens e mulheres. Tal como acentua Jeanette Silveira (1980), tanto o uso da palavra homem como do pronome pessoal como genéricos são o reflexo da tendência masculina da língua, que fomenta o pensamento sexista e a alienação da mulher (Silveira 1980: 171 e 176). Muitas feministas, e não só, defendem uma linguagem mais inclusiva, que abdique do uso do plural na forma masculina para fazer as generalizações, que, afinal, não são entendidas como tal, excluindo a mulher. Efetivamente, o masculino genérico é ambíguo e, embora os linguistas digam ser apenas uma caraterística da gramática, é mais do que uma caraterística da gramática, mas um fator que reflete e mantém o sexismo (Martyna 1983: 26)[36]. No fundo, estas questões gramaticais reiteram as diferenças sociais existentes, daí a necessidade de mudar estas regras, tal como já alguns teóricos tentaram na língua inglesa, no entanto, até agora sem efeito (Martyna 1983: 30-33). De facto, o grande argumento apresentado contra o uso de termos masculinos como genéricos diz respeito à perpetuação cultural de que o homem é a norma e a mulher uma variação ou derivação (Miller e Swift 1976: 142).

Por outro lado, vários foram também os teóricos que assinalaram que a atribuição de género, masculino ou feminino, aos objetos, animais ou plantas, está associada às caraterísticas físicas do homem e da mulher (cf. Jespersen 1922; Correia 1927; Baron 1986). No fundo, parece haver uma personificação das plantas e dos animais à semelhança das caraterísticas do homem e da mulher. No entanto, o género masculino é sempre o primeiro, sendo que o feminino é sempre criado a partir do masculino (Baron 1986: 92), nem que não seja pela adição de algum sufixo ou alteração de uma simples letra. Porém, quando se pretende englobar toda uma comunidade, volta-se a usar o plural no género masculino, conotando assim uma linguagem patriarcal.

Outra questão pertinente tem a ver com os nomes próprios dos homens e das mulheres, mais especificamente os apelidos. Casey Miller e Kate Swift

36) *Cf.*: "[...] it is more than a feature of grammar, but a factor which both reflects and maintains societal sexism" (Martyna 1983: 26).

afirmam mesmo que os nomes das mulheres são menos importantes do que os dos homens, uma vez que elas ocupam um papel secundário na sociedade (Miller e Swift 1976: 2). Na nossa sociedade, o nome de família que prevalece é sempre o apelido do homem, o pai e chefe de família. No caso de Portugal, a situação é curiosa, pois só tivemos legislação sobre os apelidos em 1928. A primeira saiu no Código do Registo Civil de 1928, art. º 213, que continha uma adenda, na qual se determinava que "[...] o número de apelidos não deverá ser superior a quatro e serão escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou último ser do pai". Entretanto, sai Código do Registo Civil de 22 de Dezembro de 1932, que retoma, no art.º 242, a questão dos apelidos, com uma única alteração ao disposto no antes citado código de 1928: "o número de apelidos não deverá ser superior a três e serão escolhidos de entre os nomes de família dos pais dos registados, devendo os últimos ou último ser do pai" (Monteiro 2008: 46). Contudo, antes destes códigos, não vigorava em Portugal qualquer norma legal, sendo que, muitas vezes, o último apelido era o materno[37].

Acresce ainda que muitas mulheres, quando casam, adotam o apelido do marido. Em Portugal, "[...] também parece datar do século XIX o costume de as mulheres adoptarem o apelido do marido" (Monteiro 2008: 47), sendo que a primeira disposição legislativa que contempla essa possibilidade é, curiosamente, a lei republicana da família de 25 de Dezembro de 1910.

Para Dale Spender, a valorização do nome próprio do homem e o seu domínio na família e na descendência é um sinal de uma sociedade patriarcal, que continua a corroborar uma ideia de mulher invisível na sociedade e na linguagem (Spender 2001: 24, 28; Thorne *et al.* 1983: 10). Por seu turno, para

37) *Cf*.: "Na verdade, não vigorando em Portugal quaisquer normas legais sobre o assunto, o apelido ou conjugação de apelidos mais importantes eram em regra, até ao século XIX, os primeiros que se usavam depois do nome próprio, deixando-se frequentemente cair os restantes. O primeiro apelido era geralmente o paterno, embora se pudessem escolher livremente de entre os usados pelos pais ou pelos quatro avós, sendo frequentes os casos de irmãos que não usavam o mesmo apelido, como adiante se verá. Em síntese, as práticas dominantes em Portugal eram, até então, genericamente semelhantes às que se usavam no resto da Península Ibérica, ao contrário do que é usual pensar-se. Um exemplo paradigmático é o do próprio António de Oliveira Salazar (1889 / 1970), filho de António de Oliveira (1839 / 1932) e de Maria do Resgate Salazar" (1845 / 1926) (Monteiro 2008: 47).

Julia T. Wood, a tendência, ainda predominante, das mulheres assumirem os nomes dos maridos é uma prática que reflete a crença de que a identidade de uma mulher é baseada a partir da sua relação com um homem[38] (Wood 1996[b]: 10). Esta assimetria na representação da mulher e do homem na famíla e na sociedade pode também verificar-se, como sublinhou Philip M. Smith (1985), na ordem de precedência dada aos homens e mulheres quando são nomeados juntos. Deste modo, é comum surgir: *homem e mulher, marido e mulher, irmão e irmã, filho e filha, rei e rainha, Adão e Eva*, pondo de lado a etiqueta, que postula "as senhoras primeiro" ou "as senhoras antes dos senhores". Sherry Ortner e Harriet Whitehead consideram que as relações de parentesco e o casamento são formas para perceber como tem sido construído culturalmente o género na sociedade (Ortner e Whitehead 1981[b]: 11). Por outro lado, o prestígio do homem na sociedade, onde este domina a esfera pública, e a mulher, a esfera doméstica, faz com que as relações entre os géneros seja organizada como suporte do maior prestígio masculino.

Por conseguinte, as diferenças comunicativas entre homens e mulheres estão também presentes na questão do género gramatical, uma vez que este corrobora as ideias e os ideais da sociedade/comunidade que fala a língua. Nesse sentido, o predomínio do género masculino é uma herança da sociedade patriarcal que lhe deu origem e revela também uma gramática prescritiva que, de certa forma, continua a perpetuar uma linguagem sexista (Mackay 1983: 38). Barrie Thorne e Nancy Henley destacam o maior número de entradas de formas masculinas nos dicionários (Thorne e Henley 1975[b]: 21). Também Penepole Eckert e Sally McConnel-Ginet (2003) consideram que o género presente na gramática, e aplicado nas formas linguísticas usadas no dia-a-dia, são uma forma de conservar as ideologias de género e de as manter vivas na interação discursiva e social[39].

38) *Cf.*: "The still-prevalent tendency of women to assume the names of their husbands is a practice that reflects the belief that a woman's identity is based on her relationship to a man" (Wood 1996[b]: 10).

39) *Cf.*: "By incorporating gender in linguistic forms, social gender is "called up". On occasion the language makes it difficult for a speaker to ignore gender, or to speak about specific people without reference to gender. Of course, while the grammar may make gender marking obligatory, speakers can construct their discourse in such a way as to choose, avoid or emphasize their reminders of gender" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 69).

Por conseguinte, o género gramatical, e as alterações que ele traz consigo (sufixos, novas palavras), acentua que existem diferenças linguísticas entre os géneros e, simultaneamente, eterniza o género na comunicação entre os indivíduos. Este é então um aspeto fundamental de análise para partir para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

2.4.3. A linguagem do homem

Casey Miller e Kate Swift (1976) apresentam o homem como a norma na sociedade e na linguagem. Efetivamente, tal como se referiu no ponto anterior, embora seja gramaticalmente correto usar a palavra *homem* para referir a espécie humana, para Miller e Swift, tal simboliza a inferioridade feminina, uma vez que *homem* é usado maioritariamente para distinguir homem de mulher[40]. Esta ambiguidade no uso do termo *homem* como genérico, englobando homem e mulher, acentua a exclusão da mulher, uma vez que é grandemente interpretado como referindo-se somente ao género masculino. O mesmo se passa com o pronome pessoal *ele* /*eles*, e Miller e Swift reconhecem o poder excludente destas palavras e a sua incapacidade de comunicar a realidade (Miller e Swift 1976: 38). Neste seguimento, dada a norma masculina, torna-se natural pensar nas mulheres como uma classe auxiliar e subordinada, tornando-se facilmente um grupo minoritário[41]. Também Dale Spender (2001) sublinhou o facto de o homem ser a norma no uso da linguagem, considerando mesmo que as mulheres aparecem como deficientes ou desviantes nos estudos da linguagem e do género[42]. A autora destaca mesmo que os próprios estudos e teorias sobre a

40) *Cf.*: "The use of *man* to include both women and men may be grammatically "correct", but it is constantly in conflict with a more common use of *man* as distinguished from *woman*. This ambiguity renders *man* virtually unusable in what was once its generic sense – a sense all-too-accurately illustrated in Tennyson's line, "Women is the lesser man" (Miller e Swift 1976: 22-23).

41) *Cf.*: " [...] given the male norm, it becomes natural to think of women as an auxiliary and subordinate class, and from there it is an easy jump to see them as a minority or a special-interest group" (Miller e Swift 1976: 41).

42) *Cf.*: "[...] women appear as deficient – or deviant – in studies of language and sex" (Spender 2001: 7).

linguagem da mulher têm sido construídos sob a ideia da inferioridade da mulher (Spender 2001: 10). Esta superioridade masculina na linguagem tem como suporte fundamental a posição dominante que o homem ocupa na sociedade, uma sociedade patriarcal. Sendo o ator principal desta sociedade, é o homem que controla e domina o discurso público. Embora haja a crença de que as mulheres são muito conversadoras, são os homens que controlam as conversas públicas, revelando-se oradores confiantes e seguros (Spender 2001: 78).

Por outro lado, Dale Spender defendeu que a linguagem foi criada pelo homem (Spender 2001: 143). Portanto, os termos, os significados, as estruturas são carateristicamente masculinos, fazendo com que o homem se sinta completamente à vontade com a linguagem e a mulher se tenha de adaptar à linguagem do homem[43]. A mesma ideia é defendida por Cheris Kramarae, que afirma que as mulheres raramente são identificadas como participantes na construção da língua inglesa[44]. Esta visão determinista da linguagem explica o domínio masculino na linguagem e, consequentemente, a exclusão da mulher. Este ponto de vista é também defendido por Marie Louise Janssen-Jurreit, que defende que a linguagem do homem é a linguagem do poder (Janssen-Jurreit 1982: 280).

Jennifer Coates (2003) apresentou um estudo onde analisa e carateriza a linguagem do homem a partir da análise de várias gravações de conversações entre homens e conversações mistas (onde estão presentes homens e mulheres). Um dos primeiros aspetos que Coates sublinhou é o envolvimento de todos os membros do grupo na conversação, todos contribuem para a discussão de determinado assunto (Coates 2003: 5). A autora também salienta que este resultado é, de certa forma, condicionado porque as gravações foram feitas entre grupos de homens amigos e/ou familiares, que aceitaram que as suas conversações fossem gravadas, revelando um certo cooperativismo como caraterística comum (Coates

43) *Cf.*: "Males, as the dominant group, have produced language, thought and reality. Historically it has been the structures, the categories and meanings which have been invented by males – though not of course by *all* males - and they have been validated by reference to other males. In this process women have played little or no part "(Spender 2001: 143).

44) *Cf.*: "[...] women are seldom identified as participants in the construction [...] of English language" (Kramarae 1981: 33).

2003: 195). Do mesmo modo, as interações conversacionais foram condicionadas pelo próprio facto de os falantes saberem que as suas conversações estavam a ser gravadas e quem as ia escutar e analisar era uma mulher.

Nas conversações gravadas, os homens apresentam-se como orientados para a ação/concretização, competitivos e pouco emotivos (Coates 2003: 78). De acordo com estas caraterísticas, as conversações dos homens distinguem-se relativamente à conversação feminina por uma certa agressividade na discussão dos assuntos, recorrendo muitas vezes ao insulto e à blasfémia, e, por outro lado, são demasiado meticulosos na exploração dos detalhes e das técnicas de algo ou alguma coisa (Coates 2003: 11). Acrescente-se ainda a tendência masculina para contar histórias no desenrolar de uma conversa. Todos os homens, a propósito de alguma coisa, têm uma história pessoal para atestar o que se fala. Nessas histórias, os protagonistas masculinos são retratados como heróis solitários. A competição é um tema constante, seja em histórias sobre um feito desportivo ou um confronto violento. As histórias sobre os feitos banais do dia-a-dia, como encontrar um bom vinho a metade do preço, comprar um novo telemóvel, etc., são comuns. A ênfase no feito de conseguir levar a melhor perante a autoridade (como um polícia) é também uma história para contar, que conota a grande consciência que os homens têm do poder e da autoridade. Poder é ainda um tema constante em histórias mais sexistas e homofóbicas, em que as mulheres e os homossexuais são tidos como inferiores. Portanto, nas conversações masculinas há uma constante apologia da heterossexualidade.

A propósito das conversações entre homens, Cheris Kramarae (1981) reiterou também que, nas suas interações conversacionais, os homens tendem a contar histórias baseadas na agressão e na superioridade masculinas, revelando pouco sobre si próprios, contrariamente ao que fazem as mulheres. Uma outra caraterística que sobressai é o facto de os homens nunca falarem de sentimentos e emoções nas suas conversas, evitando mostrar vulnerabilidade. Tal pode ser resultado da constante associação do homem à racionalidade e da mulher às emoções. No entanto, apesar de evitarem expressar sentimentos, os homens também estabelecem conexões e relações, por exemplo através do contar histórias colaborativamente e em sequência (Coates 2003: 198). Estas histórias em sequência constituem-se como estratégia para construir amizades, uma vez

que contar uma segunda história implica espírito de partilha e de cooperação e, obrigatoriamente, ter escutado as histórias anteriores com atenção[45]. Esta é uma forma de mostrar respeito e compreensão das situações que os outros relatam. Porém, Jennifer Coates destaca que os homens, quando querem expressar emoções, ou seja, desabafar, procuram mulheres como interlocutoras (Coates 2003: 199).

De facto, em conversações com os amigos, os homens falam e riem de assuntos banais do dia-a-dia. Quando em grupos mistos, os homens tendem a exibir-se e a querer impressionar as mulheres presentes. Por outro lado, quando em conversas de família, os homens ocupam uma posição dominante, com poder para avaliar as contribuições conversacionais dos outros. Os pais e os avós têm ainda oportunidade de contar histórias do passado, o que não acontece com as mulheres (Coates 2003: 195-196).

Em síntese, da análise que fez das gravações, Coates conclui que o resultado dá uma impressão de ordem e estabilidade e é, em muitos aspetos, surpreendentemente tradicional (Coates 2003: 195), conotando a presença dos esterótipos tradicionais sobre a linguagem dos homens e realçando as diferenças de género na comunicação. Efetivamente, na maioria das interações conversacionais, os falantes masculinos pautam-se pelas normas dominantes, ou seja, normas associadas à masculinidade. Assim, este "dominant mode of being a man" está tipicamente associado à heterossexualidade, à dureza, ao poder e autoridade, à competitividade e à subordinação dos *gays* (Coates 2003: 196). Jennifer Coates acrescenta ainda que as interações conversacionais masculinas revelam a preferência aparente dos homens por amizades com outros homens, mas estas amizades baseiam-se na sociabilidade e não na intimidade, pois os homens evitam ter comportamentos que possam ser confundidos como femininos[46].

---

45) *Cf.* "I have argued that telling a second story involves co-participants in paying careful attention to what each other is saying. By telling a relevant second story, a co-participant communicates 'My mind is with you" (Coates 2003: 104); "The capacity of stories told in sequence to testify to the closeness of participants means that telling second stories can be a powerful way of 'doing' friendship" (Coates 2003: 105).

46) *Cf.*: "Men, as I have shown, normally choose to present themselves in alignment with the norms of hegemonic masculinity.
I have tried to bring into focus men's inexpressivity and their seeming preference for friendships

De facto, cada vez mais, se nota um certo receio masculino de as amizades entre homens serem identificadas com a homossexualidade. Por isso, Stuart Miller (1983) considera que as amizades entre homens em idade adulta começam a rarear (Miller 1983: 4). Concomitantemente, Coates (2003) frisou que se verifica uma espécie de crise de masculinidade, mas também de feminilidade, uma vez que os valores tradicionais, as ideologias e os estereótipos têm vindo a ser desafiados pelas mulheres e pelas suas lutas por direitos iguais[47]. Efetivamente, vários são os aspetos que concorrem para a mudança, desde mudanças nos padrões de emprego, passando pelo sucesso educacional e profissional, até às mudanças no casamento e no acompanhamento dos filhos. Mas, mais importantes são ainda as mudanças dos valores e das ideologias associados aos homens e às mulheres.

2.4.4. A linguagem da mulher

As discussões e os debates sobre a linguagem da mulher têm as suas raízes nos trabalhos de Robin Lakoff (1975) e de Dale Spender (1980). Ambas exploraram a linguagem da mulher em função da sua posição social relativamente ao homem, uma posição de subalternidade, que se refletia na linguagem. No entanto, ambas foram unânimes na apologia de estudos mais fundamentados, pois têm consciência da influência dos estereótipos na análise da linguagem da mulher.

Antes de procurarmos fazer um levantamento das caraterísticas atribuídas à linguagem da mulher, sublinhamos que, tal como já havia afirmado Cheris Kramer (1975), as mulheres enquanto falantes têm sido ignoradas pela investigação,

with other men which stress sociability rather than intimacy. Men enjoy having a laugh with each other and mulling things over, but they avoid self-disclosure and any behaviour that could be constructed as feminine" (Coates 2003: 200).

47) *Cf.*: "All this suggests that there is a problem. At the heart of the problem seems to be the fact that 'the old certainties about the male role' are disappearing and that traditional assumptions about gender identity are being challenged. Much of this challenge has come from feminism and from the social changes resulting from women's struggle for equal rights. Although popular commentators use the phrase 'crisis masculinity', it is clear that this is short-hand for a fenomenon that involves women as well as men, feminity as well as masculinity" (Coates 2003: 194).

proliferando, por isso, uma série de ideias pré-concebidas, transmitidas pela tradição, sobre como a mulher fala ou deve falar[48].

Assim, tendo em conta que vivemos numa sociedade predominantemente patriarcal, a mulher é encarada sob um ponto de vista sexual, ou seja, é encarada basicamente com uma função sexual reprodutora. Nesse sentido, a mulher não é igual ao homem na sociedade, usando a língua também de forma diferente. Dale Spender (2001) argumentou que a linguagem da mulher era considerada, numa sociedade patriarcal, como perigosa e ameaçadora da ordem instituída. Por isso, em capítulo anterior, abordámos a questão do sexismo na linguagem, uma forma de discriminar a mulher e a sua participação na linguagem, subalternizando-a e tornando-a invisível através da linguagem (Spender 2001: 64).

Também Robin Lakoff (1975) reiterou que as mulheres falavam uma linguagem própria, "women's language"(Lakoff 1975: 8), diferente da do homem. Esta "women's language" caraterizava-se, por exemplo, pelo uso de *tag questions*; entoação interrogativa em declarações; o uso de expressões que não comprometam ("hedges"); expressões ou palavras intensificadoras; discurso indireto; diminutivos; eufemismos; e ainda muita cortesia. Portanto, estas caraterísticas centram-se numa linguagem sem poder, uma linguagem que demonstra o poder inferior e mais fraco daqueles que a usam.

Porém, como sublinham Miller e Swift, com a evolução social e cultural, as mulheres, cada vez em maior número, estão a impor-se, ignorando os padrões de linguagem estritamente masculinos (Miller e Swift 1976: 117). No entanto, alertam que essa mudança é lenta e severa. Por exemplo, enquanto um miúdo que diz palavrões é incentivado e aplaudido, uma vez que está a mostrar que se está a formar homem, uma rapariga não pode fazer o mesmo, sendo logo discriminada, porque esse não é o comportamento adequado para uma menina, condicionando o seu modo de falar. Não obstante, não podemos deixar de lembrar que tem havido uma grande evolução neste campo, pois os palavrões fazem, cada vez mais, parte do vocabulário feminino. Contudo, como sublinham Miller

48) *Cf*.: "[...] women as speakers have been largely ignored in communication research, but that there is a sizable amount of information that can be called folk-view: how people think women speak or how people think women should speak" (Kramer 1975: 54).

e Swift (1976), ainda continuam a ser as mulheres as mais recriminadas[49]. Desta forma, os homens são mais diretos e impõem mais facilmente as suas ideias, já que nunca se sentiram restringidos na sua linguagem; as mulheres, por seu turno, sendo muitas vezes limitadas no seu discurso, criam um discurso indireto, demonstrando mais incertezas. Desta forma, Robin Lakoff afirmou que a mulher se torna mais cortês do que o homem, pois torna-se mais colaborante e apoiante, nunca ameaçando a face do interlocutor (Lakoff 1975: 18). Lakoff acrescenta ainda que estas diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem também as desigualdades no acesso ao poder, acessível maioritariamente ao grupo masculino[50].

Essa desigualdade de poder reflete-se no uso da linguagem na conversação, daí que a conversação entre as mulheres seja, muitas vezes, nomeada negativamente como *coscuvilhice*, *conversa para encher chouriços, mexericos, intriguices, alcoviteirice…* Da mesma forma, as mulheres são consideradas *coscuvilheiras, mexeriqueiras, intriguistas e alcoviteiras.* Portanto, as conversas femininas são vistas como triviais e, como os nomes acima sugerem, a sociedade desvaloriza essas práticas culturais das mulheres (Coates 1996: 1). As próprias amizades entre mulheres são baseadas na conversação, contrariamente às dos homens, que são baseadas em atividades em conjunto (Wright 1998: 49). A conversação é efetivamente fundamental para as amizades entre as mulheres, pois é através da conversação que estabelecem e mantêm as suas relações, baseadas na igualdade, na lealdade e na intimidade (Maltz e Borker 1982: 205). Através da conversação partilham histórias e experiências e apoiam-se mutuamente. Assim, as conversas e as amizades entre as mulheres são mais intimistas do que as dos homens, havendo uma maior abertura e partilha de sentimentos e emoções entre as mulheres (Wright 1998: 50-51).

49) *Cf.*: "Society, of course, still censures women more harshly than men for using "improper" language, and probably many more women than men continue to shy away from words they themselves identify as blasphemous or vulgar" (Miller e Swift 1976: 124).

50) *Cf.*: "The ultimate effect of these discrepancies is that women are systematically denied access to power, on the grounds that they are not capable of holding it as demonstrated by their linguistic behaviour along with other aspects of their behaviour; and the irony here is that women are made to feel that they deserve such treatment, because of inadequacies in their own intelligence and / or education." (Lakoff 1975: 7).

Jennifer Coates (1996), na obra *Women Talk*, apresentou os resultados da análise de um *corpus* de 20 conversações entre amigas e de 15 entrevistas etnográficas a mulheres sobre a amizade. A partir daí, Jennifer Coates procurou caraterizar a conversação da mulher e demonstrar o significado das interações conversacionais na amizade entre mulheres. Primeiramente, Jennifer Coates (1996) começa por destacar a importância da amizade na vida das mulheres. Como a amizade é uma relação entre iguais, não implica relações de poder, por isso as mulheres são mais participantes nas conversações entre amigas, pois sentem-se mais seguras e confiantes. Não obstante, Coates (1996) frisa que a amizade pode ser encarada como uma forma de perpetuar o domínio masculino, uma vez que as conversações servem para desabafar sobre os problemas que as mulheres têm com o sexo oposto[51].

Por outro lado, há também quem defenda que a amizade pode ser uma forma de resistência, sendo encarada como "a relação do futuro" (Coates 1996: 41), uma vez que, contrariamente às outras relações mais próximas, esta não implica contratos, nem rituais sociais, e, acima de tudo, é fundamentada na igualdade, mesmo que haja diferenças de idade, de classe, étnicas ou económicas. Esta é a posição de Pat O'Connor (1992: 14), que defende que, quanto mais a sociedade minorizar e discriminar as mulheres, mais os laços de amizade entre si se fortalecem. Do mesmo modo, Pat O'Connor (1992: 177) também considera que a amizade é uma forma de construir a identidade da mulher na realidade sociocultural envolvente, erigindo a sua afirmação social perante o homem / marido, que vê, muitas vezes, na amizade feminina uma ameaça à sua estabilidade.

51) *Cf.*: "Those that argue that female friendship is a conservative force aknowledge the strengths of women's friendships but claim that these friendships serve as an emotional outlet for women who are frustrated in their marriages or partnerships with men, and that they therefore help to support heteropatriarchy. In other words, by taking up the slack in male-female relationships, female friendship helps to prop up the institution of marriage, and thus helps to perpetuate male dominance of women" (Coates 1996: 41).

Na amizade entre mulheres revela-se fundamental a conversação que têm entre si[52]. De facto, como sublinham Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998: 216), a conversação é a substância e fundamento da amizade entre as mulheres, constituindo-se como a sua principal caraterística, à volta da qual a amizade perdura no tempo. É no domínio da conversação que as amizades entre mulheres se distinguem das amizades masculinas. Para os homens, as conversas são triviais e não são a base da sua amizade, como acontece entre as mulheres (Johnson e Aries 1998: 216). Nas suas conversações, as mulheres falam de si e das suas experiências, de outras pessoas (companheiros, amigos, filhos, etc.) e "de tudo e de nada" (Coates 1996: 49). Esta última citação, expressão proferida por uma das entrevistadas de Jennifer Coates, vem corroborar, de certa forma, a desvalorização tradicional que a sociedade atribui às conversas femininas. Por outro lado, pode ser interpretada, como o fez Jennifer Coates, como a possibilidade de falar de qualquer coisa (Coates 1996: 50). As mulheres falam ainda de outros assuntos tidos como 'tipicamente femininos', como sejam receitas de culinária, roupas, maquilhagem. Porém, estes assuntos não parecem ocupar muito tempo das suas conversas (Coates 1996: 52-53). É este tipo de conversa que Jones (1980) define como "gossip" ("fofocas"), uma vez que, em termos de tempo, é uma conversa breve e fragmentada e é, essencialmente, sobre o que uma mulher faz usualmente enquanto mulher (Jones 1980: 194-195). Por seu turno, Johnson e Finlay (1997) ultrapassam esta noção de "gossip", pois, para além de ser uma conversação casual, breve, fragmentada e fácil, envolve também falar com malícia dos outros e de rumores. Assim, provavelmente por essa razão, o "gossip" enquanto coscuvilhice, ou seja, discurso ou conversa sem interesse e sem valor, está associado à mulher e não ao homem[53].

52) Cf. "What surprised me was the completely unequivocal way in which women acknowledge the primacy of talk in their relationships with their women friends" (Coates 1996: 44); "For grown women too, the essence of friendship is talk, telling each other what they are thinking and feeling, and what happened that day" (Tannen 1990: 80).

53) *Cf.*: "It is probably because of the inherent connotations of gossip as discourse characterized by predominantly meaningless, yet frequently spiteful talk, perpetrated by those with little else to do, that the genre has often been associated with women. One rarely hears all-male interaction referred to as gossip" (Johnson e Finlay 1997: 130).

Um outro tema que, por vezes, aflora nas conversações femininas é a discussão de ideias, embora também não seja central. As conversas entre mulheres caraterizam-se por serem íntimas, fáceis, agradáveis e de partilha, não de competição, onde não há necessidade de agradar ou impressionar os outros. As conversações femininas estão organizadas por histórias e por discussões, havendo uma flutuação entre as duas em qualquer conversa entre amigas. História entende-se aqui como contar alguma coisa ou acontecimento autobiográfico ou sobre os outros. A discussão, por sua vez, corresponde a todas as partes da conversa em que todos participam e dão a sua opinião ou visão sobre algo. Enquanto a história envolve uma só falante, a discussão envolve todos os participantes (Coates 1996: 72). As histórias têm um papel fundamental na construção da amizade, uma vez que é através delas que a pessoa se dá a conhecer. Segundo Jennifer Coates (1996), quando duas amigas se encontram, elas falam e contam histórias sobre si uma à outra (Coates 1996: 94). Por conseguinte, as histórias têm uma função importante de manter em contacto as amigas e as suas vidas, criando a sua identidade[54]. Estas histórias que as mulheres contam às suas amigas são sobre as experiências, sobre elas próprias ou sobre alguém próximo delas, mas também se podem focar em rotinas, ritmos e rituais da vida do dia-a-dia.

Visto isto, notam-se completamente as diferenças entre as narrativas contadas pelas mulheres e as contadas pelos homens, estas últimas mais centradas no perigo, na competição, na violência, no conflito e nas conquistas. Nas histórias femininas, a ideia de heroísmo não está presente, muitas vezes as suas histórias focam-se no que corre mal e nos seus medos e anseios, em detrimento dos grandes feitos e das conquistas (Coates 1996: 99). Não obstante, também contam histórias que narram as suas conquistas. Subjacente a esta estrutura conversacional está o caráter colaborativo das interlocutoras, que, mesmo na narração de histórias, são participantes, colaborando para o desenrolar da história. Isto porque a narração de histórias tem como escopo a partilha

54) *Cf.*: "[...] have an important function in keeping in touch with each other lives, and in the construction of our identity (or subjectivity)" (Coates 1996: 95).

de experiências, sejam elas boas ou más[55]. Portanto, a conversação é uma construção que resulta do esforço de conjunto e de partilha, existindo, por isso, uma cooperação constante entre as interlocutoras. Uma vez habituadas a este universo de partilha e de colaboração, as mulheres conseguem adivinhar o que as outras querem dizer, ficando, por isso, muitas ideias e frases por acabar, mas que foram entendidas pelas outras mulheres (Coates 1996: 122). Estas ideias e frases inacabadas não querem dizer hesitação ou insegurança na comunicação, mas compreensão e cooperação entre as falantes. Nesta ordem de ideias, é também muito comum nas conversas femininas a sobreposição de discursos, ou seja, várias vozes a falar ao mesmo tempo. Porém, também esta caraterística não deve ser vista como competição, mas como cooperação, uma vez que todas as falantes querem contribuir para a conversação. Desta forma, no que concerne à tomada de vez na conversação, as mulheres revelam-se colaborantes e cooperantes na tomada de vez, uma vez que todas tomam a vez e participam na conversação, mesmo que seja simultaneamente, pois nunca é seu objetivo impedir as outras de participar. Por isso, as respostas mínimas - *sim*, *mhm*, *claro*, *pois* - são muito comuns nas conversas femininas, demonstrando que as interlocutoras estão envolvidas e participantes na conversa.

Por outro lado, as conversas entre mulheres tornam-se muito repetitivas, pois, como todas participam, repetem-se ideias, frases, expressões, assuntos, etc. (Coates 1996: 203). Não obstante, deve destacar-se que estas repetições conotam solidariedade entre falantes e envolvimento na conversação, corroborando o caráter colaborativo do discurso feminino e a conexão que se estabelece entre as mulheres.

O riso é também outro elemento significativo nas conversas femininas. E pode ocorrer como resposta a uma série de situações na conversa, desde em momentos anedóticos e divertidos de uma discussão, até no final de um desabafo ou de uma história dolorosa. O riso pode ser sinal de divertimento, surpresa, horror, simpatia ou catarse (Coates 1996: 145). Por outro lado, o riso ou sorriso

55) *Cf.*: "One of the primary aims of women's story-telling is to share experience, and women use stories to share pleasant experiences with each other, as well as experiences that are more painful" (Coates 1996: 113).

pode ter também um papel semelhante às respostas mínimas, ou seja, demonstrar que se está envolvido na interação conversacional.

Uma outra caraterística feminina apresentada por Coates são os chamados "hedges", ou seja, expressões 'barreira' ou de 'apoio', como *tu sabias que, talvez*, *do tipo, provavelmente*, *quero dizer, bem, penso que, acho que, se calhar, tu sabes que*… Estas expressões permitem evitar que se diga algo de definitivo e definido, deixando as nossas opções em aberto. Coates atesta que este tipo de expressões é frequentemente usado pelas mulheres nas suas conversas (Coates 1996: 152), sendo usado quando existe dúvida ou falta de confiança no que se está a dizer, para não ferir suscetibilidades ou os sentimentos dos outros, quando não se encontra a palavra certa, ou ainda para evitar ser-se tido como perito no assunto. Coates (1996) considera que estas expressões são uma caraterística da conversação feminina devido a outras três caraterísticas da comunicação feminina: i) a discussão de assuntos sensíveis e controversos; ii) a expressão mútua de emoções, sentimentos e informações pessoais; iii) e o caráter colaborativo do discurso feminino (Coates 1996: 162).

Por conseguinte, desde que Robin Lakoff (1975) inclui estas expressões ("hedges") como caraterística da linguagem da mulher, estas têm sido consideradas estereotipicamente femininas, como conotando dúvida, incerteza e insegurança, três caraterísticas também tipicamente femininas. No entanto, deve sublinhar-se que estas expressões procuram também evitar ameaçar a *face* dos interlocutores e, simultaneamente, proteger a *face* do falante. Por isso, afirmar que as mulheres usam mais estas expressões 'barreira' não quer dizer que elas sejam mais inseguras e pouco assertivas, mas mais preocupadas com questões de cortesia.

Um outro aspeto abordado por Jennifer Coates (1996) é a formulação de perguntas nas conversas femininas. A linguista verificou que as mulheres, em interação conversacional, usam uma variedade de questões com diferentes objetivos:

- procurar saber informação;
- encorajar outra falante a participar na conversa;
- para introduzir um novo assunto;

- para evitar o papel de entendida / perita no assunto;
- para verificar a opinião das outras participantes na conversa;
- para convidar a contar uma história;
- valor retórico;
- entre outros.

A par deste variado leque de tipos de perguntas, as mulheres socorrem-se ainda das chamadas *tag questions*. Tendo sido também consideradas caraterística tipicamente feminina, desde a obra de Robin Lakoff (1975), as *tag questions* estão também associadas a uma certa insegurança e fraqueza da mulher. No entanto, tal como postula Jennifer Coates (1996), as *tag qestions* também têm outros objetivos, para além de não comprometerem a pessoa que fala. Assim, as *tag questions* podem também procurar saber informações, ser usadas com valor retórico, incentivar os outros para participarem na conversa, facilitar a tomada de vez na conversação, confirmar se o que foi dito foi entendido. Neste sentido, Jennifer Coates entende que as *tag questions* não são usadas nas conversas entre amigas da mesma forma que são usadas entre pessoas com diferente poder, uma vez que nas conversas entre amigas não está presente a ideia de poder (Coates 1996: 201).

Portanto, apesar de primeiramente as perguntas terem uma função de demarcar papéis, entre quem é mais poderoso e menos poderoso, no caso das conversas entre amigas, as perguntas ou questões são usadas para levar as amigas a participar na conversa, a minimizar o estatuto de peritas e a afirmar a importância do grupo em detrimento do individual. Por isso, as perguntas são um instrumento poderoso para promover a conexão[56]. Por outro lado, as perguntas são usadas para manter o caráter colaborativo das conversações entre as amigas e ainda para manter uma ética de reciprocidade, em que se evita falar como se se fosse um perito no assunto que se fala. Assim, as perguntas promovem a igualdade entre os falantes, minimizando a distância social. Em suma, nas

56) *Cf*.: "[...] when they are used primarily to draw others into conversation, to minimize expert status, and to affirm the importance of the group rather than the individual, then questions are a powerful tool for prompting connection" (Coates 1996: 201).

conversas entre amigas, as perguntas são formas de expresser solidariedade e conexão (Coates 1996: 202).

Assim sendo, subjacente a todas as particularidades analisadas nas conversações entre mulheres (desenvolvimento contínuo e participativo de assuntos, respostas mínimas, "hedges", perguntas, *tag questions* e discurso simultâneo) está a cooperação conversacional entre as mulheres[57].

Em suma, todas estas caraterísticas, salientes nas conversações entre mulheres, constroem e distinguem o género feminino, sendo que a construção da amizade com base na conversação é tipicamente feminino, daí que o objetivo principal da conversa entre amigas seja a construção e manutenção de relações sociais próximas e iguais (Coates 1996: 264). Da mesma forma, para Jennifer Coates (1996), estas conversações entre amigas podem ser também uma fonte de resistência e mudança, já que se podem alimentar e criar discursos subversivos que desafiem o discurso masculino[58]. Estas asserções são corroboradas por Pat O'Connor (1992), que encara a amizade como criadora de discursos e estruturas discursivas que incentivam a mulher a entrar na esfera pública, ainda sob domínio masculino, abandonando a esfera doméstica, o que pode acarretar mudanças sociais e culturais[59]. Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998) referem que a amizade entre as mulheres é uma forma de elas definirem a sua própria identidade, subvertendo a desvalorização social que sofrem. As mesmas investigadoras apontam ainda que os homens veem nas conversas e na amizade entre as mulheres uma ameaça à assimetria instituída entre homem

57) Como reitera Jennifer Coates, "[...] it seems that in conversations between women friends in an informal context, the notion of co-operativeness is not a myth" (Coates 1989[b]: 119).

58) *Cf.*: "And it is the talk that we do with friends that makes resistance and change possible. Women friends talking are women friends playing: playing provides a context for risk-taking and experimentation. So in the playful conversational practices of women friends, we can try out different discourses, different positions in relation to the world. Subversive discourses can be nurtured and patriarchal discourses can be challenged" (Coates 1996: 26).

59) *Cf.*: "Nevertheless, they (like sociable friendships) can play an important part in challenging the equation of feminity with marriage and domesticity. In addition, by creating structures and discourses which encourage women's participation in the public arena, they can play an important part in acting as a lever for wider cultural and structural change" (O'Connor 1992: 183).

e mulher, pondo em causa a base das relações humanas, o casal[60]. Fern L. Johnson e Elizabeth J. Aries (1998: 224) alertam ainda que, devido ao facto de as mulheres entrarem cada vez mais no mundo do trabalho, na esfera pública, vão acumulando funções, o que as obriga a fazer mais esforços para manterem as suas conversas entre amigas.

Por último, tal como Coates (1989[b]) sublinhou, o discurso feminino não é igual quando usado em grupos do mesmo género ou em grupos mistos. Consoante o contexto conversacional, e mesmo que seja igual para ambos os géneros, quer as mulheres quer os homens socorrem-se de estratégias comunicacionais diferentes, revelando competências comunicativas diferentes. Nesse sentido, Cheris Kramarae (1981) acrescentou que são os homens que têm mais dificuldades em compreender a linguagem das mulheres, e não o contrário (Kramarae 1981: 8). Esta dificuldade de compreensão da linguagem feminina não pode estar dissociada do forte pendor da mulher para o uso da linguagem não verbal, que ela desenvolveu e compreende em maior grau do que o homem. Este domínio exímio da linguagem não verbal pela mulher foi também corroborado por Eakins e Eakins (1978: 149), que sublinham a sensibilidade e a facilidade com que as mulheres interpretam a linguagem não verbal, que, na maior parte dos casos, não é interpretada pelo homem. Esta capacidade terá também sido desenvolvida devido ao facto de a mulher ter ocupado, ao longo dos tempos, uma posição mais submissa na sociedade e, por isso, mais observadora e atenta. Do mesmo modo, os homens têm sempre uma postura mais relaxada e descontraída, pois são eles que detêm o poder. Por sua vez, as mulheres têm uma postura mais contraída, em que braços e pernas estão sempre mais juntos. Não obstante, Cheris Kramarae também considera que a mulher procura mais vezes adaptar-se ao discurso e postura masculinos (Kramarae 1981: 103). No fundo, resultado da sua emancipação, a mulher procura usar a linguagem do poder, a linguagem masculina.

60) *Cf.*: "The threat that female friendship poses for men is the possibility that it can disrupt the assymmetry between male and female and ultimately lead females to reject male – female pairing as the pinnacle of human relationships" (Johnson e Aries 1998: 223).

2.5. Ideias correntes sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres

Já falámos anteriormente que a mulher se constituía como um grupo social com caraterísticas próprias, embora de certa forma inferiorizado numa sociedade patriarcal, onde o homem cria a linguagem e onde o estereótipo ainda domina. Por isso, muitos pensadores, filólogos e pensadores se debruçaram e refletiram sobre as suas especificidades no que diz respeito ao uso da língua e da linguagem. Falamos aqui de Cícero, Fernão de Oliveira, Nyrop, Otto Jesperson, João da Silva Correia, entre outros. De facto, muito antes de a Sociolinguística demonstrar a importância do estudo da variação linguística, já Fernão de Oliveira, no esplendor do Renascimento, sublinhava a diversidade social do falar e da língua, destacando que os diferentes grupos e as camadas sociais não falavam da mesma forma (Torres e Assunção 2000: 59).

Não obstante o reconhecimento da mulher enquanto grupo social, esta aparece como deficiente ou desviante nos estudos da linguagem e do género (Spender 2001: 7). Edward Sapir (1968) incluía mesmo a linguagem da mulher nos tipos de discurso anormais, equiparando-a mesmo à linguagem dos bebés, dos covardes, dos homens circunsizados, dos anões, entre outros. Efetivamente, o interesse pela linguagem da mulher encarava-a como inferior relativamente à linguagem do homem, e, por isso, esses estudos baseavam-se, genericamente, na comparação relativamente à linguagem masculina. Por isso, nunca foi dada prioridade à mulher nos estudos da linguagem (Spender 2001: 10). Neste contexto, procurando caraterizar a linguagem da mulher, reconhecidamente distinta da do homem, irromperam uma série de ideias pré-concebidas, sem fundamentação científica, que foram alastrando e que chegaram aos nossos dias.

De facto, as diferenças entre homens e mulheres sempre foram um tópico de interesse para a espécie humana, daí terem surgido, um pouco por todo o mundo, provérbios com mensagens alusivas a essas diferenças, como os seguintes provérbios portugueses:

- Ainda está para nascer quem de mulheres e ovelhas há de entender.
- Do homem a praça, da mulher a casa.

- Melão e mulher difíceis são de conhecer.
- Guarda-te de traseiro de mula e de língua de mulher.
- Mulher sem marido é como barco sem leme.
- Mulher tem força na língua como boi tem no cangote.

Estes provérbios portugueses ilustram bem a sociedade portuguesa como uma sociedade patriarcal, com diferentes papéis para homens e mulheres, bem como as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, que conduzem à incompreensão da mulher por parte do homem. Obviamente, estes provérbios refletem as ideias do tempo e do contexto social em que se vive, mas não têm qualquer fundamento académico. No entanto, a par dos provérbios, têm vindo a ser debatidas outras ideias pré-concebidas sobre as diferenças entre homens e mulheres. Entre estas ideias vindas da tradição, destacamos:

1. A questão da inovação/mudança da língua: quem introduz os novos termos na língua? O homem ou a mulher?
2. A cortesia: quem é mais cortês? O homem ou a mulher?
3. Correção gramatical: a mulher preocupa-se mais com a correção do que o homem?
4. Parataxe e hipotaxe: a mulher usa mais a parataxe e o homem a hipotaxe?
5. Pronúncia: quem é mais rigoroso na pronunciação das palavras? O homem ou a mulher?
6. A mulher fala mais do que o homem? Ou a mulher permanece mais tempo em silêncio do que o homem?
7. A mulher é mais conservadora linguisticamente do que o homem, ou será o contrário?

Estas são algumas das questões popularmente divulgadas sobre as diferenças linguísticas entre homens e mulheres. Realmente, elas são o resultado da época em que surgiram, mas, como vamos ver, de acordo com o contexto, vai haver contradições.

Assim, no que diz respeito à inovação na língua, Otto Jespersen, no capítulo "The Women", da sua obra *Language: Its Nature, Development and Origin*,

afirma que são os homens que introduzem novas expressões ("new and fresh expressions") na língua, são eles os os principais renovadores da língua (Jespersen 1922: 247). Sublinhamos aqui o facto de Jespersen considerar a inovação como algo inevitável e criativo na língua, logo atribuível ao homem.

Efetivamente, muitas das ideias que a tradição linguística transmitiu sobre a linguagem da mulher baseiam-se em ideias sexistas presentes na própria língua. Da mesma forma, tal como Robin Lakoff mais tarde também afirmou, Jespersen considera que, apesar de a mulher ter um leque mais reduzido de vocabulário (Jespersen 1922: 248), utiliza em maior número os adjetivos e os advérbios.

Por outro lado, a ideia de que a linguagem feminina é mais cortês e refinada, isto é, mais delicada, "more ladylike", está muito divulgada desde há vários séculos (Coates 1986: 19). Este aspeto está intimamente relacionado com o facto de o homem utilizar vulgarmente uma linguagem grosseira e blasfema, enquanto, pelo contrário, a mulher fala num tom de voz mais baixo e recorre muito a termos carinhosos e diminutivos (ex. querido). Jespersen (1922) afirma mesmo que os homens usam os palavrões mais frequentemente do que as mulheres[61].

No atinente ao tom de voz, Cheris Kramer (1975: 49) afirma que outra das ideias pré-concebidas é a de que as mulheres, para esconder que falam muito (outra visão estereotipada), falam entre si num tom de voz baixo, sendo por isso apelidadas de "galinhas" ou "coscuvilhieiras". No entanto, Cheris Kramer (1975) destaca também que os livros de etiqueta alertam as mulheres para evitarem falar alto e de forma estridente (Kramer 1975: 49). Assim sendo, parece haver uma contradição: as mulheres entre si falam alto ou baixo?

Indo ao encontro de Jespersen (1922), que sublinha a preferência da mulher por expressões refinadas e (em certos contextos) veladas e indiretas (Jespersen 1922: 246), Robin Lakoff (1975) destaca que as mulheres não usam expressões indelicadas, recorrendo muito ao eufemismo[62]. Esta delicadeza da mulher é ainda associada por Lakoff à preocupação feminina com a correção gramatical.

61) *Cf.*: "There are great differences with regard to swearing between different nations; but I think that in those countries and in those circles in which swearing is common it is found much more extensively among men than among women" (Jespersen 1922: 246).

62) *Cf.*: "Women don't use off-color or indelicate expressions; women are the experts at euphemism" (Lakoff 1975: 55).

Ainda dentro da questão gramatical, muitos foram os que chamaram a atenção para o uso dos pronomes, especificamente do pronome pessoal da terceira pessoa do singular. Para muitos, particularmente feministas, o pronome pessoal, quando utilizado para representar o género não definido, é extremamente sexista, pois aponta logo para o masculino. Por isso, foram surgindo várias propostas para substituir o pronome sexista, sem nenhuma proposta, até agora, ter vingado. Para Robin Lakoff, estas tentativas para mudar o uso pronominal serão inúteis (Lakoff 1975: 45).

Apesar da referida preocupação com a correção gramatical, Jespersen frisa que as mulheres têm maior tendência para deixar frases inacabadas, principalmente exclamativas, devido ao facto de começarem a falar sem pensar no que vão dizer (Jespersen 1922: 250). Também o português João da Silva Correia, na sua obra *A Linguagem da Mulher*, considera que a mulher fala mais rápido do que o homem, "[…] o que significa por ventura, por parte da mulher, superficialidade, irreflexão, precipitação nervosa" (Correia 1927: 13). Partindo desta irreflexão e precipitação, Otto Jespersen (1922) afirma também que, para transmitirem ideias organizadas e múltiplas, os homens recorrem à hipotaxe e as mulheres socorrem-se da parataxe[63]. Jespersen salienta que, no que concerne a este aspeto, não se está a falar de diferenças, mas mais de preferências. No fundo, há aqui uma valorização da hipotaxe por parte de Otto Jespersen (1922). No entanto, não podemos deixar de sublinhar que os comentários dos estudiosos sobre as diferenças sexuais na língua refletem, muitas vezes, as ideias do seu tempo (Coates 1986: 15). Por isso, não podemos deixar de referir que, até ao século XX, as mulheres tinham menos acesso à alfabetização do que os homens (Coates 1986), e quando falamos aqui em alfabetização, estamos a falar de formação inicial no domínio vernacular somente. As mulheres, contrariamente

63) *Cf.*: "If we compare long periods as constructed by men or by women, we shall in the former find many more instances of intricate or involute structures with clause within clause, a relative clause in the middle of a conditional clause or vice versa, with subordination and sub-subordination, while the typical form of long feminine periods is that of co-ordination, one sentence or clause being added to another on the same plane and the gradation between the respective ideas being marked not grammatically, but emotionally, by stress and intonation, and in writing by underlining. In learned terminology we may say that men are fond of hipotaxis and women of parataxis" (Jespersen 1922: 251).

aos homens, não tinham tantas oportunidades para aprender a sua língua, nem línguas estrangeiras tão pouco. No entanto, já no século XVIII, Francisca de Chantal Álvares, a primeira autora de uma gramática portuguesa (Cf. Kemmler *et al.* 2010), sublinha, na sua gramática *Breve Compendio da Gramatica Portugueza para uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitaçaõ de Lisboa* (1786), a importância da educação na formação das mães de família. Esta educação passaria não só pela aprendizagem da língua materna, mas também de línguas estrangeiras (Álvares 1786: III-IV).

Por outro lado, no que diz respeito à pronunciação das palavras, Jespersen não apresenta diferenças[64]. Já Dennis Baron (1986) sublinha a indecisão que existe entre investigadores, pois uns consideram as mulheres como falantes mais fracas / pobres, outros consideram-nas melhores na pronunciação do que os homens[65]. No entanto, Baron (1986) acrescenta que as mulheres são, muitas vezes, consideradas falantes cuidadosas no que respeita à pronunciação das palavras (Baron 1986: 63).

Também prevalece a ideia de que a mulher está constantemente a falar[66]. Talvez por isso, se crê, tal como sublinha o provérbio inglês, que o silêncio é o melhor ornamento da mulher[67], uma vez que o silêncio é sinónimo de obediência e, como reiterou Deborah Tannen, é uma prova de como a mulher não tem poder (Tannen 1990: 229). Logo, a mulher teria um papel subalterno, remetendo-se ao silêncio nas conversas de domínio público, tornando-se mesmo invisível na interação (Lakoff 1995: 29). Também Dennis Baron (1986) sublinhou esse ideal de mulher[68], embora não existam evidências de que as mulheres falam mais do que os homens, não há dúvida de que a cultura europeia ocidental está

64) *Cf.*: "On the whole we must say that from the phonetic point of view there is scarcely any difference between the speech of men and that of women: the two sexes speak for all intents and purposes the same language" (Jespersen 1922: 245).

65) *Cf.*: "[...] many commentators on the English language considered women to be poor spellers; others found them to be better spellers than men" (Baron 1986: 56).

66) *Cf.*: "There is an age-old belief that women talk too much" (Coates 1986: 31).

67) *Cf.*: "Silence is the best ornament of a woman".

68) *Cf.*: "The silent woman has actually been held [...] to be the ideal woman, and tracts to codify the behaviour of women often praise silence as one of the highest virtues that the sex may aspire to" (Baron 1986: 57)

impregnada com a crença de que as mulheres falam muito e, por isso, o silêncio é visto como um ideal a atingir pelas mulheres. E, por isso, desde há séculos, os próprios livros de etiqueta aconselham as mulheres a permanecerem caladas[69]. No fundo, os próprios livros de etiqueta encorajavam a mulher a usar uma linguagem diferente da do homem. Dessa forma, as mulheres eram aconselhadas a modular o tom de voz, a enunciar claramente as palavras, a escutar atentamente, a aprender sobre os temas de conversação masculinos, bem como a evitar gírias, fofocas, discursos emocionados e loquacidade excessiva[70].

Por último, no que diz respeito à conservação da língua, vários foram os estudiosos que consideraram a mulher como conservadora da Língua. Cícero referiu-o no seu *De Oratore ad Quintum Fratrem Libri Tres*; Fernão de Oliveira também o fez na sua *Gramática da Linguagem Portuguesa* (Torres e Assunção 2000: 128); e Otto Jespersen também o postulou (Jespersen 1922: 237), tal como Dennis Baron[71]. No entanto, por exemplo, Edward Sapir considera que são os homens quem preserva as formas mais antigas na língua (Sapir *apud* Coates 1986: 36).

Também Borisoff e Merril (1998) apresentam, como ponto de partida para o estudo das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, uma série de estereótipos que caraterizam a competência comunicativa das mulheres e dos homens. Desta forma, para os referidos autores, entre as ideias estereotipadas mais divulgadas sobre a linguagem da mulher estão:

1. a mulher fala suave e baixo, uma vez que sempre foi ensinada que era preferível para ela ser vista do que ser ouvida;

69) *Cf.*: "Since the fourteenth century, works of literature as well as etiquette books have advised women to speak as little as possible, partly because it was assumed that women would naturally misuse the language and partly because discourse was seen as the prerogative of men alone" (Baron 1986: 56).

70) *Cf.*: "Women are directed to modulate their tones, enunciate clearly, listen well, and learn about male topics of conversation. These behavior tracts take the position that women do not and should not talk like men, and in their attempt to preserve a separate women's language they catalogue the taboos that apply to women's speech, advising women to avoid slang, gossip, emotional speech, and excessive loquacity" (Baron 1986: 62).

71) *Cf.*: "Women are also cast in the role of preservers of linguistic tradition" (Baron 1986: 2).

2. a mulher quando fala é ignorada e interrompida, uma vez que sempre foi ensinada a falar "like a lady";
3. a mulher é vista como insegura na conversação, pois o poder da linguagem é reconhecido ao homem;
4. a mulher é emocional e subjetiva na conversação, afetando a sua credibilidade (Cf. Borisoff e Merril 1998: 10-12).

Por sua vez, tendo em conta os estereótipos da comunicação masculina:

1. o homem é mau ouvinte, uma vez que a escuta é, para ele, algo passivo, só a conversação é ativo;
2. o homem não pode expressar emoções ou sentimentos pela conversação;
3. o homem faz afirmações categóricas, indo ao encontro da autoconfiança e autoridade masculinas;
4. o homem domina a discussão / conversação (Cf. Borisoff e Merril 1998: 13-15).

Estes são alguns dos muitos estereótipos que acentuam a diferença entre a linguagem masculina e a feminina, valorizando a diferença. Contudo, é necessário ter presente que tudo não passa de estereótipos, necessitando, por isso, de confirmação, pois é sempre da regra que nasce a exceção. Portanto, sente-se a necessidade de fazer um trabalho fundamentado que venha sustentar ou refutar estas ideias passadas pela tradição linguística. De facto, embora no passado a mulher parecesse aceitar o seu estatuto inferior, hoje em dia as mulheres estão mais conscientes de que não têm um estatuto de igualdade com os homens e, por isso, também estão menos dispostas a aceitar tal situação. Talvez por isso, muitas vezes, as mulheres redefinem a sua forma de comunicar em função da linguagem carateristicamente masculina e das ideias estereotipadas sobre a sua linguagem. Por isso, tem de se conhecer melhor as diferenças, para melhor serem compreendidas e interpretadas.

2.6. Os estudos da sociolinguística e o género

A sociolinguística, que emergiu nos anos de 1960, é um ramo da linguística que se pode definir como o estudo da linguagem/discurso no seu contexto social, ou seja, a sociolinguística aparece como um campo interdisciplinar de interesse, que centrou a atenção na linguagem como fenómeno social. O estudo da linguagem/discurso no seu contexto social implica essencialmente o estudo da variação linguística. A sociolinguística estuda o discurso no sentido de demonstrar que a variação linguística não ocorre ao acaso, mas é estruturada. Dessa forma, o seu objetivo é apresentar de forma ordenada a heterogeneidade presente no discurso de determinada comunidade.

Dentro da variação linguística, a sociolinguística vai debruçar-se sobre a variação estilística e a variação social, principalmente no discurso vernacular, isto é, no discurso do dia-a-dia. Esta variação foi exatamente o ponto de partida para o nascimento da Estilística, através de Charles Bally, no início do século XX. Bally (1965) permanece fiel à distinção saussureana entre *langue* e *parole*, mas acrescenta-lhe um outro domínio de estudo: a língua falada tendo em conta o seu conteúdo afetivo ou subjetivo, objeto de estudo da estilística, sempre fazendo parte da linguística geral[72].

A variação estilística diz respeito às diferentes formas e estilos com que o indivíduo utiliza a linguagem em diferentes contextos sociais. A variação social tem a ver com o facto de os falantes diferirem uns dos outros em termos de idade, sexo, classe social, grupo étnico, tendo, por isso, diferentes estilos conversacionais, embora o contexto seja o mesmo. Por último, a sociolinguística interessa-se, principalmente, pelo discurso vernacular, isto é, o discurso espontâneo e natural entre pessoas que se conhecem bem (Cf. Coates 1986: 4-5). Portanto, a sociolinguística preocupa-se com o estudo do discurso de todos os membros de uma comunidade e não somente com o dialeto privilegiado ou norma.

72) *Cf.*: "En somme, je reste fidèle à la distinction saussurienne entre la langue et la parole, mais j'annexe au domaine de la langue une province qu'on a beaucoup de peine á lui attribuer: la langue parlée envisagée dans son contenu affectif e subjectif. Elle réclame une étude spéciale: c'est cette étude que j'appelle stylistique. Un des objets de mon enseignement sera de montrer comment la stylistique s'emboîte dans la linguistique générale" (Bally 1965: 159).

Este estudo linguístico da variação ficou conhecido por paradigma quantitativo (Cameron 1989: 3). Portanto, o estudo da variação não teve, inicialmente, intenção de estudar a linguagem e o género, mas sim, primeiramente, verificar a variação regional (Romaine 2003). Todavia, a partir dos estudos realizados, apercebeu-se que o género se constituía como uma categoria ou variável a ter em conta na variação da linguagem. Até então, os estudos de variação incluíam, por norma, sempre grupos de indivíduos masculinos (Cf. Eakins e Eakins 1978: 14). Para Elaine Showalter (1989[b]), uma das mudanças mais marcantes no campo das humanidades, na década de 1980, foi a ascensão do género como categoria de análise[73]. Por conseguinte, as mulheres passaram a constituir-se como um grupo de estudo desta ciência, uma vez que deixam de ser entendidas como pertencendo a um grupo minoritário e passam a contar no estudo da variação na linguagem pelo sexo.

Efetivamente, a par do movimento feminista, a sociolinguística foi também uma das causadoras do desenvolvimento dos estudos e investigações sobre a "women's language", tal como foi apelidada por Robin Lakoff, em 1975 (O'Barr e Atkins 1998: 377). Mary Ritchie Key (1996) considerou mesmo que, antes do desenvolvimento da sociolinguística, nenhum investigador estava preparado para estudar as diferenças entre homens e mulheres, uma vez que estas estão relacionadas com uma série de variáveis.

Recapitulando: as diferenças de género na linguagem começaram então a ser estudadas pelos estudos quantitativos da sociolinguística, que principiaram por examinar a correlação entre a variação linguística e outras variáveis, nomeadamente a classe social dos falantes. Assim, estes estudos revelaram a estratificação social e levantaram dois conceitos associados a ela e ao uso da linguagem: o prestígio e o estigma. O prestígio está ligado às formas linguísticas normalmente usadas pelo grupo social com mais *status*, passando a ser considerado a norma e de uso correto. Contrariamente, estigma está ligado às formas não pertencentes à norma. São estas formas linguísticas não pertencentes à norma

73) *Cf.*: "One of the most striking changes in the humanities in the 1980s has been the rise of gender as a category of analysis" (Showalter 1989[b]: 1).

que vão ser alvo de interesse, constituindo-se como o discurso vernacular, que interessa especialmente à sociolinguística.

Como já referimos, a maioria dos primeiros estudos sociolinguísticos interessaram-se primeiramente pelas diferenças entre as classes sociais. No entanto, a partir daqui foram consideradas como implicadas na variação linguística outras variáveis não linguísticas, como o grupo étnico, a idade e o sexo ou género. Esta última variável revelou-se fundamental para qualquer sistema de categorização social (Eckert 2000: 55), uma vez que o sexo/género é uma variável central na linguagem (Thorne e Henley 1975[b]: 10). Marjorie Swacker (1975) defende mesmo que o sexo/género do falante é uma variável tão importante que, se algum estudo sociolinguístico a desconsiderar, não será válido e fiável[74]. A partir do relevo dado à variável sexo/género, começou a sublinhar-se que, em muitas comunidades falantes, as mulheres tinham mais tendência para usar as formas linguísticas de prestígio do que os homens. Para Coates (1986), as normas de prestígio parecem exercer uma influência mais forte nas mulheres do que nos homens[75]. Estudos sociolinguísticos quantitativos levados a cabo, na Grã-Bretanha, por Peter Trudgill (em Norwich, 1974), Ronald Macaulay (em Galsgow, 1977), Mark Newbrook (em West Wirral, 1982) e Suzanne Romaine (em Edinburgh, 1978) concluíram que:

1. Em todos as classes sociais e estilos, as mulheres tendiam a usar menos formas estigmatizadas do que os homens;
2. Em contextos formais, as mulheres são mais sensíveis ao uso das formas de prestígio do que os homens;
3. É nas classes médias mais baixas que os estilos das mulheres variam mais agudizadamente: no estilo menos formal, elas usam em grande proporção formas estigmatizadas; porém, quando estão em situações mais formais,

74) *Cf.*: "[...] the adoption of speaker sex as a separate sociolinguistic variable – a variable as important, as methodologically necessary, and as valid as education or region or socioeconomic level. Indeed, any sociolinguistic research which does not, at least, specifically give consideration to the sex of the informant might well be of questionable validity" (Swacker 1975: 82).

75) Cf.: "In other words, the prestige norms seem to exert a stronger influence on women than on men" (Coates 1986: 64).

tendem a corrigir o seu discurso, procurando fazê-lo corresponder ao da classe social imediatamente acima;

4. O uso das formas não estandardizadas (isto é, do vernacular) parece estar associado não só aos falantes das classes trabalhadoras, mas também a falantes do sexo masculino (Cf. Coates 1986: 65-66).

Estes quatro estudos britânicos demonstraram a regularidade que a variante sexo tem na diferenciação do discurso, na medida em que os falantes masculinos e os falantes femininos escolhem diferentes variantes, sendo que a variante de prestígio é mais vezes usada pelos falantes do sexo feminino.

Jennifer Coates (1986) sustenta, como explicação para os dados levantados pelos quatro investigadores referidos, que a sensibilidade das mulheres para com a norma linguística é verificada e é atribuída à sua posição social insegura, que faz com que elas se procurem afirmar, procurando corrigir-se por forma a falar de acordo com as classes superiores e, dessa forma, se distinguirem dos homens. De facto, homens e mulheres distinguem-se pela linguagem porque eles pertencem a grupos diferentes. É importante para os grupos manterem a sua identidade, e a variação linguística contribui de duas formas:

- As diferenças linguísticas podem reforçar a unidade do grupo (ou seja, os membros do grupo reconhecem as semelhanças linguísticas entre si e as diferenças das pessoas fora do grupo);
- Por outro lado, as diferenças linguísticas também podem acentuar a distância entre os grupos (o que ajuda a manter a identidade distintiva do grupo).

Neste contexto, para Coates (1986), as diferenças linguísticas entre homens e mulheres podem ser vistas como forma de manter as suas identidades separadas[76]. Mais uma vez se reitera o valor da variante sexo na variação linguística.

76) *Cf*.: "linguistic differences between women and men can be seen as functioning to maintain their separate identities" (Coates 1986: 77).

Não obstante, este paradigma quantitativo utilizado na sociolinguística começou a ser criticado pelas feministas, uma vez que as mulheres eram muitas vezes excluídas das pesquisas, pois raramente faziam parte do grupo de informantes (Cameron 1989: 6). Por outro lado, muitas das explicações dadas para as diferenças linguísticas entre os géneros eram baseadas em ideias estereotipadas, generalizando resultados localizados (Cameron 1989: 11). Entre essas explicações mais comuns para as diferenças de género surgiram a questão social e a ideia de *status*, o conservadorismo e a solidariedade (Cameron e Coates 1989: 13-14).

Tal como já foi abordado, a questão da classe social e do estatuto postula que a mulher acredita que, seguindo a norma padrão ou de prestígio, estará a conseguir ganhar *status* através do discurso. Revelando mais consciência de *status* do que o homem, a mulher esforça-se por usar a norma de prestígio, procurando falar sempre corretamente.

O conservadorismo está também associado a uma visão tradicional e estereotipada da mulher. No entanto, não existe consenso se realmente a mulher é mais conservadora do que o homem. Porém, tendo em conta que a mulher procura seguir a norma de prestígio e que tem consciência de *status*, ela estará ligada a toda a mudança na norma de prestígio (Cameron e Coates 1989: 15).

A questão da solidariedade está relacionada com o facto de a mulher não sofrer a mesma pressão que o homem para aderir às formas vernaculares da língua. Acrescente-se ainda que o uso de formas linguísticas fora do padrão está associado à masculinidade (Deuchar 1989: 28). Esta pressão surge essencialmente no mundo do trabalho e nas redes de amigos que se criam. Como a mulher não tinha criado tantos laços e redes no mundo do trabalho, não sofria tanta pressão para falar formas vernaculares, podendo seguir a norma de prestígio[77]. Assim, para Cameron e Coates (1989), as três explicações mais

77) *Cf.*: "[...] the importance of **solidarity** as a factor influencing language use. The concept of **social network**, by enabling us to see the individual in relation to the group, refines our understanding of linguistic variation. The evidence is that a tight-knit network is an important mechanism of language maintenance. The close-knit networks to which working-class men have traditionally belonged serve to maintain vernacular norms (Cameron e Coates 1989: 19).

comummente apresentadas para explicar as diferenças de género são inadequadas e implicitamente machistas[78].

A estas três explicações, Margaret Deuchar (1989) apresenta uma outra razão para justificar o maior uso por parte das mulheres da norma de prestígio – a questão da face e do poder. Pegando na noção de face[79] e de poder relativo de Brown e Levinson (2001), Deuchar (1989) conclui 4 asserções:

1. os participantes na interação desejam proteger a sua própria face;
2. a atenção que se tem relativamente à face do outro é afetada pelo poder relativo que se tem em relação ao outro;
3. a atenção que se tem relativamente à face do outro pode prejudicar a nossa própria face;
4. a mulher tem menos poder relativo do que o homem (Deuchar 1989: 30).

Portanto, segundo Brown e Levinson (2001), se temos ou não em conta a face do outro depende de vários fatores, nomeadamente o poder relativo do locutor e do interlocutor. Por isso, quanto mais poderoso for o interlocutor, mais atenção será tida em conta pelo locutor no que diz respeito à face do interlocutor. Tendo em conta que as mulheres são falantes com pouco poder, elas vão receber pouca atenção no atinente à sua face, prejudicando a sua própria face enquanto têm em atenção a face dos outros[80]. Neste contexto, o uso da norma padrão, com a sua conotação de prestígio, surge como apropriada para proteger a face de locutores com menos poder, sem atacar a face do interlocutor. Assim, quando a mulher usa a norma padrão, ela está a proteger a sua própria face, mas também está a prestar

78) *Cf*.: "The three explanations most commonly put forward to account for sex-difference findings are inadequate, as well as being implicitly sexist" (Cameron e Coates 1989: 24).

79) *Cf*. "Face, the public self-image that every member wants to claim for himself, consisting in two related aspects:
   (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction – i.e. to freedom of action and freedom from imposition
   (b) positive face: the positive consistent self-image or 'personality' (…) claimed by interactants" (Brown e Levinson 2001: 61).

80) *Cf*.: "Women are relatively powerless speakers [...], then they will receive little attention to their own faces, and will damage their own while paying attention to the face of others" (Deuchar 1989: 31).

atenção à face dos seus interlocutores, sem, no entanto, lhes ameaçar a face (Deuchar 1989: 32). Não obstante, convém realçar que esta quarta explicação ultrapassa o domínio da sociolinguística, entrando no ramo da pragmática.

Assim sendo, foi a partir dos anos de 1970 que a investigação sociolinguística começou a substituir os velhos mitos e visões estereotipadas por 'factos' (Coates 1998: 2). Foi então que o interesse pelo modo como homens e mulheres falavam, bem como pelas suas diferenças no uso da linguagem, cresceram astronomicamente em diferentes culturas. Inicialmente, a investigação sobre as diferenças de género na linguagem começou por centrar-se principalmente em conversas mistas, isto é, conversas que envolviam tanto homens como mulheres. Os investigadores procuravam investigar aquilo que consideravam as caraterísticas principais da linguagem: fonética e fonologia, sintaxe e morfologia. Depois, voltaram-se para aspetos mais abrangentes, como as estratégias de conversação caraterísticas de homens e mulheres. Mais recentemente, os investigadores têm procurado centrar-se na interação conversacional entre indivíduos do mesmo género.

Obviamente, estas mudanças do ponto de vista da investigação foram acompanhadas por mudanças na perspetiva teorética. Assim, enquanto nos primeiros anos (décadas de 1960-1970), a investigação sobre a relação entre o género e a linguagem se baseava num paradigma que categorizava os indivíduos primeiramente de acordo com o seu sexo biológico, usando, desse modo, métodos quantitativos (paradigma quantitativo); a partir das décadas 1970-1980, surgiu um período que reconhecia já a construção cultural de categorias como o género, recorrendo predominantemente a abordagens qualitativas e etnográficas. Mais recentemente, uma abordagem social construcionista mais dinâmica concilia a investigação quantitativa e a qualitativa (Coates 1982: 3; Swann e Maybin 2008: 21). No fundo, o que ocorreu foi uma mudança no paradigma de análise. Os estudos já não se focam tanto nas diferenças de género, mas como o género pode influenciar a comunicação em determinados contextos comunicacionais[81]. No entanto, embora a linguagem e o género sejam práticas contextualizadas, Joan Swann (2002) alerta para que a linguagem e o género sejam analisados como

81) *Cf*.: "At a general level, this sfhift can be seen as running from na earlier focus on gender differences language to a more contemporary preoccupation with the contextualized performance of gender" (Swann e Maybin 2008: 22).

transcendendo sempre os contextos específicos em análise (Swann 2002: 62). O género passa assim a ser encarado como uma variável no estudo da variação da linguagem (Sunderland e Litosseliti 2002: 6) e, a partir daí, podem verificar-se as diferenças comunicativas entre os géneros sob diferentes perspetivas e métodos de análise.

2.7. O género investigado no domínio da competência comunicativa – etnografia da comunicação

A par da sociolinguística, novas disciplinas, como a análise do discurso e a pragmática, emergiram e ganharam relevo no estudo das diferenças comunicativas entre os géneros, partindo do conceito, criado por Dell Hymes (1971), de competência comunicativa. Portanto, não estamos já no paradigma quantitativo, mas na etnografia da comunicação, como lhe chamou Jennifer Coates (1989ª: 64), e que se preocupa com a competência comunicativa. Para Dell Hymes (1971), este termo refere tudo o que o falante necessita saber e conhecer para ser um indivíduo comunicativo efetivo e funcional na sua comunidade. Portanto, esta competência envolve mais do que o conhecimento das regras gramaticais e fonológicas indispensáveis para falar, o indivíduo tem também de dominar normas sociais e culturais que lhe permitam usar as formas linguísticas apropriadamente, de acordo com a situação e o contexto comunicacional.

A noção de que homens e mulheres podem constituir-se como discursos diferenciados conduziu as investigações sobre diferenças de género na competência comunicativa (Coates 1989ª: 64). Como e porquê homens e mulheres seguem diferentes normas comunicativas é o grande problema sob investigação. Para responder a este problema confluem duas visões do estatuto da mulher na sociedade: uma que encara a mulher como um grupo minoritário, que é oprimido e marginalizado; outra que vê a mulher simplesmente como diferente do homem. Estas duas visões refletem duas abordagens na investigação das diferenças de género quanto à competência comunicativa: a abordagem do domínio e a abordagem da diferença. Jennifer Coates (1989ª) clarifica as duas abordagens, destacando que a primeira – a abordagem do domínio – interpreta

as diferenças linguísticas entre os géneros como reflexo do domínio do homem e subordinação da mulher; já a abordagem da diferença enfatiza a ideia de que os homens e as mulheres pertencem a duas subculturas diferentes, resultando daí as diferenças comunicativas entre ambos[82].

No estanto, Sara Mills (2002) alerta para o facto de teóricos e investigadores do género e da linguagem continuarem a discutir o género simplesmente em termos de comportamento linguístico diferente entre dois grupos. Para a linguista, devem analisar-se melhor as várias estratégias que homens e mulheres adotam, tendo em conta o género, a raça ou etnia e a classe social, em determinadas circunstâncias e com determinados objetivos e interesses. Tal não quer dizer que não se podem fazer generalizações, mas que se tem de ter em atenção que determinados resultados não dizem respeito ou aos homens ou às mulheres como um todo (Mills 2002: 69).

Também sobre as diferenças de género, no que diz respeito à competência comunicativa, há uma séria de ideias divulgadas pelo senso comum, como sejam:

- as mulheres falam mais do que os homens;
- as mulheres têm mais tendência para a "coscuvilhice" e para murmurar;
- os homens são mais blasfemos do que as mulheres;
- as mulheres são mais corteses;
- entre outros.

Partindo destas ideias, uma série de estudos e investigações foram levados a cabo com o intuito de provar ou refutar estas teorias. Jennifer Coates (1986) nomeou uma série de estudos sobre a tomada de vez na interação conversacional, sobre o 'estilo da mulher' (nomeadamente no que respeita à loquacidade / verbosidade, às perguntas e *tag questions*, às ordens e às diretivas, às blasfémias e à linguagem *taboo*) e sobre a cortesia.

82) *Cf.*: "The first – the **dominance** approach – interprets linguistic differences in women's and men's communicative competence as a reflection of men's dominance and women's subordination. The second – the **difference** approach – emphasises the idea that women and men belong to different subcultures: the differences in women's and men's communicative competence are interpreted as reflecting these different subcultures" (Coates 1989ª: 65-66).

1) Tomada de vez na conversação: interrupções e controlo do assunto

Quando se fala em análise da conversação, mais especificamente nas tomadas de vez na conversação, temos de ter presente o modelo normal da estrutura conversacional. Ou seja, durante a conversa, aquele que fala pode selecionar aquele que vai falar a seguir (fazendo-lhe uma pergunta ou dirigindo-se a ele, por exemplo), ou os outros participantes podem optar por tomar a vez e falar, quando o falante terminar. Toda a interação conversacional tem assim regras, regidas também pelo princípio da cortesia.

Não obstante, existem dois tipos de irregularidades que podem acontecer quando não se respeita a tomada de vez na conversação: as sobreposições de fala e as interrupções. As sobreposições acontecem quando um dos participantes na conversação começa a falar ao mesmo tempo que o falante, havendo uma sobreposição de falas. As interrupções, por seu turno, são mais graves, uma vez que um participante começa a falar enquanto o falante ainda está a falar, interrompendo a sua vez. As interrupções durante a interação verbal são consideradas fonte de irritação para ambos os sexos (Eakins e Eakins 1978: 66).

Aparentemente, existem algumas diferenças entre os sexos no que respeita a estas práticas. Primeiro, os homens falam mais do que as mulheres em grupos mistos de conversação, tal como interrompem mais vezes as mulheres, do que elas os interrompem, e respondem, muitas vezes, a questões que não lhe são dirigidas. Tal como sublinham Eakins e Eakins (1978), muitas mulheres têm dificuldade em obter e manter a atenção num grupo de conversação, talvez, como acrescentam, devido ao menor poder das suas vozes, a que se acrescenta uma tendência para falar baixo. Para os referidos autores, esta tendência para falar baixo resulta do facto de as mulheres ocuparem uma posição mais subordinada do que os homens. Estes, por sua vez, tendem a falar mais alto, sinal do poder e da autoridade que têm na sociedade (Eakins e Eakins 1978: 104-105).

Zimmerman e West (1975) conduziram um estudo para verificar a ideia estereotipada de que os homens interrompiam mais as mulheres. Para isso, recorreram a 31 gravações, envolvendo conversas entre dois participantes: 10 conversas eram entre duas mulheres; 10 eram entre dois homens; e 11 eram entre uma mulher e um homem. Depois de analisarem as gravações, os investigadores

chegaram às seguintes conclusões no que diz respeito às sobreposições e às interrupções:

	Falante 1	**Falante 2**	**Total**
Sobreposições	12	10	22
Interrupções	3	4	7

Tabela 2. As irregularidades na tomada de vez em 20 conversas entre falantes do mesmo sexo (Zimmerman e West 1975: 115).

	Homens	**Mulheres**	**Total**
Sobreposições	9	0	9
Interrupções	46	2	48

Tabela 3. As irregularidades na tomada de vez em 11 conversas entre falantes dos dois sexos (Zimmerman e West 1975: 116).

Da análise das tabelas 2 e 3, Zimmerman e West (1975) verificaram que:

a. quando as conversações decorrem entre falantes do mesmo sexo, as interrupções e as sobreposições estão distribuídas equitativamente entre os dois participantes;
b. no entanto, quando as conversas decorrem entre falantes de sexo diferente, todas as sobreposições foram causadas por homens e, das 48 interrupções que existiram, 46 foram provocadas pelos homens.

Estes resultados demonstram que os homens, em conversas mistas, infringem o direito da mulher para falar, nomeadamente o direito de terminar a sua vez. Tal não acontece quando estão a falar com outro homem, pois raramente um homem interrompe outro homem.

Por outro lado, Zimmerman e West (1975) também concluíram que era a mulher que permanecia mais tempo em silêncio. No entanto, era também a mulher que era mais rápida a fornecer as respostas mínimas (como *mmm* ou *yeah*), como forma de demonstrar escuta ativa ou de dar apoio ao falante, revelando interesse pelo assunto. Por seu lado, os homens foram mais demorados a fornecer esse tipo de *feedback*, revelando ou falta de compreensão ou falta de interesse pelo que o falante (mulher) disse.

Por outro lado, James e Clarke (1993), ao se debruçarem sobre a relação do género e da interrupção, não encontraram um padrão claro da interrupção masculina. Especialmente curioso é que, ao comparar a interrupção entre grupos de falantes masculinos e grupos femininos, os mesmos investigadores salientaram que a interrupção é mais comum na interação conversacional entre grupos femininos. Efetivamente, para Coates (1997), a interação conversacional entre grupos de amigos do sexo masculino pauta-se pela tomada de vez, em que cada um fala na sua vez, sendo as interrupções pouco frequentes. É neste ponto que, para a investigadora, se distinguem as conversas femininas das masculinas. Embora a amizade seja uma relação de igualdade para ambos os géneros, homens e mulheres veem a interação conversacional de forma diversa[83]. Os homens não se interrompem e falam cada um na sua vez, como sinal de respeito; as mulheres veem a interrupção como forma de dar atenção à interlocutora e de colaborar na construção discursiva.

Para Tannen (1994), esta questão da interrupção é um caso ambíguo, pois não se consegue discernir quando é que simboliza o poder ou a solidariedade na interação conversacional. Esta posição deve-se ao facto de parte dos falantes considerarem a conversação como um momento de participação conjunta, em que todos participam e são solidários, contribuindo com a tomada de vez; outra parte de falantes, contudo, vê a conversação como devendo haver só uma

83) *Cf.*: "Friendship is a relationship of equals, but women and men draw on differential modes of conversational organization to 'do' same-sex friendship. Men, through scrupulous adherence to a one-at-a-time floor, avoiding overlap and thus avoiding interruption, maintain equality by respecting each other's right to the solo floor, and aknowledging the individual ownership of ideas. Women, by contrast, draw on a collaborative mode of conversational organization where their shared ownership of the floor symbolizes collective rather than individual values, solidarity rather than separateness" (Coates 1997: 126).

voz a falar, por isso interpretam a sobreposição de falas (*overlap*) não como contribuições, mas como interrupções, que vão ao encontro do jogo do poder. Assim sendo, mesmo quando os falantes participam de forma entusiástica e cooperante, por forma a estabelecer *rapport*, são percebidos como pessoas que interrompem constantemente os outros.

Do mesmo modo, Tannen (1994) sublinha que a interrupção não é uma produção individual, mas conjunta, já que a conversação é uma atividade conjunta. Para que a interrupção ocorra têm de existir dois falantes: um deve começar a falar e o outro deve parar. Se o primeiro falante não para, não existe interrupção. Portanto, só existe interrupção se o outro permitir. Desta forma, se volta à questão do poder e da solidariedade, uma vez que para haver interrupção, alguém interrompe e alguém permite ser interrompido.

Ao estudo da interrupção e do silêncio na tomada de vez, Norma Mendoza-Denton (1995) acrescenta a noção de "gap length", ou seja, a duração do silêncio entre os contributos discursivos de dois falantes. Para Mendoza-Denton (1995), analisar a duração temporal desse silêncio é importante porque essa duração pode refletir as dimensões de poder, importantes na conversação, e pode ser usada de diferentes maneiras para legitimar, reconhecer, apoiar ou lançar dúvidas sobre as declarações do locutor anterior[84]. Por conseguinte, quer as interrupções, quer o atraso das respostas mínimas podem ser interpretadas como um sinal do homem querer controlar o tema da conversação. Assim, nas conversas entre membros do mesmo género, a interação permanece equilibrada, enquanto em conversas entre elementos dos dois géneros, o homem tende a dominar.

Noutro estudo, Zimmerman e West (1998) também concluíram que as conversas entre homem e mulher eram similares às dos pais com as crianças, em que a mulher tem um estatuto semelhante ao de uma criança junto dos pais. Primeiro, o homem interrompe a mulher em situações em que o comportamento verbal e não verbal da mulher está a correr mal (Zimmerman e West 1998: 171); segundo, o homem interrompe a mulher para demonstrar controlo e domínio sobre a mulher (tal como faz o pai com um filho) (Zimmerman e West 1998:

84) *Cf*.: "[...] gap length may reflect important power dimensions within a discourse; it may be used in different ways to legitimize, acknowledge, support, or cast doubt on the statements of the previous speaker" (Mendoza-Denton 1995: 54).

172); terceiro, a ocorrência de interrupções assimétricas, ou seja, o homem interrompe muito mais vezes a mulher para demonstrar o seu poder. Por outro lado, a mulher socorre-se de estratégias iguais às das crianças para participar ou iniciar uma conversa, como por exemplo através de expressões como *Sabes uma coisa? Sabias que…?* (Zimmerman e West 1998: 165).

No mundo do trabalho, a tomada de vez e o controlo da conversação estão ligados aos conceitos de poder e estatuto. Nicola Woods (1989) debruçou-se sobre as diferenças de género nas conversas de trabalho, relacionando os conceitos de poder e estatuto com o género. Assim, Nicola Woods gravou nove conversas triádicas entre colegas de trabalho com diferentes estatutos ocupacionais na organização. A partir da análise dessas gravações, verificou que, quando existem duas pessoas com o mesmo poder no trabalho, mas de géneros diferentes, o género tende a ser a maior influência na tomada de vez e no controlo da conversação (Woods 1989: 149). Assim, a base de poder e o estatuto na organização influenciam o modo como homens e mulheres organizam a conversação. Geralmente, os falantes, sejam homens ou mulheres, que ocupam os cargos mais altos nas organizações, tomam em maior número a vez para falar e falam durante mais tempo do que os subordinados e são menos interrompidos por estes. Do mesmo modo, recebem mais assentimento por parte dos subordinados do que o que dão. Contudo, mesmo quando as mulheres ocupam os cargos mais altos, os subordinados homens procuram organizar a interação de modo a serem eles a dominar, por exemplo pelo facto de interromperem mais vezes, mudarem de assunto e fornecerem menos assentimento às mulheres participantes (Woods 1989: 149). Por conseguinte, apesar de o poder e o estatuto concorrerem como condição para se dominar uma interação conversacional, o género surge como fundamental para compreender quem domina a conversação.

Candace West (1998ª) também se debruçou sobre as diferenças de género no mundo do trabalho. Estudou interações entre médicos e médicas e pacientes, mais especificamente as diretivas que os médicos davam aos seus pacientes. Da sua análise, verificou que os médicos davam os seus conselhos e diretivas de uma forma mais direta e imperativa, enfatizando as relações de hierarquia entre médico e paciente. As médicas, por seu turno, forneciam conselhos e diretivas de forma mais mitigada, estabelecendo uma relação mais próxima e solicitando

a participação do paciente[85]. Candace West (1998[b]) também examinou que os médicos interrompem mais os pacientes do que as médicas. Do mesmo modo, as médicas são mais interrompidas pelos pacientes do que os médicos[86].

Por sua vez, Joan Swann (1989) estudou a conversação em sala de aulas, considerando-a um espaço importante porque a sala de aulas é um local onde as crianças aprendem papéis sociais. No entanto, o linguista tem presente uma caraterística que distingue a sala de aulas de outros contextos de conversação, que é o facto de ser sempre mediada (se não diretamente controlada) pelo professor (Swann 1989: 129). Não obstante, depois de analisar as gravações de vídeo, Joan Swann aferiu algumas diferenças de género na conversação, que não pôde considerar categóricas. Assim, verificou que:

- Em média, os rapazes tomam mais a vez para falar, no entanto o autor também tem em conta que existem rapazes calados e raparigas mais faladoras (Swann 1989: 138).
- Os rapazes, que tendem a dominar a conversa da sala de aulas, falando mais vezes, usam diferentes mecanismos interacionais para cada contexto. Assim, em contextos mais informais, os rapazes participam e falam mais do que as raparigas. Num contexto mais "carregado", ou seja, sob o controlo e mediação do professor, ambos os géneros se tornam menos participativos. Porém, os rapazes são mais vezes selecionados pelo professor para falar, mas isto parece estar relacionado com a sua capacidade para levantar as mãos de forma mais decidida e mais cedo do que as raparigas (Swann 1989: 138).

85) *Cf.*: "Among physicians in this collection, men used more aggravated forms that emphasized differences between their patients and themselves, and proposed hierachical physician – patient relationships. Women physicians employed mitigated directives, which minimize status differences between physician and patient and stressed their connectedness to one another" (West 1998[a]: 122).

86) *Cf.*: "Face-to-face with one another, male doctors interrupted their patients far more often than the reverse, and they appeared to use interruptions as devices for exercising control over interaction. However, where female physicians were involved, the asymmetrical relationship as exactly reversed: patients interrupted their female doctors as much as more than these doctors interrupted them" (West 1998[b]: 408).

Assim, este estudo de Joan Swann revela que os rapazes dominam a conversação na sala de aulas. Tal deve-se não só a questões de género, mas também a outros fatores como a mediação do professor, que presta mais atenção aos rapazes (Swann 1989: 139). Por outro lado, este estudo revela-se inovador porque concilia, nas suas gravações, o suporte áudio e o visual, permitindo analisar estratégias conversacionais verbais e não verbais, como por exemplo o levantar do braço.

2) "Estilo feminino"

A ideia de que a mulher tem um estilo conversacional diferente engloba questões como a verbosidade, as 'tag questions', as perguntas, as ordens e diretivas, as blasfémias e a linguagem *taboo*.

a. verbosidade

A ideia de que a mulher fala mais do que o homem é uma crença bastante divulgada na nossa sociedade. No entanto, os teóricos que se têm debruçado sobre o assunto não se têm demonstrado unânimes. Dale Spender (2001) explica, desde logo, a persistência no mito da mulher faladora, sugerindo que se têm diferentes expectativas relativamente ao homem e à mulher enquanto falantes: enquanto o homem tem o direito de falar, da mulher espera-se que esteja calada – portanto, quando fala é logo considerado um exagero. Por outro lado, outros teóricos sugerem que os homens falam mais do que as mulheres, por exemplo, em locais públicos. Obviamente, a somar ainda temos o assunto de que se fala, em que os gostos e tendências são diferentes nos dois sexos e, por isso, o interesse e a participação na conversa variam.

Eckert e McConnell-Ginet (2003) afirmam que, de acordo com as investigações feitas, não só os homens falam mais do que as mulheres em geral, mas as mulheres e os homens tendem a falar mais em diferentes tipos

de situação[87]. De facto, o assunto de que se fala revela-se crucial para a participação dos falantes. Se se falar de avarias em carros, os homens participarão mais na conversa; se se falar de maquilhagem ou penteados, obviamente serão as mulheres as principais falantes.

Na mesma linha, Deborah Tannen (1990) argumenta que homens e mulheres falam com diferentes objetivos e em maior grau consoante falem num domínio público ou privado. Enquanto as mulheres se sentem mais confortáveis a falar em espaços privados, os homens sentem-se mais à vontade para falar em espaços públicos. Por outro lado, as mulheres falam para estabelecer relações e os homens para mostrar a sua independência e negociar o seu estatuto social[88]. Deborah Tannen (1990) acrescenta ainda que outra explicação para o facto de os homens acharem que as mulheres falam muito reside nos contextos em que se vê a mulher a falar, situações essas em que o homem falaria muito menos, como seja ao telefone, em conversas privadas, ou em situações sociais com amigos, quando se falam de temas pouco interessantes para os homens (Tannen 1990: 78).

b. *Tag questions*

Robin Lakoff (1975) também falou das *tag questions*, enquanto conotando a insegurança das mulheres na conversação, tornando as suas declarações menos assertivas. Lakoff afirmou que aquelas eram uma caraterística do discurso feminino, uma vez que eram as mulheres que as utilizavam em maior número do que os homens.

Segundo Jennifer Coates (1986), existem uma série de estudos que confirmam que os falantes ingleses assumem a conexão entre as *tag questions*

87) *Cf.*: "[...] not only do men talk more overall than women, but that women and men tend to talk more in different kinds of situation" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 115).

88) *Cf.*: "For most women, the language of conversation is primarily a language of rapport: a way of establishing connections and negotiating relationships. Emphasis is placed on displaying similarities and matching experiences. [...]
For most men, talk is primarily a means to preserve independence and negotiate and maintain status in a hierarchical social order. This is done by exhibiting knowledge and skill, and by holding center stage through verbal performance such as story-telling, joking, or imparting information" (Tannen 1990: 77).

e o seu uso pelas mulheres (Coates 1986: 104). No entanto, a mesma autora também considera que tal asserção não está devidamente provada, uma vez que existem investigações, segundo as quais as pessoas com mais poder usam alguns tipos de *tag questions* em maior número do que as pessoas com menos poder (Coates 1989ª: 67). De facto, Cameron *et al*. (1989) consideram que a análise de certas formas linguísticas, como as *tag questions*, não envolvem só questões de género, mas também o papel de cada participante na interação conversacional e o estatuto de cada um (Cameron *et al.* 1989: 91).

c. Perguntas

Fishman (1980), após a análise da transcrição de conversas entre casais, verificou que as mulheres usavam mais questões do tipo resposta sim/não e as *tag questions*. Por outro lado, um estudo realizado numa estação de Amesterdão conclui que as mulheres fazem mais perguntas do que os homens, especialmente se o vendedor de bilhetes for homem (Brouwer *et al.* 1979 *apud* Coates 1986: 106). Tal facto deve-se ao facto de as mulheres se sentirem menos inibidas em pedir informações, uma vez que tal ato não entra em conflito com o papel sexual prescrito pela sociedade (Coates 1986: 106).

Por outro lado, tendo em conta o estudo de P. Fishman (1980), pode-se dizer que a mulher usa mais vezes as formas interrogativas porque se sente um pouco mais insegura nas situações de interação e, por isso, explora as perguntas e as *tag questions* para manter a interação conversacional.

d. Ordens e diretivas

Segundo Jennifer Coates (1986), os pais dão mais ordens do que as mães, e são mais diretivos com os filhos do que com as filhas. Estas diferenças linguísticas têm a ver com as caraterísticas de cada um: a mãe vê na interação uma maneira de ajudar os filhos a escolher, o pai não se preocupa com os desejos dos filhos, mas procura ensinar-lhes algo novo.

Por outro lado, por uma questão de cortesia, muitas das ordens e diretivas dadas pelas mulheres surgem sob a forma de pergunta, por forma a não ameaçar a face do outro. No fundo, estamos a falar do uso do discurso indireto, ou atos ilocutórios indiretos, como forma de salvaguardar a face.

Sublinhamos que este discurso indireto foi também apresentado por Robin Lakoff (1975) como caraterística da linguagem feminina.

e. Blasfémias e linguagem *taboo*

Ainda existem poucos estudos sobre as diferenças entre os géneros no que respeita às blasfémias. Embora a tradição linguística advogue que os homens blasfemam mais e recorrem mais à linguagem *taboo*[89] do que as mulheres, não existem evidências que o comprovem. No entanto, Robin Lakoff afirmou que o homem tem mais tendência para dizer palavrões do que a mulher (Lakoff 1975: 10), porque esse tipo de linguagem não se insere no padrão "talking like a lady". Por seu turno, Mary Ritchie Key (1996) afirmou que não era permitido à mulher dizer blasfémias ou usar linguagem *taboo*. Por isso, o homem também deveria evitar blasfemar na presença de mulheres (Key 1996: 96). Não obstante, a mesma autora considera que este afastamento da mulher das blasfémias e da linguagem *taboo* seria uma forma de a manter no mesmo sistema de castidade e ingenuidade (Key 1996: 96). Também Otto Jespersen (1922) refere que a mulher se afasta de expressões grosseiras e prefere usar expressões mais suaves e de forma indireta. Jespersen acrescenta ainda que os homens blasfemam mais do que as mulheres (Jespersen 1922: 246). Por sua vez, Penepole Eckert e Sally McConell-Ginet (2003) referem que as blasfémias são expressões com poder emocional, logo são maioritariamente usadas pelos homens, que detêm o poder, devendo o seu uso ser evitado por mulheres e crianças[90]:

Kuiper (1998) analisou de que modo os insultos e a humilhação sexual, que certamente são considerados ameaçadores da face pelas mulheres, aparecem como forma de mostrar solidariedade entre os homens, como por exemplo Kuiper (1998) verificou entre os elementos de uma equipa de

89) Por linguagem *taboo* entenda-se um tipo de linguagem mais grosseiro e agressivo, que passa pelo uso de palavrões e outras expressões, maioritariamente ligadas aos órgãos e práticas sexuais.

90) *Cf.*: "Swearing is widely considered an expression of very strong emotion: anger at specific others or simply deep frustration often manifest as anger directed at the closest available target. It is viewed as potent language and can indeed sometimes achieve impressive effects. Profanity is also considered unsuitable for women and children" (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 181).

> râguebi da Nova Zelândia. De facto, muitas vezes, alguns insultos que os homens usam entre si são sinal de amizade e de camaradagem (Kuiper 1998: 291).

3) Princípio da cortesia e as diferenças comunicativas entre géneros

A tradição linguística também acredita que as mulheres são mais corteses do que os homens. Neste aspeto, os estudos já são mais abrangentes. O termo cortesia, como o próprio sugere, remete etimologicamente para o conceito de corte, pois os cortesãos criaram um sistema de regras de comportamento e postura que os distinguissem do povo. Hoje em dia, falar-se-ia em etiqueta, uma vez que se estavam a abarcar regras de comportamento em público e em privado (Haverkate 1994: 11). Há também quem lhe chame "manuais de urbanidade ou de civilidade" (Bastos 2008) e neles podiam encontrar-se "[...] conselhos, orientações, regras precisas, modelos a serem copiados, que visam transmitir e ensinar como cada indivíduo deve dirigir a si mesmo e aos outros, no espaço privado e público, de forma a estabelecer redes de sociabilidades, segundo os padrões de cada momento" (Bastos 2008). Nesse seguimento, distinguiam-se os urbanos dos campónios ou rurais, tendo em conta o conhecimento que tinham dos manuais de urbanidade.

Portanto, a cortesia pode ser entendida como um conjunto de normas sociais estabelecidas numa sociedade, que regulam o comportamento dos seus membros de acordo com cada circunstância. Assim, aquele que seguir essas regras será considerado cortês, quem não se ajustar a elas será considerado não cortês ou descortês (Sopeña-Balordi 2004: 304).

No atinente à cortesia verbal, esta reside fundamentalmente no que se chama de "contrato conversacional". Este contrato diz respeito aos direitos e deveres das pessoas que estão em conversação, sendo que aqueles têm um caráter universal, embora possam variar sensivelmente de cultura para cultura, de grupo para grupo, de situação para situação, de indivíduo para indivíduo (Cf. Brown e Levinson 2009: xiii). Por conseguinte, a cortesia verbal inscreve-se no domínio da produção discursiva e parte da consideração de que a comunicação verbal só

existe por uma atitude intencional do locutor, que se dirige ao alocutário para alcançar determinado objetivo, e que o uso adequado da linguagem constituirá um elemento determinante para o alcance do objetivo estipulado. Esta adequação, obviamente, refere-se não somente às intenções do locutor, mas essencialmente ao modo como as transmite, ou seja, aos recursos linguísticos de que se socorre para manter uma relação convenientemente cordial entre si e o alocutário (Sopeña-Balordi 2004: 304).

Portanto, as normas de cortesia verbal determinam o estilo da conversação, mas não afetam o conteúdo do que se comunica. Porém, podem condicionar a receção e/ou interpretação que o alocutário faz do conteúdo comunicacional. Assim sendo, de acordo com Haverkate (1994), expressar cortesia não é um ato autónomo, mas um sub-ato do ato de fala[91].

Fundamentais para a compreensão da cortesia verbal são o conceito de "*face*" e o princípio da cooperação de Grice e as suas máximas conversacionais. Assim, o conceito de *face*, cunhado por Brown e Levinson (2009), a partir de Goffman (1967), diz respeito à imagem metafórica que o indivíduo tem em interação. Assim, a face do indivíduo pode ser encarada sob dois lados complementares entre si: o positivo e o negativo. O primeiro diz respeito à imagem positiva que o indivíduo tem de si mesmo e que deseja que seja reconhecida e reforçada pelos outros membros da sociedade. A face negativa refere-se ao desejo de cada indivíduo de que os seus atos não sejam impedidos pelos outros (Haverkate 1994: 18). Portanto, nas interações conversacionais, o locutor vai procurar realçar a sua imagem positiva, por forma a ser reconhecida pelo interlocutor. A esta teoria, Goffman (1967) denominou de "face-work", uma vez que, durante a conversação, o locutor investe na sua imagem social, de modo a manter a face (*have face*, *be in face*, *maintain face*) e não a perder (*be in wrong face*, *be out of face*) (Fernandes 2010: 39).

Por outro lado, segundo o princípio da cooperação de Grice, existem quatro máximas conversacionais que regem o intercâmbio conversacional, sendo aceites tacitamente pelos interlocutores: a máxima da qualidade, a máxima da

91) *Cf.*: "[...] el expresar cortesía no es un acto autónomo; es un acto que se efectúa como un subacto del acto de habla" (Haverkate 1994: 15).

quantidade, a máxima da relação e a máxima de modo (Sopeña-Balordi 2004: 304). Assim:

- a máxima da qualidade diz respeito à sinceridade do locutor, ou seja, pressupõe que: a) este não diga o que crê ser falso; b) não diga o que não pode provar adequadamente;
- a máxima da quantidade prescreve que se proporcione a quantidade de informação requerida pelo objetivo do intercâmbio conversacional, nem mais, nem menos;
- a máxima da relação prevê que as contribuições do locutor sejam sempre relevantes;
- a máxima de modo tem a ver com o modo como o locutor comunica, que deve ser o mais claro possível, evitando usar expressões obscuras e ambíguas.

Para além do "face-work" e do princípio da cooperação, a cortesia têm ainda em conta a identidade do alocutário, a sua função ou estatuto social, o tipo de relação que existe entre locutor e alocutário, as coordenadas espácio-temporais, bem como o contexto e a situação de conversação (Sopeña-Balordi 2004: 304). Assim, no que concerne à realização de um ato cortês, estão presentes as seguintes correlações:

a. A cortesia aumenta à medida que é maior a distância social entre falante e ouvinte;
b. A cortesia aumenta à medida que é maior o poder do ouvinte sobre o falante;
c. A cortesia aumenta à medida que é maior o grau de imposição (Haverkate 1994: 40).

Por último, deve ainda sublinhar-se que a cortesia envolve não somente a linguagem verbal, mas também a linguagem não verbal, sendo que podem existir variações de cultura para cultura. Diana Bravo (1999) advoga esta variação cultural e situacional da cortesia, sublinhando como fundamentais os conceitos

de *autonomia* e *afiliação* que, relacionados com os conceitos de *ego* e *alter*, se relacionam com a face/imagem como duas necessidades ou requisitos do indivíduo. Assim, na *autonomia*, o indivíduo percebe-se e é percebido como diferente do grupo; na *afiliação*, vê-se como parte do grupo (Bravo 1999). Será em função destes conceitos que se será mais ou menos cortês.

No que diz respeito às diferenças de género, afinal quem respeitará mais o princípio da cortesia? Homens ou mulheres? Esta questão, aparentemente simples, suscita uma série de respostas completamente díspares entre si. No entanto, todas têm presente que realmente existem diferenças entre homens e mulheres no domínio da linguagem. Por conseguinte, também se verificam diferenças no uso do princípio da cortesia (Holmes 1995: 2). Como já abordámos, várias são as razões apresentadas para justificar as diferenças de género no que diz respeito ao uso da linguagem:

1. Alguns teóricos afirmam que as diferenças de interação entre homens e mulheres residem nas diferenças biológicas, que fazem com que haja diferenças na aquisição da linguagem;
2. Outros apontam diferenças psicológicas, pois homens e mulheres têm diferentes orientações relativamente aos outros: as mulheres estão mais preocupadas em estabelecer conexões e relações; os homens, por sua vez, estão mais preocupados em sublinhar a sua autonomia, procuram a independência e focam-se nas relações hierárquicas;
3. Outros ainda sublinham a socialização como explicação, uma vez que rapazes e raparigas têm diferentes padrões de socialização, conduzindo a que tenham diferentes formas de usar e interpretar a linguagem;
4. Por último, outra explicação atribui essas diferenças à desigual distribuição do poder na sociedade, onde o homem tem mais poder do que a mulher, tornando-o dominante, nomeadamente na interação social.

Segundo esta última explicação, quem tem menos poder tem mais necessidade de ser cortês (Brown e Levinson 2009). Ora, nas sociedades europeias, onde o homem ainda assume os cargos de maior poder, a mulher, como tem menos poder, sente necessidade de ser mais cortês para conseguir ser ouvida (Holmes

1995: 8). Tendo presente que a maioria das mulheres gosta de falar e encara a conversação como um meio importante para se manter em contacto com pessoas, amigos e familiares, falar é uma forma de estabelecer contacto e de criar relações afetivas. Por seu turno, os homens encaram a linguagem mais como um meio/uma ferramenta para obter e transmitir informação. Portanto, eles veem a interação conversacional como um meio para alcançar determinado fim/objetivo (Holmes 1995: 8). São estas diferentes perceções sobre o principal objetivo da conversação que faz com que haja uma série de diferenças no modo como as mulheres e os homens usam a linguagem. Por exemplo:

- Os homens tendem a dominar as conversas em público, enquanto as mulheres têm grande dificuldade em os fazer participar nas conversas do domínio privado;
- As mulheres têm tendência para utilizar perguntas e frases do tipo "tu sabes/sabe que" para encorajar os outros a falar; os homens, por seu lado, usam essas estratégias para validar e dar credibilidade ao que estão a proferir;
- As razões que levam os homens à interação conversacional prendem-se com o conteúdo da conversação e com os objetivos da mesma e não como ela vai afetar os sentimentos dos outros; as mulheres valorizam mais este lado afetivo da conversação;
- As mulheres cumprimentam mais os outros do que os homens, tal como pedem mais vezes desculpa do que os homens.

Estas são algumas das ideias, já divulgadas, que remetem para as diferenças no uso da linguagem pelas mulheres e pelos homens e, consequentemente, diferenças no recurso ao princípio da cortesia.

Mas antes de abordarmos o uso do princípio da cortesia, convém sublinharmos duas das funções da linguagem primordiais na comunicação: a função referencial e a função emotiva. A função referencial centra-se na mensagem/informação a transmitir e a emotiva no uso da linguagem para transmitir emoções e sentimentos. Assim, os cumprimentos, o pedido de desculpas, as felicitações, domínios da cortesia, englobam-se predominantemente na função emotiva e social. Por conseguinte, a análise da cortesia linguística incide sobre esta função emotiva

e social da linguagem (Holmes 1995: 4). Isto porque a cortesia é a expressão de preocupação com os sentimentos dos outros (Holmes 1995: 4), aquilo que Goffman (1967), Brown e Levinson (2009) descreveram como a preservação da "face". Por isso, tal como já foi referido, a cortesia envolve preocupação com dois tipos de face: as necessidades da face negativa, ou seja, a necessidade de não ser imposta, e, em segundo lugar, as necessidades da face positiva, ou seja, a necessidade de ser amado[92]. Desta forma, todo o comportamento que evita impor-se aos outros é tido como cortesia negativa; enquanto o comportamento/atitude sociável e cordial perante o outro é cortesia positiva. Consequentemente, todo o comportamento verbal ou não verbal que exija alguma coisa ou impeça a autonomia do outro pode ser encarado como um ato ameaçador da face ("face-threatening act"). Mesmo sugestões, conselhos e pedidos podem ser encarados como atos ameaçadores da face, desde que possam potencialmente impedir a liberdade de ação do outro. Deste modo, as pessoas ditas corteses evitam ameaçar a face do outro/interlocutor[93].

Neste contexto, as mulheres são consideradas, regra geral, mais corteses, porque se preocupam mais com os sentimentos e com as relações que estabelecem com os outros, fornecendo, por isso, mais cortesia positiva. Da mesma forma, tendo em conta a perceção que têm da conversação, podemos dizer que os homens estão mais ligados à função referencial da comunicação e as mulheres à emotiva.

Por outro lado, quando se pretende analisar a cortesia linguística não se podem deixar de lado três dimensões sociais a ela associadas: i) a dimensão da distância social; ii) a dimensão do poder e do estatuto hierárquico; iii) e a dimensão da formalidade. Quanto mais presentes estiverem estas três dimensões, paralelamente maior será o grau de cortesia usado na interação. Esta é uma verdade universal que, no entanto, sofre variações nas diferentes culturas, tanto

92) *Cf.*: "Politeness involves showing concern for two different kinds of face needs: first, negative face needs or the need not to be imposed upon; and secondly, positive face needs, the need to be liked and admired" (Holmes 1995: 5).

93) *Cf.*: "Polite people avoid obvious face-threatening acts, such as insults and orders; they generally attempt to reduce the threat of unavoidable face-threatening acts such as requests or warnings by softening them, or expressing them indirectly; and they use positively polite utterances such as greetings and compliments where possible" (Holmes 1995: 5).

que aquilo que é considerado comportamento cortês difere de cultura para cultura (Holmes 1995: 23). Também não podemos esquecer que a cortesia não é só de caráter linguístico, mas também comportamental (Mills 2003: 33). Por isso, Sara Mills considera que a cortesia é invisível na análise linguística (Mills 2002: 76).

Entre os estudos conduzidos para verificar se realmente as mulheres são mais corteses do que os homens, destacam-se os estudos sociolinguísticos de William Labov (1972) e de Peter Trudgill (1998). Estes estudos sublinharam a hipercorreção da mulher e que esta fala mais formalmente do que o homem em situações de equivalente grau de formalidade. Esta ideia foi também defendida por Robin Lakoff (1975), que justificou esta propensão feminina para a cortesia como resultante do seu estatuto secundário e inferior. Como se sente insegura, a mulher procura falar as formas mais corretas e procura ser cortês para se afirmar.

Também Penepole Brown (1998) veio corroborar a ideia de Lakoff, ao afirmar que as mulheres, em geral, falam de modo mais formal e cortês, uma vez que são relegadas para um estatuto secundário relativamente aos homens e, do mesmo modo, é exigido um maior nível de cortesia aos inferiores do que aos superiores[94]. Porém, para reforçar esta afirmação, Brown (1998) levou também a cabo um trabalho de campo de análise das diferenças entre o discurso do homem e da mulher em Tenejapa, uma comunidade maia do México (Brown 1998: 83). Dessa análise concluiu que:

- a cortesia negativa prevalece se ou onde existe uma posição de vulnerabilidade ou inferioridade na sociedade. Uma vez que a mulher está numa posição inferior, com menos poder do que o homem, tende a recorrer mais à cortesia negativa. Contudo, se a mulher estiver numa posição tão inferior que não lhe permita ter *face* (como crianças, ou pedintes, ou escravas, que em muitas comunidades não têm *face*), as estratégias de cortesia negativa que usam serão diferentes das usadas por uma mulher com alguma estima social.

94) *Cf.*: "Now intuitively it seems reasonable to predict that women in general will speak more formally and more politely, since women are culturally relegated to a secondary status relative to men and since a higher level of politeness is expected from inferiors to superiors" (Brown 1998: 82).

- a cortesia positiva prevalece se ou quando as redes sociais envolvem múltiplas relações, ou seja, os diversos membros têm diferentes relações com cada um dos membros com quem interagem regularmente, por isso cada relação envolve cada pessoa (Brown 1998: 98).

Janet Holmes (1998), por sua vez, alerta para a importância dos cumprimentos como estratégia de cortesia positiva e assinala as diferenças entre homens e mulheres nesse campo. Primeiramente, os cumprimentos têm um caráter maioritariamente afetivo e social do que referencial ou informativo, sendo que se recorre a eles para fazer os outros sentirem-se bem (Holmes 1998: 101). Porém, podem ter interpretações diferentes quando se fala de homens ou de mulheres. Na maior parte das vezes, as mulheres usam os cumprimentos para expressar cortesia positiva, os homens nem sempre usam os cumprimentos dessa forma, podendo mesmo ser considerados ameaçadores da face[95].

Por outro lado, a maneira como o homem recorre aos cumprimentos com a mulher reflete o estatuto da mulher enquanto subordinada. Tal como os sinais de carinho, os cumprimentos só têm sentido no contexto da relação em que são usados. Quando usados numa situação não recíproca, pelos superiores relativamente aos subordinados, os cumprimentos sublinham os padrões do poder na sociedade, que colocam a mulher num papel de subordinada. Não obstante, quando usados entre iguais e amigos, especialmente entre mulheres iguais e amigas, um cumprimento é considerado fundamental enquanto estratégia de cortesia positiva (Holmes 1998: 118). Portanto, para Janet Holmes (1995), na generalidade, as mulheres são mais corteses do que os homens, uma vez que elas se preocupam mais com o lado afetivo da conversação do que com o referencial. Já que a cortesia é a expressão de preocupação com os sentimentos dos outros, Janet Holmes (1995) sugere que as mulheres têm mais probabilidade de usar cortesia positiva do que o homem. Assim, as mulheres revelam mais preocupação, e de forma mais explícita, com os sentimentos das pessoas com quem estão a converser do que os homens (Holmes 1995: 6).

95) *Cf.*: "Women tend to perceive and use compliments as positively affective speech acts and expressions of solidarity, whereas the responses of men may be more ambivalent. It seems possible than in some situations, at least and with some types of compliment in particular, men may be more likely to interpret compliments as face-threatening acts" (Holmes 1998: 117).

Por seu turno, Sara Mills (2002), argumentando que não se devem analisar as diferenças comunicativas de género como um todo, ou seja, em dois blocos, considera que as asserções de Janet Holmes sobre o facto de a mulher ser, na globalidade, mais cortês do que o homem correspondem a uma visão estereotipada das diferenças de género (Mills 2002: 78). Tal ideia conduz a que o homem seja mais vezes perdoado por ser incortês, uma vez que faz parte do estereótipo do estilo masculino de interação. Por sua vez, tal não acontece se a falta de cortesia for da responsabilidade da mulher, pois ela, estereotipicamente, é sempre mais cortês do que o homem (Mills 2002: 84). Portanto, para Sara Mills (2002), a relação do princípio da cortesia com o género deve ser analisado tendo sempre em conta os estereótipos que já se criaram.

Assim, deve partir-se da análise de algumas ideias já estabelecidas. Primeiro, são os homens que tendem a dominar as conversas em público, pois geralmente eles são mais participativos, falam mais do que as mulheres em público, fazem mais perguntas, interrompem mais vezes e não se sentem tão reticentes a discordar do interlocutor como as mulheres. Por outro lado, as mulheres, inclinadas para a função emotiva da comunicação e procurando sempre estabelecer relações, mostram-se mais atentas e apoiantes do que os homens e encorajam mais o *feedback*, evitando interromper os outros sem ser a sua vez. De certa forma, as mulheres têm mais presente a cortesia negativa e positiva, preocupando-se mais com a face. No fundo, estas diferentes formas de estar na comunicação refletem as diferenças psicológicas de género: a mulher, preocupada em estabelecer ou reforçar relações no grupo, sendo cooperante e cortês na comunicação; o homem, que vê a linguagem como uma forma de sublinhar o seu poder, sendo, por isso, mais competitivo.

Já no que diz respeito às conversas privadas ou informais, mais propícias às relações e à expressão de emoções, estas são mais participadas pelas mulheres, que neste campo já falam mais do que os homens. Nos contextos informais de comunicação, os homens não veem necessidade de se afirmar, de mostrar o seu poder e, por isso, são menos participativos. Daí que Allan e Barbara Pease (2006) justifiquem a velha questão "porque é que as mulheres falam tanto?". Esta questão surge da conversação entre mulheres em contextos informais ou íntimos, que são mais familiares, uma vez que, desde tempos pré-históricos, a

mulher conviveu sempre em situação de grupo com outras mulheres e crianças. Portanto, a conversação é, para elas, um meio de estabelecer e fortalecer laços (Pease e Pease 2006: 189).

Do mesmo modo, mesmo em contextos mais familiares, a mulher aparece como mais preocupada com a cortesia e com a questão da face. Um exemplo desta preocupação surge através da linguagem indireta da mulher (Pease e Pease 2006: 205), isto é, a mulher socorre-se muitas vezes de atos de fala indiretos para pedir ou solicitar alguma coisa ou mesmo para afirmar alguma coisa. Por exemplo, na interação com o homem em contextos informais:

Quando a mulher diz…	**O que ela quer dizer é…**
Podíamos ir ao cinema? Que te parece?	Vamos ao cinema.
Tu é que sabes…	Desde que eu concorde…
Não estou aborrecida…	Claro que estou aborrecida!
Precisamos de ir às compras!	Eu quero ir às compras!

Tabela 4. Discurso indireto das mulheres com os homens (Fonte: Pease e Pease 2006: 205).

Este discurso indireto, que carateriza as mulheres e que pode ser considerado no âmbito da cortesia negativa, dificulta a interpretação do locutor masculino que, centrado na função referencial, interpreta a mensagem literal, não se conseguindo uma comunicação eficaz. Neste sentido, as mulheres vão encontrar ainda mais dificuldades de comunicação nos contextos formais de comunicação, onde os laços estabelecidos são mais diminutos, condicionando, assim, a participação feminina. Esta dificuldade comunicativa é também sentida pelos homens, que sentem muitas vezes dificuldades em entender as mulheres.

Por outro lado, reconhecendo a sensibilidade da mulher e o seu pendor emotivo, o homem revela-se mais cortês quando interage com uma mulher do que com um homem. Isto porque, de certa forma, ele sente que, com a mulher, não precisa de marcar o seu poder, pois este já lhe é conferido socialmente, sendo, por isso, uma necessidade mais vincada entre membros do género masculino,

detentor do poder. Assim, os homens expressam mais cortesia para com as mulheres do que entre si. Por isso se advoga tanto o conceito de cavalheirismo, que mais não é do que cortesia. Daí que o homem abra a porta a uma senhora e a deixe passar à frente e não o faça, no mesmo contexto, a um homem. No entanto, estes gestos de cortesia mais não são do que realçar também a superioridade do homem, ou melhor, a subalternidade da mulher que, por isso, é tratada de forma especial e diferente.

Por outro lado, tal como referiu Lakoff (1975), é muitas vezes a insegurança que a mulher sente que a leva a ser mais cortês. Por isso, quanto mais formal e pública for a situação de conversação, mais se acentua a sua tendência para ser cortês, uma vez que, como está num ambiente mais estranho, tem mais dificuldade em estabelecer laços. Mas tal também acontece com o homem: quanto maior for o grau de formalidade, mais cortês se torna, mas essa cortesia é usada por este para se impor enquanto indivíduo, recorrendo maioritariamente à cortesia negativa, de forma a ser delicado, respeitando as hierarquias. A mulher não. Para além da cortesia negativa, usa abundantemente a cortesia positiva para se mostrar cooperante e solidária com aquele que fala, não só verbalmente, como através de linguagem não verbal (acenar a cabeça em sinal de acordo). Por isso, num contexto formal de comunicação, se torna comum ouvir uma mulher, depois de tomar a vez para interagir, a dizer "peço desculpa" ou "lamento"[96]. A mesma expressão surge quando discorda, acompanhada de um manancial de justificações. Tal não quer dizer que o mesmo não faça um homem, mas este, para além da preocupação com a *face* do outro, preocupa-se também com o facto de manter também a sua *face*.

Na verdade, a própria cortesia passa pela escolha das próprias palavras, pois nós podemos transmitir a mesma mensagem através de diferentes palavras, mas cujo impacto e interpretação poderá ser diferente. Por exemplo:

---

96) Mary Ritchie Key (1996) fala em "language of apology" ('linguagem das desculpas'), considerando-a uma caraterística da linguagem da mulher, já que a mulher parece estar sempre a pedir desculpas:

> The **language of apology** belongs predominantly to the female. Women are always being sorry or asking pardon for something. Whether or not they are to blame for something is not the issue. Men also say, "I'm sorry" or "Excuse me" occasionally, but it is a way of life for females (Key 1996: 29).

a. Um café.
b. Um café se faz favor…
c. Queria um café, se fizesse o favor.

Estamos perante o mesmo pedido, mas com o uso de diferentes palavras e, consequentemente, cortesia e respeito pela face do outro diversos. Obviamente, esta escolha das palavras terá sempre em conta as três dimensões já referidas, nomeadamente a da distância social, a do poder e hierarquia e a da formalidade, não esquecendo as diferenças de género no que diz respeito à forma como é encarada a comunicação: o homem vê-a pelo seu lado referencial e informativo; a mulher, pelo seu lado social e afetivo. Portanto, de acordo com esta ordem de ideias, a mulher optará mais vezes pelo uso da alínea c) do que o homem.

Efetivamente, indo ao encontro do que defende Diana Bravo (1999), o homem preocupa-se mais com a autonomia e o *ego*, a mulher com a afiliação e o *alter*, a partir daí a interação conversacional e a cortesia divergem quanto ao género ou géneros em interação.

Em suma, estas diferenças entre homens e mulheres no uso da cortesia refletem, tal como sublinha Holmes (1995), diferenças no modo de comunicar de ambos, demonstrando que cada sexo tem as suas regras próprias de interação[97]. Na verdade, eles utilizam estratégias linguísticas diferentes. Por outro lado, as diferenças de cortesia entre os sexos não são categoricamente genéricas e distintivas de cada género. Por isso, não se podem fazer asserções universais, pois surgem exceções [Margaret Tatcher, Angela Merkel, Hillary Clinton, entre outras] e, cada vez mais, não podemos esquecer a evolução das sociedades e a luta constante pela igualdade de género, que trazem consigo novos homens e novas mulheres.

Por fim, convém sublinhar que a questão da cortesia e o ser cortês na conversação pode contribuir para uma melhor compreensão da comunicação, contribuindo para que todos os elementos do processo comunicacional se sintam

97) *Cf.*: "[...] the possibility that women and men have different rules of interaction, and that they interpret interactive behaviour differently. Being linguistically polite may involve different behaviour for females and males." (Holmes 1995: 59).

melhor e mais reconhecidos. Esse é o valor da cortesia: reconhecer e valorizar a imagem do outro.

No que concerne ao português europeu, também o princípio da cortesia está vincadamente presente nas suas dimensões sociais, refletindo o contexto sócio-cultural português. Deste modo, a sociedade portuguesa, arraigadamente carregada de valores culturais, políticos e religiosos, reflete as dimensões da distância social, do poder e da formalidade no uso da linguagem e do princípio da cortesia na interação entre os indivíduos.

2.8. Linguagem do poder (homem) ***vs*** linguagem sem poder (mulher)

Robin Lakoff (1990) afirma que a linguagem é poderosa e é poder[98]. Portanto, quem dominar/controlar a linguagem e a interação discursiva terá o poder, usará a linguagem do poder. Desde logo, a questão da cortesia fornece-nos dados sobre quem tem mais poder ou quem domina a linguagem/conversação. De facto, aqueles que usam mais a cortesia negativa – seja por pedidos de desculpa por interromper, seja por *tag questions*, seja por expressões supercorteses (como *se fizesse o favor*, *gostaria de*…), etc. – são aqueles que se encontram numa posição inferior na sociedade (Coates 1986: 112). Neste sentido, como se afirma que as mulheres são mais corteses do que os homens, afirma-se que a mulher tem menos poder e o seu discurso/linguagem não tem poder.

Para verificar se o discurso masculino era mais poderoso do que o feminino, Pamela Fishman (1983) analisou 52 horas de gravação de conversas privadas de três casais. Concluiu que as diferentes estratégias conversacionais usadas sugerem que há desigualdade na conversação entre os géneros (Fishman 1983: 93). Entre essas diferenças, Pamela Fishman aponta, primeiramente, que as mulheres colocam mais perguntas do que os homens. No entanto, contrariamente ao que tinha defendido Lakoff (1975), as perguntas não demonstram insegurança, mas uma forma de garantir que a interação não vai falhar (Fishman 1983: 94). Uma outra diferença é o uso, maioritariamente feminino, da expressão "D'ya

98) *Cf*.: "Language is powerful; language is power"(Lakoff 1990: 13).

Know" ("Sabia que… / Sabes que…"), usada também para assegurar a interação conversacional. Com o mesmo intuito, as mulheres usam duas vezes mais expressões introdutórias que chamem a atenção do ouvinte, como por exemplo "isto é interessante" (Fishman 1983: 95). Uma outra diferença reside no uso das respostas mínimas, como "yeah", "umm", "huh", etc. Embora tanto os homens como as mulheres as usem, usam-nas de forma diferente: enquanto as mulheres as usam para mostrar apoio àquele que escuta; quando os homens as usam é como resposta ao contributo da mulher, revelando falta de interesse pelo que é dito (Fishman 1983: 95-96). No que respeita a declarações e asserções, os homens enunciaram mais do dobro de declarações relativamente às mulheres (Fishman 1983: 96). Por último, no que concerne à iniciação ou começo de um assunto de conversa, as mulheres revelam mais problemas do que os homens, socorrendo-se, na maior parte das vezes, das estratégias mencionadas anteriormente. Por outro lado, também têm mais problemas em manter a conversa.

Desta forma, Pamela Fishman (1983) conclui que existe uma distribuição desigual do trabalho na conversação, sendo que a mulher se esforça muito mais para assegurar a interação conversacional, enquanto o homem, sem se esforçar tanto, vê os seus interesses conversaconais vingarem[99].

Estes resultados refletem, segundo Pamela Fishman (1983), a dimensão do poder e do trabalho de ambos na sociedade, onde o homem é dominante. À mesma conclusão chegaram West e Zimmerman (1983), ao afirmarem que o maior número de interrupções por parte do homem nas conversas mistas é o resultado da posição subordinada que a mulher ocupa na sociedade (West e Zimmerman 1983: 110).

Neste seguimento, fica assente a ideia de que o homem tende a dominar as conversas em que entram ambos os géneros, sendo isso um sinal do poder masculino. O'Barr e Atkins (1998), a partir do estudo da linguagem usada em tribunal, vêm dizer que a chamada linguagem da mulher é, em grande parte, uma

99) *Cf.*: "Compared with the men, the women tried more often and succeeded less often in getting conversations going, whereas the men tried less often and seldom failed in their attempts. Both men and women regarded topics introduced by women as tentative; many of these were quickly dropped. In contrast, topics introduced by the men were treated as topics to be pursued; they were seldom rejected. The women worked harder than the men in conversation because they had less certainty of success with the topics they raised" (Fishman 1983: 98).

linguagem da impotência (O'Barr e Atkins 1998: 377), uma vez que o tribunal, enquanto instituição, é um reflexo da sociedade que o sustenta, onde a mulher é menos poderosa do que o homem. No entanto, sublinham que tal facto é o resultado da sua posição na sociedade e não do seu sexo.

O'Barr e Atkins (1998) partiram da análise de livros, escritos por advogados com experiência, que aconselham outros advogados sobre como proceder e falar em tribunal. Entre esses conselhos, que aparecem neste tipo de manuais, destaca-se o tratamento especial que deve ser dado às mulheres, que implica[100]: ser especialmente cortês com o sexo feminino; evitar fazer as mulheres chorar; e tirar proveito do facto de as mulheres se comportarem de forma diferente dos homens.

Partindo destes comentários feitos nos livros de aconselhamento de advogados e nas ideias de Robin Lakoff (1975), estes investigadores partiram para a análise da gravação de 150 horas de julgamentos em tribunal e descobriram que muitas mulheres se aproximavam do modelo de linguagem de mulher descrito por Lakoff[101]. As caraterísticas da linguagem da mulher, apresentadas por Lakoff (1975), ilustram uma linguagem sem poder, usada por alguém mais fraco e sem poder social. Não obstante, O'Barr e Atkins (1998) também verificaram que estas caraterísticas de linguagem não eram exclusivas das mulheres, uma vez que também foram encontradas em homens (O'Barr e Atkins 1998: 384). Tal facto questiona se estas caraterísticas são exclusivas de um género. Portanto, o sexo não será aqui a variável em questão, mas sim a posição social, pois as caraterísticas da "women's language" pode estar mais relacionada com a falta de poder social do que com o sexo[102] (O'Barr e Atkins 1998: 385). Nesse sentido, O'Barr e Atkins (1998) sugerem que a designação "women's language", criada

100) *Cf.*: "1. Be especially corteous to women. [...]
2. Avoid making women cry. [...]
3. Women behave differently from men and this can sometimes be used to advantage" (O'Barr e Atkins 1998: 378-379).

101) *Cf.*: "Our observations show a continuum of use of the features described by Lakoff" (O'Barr e Atkins 1998: 380). Ou seja, as mulheres usam correntemente *hedges, (super) polite forms, tag questions, speaking in italics, empty adjectives, hipercorrect grammar and pronnunciation, lack of sense of humour, direct quotations, special lexicon, question intonation in declarative contexts.*

102) *Cf.*: "may be related more to social powerlessness than to sex" (O'Barr e Atkins 1998: 385).

por Lakoff, seja substituída por "powerless language" (linguagem sem poder), uma vez que é mais descritiva das caraterísticas apresentadas. Por último, sublinham que a mulher fala a "powerless language" devido à posição que ocupa na sociedade[103].

Não obstante, apesar de a linguagem da mulher ser considerada uma linguagem sem poder, a mulher sabe usar essa linguagem em seu favor. Kira Hall, no seu artigo "Lip servisse on the fantasy lines" (1995), estuda a linguagem da mulher nas linhas eróticas. Para Kira Hall (1995), a mulher, tendo consciência da sua linguagem estereotipada, usa a linguagem sem poder para ganhar poder económico[104]. Também Mary Talbot (2003) aponta para uma reviravolta na perceção das capacidades verbais da mulher, uma vez que começa a deixar de ser encarada como inferior no uso da linguagem.

Por conseguinte, tal como Norman Fairclough (1989) defendeu, a linguagem e o poder estão relacionados socialmente, uma vez que são aqueles que têm mais poder social que dominam e controlam a linguagem / discurso, controlando também a interação discursiva dos participantes mais fracos[105]. Por conseguinte, se os homens são aqueles que ocupam os cargos sociais mais importantes, sendo também ideologicamente mais poderosos, são eles também que controlam o discurso e a linguagem. Daí que a mulher, em grupos mistos de conversação, seja menos participativa do que os homens. Por outro lado, muitas vezes a mulher foi encarada como um grupo minoritário e oprimido (Henley 1975: 184). Por isso, Deborah Tannen (1990) sustenta que os modos de falar associados com a

103) *Cf.*: "[...] we would suggest that the tendency for more women to speak powerless language and for men to speak less of it is due, at least in part, to the greater tendency of women to occupy relatively powerless social positions. What we have observed is a reflection in their speech behavior of their social status. Similarly, for men, a greater tendency to use more powerful variant (which we will term *powerful language*) may be linked to the fact that men much more often tend to occupy relatively powerful positions in society" (O'Barr e Atkins 1998: 385).

104) *Cf.*: "On the fantasy lines [...], women's language is bought, sold and custom-tailored to secure caller satisfaction. This hightech mode of linguistic exchange complicates traditional notions of power in language, because the women working within the industry consciously produce a language stereotypically associated with women's powerless in order to gain economic power and social flexibility" (Hall 1995: 183).

105) *Cf.*: "[...] we can say that power in discourse is to do with powerful participants controlling and constraining the contributions of non-powerful participants" (Fairclough 1989: 46).

masculinidade são também associados à liderança e à autoridade, mas os modos de falar femininos já não o são[106].

Podemos ainda dizer que esta linguagem do poder está também ligada ao domínio masculino na sociedade, como apresentam Barrie Thorne e Nancy Henley (1975[b]). Este domínio masculino reflete-se no uso da linguagem, que, por sua vez, transmite a desigualdade entre os sexos. Efetivamente, para Barrie Thorne e Nancy Henley (1975[b]), parece claro o domínio masculino na linguagem, uma vez que o masculino é associado ao universal e geral, sendo as mulheres excluídas ou um caso especial. Da mesma forma, as palavras associadas ao homem têm conotações positivas: demonstram poder, prestígio e liderança; em contraste, as palavras ligadas à mulher revelam um pendor mais negativo, conotando fraqueza, inferioridade, imaturidade e sentido vulgar e trivial. Por outro lado, muitos dos nomes designativos das mulheres têm um valor depreciativo (Thorne e Henley 1975[b]: 15). Nancy Henley (1975) acrescenta ainda que as mulheres são controladas por este poder, uma vez que são socializadas para serem dóceis e passivas e para ocuparem cargos perto do poder (como ser esposas, secretárias), o que faz com que estejam em constante interação com o poder. Nancy Henley (1975) defendeu ainda que a mulher sente ainda mais o poder através da linguagem não verbal, que domina a linguagem verbal, devido à sua facilidade de interpretação e compreensão da linguagem não verbal. Por isso, a comunicação não verbal ajuda a manter a estrutura e as relações de poder, já que contribui para manter o *status quo*. Por exemplo, em interação verbal, as mulheres são mais vezes alvo de contacto por homens e mulheres do que os homens. Isto quer dizer que são mais mais vezes alvo de contacto físico do que os homens, o que reflete a posição superior dos homens na sociedade (Eakins e Eakins 1978: 174). Do mesmo modo, quando se cruzam a caminhar, é maioritariamente a mulher que se desvia para dar passagem ao homem (Eakins e Eakins 1978: 172). Desta forma, os referidos autores concluem que as mulheres

106) *Cf.*: "[...] ways of talking associated with masculinity are also associated with leadership and authority. But ways of talking that are considered feminine are not" (Tannen 1990: 240).

talvez demonstrem sinais de submissão porque os homens apresentam gestos de domínio[107].

Por sua vez, os homens são ensinados a ser inexpressivos emocionalmente, por isso sorriem pouco, contrariamente às mulheres. Segundo Jack W. Sattel (1983), os homens aprendem desde crianças a ser inexpressivos porque, mais tarde, irão ocupar posições de prestígio e poder. Para Sattel (1983), essa será uma caraterística fundamental para ocupar o poder[108]. Por conseguinte, a inexpressividade não é uma caraterística masculina, mas uma caraterística resultante do poder, que é maioritariamente masculino. Por isso, a inexpressividade masculina nas conversas é resultado da posição dominante que o homem ocupa, aparecendo como um método usado para conseguir controlar e dominar a interação homem-mulher e homem-homem.

Segundo Judith A. Hall (1998), a sensibilidade *vs* insensibilidade perante a linguagem não verbal e o sorriso aparecem como as duas grandes diferenças entre os homens e as mulheres em termos comunicativos, ultrapassando qualquer outra diferença[109]. Concomitantemente, Judith Hall (1990) sistematiza mais diferenças no recurso a expressões não verbais, sendo que a mulher se assume como mais expressiva e mais dotada perante a linguagem não verbal. De facto, as mulheres têm rostos mais expressivos, sorriem mais, olham mais e recebem mais o olhar, abordam os outros e são abordadas com distâncias menores, são mais expressivas e mais autoconscientes do corpo do que os homens[110]. Por sua vez,

107) *Cf.*: "[...] perhaps women give gestures of submission because they have been shown gestures of dominance" (Eakins e Eakins 1978: 176-177).

108) *Cf.*: "Keeping cool, keeping distant as others challenge you or make demands upon you, is a strategy for keeping the upper hand. This same norm of political office – an image of strenght and fitness to rule conveyed though inexpressiveness – is not limited to the public sphere; all men in this culture have recourse to this style by virtue of their gender. The structural link usually overlooked in discussions of male inexpressiveness is between gender and *power*, rather than gender and inexpressiveness" (Sattel 183: 120).

109) *Cf.*: "Thus, we can say that these two nonverbal sex differences exceed many other sex differences […]" (Hall 1998: 170).

110) *Cf.*: Females also have more expressive faces, smile more (except, apparently, children), gaze more, receive more gaze (at least, adults), employ smaller approach distances to others when observed unobtrusively, and are approached closer by others. Women use body movements and positions that appear to be less restless, less expansive, more involved, more expressive, and more self-conscious than men do" (Hall 1990: 143).

Tannen (1994), através da observação e análise de algumas gravações de vídeo, conclui também que as mulheres olham mais para a pessoa com quem estão a falar e, entre si, falam mais próximas e mais alinhadas do que os homens[111].

Desta forma, o homem ainda continua ligado à linguagem do poder, pois é ele quem maioritariamente domina e detém o poder na sociedade, seja a nível político, como económico, como mesmo religioso. Efetivamente, os grandes líderes organizacionais e económicos são maioritariamente homens. A política é também maioritariamente dominada por homens. Por último, a religião é também comandada por homens, que veem a mulher como fonte de mal e adoram um deus, que embora sem sexo, caraterizam e apelidam como semelhante ao masculino. Por isso, deus é tratado por *Ele, Rei, Pai, Mestre*, etc.

Nesse sentido, todas as estratégias linguísticas, usadas pelos homens, na interação conversacional são resultado da sua posição dominante e uma forma de manter essa mesma posição. Essa posição dominante é ainda incrementada por uma sociedade industrializada e capitalista, que vinca a divisão entre a esfera pública e a esfera privada ou doméstica, diferenciando atividades e trabalhos de acordo com o género (Kramarae 1981: 118-119). Como resultado, acentuam-se as diferenças nos papéis de género, conduzindo a diferenças de género em relação ao poder. Desta forma, o homem ainda continua a ter um acesso mais facilitado ao poder, uma vez que não se encontra tão cingido à esfera privada ou doméstica. Na verdade, ainda que a mulher já comece a ser valorizada na esfera pública, pelo reconhecimento do seu trabalho, ainda prevalece tradicionalmente ligada à esfera privada, como a "rainha" do reino doméstico.

111) *Cf.*: "The girls and women are more physically still, more collected into the space they inhabit, and more directly aligned with each other through physical proximity, occasional touching, body posture, and anchoring of eye gaze. The boys and men do not touch each other except in playful aggression, do not anchor their gaze on each other's face, and spread out rather than gather themselves into the space they inhabit" (Tannen 1994: 98-99).

2.9. Consequências das diferenças comunicativas de género

O discurso humano é um processo constante de fazer significados, para o qual cada indivíduo, sozinho ou em grupo, contribui, dependendo da sua habilidade de se fazer ouvir e entender. Obviamente que este processo envolve direitos e deveres, bem como diferentes categorias de pessoas ou indivíduos envolvidos na interação. Por exemplo, enquanto em algumas culturas, as crianças devem permanecer caladas, em outras, podem exprimir-se livremente. O mesmo se passa em culturas onde a mulher não fale / participe nas esferas públicas, também aí as suas ideias não contam. Ou seja, a mulher que não comunica torna-se invisível para a sociedade (Eakins e Eakins 1978: 51). Por outras palavras, os direitos de falar não estão simplesmente relacionados com os indivíduos que falam, mas também com as situações e atividades (Eckert e McConnell-Ginet 2003: 92). Portanto, para entendermos plenamente como homem e mulher interagem, convém aceder a situações e às estruturas de interação dessas situações e ter presente o conceito de competência comunicativa. A competência comunicativa pode entender-se como a capacidade que uma pessoa tem de comunicar eficaz e efetivamente. Porém, mesmo que um indivíduo tenha competência comunicativa, pode não ser escutado, nem participar do discurso, se não aceder a essas situações de comunicação.

Por outro lado, podemos afirmar que a linguagem é algo social, resultado da nossa vivência em sociedade, e, por isso, a competência comunicativa implica também o conhecimento das normas culturais de interação discursiva (Coates 1986: 121). Desta forma, aprender ou saber falar é aprender a ser um membro de uma determinada comunidade e cultura. Por isso, a ordem social é reproduzida através do discurso. Neste sentido, se distinguem os papéis de homem e mulher, aprendidos desde cedo pelas crianças quando aprendem a falar. Assim, quando as crianças adotam um comportamento linguístico considerado adequado ao seu sexo, elas perpetuam a ordem social que cria as distinções de género (Coates 1986: 122). As distinções de género, por sua vez, são regidas por oposições, levando a que se caraterize os discursos de forma polarizada de acordo com o género. Como vimos, por exemplo, enquanto o discurso ou linguagem da mulher está orientado para o interlocutor, apresentando-se como cooperativo; o discurso

do homem é competitivo e individualista. Assim, as crianças aprendem uma competência comunicativa baseada na diferenciação de sexos, nomeadamente no que diz respeito à verbosidade, às interrupções, à cortesia, aos assuntos e ao já referido "estilo feminino".

No que respeita à verbosidade, Jennifer Coates (1986) refere que as meninas, até à idade de 4 anos, falam mais, quer com as suas mães, quer com as outras crianças. A partir daí, estas tendências comunicativas desaparecem e, tal como já foi referido em capítulos anteriores, em adultas, as mulheres tendem a falar menos do que os homens em grupos mistos de conversação. No entanto, não podemos esquecer que o facto de determinado género falar mais ou menos em interação também depende do contexto e, principalmente, do assunto de que se fala.

No atinente às interrupções e discurso simultâneo, não se verificam grandes diferenças entre rapazes e raparigas. Porém, estudos referem que os pais (homens) interrompem mais os filhos do que as mães e, por outro lado, as meninas são mais interrompidas do que os meninos (Greif 1980). Portanto, como já referimos anteriormente, o uso das interrupções ou do discurso simultâneo é uma maneira de controlar a conversação, sendo que os pais tentam controlar mais a conversação do que as mães.

Quanto à cortesia, os pais desde cedo ensinam e insistem para que as crianças falem com cortesia, nomeadamente através de saudações (Olá! Bom dia! Adeus! Até logo! Etc.) e agradecimentos. Embora não se verifiquem grandes diferenças no uso da cortesia entre crianças de diferentes sexos, no geral, por exemplo a fazer um pedido, as crianças tendem a ser mais corteses com membros do sexo feminino do que com o masculino, porque reconhecem mais cortesia nas mulheres (Coates 1986: 130). Não esqueçamos que vários investigadores, nomeadamente Janet Holmes (1995), reconheceram que o discurso da mulher era mais orientado para a cortesia.

No que concerne aos assuntos de conversação, os meninos entre si falam mais de desporto e profissões; as meninas, da escola, da identidade, de desejos e

necessidades. Os meninos fazem pedidos diretos, enquanto as meninas sorriem[112] mais e são mais cooperantes. Por outro lado, as meninas são mais penalizadas no seu discurso, através da conhecida expressão "uma menina não diz isso!". Como podemos ver, as diferenças comunicativas de género afloram cedo nas crianças. Uma vez que a linguagem é parte importante do processo de socialização da criança, é através dele que a criança aprende os papéis sociais do seu género. Aprender a ser homem ou mulher na sociedade é, entre outras coisas, aprender a falar a linguagem apropriada ao seu género (Coates 1986: 133). Por isso, já em idade adulta, em situações de conversação, em que estão presentes homens e mulheres, ambos se adaptam às diferenças de género e falam de assuntos que interessem a ambos, deixando de lado os seus preferidos para falarem com os seus pares[113]. Assim, por exemplo, quando estão a falar com homens, as mulheres falam de comida no mesmo sentido dos homens, ou seja, falam do que estão a comer ou de restaurantes, mas não de dietas e de alimentos saudáveis. Por conseguinte, Deborah Tannen (1990) salienta que, embora ambos os sexos façam reajustes nas conversações mistas, são as mulheres que se esforçam e fazem mais reajustes ao estilo masculino.

Num outro ângulo, uma consequência das diferenças de género na linguagem é a mudança linguística. Embora tradicionalmente os linguistas preferissem tratar a linguagem como um sistema fechado, separado de fatores externos, a verdade é que ela não existe independentemente da comunidade que a fala. Por isso, a mudança linguística ocorre num contexto de heterogeneidade linguística. A variação linguística existe em todas as sociedades: seja através da distinção dos discursos de diferentes grupos sociais (variação social), seja na distinção que se estabelece no discurso de determinado indivíduo em diferentes contextos (variação estilística).

A mudança linguística pode dizer-se que ocorre quando uma nova forma linguística, usada comummente por um subgrupo numa comunidade, é adotada pelos outros membros da comunidade e é aceite pela norma. Foi o que aconteceu

112) Mary Ritchie Key (1996) destacou que vários estudos têm verificado que as mulheres sorriem mais do que os homens (Key 1996: 106).

113) *Cf.*: "When women and men got together, they tended to avoid the topics that each group liked best and settle on topics of interest to both" (Tannen 1990: 236).

com termos como deputada, senadora, advogada, etc., que são termos femininos que não existiam na forma feminina na língua portuguesa, mas que surgiram porque as mulheres começaram a exercer esses cargos profissionais (Correia 1927: 19-20).

Nesta mesma linha da mudança linguística, vários são os teóricos que discutem e argumentam qual o género mais associado à mudança linguística. Uns defendem que é a mulher, pelo seu papel de cuidadoras das crianças, tendo um papel propício ao início da mudança. Outros defendem o papel crucial do homem, argumentando que a mulher é mais conservadora, pois, como está num ambiente mais doméstico e privado, não tem tanto contacto com a inovação e a mudança. Por outro lado, Milroy e Milroy (1998) defendem que o género está ligado à mudança, não de forma isolada, mas em conexão estreita com as classes sociais. Coates (1986) acrescenta que existem diferenças nas mudanças introduzidas por homens e mulheres. As mulheres intoduzem mudanças tendo em conta a norma de prestígio; os homens, por sua vez, introduzem mudanças descurando a norma[114].

Independente de qual o género responsável pela mudança, é importante sublinhar que a mudança linguística ocorre sempre num contexto de variação, sendo que a variação linguística é meramente um reflexo da variação social. Como as sociedades variam de todos os modos e formas, mas os papéis de género de homem e mulher também se distinguem em todas as sociedades, parece normal que a variação linguística surja das diferenças sociais contruídas à volta do género, contribuindo também para a evolução linguística. Portanto, não é importante dizer se é o homem ou a mulher o género responsável pela mudança. Na verdade, há mudanças introduzidas pelos falantes femininos e mudanças introduzidas pelos falantes masculinos. No entanto, o que importa sublinhar é que as diferenças masculino /feminino presentes na linguagem parecem estar intimamente envolvidas no mecanismo da mudança linguística (Coates 1986: 150).

114) *Cf.*: "Women seem to initiate changes above the level of social awareness: such changes tend to be in the direction of the prestige norms. Men, on the other hand, seem to initiate changes below the level of social awareness: such changes tend to be away from the accepted norms" (Coates 1986: 147).

William Labov (1998), indo ao encontro de que postolou Jennifer Coates (1986), refere que, entre os estudos mais consistentes da sociolinguística, se encontram os resultados encontrados sobre as diferenças linguísticas entre homens e mulheres, que podem ser resumidos a dois princípios fundamentais:

- numa estratificação sociolinguística estável, os homens usam com maior frequência do que as mulheres as formas fora do padrão linguístico;
- na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres usam com maior frequência do que os homens as novas formas linguísticas introduzidas (Labov 1998: 7).

Labov complementa estes princípios, advogando que os homens usam mais formas não estandardizadas porque são menos influenciados pelo estigma social; as mulheres, pelo contrário, usam mais as formas da norma porque têm em conta que estas têm mais prestígio (Labov 1998: 12)[115]. No entanto, embora considere válidas estas diferenças entre homens e mulheres no que concerne à mudança linguística, não vê como estas diferenças afetam o curso da história da língua. Por isso, tal como Milroy e Milroy (1998), Labov associou as diferenças de género às classes sociais existentes, porque o comportamento linguístico do homem e da mulher variam consoante a classe social a que pertencem[116]. Porém, Labov (1998) alerta para que se procure estudar estas diferenças sexuais separadas de cada grupo social, seja ele económico, étnico, urbano ou rural.

Para além das mudanças linguísticas, as diferenças de género na linguagem também trazem consigo consequências sociais. De facto, a má comunicação entre homem e mulher será a grande consequência destas diferenças comunicativas.

115) Penepole Eckert e Sally McConnell-Ginet (2003) não consideram estas conclusões tão linearmente, afirmando mesmo que a relação entre o género e o uso de fomas estandardizadas e/ou vernaculares é algo problemático, embora assumam que este tipo de generalizações abunda na sociolinguística (Cf. "(…) the relation between gender and the use of standard or vernacular features will be highy problematic. Nonetheless, such generalizations abound in the sociolinguistic literature", p. 292).

116) *Cf.*: "We also need them to map the interaction of sex and social class, because the behaviour of men and women in these various social groups has been found to be quite different in almost every case that has been studied" (Labov 1998: 21).

Por outro lado, esta má comunicação trará desvantagens para os dois géneros na interação conversacional.

Assim, Deborah Tannen (1990) considera mesmo que a conversação afasta os géneros, pois distinguem-se dois estilos em interação. Por um lado, Tannen (1990) carateriza a mulher como mais interessada em promover a intimidade com os outros, estabelecendo laços e promovendo a solidariedade. Por outro lado, os homens estão mais interessados em demonstrar a sua independência dos outros e a sua autonomia.

Também o(s) assunto(s) e a gestão da conversação é diferente entre homens e mulheres. Para Tannen (1994), as mulheres têm mais facilidade em escolher os temas da sua conversa e centram-se em poucos temas, enquanto os homens falam de várias coisas, sem perder muito tempo em cada tema, nem desenvolvendo e especificando o assunto. Enquanto num grupo de mulheres, elas estão mais de um quarto de hora a falar do mesmo assunto, um grupo de homens está sempre a mudar de assunto, intercalando com piadas e anedotas. Por outro lado, enquanto as mulheres falam de si, dos seus problemas e sentimentos e das suas relações, os homens raramente falam de si próprios e competem entre si para mostrar quem está mais informado sobre desporto, viagens e outros assuntos do dia-a-dia. Por conseguinte, enquanto o homem encara a conversa como uma troca de informação, a mulher vê a conversa como fonte de interação e do estabelecimento de relações (Tannen 1990: 81). Não esqueçamos que a conversa é a essência e o fundamento da amizade entre as mulheres.

Também já referimos que as mulheres respeitam mais as tomadas de vez na conversação e tendem a pedir desculpa quando tomam consciência que falaram tempo demais. Num grupo de mulheres, procuram que todas participem na conversa e não gostam que uma pessoa domine a conversa. Pelo contrário, numa conversa de homens, eles competem pelo domínio e ao longo do tempo vão estabelecendo uma hierarquia, em que uns dominam mais do que outros. Enquanto os homens se dirigem, na maior parte das vezes, para todo o grupo, as mulheres preferem ter conversas de caráter interpessoal, envolvendo somente uma ou duas interlocutoras.

Por outro lado, estas diferenças comunicativas entre homens e mulheres podem prejudicar as mulheres em termos de carreira profissional. Jennifer Coates

fala mesmo em marginalização da mulher em diferentes profissões, uma vez que esta sente mais dificuldades em progredir na carreira do que o homem (Coates 1995: 13). Em termos comunicativos, esta diferenciação ou marginalização decorre do facto de, a nível profissional, a linguagem dominante ser a masculina, uma linguagem do domínio público, que valoriza a troca de informação e os objetivos, diferente da da mulher, que fala uma linguagem típica da esfera privada e íntima, que valoriza as relações entre os indivíduos (Coates 1995: 21-22). Por isso, o que se tem vindo a verificar, apesar da constante adaptação feminina à linguagem masculina, é uma má comunicação entre os dois géneros. Entre os principais motivos de mau entendimento ou má comunicação entre homens e mulheres, Jennifer Coates (1986) enumera:

1. O significado das perguntas

As perguntas ou questões parecem ter significados diferentes para homens e mulheres. Como também já abordámos, as mulheres fazem mais perguntas do que os homens, uma vez que elas usam as perguntas como estratégia para manter e fazer fluir a conversa. Os homens, por sua vez, parecem interpretar estas perguntas como simples pedidos de informação. Estamos aqui perante um aspeto que pode ser motivo de má comunicação, uma vez que os homens utilizam as perguntas só no seu sentido direto, e as mulheres usam-nas com um valor indireto, ou seja, para fazer fluir a conversação.

2. As ligações que os falantes estabelecem na tomada de vez

Quando um falante toma a vez na conversa, pode começar por agradecer a contribuição do falante anterior e pode depois começar a falar de um assunto diretamente relacionado com o que foi dito anteriormente. Normalmente, este é o padrão adotado pelas mulheres. Por seu turno, os homens consideram que não têm de estabelecer ligação com a contribuição do falante anterior. Os homens têm mais tendência para ignorar o que foi dito anteriormente e concentram-se em fazer valer o seu ponto de vista. Em conversações mistas, as mulheres veem os seus comentários ignorados e os homens tenderão a conduzir a conversa de acordo com as suas regras.

3. Mudanças de assunto

As mudanças de assunto costumam ser rápidas e abruptas nas conversas masculinas, enquanto as mulheres, normalmente, desenvolvem a conversa com contribuições de todas as outras, por isso os assuntos desenvolvem-se progressivamente e a mudança de assunto ocorre gradualmente. Assim sendo, a continuidade é uma caraterística da conversação das mulheres, mas é irrelevante para os homens.

4. Falar de si próprio

As mulheres tendem a encarar a conversação como uma oportunidade para discutir problemas, partilhar experiências, construir a confiança e a amizade e dar conselhos. Neste sentido, todas as conversas das mulheres têm um lado terapêutico e emocional. Para os homens, a discussão de problemas pessoais não é um assunto normal de conversa. Por isso, respondem à abertura dos problemas dos outros como um pedido de aconselhamento e tomam uma atitude, não de partilha dos seus problemas, mas de perito no assunto, dando conselhos. Portanto, a exposição de um problema tem diferentes significados para o homem e para a mulher: enquanto para o primeiro é uma procura de uma solução; para a segunda é uma partilha de emoções com um efeito terapêutico.

5. Agressividade verbal

Falar alto e discutir agressivamente é uma caraterística do discurso dos homens. No entanto, estas discussões centram-se sempre em assuntos triviais e fá-los sentir-se bem. Berrar, chamar nomes, fazer ameaças e insultar fazem parte da agressividade verbal masculina. Contudo, as mulheres procuram evitar sempre discussões agressivas e consideram estas discussões, tipicamente masculinas, desagradáveis e, muitas vezes, como ataques pessoais. Enquanto para as mulheres, estas discussões significam o fim da conversa, para os homens faz parte da estrutura conversacional.

6. Interrupções

As interrupções fazem parte da conversação normal entre iguais. Deborah Tannen (1990) considera que a interrupção é uma intrusão ao direito de fala do outro com o objetivo de dominar[117]. Vários são os estudos que apresentam o homem como aquele que interrompe mais, maioritariamente as mulheres. As mulheres geralmente entremeiam comentários, oferecem comentários de incentivo, bem como acenam com a cabeça ou pronunciam sons mínimos de apoio (como *mmm*, *sim*). Nas conversas entre as mulheres, estes comportamentos são sinónimo de escuta ativa e empática. Por seu turno, as interrupções masculinas parecem ter como objetivo fazer terminar a vez do falante e encaminhar a conversa. Em conversas mistas, como já abordámos, as interrupções masculinas fazem calar a mulher, porque se sente incapaz de fazer interrupções tal como o fazem os homens. Tal como sublinhou Deborah Tannen (1990), as interrupções revelam-se um problema nas conversas entre homens e mulheres, porque eles têm diferentes estilos e usam as interrupções e/ou sobreposições de fala com intentos diversos. Enquanto as mulheres interrompem ou sobrepõem falas com o intuito de dar apoio e incentivo a quem fala; o homem interrompe para acrescentar informação, para enriquecer a conversa ou para a encaminhar para outra direção (Tannen 1990: 215). Mais uma vez, se corrobora a ideia de que a mulher encara a interação comunicacional na sua função afetiva, ou seja, tendo como base o estabelecimento de conexões; o homem, por seu turno, vê a interação sob a perspetiva da função referencial, ou seja, baseda na troca de informações.

7. Escuta

Na conversação, os participantes têm dois papéis: falar e escutar. Nas conversas entre mulheres, estas revelam-se boas ouvintes e demonstram-no acenando com a cabeça, respondendo, sorrindo, etc. Nas conversas masculinas, os homens não se mostram tão bons ouvintes, parecem construir a conversa

117) *Cf.* "[…] interruption is an intrusion, a trampling on someone else's right to the floor, an attempt to dominate" (Tannen 1990: 189).

com base numa competição, cujo objetivo é ser o falante. Isto significa que vai haver problemas de comunicação em grupos mistos. Os homens vão entender a postura da mulher como de fracas, uma vez que estão sempre a acenar com a cabeça, que eles interpretam como sinal de concordância, mas que elas entendem como sinónimo de *sim, estou a ouvir!* Do mesmo modo, numa conversa telefónica, por exemplo, a mulher repete infinitamente *pois* ou *sim*. Enquanto para as mulheres, estas palavras fornecem apoio ao falante e mostram-lhe que está a ser ouvido; para os homens, estas palavras são sinal de concordância, só as usando quando concorda com o falante. Por outro lado, os homens criticam as mulheres porque estas não conseguem ganhar o direito de falar. As mulheres vão encarar os homens como insensíveis ao seu direito de falar e ao seu dever de escutar, uma vez que eles não fornecem aquele aceno de cabeça ou monossílabos para mostrar que estão a ouvir. Por isso, em grupos de conversação mistos, as mulheres participam menos.

A estes sete tópicos, a partir dos quais se notam as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, Deborah Tannen (1990) acrescenta mais alguns, como: falar sobre problemas, dar informações e felicitar. No que diz respeito ao primeiro ponto, homens e mulheres falam sobre os seus problemas de forma diferente e esperam também respostas distintas. Enquanto as mulheres gostam de falar e explorar os problemas, esperando apoio e compreensão, os homens gostam de encontrar soluções. Aí reside o problema. Enquanto os homens esperam soluções, as mulheres esperam compreensão e apoio, sendo isso que, enquanto interlocutores, vão fornecer em troca ao sexo oposto.

Também na procura de informações existe assimetria. Enquanto as mulheres não se importam de pedir informações, os homens resistem a receber informações dos outros, principalmente de mulheres (Tannen 1990: 63). Do mesmo modo, as mulheres felicitam mais do que os homens os feitos e sucessos dos outros, talvez porque a posição de especialista/perito é mais importante para a noção de masculinidade do que para o conceito de feminilidade (Tannen 1990: 69).

Em suma, estas são áreas a partir das quais podem surgir problemas de comunicação entre homens e mulheres, que conotam diferentes estilos conversacionais. Portanto, tendo em conta estas diferenças de estilos na

conversação, Coates (1986) considera que a mulher se encontra em desvantagem nas conversas em que participem os dois géneros, sendo que são os homens que geralmente dominam. Não obstante, acrescenta que, no cômputo geral, ambos ficam em desvantagem, uma vez que: as mulheres são dominadas pelo estilo masculino em conversações mistas e os homens perdem competência em aspetos valorizados no estilo feminino. Estes problemas de comunicação de género, tal como se refletem nas conversas informais e nas discussões do dia-a-dia, também se refletem ao nível do discurso formal das instituições, ainda dominado por um discurso tipicamente masculino, já que os homens ocupam a maioria dos cargos mais elevados (Eckert e McConnel-Ginet 2003: 93). Não obstante, já se defende a incorporação, a nível institucional, de um discurso cooperativo ao estilo feminino, promovendo assim as boas relações e o cooperativismo entre todos os membros de qualquer instituição (Coates 1995: 29). Da mesma forma, muitos procuram e defendem uma reforma da linguagem, que faça desaparecer todos os elementos discriminatórios, tornando a linguagem mais inclusiva.

2.10. Mudanças: a linguagem "politicamente correta" ou linguagem inclusiva

Tendo presente a existência de sexismo na linguagem, as feministas, desde os anos de 1960, têm procurado lutar por uma linguagem mais inclusiva, como forma de alcançar uma representação mais equilibrada do homem e da mulher na sociedade (Pauwels 2003: 554). Este combate estendeu-se até aos nossos dias e deixou de estar restringido a uma luta feminista. Acreditar na conceção de que a linguagem reflete a sociedade é fácil, contudo, não é assim tão fácil verificar o contrário, ou seja, como a linguagem pode afetar a sociedade (Eakins e Eakins 1978: 21). A ideia de reforma da linguagem encontra-se bem escrutinada na obra de Deborah Cameron, *Verbal Hygiene*, publicada em 1995. "Verbal higiene" é um termo que engloba um conjunto de práticas metalinguísticas normativas, que apareceram da convicção de que existem determinadas formas de usar a linguagem que, funcional, estética e moralmente, são as preferíveis (Cameron

1996: 36). No fundo, explora-se a questão do "politicamente correto", abolindo práticas discriminatórias individuais e institucionais (Mills 2008: 6).

O "politicamente correto" carateriza-se como uma atenção excessiva para não ferir a sensibilidade daqueles que são diferentes da norma (como mulheres, lésbicas, homossexuais, pessoas deficientes e pessoas negras)[118]. Tendo em conta esta noção de "politicamente correto", corrobora-se o estatuto inferior da mulher na sociedade. No entanto, Sara Mills (2008) alerta para os interesses políticos associados à questão do "politicamente correto", que, muitas vezes, mais do que pretender uma reforma da linguagem, procura ser um movimento político das minorias. Por outro lado, Deborah Cameron (1995ª) sublinha que este movimento tem como objetivo dar tratamento especial a certos grupos sociais (como às mulheres e grupos étnicos), construindo *curricula* educacionais diferentes dos habituais[119]. De certa forma, entra-se assim numa discriminação positiva, como lhe chama Calero Fernández (1999: 29).

Deborah Cameron (1995ª) chama ainda a atenção para o facto de não haver entendimento sobre o que realmente constitui o "politicamente correto". Para o movimento feminista, o "politicamente correto" é um termo abusivo e ridículo, um assunto ficcional inventado pelos *media*[120]; para muitos outros, o "politicamente correto" refere-se a um conjunto real de termos e crenças. Paradoxalmente, este termo aparece associado às campanhas feministas, principalmente por aqueles que são seus opositores (Mills 2008: 116). Neste sentido, Sara Mills (2008) considera que sexismo, anti-sexismo e "politicamente

118) *Cf.* "To clarify, in its general usage, 'political correcteness' is characterised as an excessive attention to the sensibilities of those who are seen as different from the norm (women, lesbians, gays, disabled people, black people)" (Mills 2008: 100).

119) *Cf.*: "The movement's specific objectives include giving preferential treatment to members of certain social groups (e.g. women, ethnic minorities) in schools and universities; constructing educational curricula in which the traditional ideas of cultural heritage and artistic excellence are replaced with an emphasis on non-western, non-white and female cultural contributions; and prescribing the kind of language that may or may not be used to talk about the differences between humans, especially gender and racial / ethnic differences" (Cameron 1995ª: 124).

120) *Cf.* "For many feminists, 'PC', as I mentioned above, is simply a media invention used to denigrate feminist anti-sexist campaigns, and, thus, it is a term to be contested or at least used with great care. Feminists do not wish to have their political action denigrated by being associated with a set of practices which are characterised as ridiculous and the object of scorn, and with which they would not agree." (Mills 2008: 118).

correto" devem ser considerados três termos completamente distintos, embora operando uns com os outros[121].

Sara Mills (2008), centrando-se no percurso histórico do sexismo, distingue, como já abordámos, entre sexismo direto e sexismo indireto. O sexismo direto é aquele sexismo facilmente identificável nas marcas linguísticas que deixa e está historicamente associado com a expressão de opiniões discriminatórias da mulher, revelando o seu estatuto inferior na sociedade. É este tipo de sexismo na linguagem que tem sido maioritariamente contestado pelas feministas e que se tem tornado estigmatizado pelos falantes. Não obstante, este tipo de sexismo direto ou aberto ainda existe, mas é encarado anacronístico, revelando visões muito conservadoras da mulher, tendo-se tornado, por isso, condenado.

Os protestos feministas implicaram algumas mudanças no modo como as pessoas se sentiam ao expressar ideias ou preconceitos sexistas. Nesse seguimento, surgiu a ideia do "politicamente correto" e da linguagem inclusiva. Exemplos desta luta contra o sexismo são os livros de Margaret Doyle (1995), *The A – Z of Non-Sexist Language,* de Ruth King (1991), *Talking Gender: A Guide to Nonsexist Communication*, e, mais centrado na escrita literária, o de Casey Miller e Kate Swift (1989), *The Handbook of Non-Sexist Writing*. Margaret Doyle publica a obra *The A – Z of Non-Sexist Language* como estandarte de uma linguagem inclusiva, por oposição ao sexismo e à linguagem "exclusiva" dominante, que exclui e discrimina a mulher (Doyle 1995: 1). Para esta autora, a promoção e o uso de uma linguagem mais inclusiva, para além de evitar a discriminação da mulher, eliminaria também os estereótipos que a linguagem sexista transporta consigo. Efetivamente, segundo este ponto de vista, a língua influencia os nossos comportamentos e atitudes. E uma vez que os termos sexistas têm alternativa, sendo substituídos facilmente, o resultado seria uma linguagem mais clara e mais precisa (Doyle 1995: 2).

121) *Cf.*: "Sexism, anti-sexism and 'PC' should be seen as functionally different, as – respectively – a set of discursive practices interpreted by some as discriminatory, a set of metadiscursive practices aimed at combating discrimination, and a negative characterisation of that position of critique. However, whilst functionally different, these discourses operate in relation to one another" (Mills 2008: 119).

Na mesma linha de pensamento esteve também Ruth King (1991), que apela à reforma da linguagem, por forma a eliminar estereótipos e dar valor à experiência e papel da mulher na sociedade[122]. Para esta autora, a língua reflete ainda a desigualdade de poder que o homem e a mulher têm na sociedade, em que o homem é ainda considerado a norma, arrastando a mulher para a invisibilidade (King 1991: 3).

No entanto, por oposição, a resposta à luta contra o sexismo foi o já referido sexismo indireto. Este é um tipo de sexismo que domina nos *media*, mas que é disfarçado através do humor ou da ironia. Obviamente este sexismo indireto surge do facto de, cada vez mais, se denunciarem casos de sexismo e de visões esterotipadas, resultado de uma evolução das mentalidades, para a qual contribuiram as feministas e as mulheres em geral. As feministas destacam-se sobretudo pela sua análise crítica do discurso ("Critical discourse analysis - CDA"), cujo objetivo primeiro é contestar uma sociedade patriarcal, onde a mulher surge como um grupo social excluído[123].

Não obstante, a ideologia de género e as relações de poder assimétricas continuam, mas de uma forma mais subtil (Mills 2008: 1). Por isso, o grande objetivo é a tranformação social. Efetivamente, a sociedade tem mudado grandemente no que diz respeito à mulher, devido maioritariamente ao crescente número de mulheres a trabalhar fora de casa a tempo inteiro. Claro que esta mudança acarreta mudanças na forma como a mulher é vista, mas também pode ser encarada como uma ameaça para aqueles homens que persistem em ter uma visão esterotipada da mulher e que continuam a contestar o acesso que, hoje em dia, as mulheres têm a carreiras profissionais e à respetiva ascensão ou promoção profissional. A mudança também tem impacto no modo como as mulheres se comportam e se veem a elas próprias. Por isso, devido à sua crescente independência financeira e estatuto no mercado de trabalho, as mulheres estão

122) *Cf*.: "Language change involves both altering old usage to eliminate negative stereotyping of women and women's roles and creating new words to describe women's experiences" (King 1991: 1).

123) *Cf*.: "As feminist critical discourse analysts, our central concern is with critiquing discourses which sustain a patriarchal social order: that is, relations of power that systematially privilege men as a social group and disadvantage, exclude and disempower women as a social group" (Lazar 2005[b]: 5).

menos dispostas a tolerar comentários sexistas e discriminação (Mills 2008: 19). No entanto, isto não quer dizer que as mulheres sejam tratadas como iguais relativamente aos homens. Também não podemos esquecer que, muitas vezes, são as próprias mulheres que adotam e têm posturas e comportamentos baseados em visões esterotipadas e sexistas.

De facto, a reforma da mentalidade sexista não passa somente por mudanças em palavras particulares (como no caso dos pronomes) ou expressões da língua. Uma verdadeira reforma implica que esta seja aceite e promovida por aqueles que detêm o poder[124], pois as mudanças são sempre difíceis de aceitar e, neste caso em particular, também encontram resistência por parte de muitos homens.

Nesse sentido, a integração da mulher na esfera pública não foi facilmente aceite, principalmente por parte do homem. Michelle Zimbalist Rosaldo (1974) considera fundamental a diferenciação entre esfera pública e esfera doméstica para compreender o estatuto da mulher na sociedade. Enquanto a mulher se cingir à esfera doméstica e privada, terá sempre um estatuto inferior ao do homem. Por outro lado, também argumenta que quanto mais a sociedade diferenciar estas esferas de atividade, mais diferenciação existe entre o estatuto e o valor das atividades masculinas e femininas. Por isso, Rosaldo (1974) defende que a mulher conseguirá mais estatuto entrando na esfera pública, domínio ainda masculino. Desta forma, as sociedades tornar-se-iam mais igualitárias se não existisse uma diferenciação tão vincada entre esfera pública e esfera doméstica (Rosaldo 1974: 36).

Como entretanto a mulher tem vindo a entrar na esfera pública, é claro que a mulher também já não é tratada da mesma forma, teve de haver uma mudança na linguagem a usar. Por exemplo, hoje é impensável começar uma reunião de departamento por "Meus senhores, vamos começar!?". Houve, de facto, uma série de mudanças institucionais e legais para eliminar muitas expressões sexistas que as feministas nunca deixaram de denunciar. Não obstante, tal não quer dizer necessariamente, como Susan Ehrlich e Ruth King (1998: 179) frisam, que a linguagem ou os falantes deixem de ser sexistas. Estas investigadoras sugerem

124) *Cf*. "Reform can only be effective if it is accepted and promoted by those in positions of influence" (Mills 2008: 17).

mesmo que o desaparecimento de determinados termos sexistas será substituído por outros mais subtis. Nesta linha de ideias está, como vimos, Sara Mills (2008), que argumenta que estas mudanças na linguagem fizeram com que o sexismo aberto desaparecesse, mas surgisse um outro, muito mais subtil, mas também discriminatório.

Portanto, pode-se reiterar uma evolução do sexismo. Originalmente o termo sexismo implicava uma relação antagonística entre os sexos, resultado de uma sociedade patriarcal, cujo sistema favorecia o homem em detrimento da mulher. Embora continuem a persistir desigualdades estruturais entre homens e mulheres, realçando a existência de sexismo, a noção de patriarquia está muito mais simplificada. Patriarquia é uma noção muito mais complexa, porque envolve um sistema de ideologias. Nesse sentido, Sara Mills (2008) remata afirmando que o sexismo é melhor compreendido como um conjunto de práticas discursivas e estereótipos, que mudam ao longo dos tempos e que podem ser contestados, do que como o reflexo de um patriarcado imutável[125].

Efetivamente, temos de ter presente que o sexismo é fruto do homem, mas nem todos os homens são sexistas. Portanto, é necessário continuar a reforma da linguagem que já começou e que tem como condição *sine qua non* a ascensão da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, demonstrando o seu valor e poder. Assim, a mulher poderá falar com mais assertividade, pois, como já Robin Lakoff (1975) havia postulado, a forma de a mulher falar reflete a sua insegurança e estatuto inferior na sociedade. Por conseguinte, ao conquistar um lugar na sociedade, a mulher poderá falar com mais segurança e assertividade. Neste contexto, tal como refere Deborah Cameron (1995), já surgem livros a aconselhar as mulheres para conseguirem falar com assertividade. Estes conselhos vão ao encontro do conceito de "verbal hygiene", que, para Cameron (1996), chega às mulheres por dois meios: aconselhamento ao nível profissional, com o objetivo de melhorar a competência e assertividade linguísticas da mulher no mundo do trabalho, postulando que as mulheres terão mais sucesso se

125) *Cf.*: "Thus, we need a much more complex notion of male power and the way it is buttressed by other forces. Sexism is better understood as a set of discoursive practices and stereotypical knowledge which changes over time and which can be challenged, rather than as the reflection of a fixed and unchanging patriarchy" (Mills 2008: 21).

adotarem estratégias linguísticas mais associadas aos homens; e, por outro lado, aconselhamento para as relações interpessoais, principalmente nas relações com o sexo oposto (como faz, por exemplo, Deborah Tannen (1990), em *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*).

Falar com assertividade é também equiparado a saber falar como o homem. Robin Lakoff (1975) já havia afirmado que as mulheres que falassem como os homens eram levadas mais a sério. De facto, contrariamente aos homens, que se falarem com um estilo semelhante ao das mulheres são considerados "afemininados", as mulheres podem adotar livremente o estilo masculino, sendo mesmo valorizadas por isso (Thorne e Henley 1975[b]: 19). Neste contexto, Shigeko Okamoto (1995: 317) verificou que as mulheres japonesas têm vindo a mudar o seu discurso feminino para um discurso mais masculino.

Porém, Mary Ritchie Key (1996) não segue essa linha de ideias, em que a mulher deve procurar falar como o homem, a investigadora defende uma linguagem andrógina, segundo a qual as mulheres não devem tentar copiar a linguagem dos homens (Key 1996: 144). Assim, a linguagem andrógina será complementar e não divisória[126], uma vez que se podem mudar estilos e formas linguísticas que criam desconforto, elevando a consideração e o respeito pela mulher, sem denegrir a imagem do homem (Key 1996: 136).

Todavia, como a mulher ainda encontra entraves, desde as ideias esteotipadas e tradicionais que ainda prevalecem, até à sua condição física, regra geral, mais fraca do que a do homem, ainda continua alvo de exclusão. Calero Fernández (1999) defende que a verdadeira reforma, para desaparecimento do sexismo, deve passar por duas instituições fundamentais: a escola e a família, pois estas constituem-se como modeladoras da personalidade e dos comportamentos, bem como veiculadoras de conhecimentos imprescindíveis para se participar na vida pública e privada (Calero Fernández 1999: 31). Contudo, Deborah Tannen (1990) alerta, porque as pessoas são diferentes, não só no género, mas na formação

126) Cf.: "[...] an androgynous language will be complementary rather divisive" (Key 1996: 144).

cultural, as diferenças de atitude perante a oposição linguística persistirá entre amigos, amantes e estranhos[127].

2.11. Síntese

Tendo em conta o exposto, vimos que sexo não é o mesmo que género, enquanto o primeiro é biológico, o último é socialmente construído. Assim, desde o momento em que o médico informa que é um menino ou uma menina, a vida das crianças é definida em função do género e, a partir daí, através da socialização, elas aprendem e ganham uma identidade ou papel de género masculino ou feminino. Os papéis de género são os comportamentos que são vistos como apropriados ora para homens, ora para mulheres, incluindo atitudes, traços de personalidade, emoções e até mesmo posturas e linguagem corporal. Os papéis de género envolvem ainda comportamentos e atitudes sociais e culturais, como as ocupações que escolhemos, como nos vestimos e usamos o cabelo, como andamos, como falamos, etc., tidos como apropriados para o homem ou para a mulher (Carroll e Wolpe 1996: 163)[128]. São estes papéis de género que se tornam estereótipos e que são fundamentais na nossa forma de pensar, influenciando como entendemos os outros e o que esperamos dos outros (Beal 1994: 5). Desta forma, os estereótipos guiam o nosso comportamento, tendo em conta os papéis de género, e delineiam o desenvolvimento do comportamento das crianças, que aprendem a seguir os adultos e os respetivos papéis de género. Segundo Basow (1992), mais do que se refletirem em comportamentos diferentes, os estereótipos

127) Cf.: "[...] because people are different, not only in gender but in cultural background, differences in atitudes toward verbal opposition will persist among friends, lovers, and strangers (Tannen 1990: 187).

128) *Cf.*: "Gender roles are culturally defined behaviours that are seen as appropriate for males and females, including the attitudes, personality traits, emotions, and even postures and body language that are considered fundamental to being male or female in a culture. Gender roles also extend into social behaviours, such as the occupations we choose, how we dress and wear our hair, how we walk (men traditionally walk on the street side, open doors, etc.), how we talk (men often interrupt more, women defer more), and the ways in which we interact with others" (Carroll e Wolpe 1996: 163).

de género originam diferentes comportamentos, funcionando como "regra" ou "padrão" que as pessoas aprendem.

Partindo destas diferenças de papéis, o género reflete-se também no uso da linguagem. Deborah Tannen (1990) sugere que existem grandes diferenças entre a forma como o homem e a mulher comunicam, distinguindo-se mesmo aquilo que ela chama "genderlects". Para Tannen (1990), os homens tendem a ver o mundo como um lugar onde existe ordem hierárquica e, por isso, eles têm de lutar para manter a sua posição e, dessa forma, eles interpretam e veem a interação comunicativa como um desafio em que têm de defender a sua posição e a sua independência. As mulheres, por sua vez, encaram o mundo como uma teia de relações e o seu objetivo na comunicação é formar conexões e evitar o isolamento. Neste sentido, os homens centram-se mais no conteúdo informacional da comunicação e as mulheres, por seu turno, centram-se mais na parte emotiva, nas relações que podem estabelecer. A partir daqui, notar-se-ão diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

O estudo da relação entre a linguagem e o género depende muito da compreensão do comportamento e da ideologia de género, bem como do contexto onde ocorre a comunicação (Brown 1993: 144). Assim, como as linguagens variam no mundo, também variam os papéis de género, pois, embora a distinção entre homens e mulheres comece por ser de ordem biológica e psicológica, o género é um constructo social e cultural e os papéis de género são socialmente determinados (Beal 1994: 4).

Deste modo, embora partindo de uma fundamentação teórica geral e abrangente, o nosso trabalho de investigação vai culminar na realidade do português europeu e nas diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu.

Capítulo 3

Estudos sobre o género em português europeu

Os estudos portugueses centrados na relação entre o género e a comunicação são ainda parcos, existindo ainda pouca investigação na área. Daí o relevo que consideramos que este trabalho de investigação tem no panorama nacional. Não obstante, ainda surgem nomes com destaque na área. Também estes refletiram sobre a importância das diferenças comunicativas de género a partir de estereótipos e ideologias sobre a identidade de género comuns a muitas línguas.

3.1. Ideias tradicionais sobre o género na linguagem

Em Portugal, destaca-se, como primeiro investigador sobre questões de género e a linguagem, João da Silva Correia, professor, escritor e filólogo, que escreveu, em 1927, a obra intitulada *A linguagem da mulher*, à qual acrescentou, em espécie de subtítulo, *em relação à do homem*. Portanto, João da Silva Correia aparece-nos aqui como um vanguardista na investigação das diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

João da Silva Correia foi linguista e professor universitário, nasceu a 21 de janeiro de 1891, em Espariz, Tábua, e faleceu a 1 de junho de 1937, em Lisboa. Licenciou-se em 1917 e depois doutorou-se (1929) em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, onde foi professor catedrático de Filologia Portuguesa, entre 1930 e 1937. Influenciado pela Escola Francesa e pela "estilística" de Charles Bally, a sua investigação e obras "incidem de modo muito particular sobre a semântica e especialmente sobre os meios de expressão da língua viva, coloquial e literária, sobretudo contemporânea" (AA.VV. 1999:

[O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa, pp. 159 - 172]

116), tal como se verifica na obra *A Linguagem da Mulher*, onde são explorados os modos de expressão da mulher e do homem.

Este livro foi o produto de uma conferência realizada na Associação dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra. Como o autor desde logo afirma, na contracapa, esta obra explora a linguagem da mulher em relação à do homem no que concerne às:

> […] diferenças no campo dos auxiliares da linguagem, no do léxico, no da gramática e no do estilo, acrescidas de algumas observações no domínio da etimologia dos vocábulos designativos da mulher e no da produtividade literária feminina, - todas acompanhadas de breves comentários psicológicos (Correia 1927).

João da Silva Correia começa por realçar a "curiosidade" que o tema ("diferenças de linguagem dos dois sexos") suscita, realçando que poucos estudos se têm debruçado sobre o tema, e que os poucos estudos que têm sido feitos dizem respeito às diferenças de linguagem entre homens e mulheres em povos ditos selvagens (Correia 1927: 1). Por isso, considera "lícito lembrar [...] da insegurança ou dessolidez do terreno que vamos pisar, reza inclusivamente a sabedoria popular: 'O melão e a mulher são maus de conhecer" (Correia 1927: 1). Não obstante, não hesita em afirmar que embora homem e mulher falem a mesma linguagem e "entre os dois sexos não haja divergências essenciais, o modo de expressão não é no entanto rigorosamente o mesmo" (Correia 1927: 3), uma vez que "a mulher tem ocupações e preocupações diferentes das do homem" (Correia 1927: 3) e também se distingue daquele fisiologicamente e psicologicamente[1]. Neste contexto, Correia afirma que, naturalmente, os dois

1) *Cf.*: "Distingue-se dele: fisiologicamente – pela sexualidade, pelo menor peso e altura, pela mais débil compleição anatómica; e psicologicamente: - pelo sentimento, mais profundo que amplo com que se devota, não a princípios abstractos, mas a pessoas, principalmente fracos e pequenos que necessitam de protecção maternal, - pelas qualidades altruísticas que não excluem o pendor para defeitos como a dissimulação e gosto de brilhar, avolumados talvez na mulher pela condição social, que a fez ou subalterna escravizada, ou rainha de artifício; pela inteligência, maravilhosamente subtil e plástica, tão inclinada à assimilação do concreto e à visão do caso particular ou do pormenor, quanto avessa às generalizações e sínteses" (Correia 1927: 3).

géneros vão divergir também na linguagem que falam e escrevem (Correia 1927: 3). Assim, João da Silva Correia vai agrupar estas diferenças em quatro grupos:

1. Auxiliares da linguagem;
2. Léxico;
3. Gramática;
4. Estilo.

No atinente aos auxiliares da linguagem, a mulher usa mais auxiliares da linguagem[2] (Correia 1927: 4), como o suspiro, o gemido, o pranto e gestos. Efetivamente, quanto à linguagem não verbal, a mulher revela uma grande vivacidade gesticulatória, superior à do homem, sendo de sublinhar que "os gestos religiosos e supersticiosos então são vulgaríssimos na mulher, principalmente na inculta" (Correia 1927: 4). Não obstante, é também expressiva pelo olhar, pela posição dos lábios, pelo sorriso. No fundo, "a mulher toda ela fala; ela é a própria linguagem" (Correia 1927: 6).

No que concerne ao léxico, também este difere do do homem. Para o autor, o vocabulário da mulher é pobre em domínios como: o dos neologismos técnicos ou científicos, pois "a mulher prefere o vocabulário popular ao erudito" (Correia 1927: 7); o das palavras abstratas; o das conjunções ou locuções subordinativas, e o da sinonímia e da polissemia. O filólogo português, recorrendo ao filólogo Nyrop e à sua *Grammaire historique de la langue française,* diz que esta pobreza de vocabulário se deve ao facto de as mulheres serem mais conservadoras e se confinarem à língua que aprenderam (Nyrop *apud* Correia 1927: 8). Também Otto Jespersen (1922) sublinhou esta caraterística feminina, afirmando que as mulheres são mais conservadoras do que os homens[3]. Contudo, João da Silva Correia refere que o léxico da mulher não é pobre em tudo, existindo áreas nas quais é rico e abundante, como no campo dos arcaísmos, no campo das

2) *Cf.*: "a mulher, mais impressionável que o homem, usa, em maior proporção que ele, quasi todos os auxiliares da linguagem – os sonoros como os surdos" (Correia 1927: 4).

3) *Cf.*: "Women are more conservative than men, and that they do nothing more than keep to the traditional language which they have learnt from their parents and hand on to their children, while innovations are due to the initiative of men" (Jespersen 1922: 242).

interjeições e locuções exclamativas, no das palavras e locuções diminutivas, hipocorísticas e onomatopaicas, no campo dos estrangeirismos da moda e do viver mundanal e, como é óbvio, no domínio da vida do lar (cozinha, vestuário, mobiliário, doenças e enfermagem, etc.). Para o autor, são as mulheres que conservam a língua antiga, pois são bastante arcaizantes e tradicionalistas na linguagem (Correia 1927: 9), também pelo facto de os homens saírem mais de casa por causa do serviço militar e/ou para trabalhar, e ainda porque as "famílias menos abastadas mandavam educar os rapazes de preferência às raparigas" (Correia 1927: 10).

Ainda neste ponto, o filólogo afirma que também existem diferenças consideráveis no domínio da memória, já que a feminina é mais precoce e mais apta para a retenção verbal e cromática[4].

No que concerne ao domínio gramatical, as diferenças tocam a fonética, a morfologia, a sintaxe e a semântica. No que diz respeito aos aspetos fonéticos, o linguista realça logo as diferenças de timbre e altura da voz da mulher em relação à do homem. Também a velocidade verbal é, para Correia (1927), maior no sexo feminino do que no masculino, significando, talvez, maior superficialidade, irreflexão e precipitação nervosa por parte da mulher (Correia 1927: 13). Apresentando também esta justificação, Otto Jespersen destaca que a mulher tem uma tendência para deixar as frases inacabadas devido à precipitação com que fala[5]. Da mesma forma, a mulher utiliza muito mais a voz cochichada. Concomitantemente, também é mais usual ouvir, entre as mulheres, berros ou gritos, sem que estes signifiquem raiva, cólera ou discussão. Ainda neste ponto, Correia sublinha que "[...] sendo mais actriz que o homem é actor, a mulher parece assinalar e variar mais largamente as inflexões ou modulações de valor semântico em palavras como em frases" (Correia 1927: 14).

4) *Cf*.: "A do sexo feminino é, além de mais precoce, mais apta para a retenção verbal, principalmente quando as palavras designam ideias visuais.
É inegável que a mulher possúe apurado sentido e memória cromatica, distinguindo e retendo muito bem as tonalidades, quer na infância quer na idade adulta" (Correia 1927: 12).

5) Cf.: "I think, that women much more often than men break off without finishing their sentences, because they start talking without having thought out what they are going to say" (Jespersen 1922: 50).

No que concerne ao ponto de vista morfológico, salienta-se, desde logo, o maior uso dos superlativos pela mulher, talvez pela "[...] sua índole impressionável e pendor para a exibição" (Correia 1927: 16), bem como o constante uso do pronome pessoal "eu", revelando algum egocentrismo (Correia 1927: 16). Por outro lado, o filólogo afirma que, em português, à semelhança de outras línguas românicas, apresenta mais formas femininas (Correia 1927: 19), como por exemplo advogada, médica, doutora. Nesta sequência, ele aventa a possibilidade de aparecimento de palavras femininas como *candidata*, *deputada*, *senadora*, *bacharela*, *estudanta*, tudo na área das novas profissões emergentes, resultado das "[...] conquistas das mulheres à face do costume e do código" (Correia 1927: 20). Também Deborah Cameron sublinhou este aspeto[6]. Por isso conclui, citando Nyrop:

> A língua moderna apresenta um grande número de formas femininas desconhecidas das épocas anteriores: é o reflexo filológico dos progressos do feminismo, do acesso da mulher a postos, empregos ou funções, donde outrora era excluída (Nyrop Apud Correia 1927: 20).

Acrescenta, ainda, que todos estes novos termos femininos na língua contribuem também para a igualdade jurídica e profissional dos sexos (Correia 1927: 21). Não obstante, sublinha que não está a falar de questões feministas, mas de verificar a subalternidade da mulher, que coloca o masculino como a designação do tipo genérico, que obedece à ordem estabelecida na sociedade, na qual o homem é o elemento principal (Correia 1927: 22). Por isso, João da Silva Correia confirma que estes femininos têm "[...] geralmente uma vaga função depreciativa ou irónica – que mostra que não vemos com bons olhos a associação ou imiscuição da mulher nos altos serviços públicos" (Correia 1927: 22).

Por outro lado, os nomes atribuídos a seres vegetais e animais, ora masculinos ora femininos, indicam-nos o modo como homem e mulher são encarados ao

6) "Titles for women often bear a feminine ending such as the German *–in* or Italian *–essa*. As women enter traditionally in male positions of power, this has led to new coinings like *Stadtssekretärin* and *dottoressa*. However, many women in this position do not like having a feminine title" (Cameron 1992: 92-92).

longo dos tempos pela sociedade[7]. Também Jakob Grimm, na sua *Deutsche Grammatik*, refletiu sobre o género no que dizia respeito aos princípios que distinguiam o masculino do feminino. Assim, o masculino representava o que era maior, mais rápido, mais forte, mais inflexível, mais veloz, mais ativo e mais produtivo. Por sua vez, o feminino representava o mais pequeno, o mais lento, o mais suave, o mais sossegado, o mais sofredor e o mais recetivo (Grimm *apud* Janssen-Jurreit 1982: 292). Da mesma forma, mais tarde, o português Rodrigues Lapa (1945) afirmou que o masculino está associado ao que é mais forte, mais alto e mais esbelto, e o feminino, ao que é mais pequeno, mais largo e mais arredondado[8].

No fundo, como diz Deborah Cameron, estas análises do género identificam o género gramatical com o sexo e, por isso, atestam que o género é visto segundo uma hierarquia de valor (Cameron 1992: 92).

No atinente à sintaxe, Correia (1927) também apresenta diferenças entre a linguagem da mulher relativamente à do homem (Correia 1927: 25). Em primeiro lugar, João da Silva Correia salienta o facto de a mulher usar mais do que o homem a construção paratática ou coordenativa, "[...] como se lhe faltasse disciplina espiritual ou alento para longas séries de pensamentos" (Correia 1927: 25). Por outro lado, refere ainda que, de um modo geral, a expressão feminina é mais pleonástica e anacolútica (Correia 1927: 25).

No que respeita aos aspetos semânticos, o filólogo afirma paulatinamente que "[...] as palavras não têm para a mulher a mesma significação que tem para o homem" (Correia 1927: 27), como por exemplo a palavra *ciúme*, que para a mulher não é mais que o amor próprio ferido e que para o homem é tortura profunda como o sofrimento moral e físico, e ainda a *negação,* que muitas vezes

7) *Cf.*: "[…] a ideia, que a cada uma das formas corresponde, indica-nos talvez que ao homem foi assimilado, por seu vigor, compleição e natureza, o que é mais robusto ou violento, mais esgalhado ou seco, e menos produtivo ou fecundo; e á mulher, pela maternidade, doçura de maneiras e de trato, delicadeza física, e inda maior volume no sentido transverso, ao menos em certos períodos, o que é produtivo, suave, gentil, asadinho ou amplo" (Correia 1927: 24).

8) *Cf.*: "Se examinarmos estas parelhas de substantivos, notaremos que, dum modo geral, o masculino representa maior grandeza no sentido do comprimento, o feminino maior grandeza no sentido da largura. O português viu nos objectos a imagem do homem e da mulher: o homem, mais forte, mais alto e esbelto; a mulher, mais baixa, mais larga, de curvas arredondadas" (Lapa 1945: 135).

é afirmação para as mulheres. Por outro lado, o autor atesta que a mulher recorre muito ao eufemismo para evitar falar em coisas ou termos sujos ou condenáveis[9], pois considera que as mulheres são almas delicadas e sedentas de arte (Correia 1927: 30).

Neste seguimento, João da Silva Correia afirma que o estilo discursivo feminino é também diferente do masculino, pois é, em geral, entrecortado, com um vocabulário restrito e familiar, sintaticamente simples e pobre em elementos oracionais[10] (Correia 1927: 32). Por outro lado, Correia (1927) também considera que o estilo feminino se carateriza pela espiritualidade, leveza, delicadeza e uma forte sensibilidade e imaginação[11]. Também a escrita feminina se carateriza muito pela sentimentalidade, em detrimento da lógica. Porém, a mulher destaca-se porque possui o sentido "[...] do pormenor artístico em grau muito mais elevado do que o ser masculino" (Correia 1927: 34), tendo, por isso, um elevado sentido estético, mais do que criador.

O autor salienta ainda a etimologia dos nomes designativos da mulher, uma vez que também eles podem indicar a maneira como a mulher era encarada pela sociedade ou, de acordo com as palavras de João da Silva Correia, "[…] pela mente colectiva da nação" (Correia 1927: 38). Ora, assim enumera dona, senhora, mulher, patroa e fêmea[12]. Ainda dentro do campo da etimologia, João

9) *Cf.*: "A mulher, por seu carácter delicado e tímido, faz uso largo de expressões eufémicas, que, graças a ela, entram depois na linguagem geral. [...] Enquanto o homem, mais audaz e deslavado, não tem pejo de chamar pelo nome aos bois, a mulher abriga-se por detrás da trincheira do eufemismo" (Correia 1927: 29).

10) *Cf.*: "O estilo da mulher é, de modo geral, cortado e fácil; o vocabulário é restricto e familiar; a proposição curta e desenredada; e ao período, articulado com muita simplicidade, e numericamente pobre em elementos oracionais, falta arcabouço sintáxico, - o que é mais um índice de pouco fôlego mental, ou de diminuta capacidade para o encadeamento de séries lógicas" (Correia 1927: 32).

11) *Cf.*: "[…] perfuma-o no geral uma espiritualidade, uma leveza e delicadeza, por ventura um misticismo e uma ingenuidade; tem às vezes uma riqueza de sensibilidade e uma viveza de imaginação – que não são habituais no escrever masculino" (Correia 1927: 33).

12) *Cf.*: "1) *dona*, que representa o latim *domina*, ou melhor *domna*, termo em relação com *domus*, casa, e *dominatio*, dominação – isto é a pessoa que manda no lar, e, por consequência, deve ser obedecida e considerada;
2) *senhora*, no português arcaico uniformemente *senhor*, de *senior*, que representa o comparativo ou intensivo de *senex*, velho, e está em relação com *senectus*, a decrepitude, e com *senatus*, o encanecido corpo senatorial – ou seja, em suma, uma palavra impregnada toda ela do respeito

da Silva Correia explica o surgimento de termos e expressões ligados à mulher, como por exemplo *almazona* e *cabelo à garçona*[13], que aparecem como termos depreciativos e críticos das atividades, comportamentos e atitudes de algumas mulheres mais vanguardistas.

João da Silva Correia revela ainda interesse pelas diferenças entre o homem e a mulher no campo das produções literárias. Deste modo, afirma que a mulher, no domínio da poesia, "prefere a rimada – mais artística ou musical à branca, e foge dos géneros de grande fôlego, como a epopeia, em benefício do lirismo sentimental e místico" (Correia 1927: 42). Já no campo da narrativa, a mulher prefere os contos, cartas, narrativas históricas ou lendárias e pequenas peças teatrais, que não exigem tanto do pensamento feminino[14]. Ainda neste contexto, o filólogo realça o papel da mulher, não só como criadora literária, mas principalmente como conservadora, uma vez que foram as mulheres as grandes transmissoras da literatura de tradição oral (Correia 1927: 44-45). Por outro

devido às pessoas idosas.

3) *mulher*, do latim *mulier*, em relação com *mollis*, *mollire*, *mollities*, mole, amolecer, moleza, - por conseguinte, um vocábulo designativo de um ser, cujas qualidades essenciais são a doçura e a ternura. [...]

4) *patrôa*, do latim *patrona*, protectora , em relação com *patres*, que significa a um tempo antepassados e senadores, e com *pátria*, a terra dos nossos pais e dos pais dos nossos pais na série avoenga – quere dizer um nome cheio de ideias nobres de protecção do lar e da família.

A palavra *fêmea* não serve entre nós para designar senão a mulher de vida repreensível – ao contrário do que se dá no francês moderno – o arcaico teve *moillier* – e no rumeno, em que as palavras fem*m*e e *femea* servem como designativos gerais do sexo frágil" (Correia 1927: 39).

13) *Cf.*: "Assim, a deformação da palavra *amazona* em *almazona*, pelo processo da etimologia popular, parece revelar que para o espírito nacional não é simpático o acto da mulher andar a cavalo: a mulher que faz equitação como que se desfemina, passando a ser uma alma grande, uma espécie de alma-bisarma, uma almazona enfim. [...]

Também na expressão *cabelo à garçona*, porque o vulgo sem letras designa a mulher de cabelos francêsmente cortados *à la garçonne*, a locução modal, aliás natural foneticamente, parece semanticamente ligar-se à *garça* – por metáfora a mulher pernalta, esgrouviada, desfavorecida de bens estéticos e de algum modo perversa: *garçona* vem a funcionar para o espírito do vulgo como aumentativo de *garça* – e isso de algum modo contribuirá para insinuar a suspeita e o desamor com que ela vê as manifestações capilares da independência feminina" (Correia 1927: 41-42).

14) *Cf.*: "No campo da prosa a mulher parece fugir das obras de pensamento – não cria nem sistemas filosóficos, nem doutrinas morais, nem orientações estéticas – em benefício das obras de imaginação: atinge uma superior beleza e relevo na feitura de contos, cartas, narrativas históricas ou lendárias, e pequenas peças teatrais" (Correia 1927: 43).

lado, "[...] a própria literatura masculina deve muito à mulher, - por ter sido a sua inspiradora" (Correia 1927: 45).

Por fim, João da Silva Correia realça a importância da mulher no campo da educação, pois é ela que cria e educa os filhos, rapazes e raparigas. Por isso, mais do que o homem, a mulher, pelas suas qualidades de carinho, paciência e infantilidade, está mais apta para certas profissões, como enfermagem, educadora de crianças e professora. Por isso, o linguista cita uma das nossas cantigas populares:

> No coração da mulher
> Por muito frio que faça
> Há sempre calor bastante
> Para aquecer a desgraça (Correia 1927: 46).

E termina alertando o homem para que a mulher seja valorizada, isto porque "[...] a mulher é o estímulo e guia do homem no campo do viver social e prático, como no campo da idealidade e da acção desinteressada e generosa" (Correia 1927: 52).

Portanto, do exposto, podemos concluir que a análise que João da Silva Correia faz da linguagem da mulher é resultado de uma constante comparação e análise relativamente à linguagem masculina, sempre dependente do contexto social, económico, político e cultural dos inícios do século XX. Porém, esta obra revela-se fulcral nos estudos sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres no português europeu. De facto, tem um caráter extremamente vanguardista porque aborda uma temática (diferenças de género na comunicação/linguagem) que só começou a ser verdadeiramente explorada a nível mundial a partir da década de 70, com a emancipação do movimento feminista e dos estudos do género. Por isso, acreditamos que esta obra seja um bom ponto de partida para a reflexão sobre as questões de género no que concerne às diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu.

3.2. O género e as diferenças entre homens e mulheres

À semelhança do que se passa no restante mundo ocidental, em Portugal Continental, o género remete obrigatoriamente para a ideia da diferença entre homens e mulheres e, consequentemente, para a questão da desigualdade ou discriminação. Esta é uma velha questão investigada por vários teóricos, nomeadamente os da área da psicologia social. O estudo das diferenças entre os sexos rapidamente conduziu à conclusão da inferioridade do sexo feminino relativamente ao masculino. Para justificar essa inferioridade psicológica e social das mulheres, a psicologia começou por apresentar razões de ordem biológica (Amâncio 1994: 17).

No entanto, mais tarde, percebeu-se que, associado ao sexo biológico, eram criadas representações e construídas as identidades masculina e feminina, sendo a identidade feminina subalterna relativamente à masculina. Neste seguimento, Lígia Amâncio (1994), investigadora da área da psicologia social, partindo da premissa de que o homem e a mulher são constructos sociais, analisou a situação da mulher no mundo do trabalho em Portugal, procurando verificar se esta é alvo de discriminação. Desde logo, apurou que, apesar de as estatísticas mostrarem que, em Portugal, a participação das mulheres na vida ativa é elevada, existe uma discrepância na distribuição de homens e mulheres por atividades profissionais e níveis herárquicos (Amâncio 1994: 14). Por outro lado, os interesses profissionais entre homens e mulheres são diferentes, revelando diferentes aptidões e preferências, resultado das diferenças psicológicas entre eles.

Para Lígia Amâncio, "estes dados não diferem muito dos dados relativos a outros países […], tanto no que diz respeito à marginalização das mulheres dos lugares de chefia e prestígio social, como no que diz respeito às expectativas e orientações que elas manifestam relativamente ao mercado de trabalho" (Amâncio 1994: 15). Por conseguinte, corrobora-se a inferioridade feminina na sociedade portuguesa e sociedades ocidentais, nomeadamente no que diz respeito ao mundo do trabalho.

3.3. Estudos sociolinguísticos e de comunicação e o género

À semelhança do que aconteceu com a análise sociolinguística de outras línguas, também a análise sociolinguística da língua portuguesa se apercebeu da importância do género enquanto variável a ter em consideração. Embora de forma breve, João Nuno Paixão Corrêa Cardoso (1998), Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, também abordou a questão do género na língua portuguesa. Este linguista levou a cabo "[...] uma interessante investigação sociolinguística urbana" (Cardoso 1998: 72), durante a qual se debruçou sobre o estudo das estruturas de subordinação, mais especificamente o uso da locução conjuncional integrante *de que* e o *que*, enquanto simplificador da locução, pois, segundo ele, "os falantes nativos do português começam a optar, cada vez mais, pelo simples emprego do complementador *que*" (Cardoso 1998: 72).

Na sua investigação, João Nuno P. C. Cardoso (1998) verificou que existe uma oscilação no uso das duas estruturas, verificando-se uma grande difusão do complementador *que* sem o nexo prepositivo *de* na variedade culta de Coimbra. Na análise dos dados, em que os informantes estão divididos por género, em três estratos sociais (Médio, Médio-alto e Alto) e em três grupos etários (25-39 anos, 40-59 anos, 60-79 anos), verificou que:

- utilizam apenas o complementador *que* ambos os géneros da geração mais nova (25-39 anos) dos três estratos sociais e ainda as outras duas camadas etárias (40-59 anos e 60-79 anos) do estrato social Médio;
- a oscilação na preferência por uma das realizações sintáticas acontece nos estratos sociais mais elevados (Médio-alto e Alto), entre os informantes mais velhos, existindo uma clara diferença entre os géneros.

Assim, tendo em conta este último dado, o professor afirma:

- no estrato sociocultural Médio-alto, ao contrário dos seus pares, os elementos femininos, com as idades compreendidas entre os 40 e os 59 anos, optam muito mais frequentemente pela locução conjuntiva, aproximando-se das práticas discursivas dos homens do estrato alto;

- os informadores masculinos mais velhos da amostra e pertencentes aos dois grupos sociais mais altos usam geralmente a construção DE+Q nos seus enunciados, o que não acontece com as informadoras dos mesmos grupos, tendencialmente simplificadoras (Cardoso 1998: 73).

A partir destes resultados, João Nuno Paixão Corrêa Cardoso conclui que o comportamento verbal feminino, apontado no primeiro ponto, revela "[...] o reconhecimento do prestígio atribuído à figura masculina no círculo dos falantes cultos urbanos, e o desejo de afirmação, através do jogo linguístico, da mulher em apertados contornos conservadores" (Cardoso 1998: 73). Já Robin Lakoff (1975) tinha postulado o esforço da mulher para falar corretamente como forma de afirmação social. Da mesma forma, Jennifer Coates sublinhou que as mulheres tendem a seguir a norma-padrão e evitam falar as variantes com menos prestígio (Coates 1986: 65). O mesmo reiterou Penepole Eckert, ao afirmar que o uso feminino da língua padrão é um mecanismo para a mulher manter a face nas interações conversacionais em que tem menos poder (Eckert 1997: 215). Por seu turno, Peter Trudgill defendeu que as mulheres eram mais conscientes do seu estatuto social do que os homens e, por isso, estão mais conscientes da importância social das variações linguísticas (Trudgill 1997: 182). O linguista apresentou duas razões para argumentar a sua teoria de que as mulheres são mais conscientes do seu estatuto social: 1) a posição social das mulheres na sociedade, ou seja, de subordinadas relativamente ao homem e, por isso, se sentem mais inseguras e necessitam de afirmar a sua posição social linguisticamente; 2) o homem é que tem o poder na nossa sociedade, sendo, por isso, ele que domina e aparece (Trudgill 1997: 183).

No fundo, o trabalho de João Nuno Paixão Corrêa Cardoso sobre a relação entre a escolha de uma estrutura sintática e o género vem frisar que, na sociedade portuguesa, o homem ainda tem um poder mais destacado relativamente à mulher. Por isso, consciente ou inconscientemente, esta adota estratégias linguísticas para se afirmar socialmente, como seja procurar falar de acordo com os estratos socioculturais mais elevados.

Por outro lado, os estudos de comunicação e género surgiram por ação dos estudos feministas sobre os *media*. Segundo Silveirinha (1997), os estudos feministas começaram por analisar os *media* como transmissores de uma

sociedade que exclui a mulher. Desta forma, para Silveirinha (1997), as feministas debruçam-se sobre duas linhas de investigação: "[...] os estudos feministas dos *media*, e outra de investigação em torno da esfera pública" (Silveirinha 1997: 3). Os estudos feministas dos *media* consideram que estes são centrais para os estudos de género, uma vez que moldam a realidade cultural e social. Nesse sentido, "[...] os estudos feministas dos *media* interessam-se pelas audiências, pelo exame das práticas sociais da mulher em relação aos textos mediáticos: consumo cultural, leitura feminina, contextos quotidianos da recepção, etc." (Silveirinha 1997: 4). Por seu turno, os estudos feministas sobre a esfera pública lutam pelo reconhecimento público das mulheres, criticando a exclusão das mulheres da esfera pública (Silveirinha 1997: 6).

Foi sob influência feminista que o género adquiriu relevo nos estudos de comunicação, nomeadamente através da análise dos meios de comunicação social, dos seus discursos e representações[15]. A partir daqui, os estudos focaram-se na presença ou ausência do género e seus estereótipos nos meios de comunicação (Álvares 2005: 949), pois os *media* funcionam como espelho da sociedade ainda patriarcal. Neste mesmo âmbito, a nossa investigação procura verificar como os *media* refletem as diferenças comunicativas entre homens e mulheres.

3.4. Em busca de uma linguagem inclusiva

O feminismo, enquanto movimento de luta contra a opressão das mulheres, estimulou uma série de estudos que procuravam explorar as desigualdades de sexo / género. Entre estes, destacam-se muitas disciplinas sociais, como a psicologia social. Nesta área de estudo enquadra-se a investigação de Conceição Nogueira, com a obra *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género* (2001). À semelhança de outros investigadores internacionais,

15) *Cf.*: "A forte influência que a teoria feminista exerceu no campo das ciências sociais a partir dos anos 60 reflectiu-se, especialmente a partir dos anos noventa, nos estudos da comunicação. A utilização do 'género' como categoria de análise favoreceu a consolidação de um campo de estudo sobre comunicação e género centrado na análise crítica dos meios de comunicação, dos seus discursos e representações dos actores sociais, bem como das relações entre estes" (Álvares e Silveirinha 2005: 919).

Conceição Nogueira distingue os conceitos de sexo e género, sublinhando o caráter meramente biológico do primeiro e apresentando o género como "[...] uma classificação que as sociedades construíram para exacerbar as diferenças entre homens e mulheres" (Nogueira 2001: 9). Portanto, o género diz respeito a todas as caraterísticas psicológicas, sociais e culturais associadas às categorias biológicas de homem e mulher, categorizando assim o indivíduo em masculino e feminino. A partir daqui, Nogueira concorda com "[...] a construção social do género através da linguagem utilizada nos discursos com os quais é construída a realidade social" (Nogueira 2001: 10). É então através da linguagem que se transmite a ideologia dominante e se mantém a ordem social, perpetuando as desigualdades de género, conducentes ao sexismo.

Desta forma, Conceição Nogueira (2001) analisa a história e a luta feminista, procurando verificar em que medida o feminismo contribuiu para a construção de uma sociedade mais igualitária pela linguagem. Efetivamente, o movimento feminista postula que a diferenciação de género não é natural, mas decorre da interação entre os indivíduos, daí a importância da linguagem na construção do género. Por isso, Nogueira (2001) destacou o papel de muitas feministas inglesas "[...] no sentido de tornar as mulheres mais visíveis na linguagem" (Nogueira 2001: 218), uma vez que a linguagem estava ao serviço do poder e do domínio masculino. Por isso, tal como compreendeu o movimento feminista, não basta mudar leis, é preciso mudar "[...] as concepções subjacentes de papéis de género que criaram e sustentaram essas leis" (Nogueira 2001: 242), o que "[...] implica assumir um posicionamento reflexivo, crítico, e de comprometimento, isto é, a necessidade de um novo vocabulário de valores" (Nogueira 2001: 245).

Por conseguinte, estamos, atualmente, num momento em que se procura uma sociedade mais inclusiva, onde o género não seja motivo de desigualdade social. Efetivamente, apesar de uma das grandes conquistas do século passado ter sido, "[...] sem dúvida, a transformação que se operou na situação social das mulheres e, do mesmo passo, nas relações sociais entre os dois sexos" (Silva 1999: 15), ainda subsistem práticas sociais discriminatórias, decorrentes "da tirania dos preconceitos que continuam a pesar negativamente sobre as mulheres e do próprio modo (masculino) como a atividade humana e as relações sociais estão organizadas" (Silva 1999: 18). Entre essas práticas discriminatórias está o uso da linguagem, onde o género é fonte de distinção entre homens e mulheres.

Capítulo 4

O género e as diferenças comunicativas em português europeu

Tendo em conta os estudos de género já efetuados, referenciados nos capítulos anteriores, vamos, neste trabalho de investigação, procurar verificar se existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres em português europeu, especificamente no âmbito de textos da comunicação social. O português europeu entende-se como o idioma usado pela comunidade portuguesa de Portugal e dos arquipélagos, Madeira e Açores. Não obstante, este trabalho centra-se somente no português usado em Portugal continental, uma vez que o *corpus* de investigação tem origem em Portugal continental. Portugal, à semelhança de outros países, revela também assimetrias de género, resultado da diferenciação de papéis e de poder entre os géneros.

Nesse sentido, vamos partir também das ideias estereotipadas sobre estas diferenças comunicativas, para proceder à análise de um *corpus* linguístico para verificar a validade dessas visões. Tal como sublinharam Eckert e McConnell-Ginet (2003), as ideias estereotipadas devem ser alvo de estudo e investigação, uma vez que fazem parte da nossa vida sociolinguística[1]. Assim, procuramos debruçar-nos basicamente sobre as seguintes ideias estereotipadas, criadas a partir do trabalho de Lakoff (1975):

1) *Cf.*: "Stereotypes are the starting point of much research on language and gender for a reason. First of all, any research begins with a focus or a hypothesis, and foci and hypotheses have to come from somewhere. If gender stereotypes are part of our sociolinguistic life, the need to be examined – not simply as possible facts about language use, but as components of gender ideology "(Eckert e McConnell-Ginet 2003: 85).

[O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa, pp. 173 - 182]

1. A linguagem da mulher baseia-se na função emotiva da comunicação, ligada às emoções, sendo subjetiva; a linguagem do homem, por sua vez, surge ligada à função referencial da comunicação, sendo, por isso, mais objetivo no seu discurso;
2. No discurso da mulher predomina a parataxe e no do homem a hipotaxe;
3. A mulher tem um discurso desordenado de acordo com as regras da lógica;
4. A mulher hesita mais e deixa mais frases inacabadas;
5. A mulher usa mais frequentemente perguntas, incluindo afirmações disfarçadas em perguntas;
6. A mulher fala menos do que o homem em grupos mistos de conversação;
7. A mulher fala mais de assuntos privados e domésticos e o homem de assuntos públicos, de negócios, de política, etc.;
8. A mulher fala mais do que o homem;
9. A mulher é mais cortês e cooperante na conversação do que o homem, que tende a interromper a mulher e a dominar as conversas;
10. As mulheres são mais conservadoras e procuram usar mais a língua padrão, pois esta é a que confere mais prestígio social.

Estas ideias estereotipadas são o ponto de partida para as hipóteses que levantamos:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no discurso, pelo uso das diferentes classes de palavras.

Procurando respostas para estas hipóteses, partimos para a nossa investigação, centrada maioritariamente na análise de textos de opinião produzidos pelos *media* portugueses, sendo em igual número de autoria feminina e masculina,

mas distribuídos por quatro décadas distintas, mais especificamente pelos anos de 2009, 1999, 1989 e 1979. O objetivo é assim verificar se as diferenças comunicativas entre homens e mulheres se refletem nos *media* observados. Escolhemos analisar textos publicados no pós 25 de Abril, numa altura em que os valores democráticos estão novamente instaurados em Portugal, uma vez que só em democracia se desenvolvem os meios de comunicação social (Traquina 2007). Por outro lado, é também a partir deste momento que a mulher portuguesa ascende a um lugar na esfera pública, pois começa a sair de casa para trabalhar, conquistando a sua independência económica e, consequentemente, social. Escolhemos textos de opinião por permitirem a expressão de opiniões e pontos de vista, bem como a adoção de um estilo discursivo próprio do seu autor. Esta análise de textos dos *media,* transversal a quatro décadas, permite-nos fazer uma análise diacrónica tendo em conta a evolução do contexto sociocultural e político português.

Por isso, tendo em conta estas premissas e os estudos já realizados em outros países europeus e americanos, partimos para a análise de textos escritos em português europeu. Dessa forma, levamos a cabo um trabalho de pesquisa, baseado na análise de conteúdo, recorrendo a dois programas informáticos de análise estatística de dados – *Tropes Semantic* e *Lexicon* – que nos permitiram fazer uma análise de conteúdo do nosso *corpus* linguístico, procurando comparar e estabelecer diferenças entre o discurso masculino e o feminino.

Convém sublinharmos que a noção de discurso aqui presente é muito mais abrangente do que a conceção linguística, que entende o discurso como a linguagem em uso, isto é, não estamos no domínio da análise sintática e semântica de frases, mas do modo como se produz significado quando se usa a linguagem em determinados contextos com objetivos específicos (Cameron e Kulick 2009: 16). Temos ainda presente o conceito de Michel Focault, que define discurso como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam (Focault 1972: 149). Portanto, embora estejamos perante duas conceções diferentes de discurso, ambas vão estar presentes no nosso estudo, uma vez que a análise crítica do discurso, para além da análise linguística do mesmo, envolve o contexto situacional, socialmente localizado, em que foi construído esse discurso e que o justifica e explana. Neste caso específico, não podemos

esquecer que estamos no domínio dos *media*, onde os textos devem ser redigidos num registo corrente, com uma linguagem clara, concisa e correta, procurando chegar ao maior número de público.

4.1. Metodologia: técnicas e métodos de investigação

O nosso trabalho de investigação insere-se no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, mais especificamente nas Ciências da Comunicação, por isso, a escolha da metodologia revela-se fundamental para o sucesso do mesmo. Por outro lado, sendo que estamos no âmbito dos estudos de género e das diferenças comunicativas, este trabalho implica ainda conhecimento das ciências da linguagem, tornando-o ainda mais complexo. Tal como sublinharam Barrie Thorne e Nancy Henley, diversas disciplinas, métodos e estruturas têm sido usadas para explorar a diferenciação sexual da linguagem (Thorne e Henley 1975ª: 9)[2]. Efetivamente, as investigações levadas a cabo têm enveredado por uma plêiade de metodologias e áreas, desde estudos etnográficos e sociolinguísticos, passando por análise gramatical, análise do discurso, linguística antropológica, análise da conversação, psicologia discursiva, análise textual, pragmática, etc. Esta diversidade de áreas de estudo e de metodologias atesta a complexidade do tema e a interdisciplinaridade que este exige. Por isso, é importante traçar uma abordagem e uma metodologia para trabalhar o tema.

Jane Sunderland e Lia Litosseliti (2008) enumeram sete abordagens ou metodologias para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género: (1) sociolinguística e etnografia; (2) *corpus* linguístico; (3) análise conversacional; (4) psicologia discursiva; (5) análise crítica do discurso; (6) análise feminista pós-estruturalista do discurso; (7) teoria "queer" (Sunderland e Litosseliti 2008: 5). As mesmas autoras sublinham que, atualmente, já se combinam abordagens e metodologias para enriquecer e tornar o trabalho de investigação mais produtivo.

2) *Cf.*: "[...] diverse disciplines, methods, and frameworks have been used for exploring the sexual differentiation of language" (Thorne e Henley 1975ª: 9).

Desta forma, o nosso trabalho de investigação vai ser guiado por uma abordagem de (2) *corpus* linguístico. Este utilizará uma metodologia de análise mais quantitativa, mas também qualitativa. Desta forma, o *corpus* linguístico trabalha-se com frequências e probabilidades na análise dos *corpora* constituídos por milhares de palavras (Sunderland e Litosseliti 2008: 6). Por isso, a análise de um *corpus* linguístico é ideal para investigar se uma determinada palavra ou frase é usada mais por homens ou por mulheres, tendo mais potencial para fazer alegações que outras abordagens não permitem (Sunderland e Litosseliti 2008: 6).

Seguindo esta abordagem, a nossa investigação obedece a três métodos de investigação científica: o método indutivo, o descritivo e o correlacional. O método indutivo "[...] defende que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria" (Freixo 2009: 95). De acordo com este método, será então importante reunir o maior número possível de factos para observação e posterior análise.

O método descritivo, através do qual se procura identificar, observar e descrever os factos que suportam as hipóteses levantadas, "[...] assenta em estratégias de pesquisa para observar e descrever comportamentos, incluindo a identificação de factores que possam estar relacionados com um fenómeno em particular" (Freixo 2009: 106). O objetivo principal do método descritivo é fornecer uma caraterização precisa das variáveis envolvidas num fenómeno.

Por último, usamos o método correlacional, através do qual estabelecemos interrelações entre duas variáveis, neste caso, o género e a comunicação. "Este método de investigação situa-se entre os métodos descritivos" (Freixo 2009: 115) e envolve três etapas:

- definição do problema, ou seja, as relações entre as variáveis que irão ser alvo de estudo deverão ser provenientes da teoria ou da experiência, supondo-se respetivamente dedutiva ou indutivamente que existe uma relação entre elas. Por isso, deve partir-se da formulação de uma ou mais hipóteses que estabeleçam a relação entre as variáveis, relação que irá ser verificada através do estudo;
- amostra e seleção do instrumento;
- recolha, análise e interpretação dos dados.

No atinente aos modos de recolha de dados utilizadas na investigação, socorremo-nos da análise documental, como sejam textos dos *media* impressos (artigos de opinião publicados em revistas e jornais nacionais). A partir destes dados, proceder-se-á à análise de conteúdo qualitativa e quantitativa. Esta recolha e análise de dados será realizada com a ajuda de dois programas informáticos de análise estatística de dados - *Tropes Semantic* e *Lexicon* -, que estão longe de ser semelhantes ao programa desenvolvido por Moshe Koppel. Este matemático, especializado em Ciência da Computação, a residir em Israel, desenvolveu um programa informático que permite descobrir se o autor de um texto é homem ou mulher (Finguerman 2004). O seu programa trabalha a categorização textual por forma a descobrir as combinações lexicais e sintáticas caraterísticas de cada género[3]. Não obstante, à semelhança do programa de Moshe Koppel, neste trabalho procuramos, através do *Tropes Semantic* e do *Lexicon,* sistematizar as principais diferenças discursivas entre homem e mulher. Por outro lado, à semelhança do referido investigador, também nos vamos centrar em produções discursivas realizadas em contextos mais formais, como são os textos de opinião publicados nos *media*. Segundo alguns investigadores (cf. Berryman-Fink e Wilcox 1983; Simkins-Bullock e Wildman 1991), as diferenças entre homens e mulheres são menores em contextos mais formais de comunicação. Contudo, acreditamos também encontrar diferenças de género nessas formas discursivas, já que também Moshe Koppel conseguiu diferenciar o género autoral de diferentes textos, apresentando caraterísticas discursivas diferenciadoras dos géneros. Assim, este investigador conseguiu sistematizar que os homens usam mais especificadores do nome, como determinantes, numerais e modificadores; já as mulheres recorrem maioritariamente à negação, a pronomes e a certas preposições[4].

3) *Cf.*: "[…] it is shown that automate text categorization techniques can exploit combinations of simple lexical and syntactic features to infer the gender of the author of an unseen formal written document with approximately 80% accuracy" (Koppel *et al*. 2003).

4) *Cf.*: "For example, the function words which consistently appear in the final iteration training on fiction are: male features – *a, the, as*; female features – *she, for, with, not*. When training on non-fiction we find: male features – *that, one*; female features – *for, with, not, and, in.* […] the

Desta forma, Koppel apresenta provas convincentes das diferenças dos estilos de escrita masculinos e femininos (Koppel *et al.* 2003). Do mesmo modo, as suas investigações vão também ao encontro de estudos anteriores (Aries e Johnson 1983; Tannen 1990), que postulam que os homens falam mais de objetos e de algo concreto e as mulheres falam mais das relações afetivas (Argamon *et al.* 2003). Assim sendo, Argamon, Koppel, Fine e Shimoni postulam que a mulher tem como caraterística discursiva o recurso destacado a pronomes, bem como o seu envolvimento ("involvedness") no discurso (Argamon *et al.* 2003). Por sua vez, segundo os mesmos autores, os homens têm como caraterística diferenciadora o uso de especificadores, como são os determinantes e nomes comuns (Argamon *et al*. 2003).

Por último, o contributo das feministas e do feminismo do século passado também foi fundamental para a procura e investigação dessas diferenças discursivas entre homens e mulheres. Segundo o ginocriticismo ("gynocriticism"), o estudo feminista da escrita das mulheres, toda a produção escrita feminina é marcada pelo género (Showalter 1989[b]: 4).

Deste modo, neste trabalho, também recorrendo a programas informáticos de levantamento estatístico de dados, procuramos diferenciar os discursos feminino e masculino. Assim, começamos pela aplicação do programa *Tropes Semantic*, através do qual fazemos um levantamento do estilo geral e da encenação presentes no texto. Quanto ao estilo geral, os textos podem pertencer a um de quatro estilos dominantes:

- estilo argumentativo, em que o sujeito se implica, argumenta, explica ou critica para tentar persuadir o seu interlocutor;
- estilo narrativo, em que o narrador expõe uma série de acontecimentos que sucedem num dado momento e num certo lugar;
- estilo enunciativo, em que o locutor e o interlocutor estabelecem uma relação de influência e revelam os seus pontos de vista;

picture that emerges is that the male indicators are largely noun specifiers (determiners, numbers, modifiers) while the female indicators are mostly negation, pronouns and certain prepositions" (Koppel *et al*. 2003).

- e estilo descritivo, onde o narrador descreve, identifica ou carateriza uma realidade ou uma pessoa.

As encenações verbais possíveis são:

- dinâmica e ativa, onde predominam verbos de ação;
- ancorada no real, onde dominam verbos de existência e de posse;
- narrador objetivo, em que os verbos permitem fazer uma declaração sobre um estado, uma ação, etc.;
- narrador subjetivo, onde existem numerosos pronomes na primeira pessoa do singular.

Através do *Tropes Semantic,* conseguimos também perceber, através dos universos de referência, quais são os temas e assuntos dominantes nos textos analisados. Por outro lado, obtemos ainda o número total de palavras e de frases presentes no texto, o que nos permite fazer uma média de palavras por frase, comparando a extensão destas nos textos femininos e masculinos. A par disto, o programa agrupa-nos as palavras em grandes categorias, como sejam: os verbos; os conectores; as modalizações (advérbios e locuções adverbiais); os adjetivos qualificativos e os numerais; os pronomes e os nomes. Dentro destes dados, temos ainda acesso à distribuição estatística das diferentes subclasses destas categorias.

A partir do momento em que chegamos às classes de palavras, recorremos também ao outro programa de análise estatística de dados – o *Lexicon* -, que nos permite analisar mais ao pormenor as diferentes classes de palavras, nomeadamente o número de ocorrências. Com este programa, pretendemos assim destacar as palavras mais usadas pelos dois géneros dentro das diferentes classes de palavras. Portanto, enquanto o *Tropes* nos fornece o número total de palavras dos textos e o número total de palavras nas suas diferentes categorias, o *Lexicon* apresenta-nos o número de ocorrências das diferentes palavras de cada classe e formas contraídas (como no caso das preposições contraídas com artigos e pronomes).

4.2.***Corpus*** de análise

Sendo que o objetivo do nosso trabalho é verificar se existem diferenças de género na comunicação social em português europeu, o *corpus* de análise da nossa investigação parte da análise dos discursos feminino e masculino nos *media* portugueses. A escolha deste *corpus* baseou-se, primeiramente, no facto de a linguagem dos *media* ser uma linguagem estandardizada e que segue a norma-padrão, evitando, assim, que outras variáveis, como a classe social ou o estatuto, condicionem os resultados. Por outro lado, Philip M. Smith (1985) afirma que a linguagem, independentemente da forma ou modo como se utilize, mesmo que seja com o auxílio dos *media*, é o repositório e o veículo de transmissão do que se sabe e do que não se sabe sobre os sexos e o género[5].

Nesta ordem de ideias, apareceram diversos trabalhos de investigação sobre a representação dos géneros nos *media*. Por exemplo, Goffman (1976) analisou mais de 500 anúncios publicitários onde surgiam a mulher, o homem e crianças, e concluiu que os anúncios representam as convenções e os papéis sociais de cada um na sociedade. Também Kramarae (1981) estudou a representação dos sexos em publicações para adolescentes, a partir das quais concluiu que os interesses das raparigas e dos rapazes eram diferentes de acordo com os comportamentos que são esperados deles. Por sua vez, Myra Macdonald (1995) debruçou-se mais especificamente sobre a representação da mulher nos *media* ocidentais, tendo sublinhado a importância do discurso nos *media*, que está associado às estruturas institucionais do poder e da autoridade (Macdonald 1995: 43). Mais recentemente, Rosalind Gill (2007) também abordou a questão do género nos *media* na atualidade. Para a referida autora, a pertinência do estudo da relação entre o género e os *media* reside no facto de estes serem, simultaneamente, agentes divulgadores das ideias feministas e, por outro lado, ainda persistirem neles imagens e padrões alusivos a um sexismo latente (Gill 2007: 2). Por sua

5) *Cf.*: "Language, in the form of popular, educational, artistic and scientific literature, informal conversation and formal rhetoric, conveyed at first hand or with the aid of intervening media, is the repository of our shared wisdom (or lack of it) about the sexes. It is also the main vehicle whereby this wisdom is disseminated throughout society, between generations and across cultures – to be interpreted and accepted, or challenged, debated, transformed and rejected" (Smith 1985: 31).

vez, para Meyers (1999[b]), os *media* desempenham um papel de manutenção do consenso hegemónico ou do *status quo*, em que as mulheres, tal como os idosos, os negros, os homossexuais, entre outros, aparecem como grupos subordinados ou inferiores. Dessa forma, os *media* aparecem como reproduzindo a ideologia dominante da realidade envolvente[6].Não obstante, a referida investigadora também ressalva que muitas das mensagens dos *media* vão além da ideologia dominante e apresentam-se bastante polissémicas, dependendo da interpretação do seu público (Meyers 1999 [b]: 8).

No atinente ao nosso trabalho de investigação, nós vamos ultrapassar a questão da representação dos géneros nos *media* e vamos centrar-nos, maioritariamente, na análise e diferenciação dos discursos masculinos e femininos nesses *media*. Assim, são alvo de análise textos de opinião, de autoria feminina e masculina, publicados em jornais e revistas nacionais nos anos de 2009, 1999, 1989 e 1979, percorrendo quatro décadas do pós 25 de Abril, período a partir do qual se desenvolve um novo contexto sociopolítico, que conquistou a liberdade de expressão e, consequentemente, a liberdade de expressão da comunicação social.

6) *Cf.*: "Subordinated groups – women, people of color, the poor and working classes, lesbians and gay men, the elderly – are encourage to "buy into" the dominant ideology which, in fact, maintains the status quo by keeping them subordinated. Thus, the ideological work of the media consists, in part, of presenting a reality that appears more natural or real than the material cirumstances of subordinated people's lives" (Meyers 1999[b]: 7).

Capítulo 5

Análise de textos de opinião publicados nos *media* portugueses

5.1. *Corpus* e metodologia

Tendo em conta as sete abordagens ou metodologias para conduzir a investigação na área das diferenças comunicativas de género propostas por Jane Sunderland e Lia Litosseliti (2008), a análise dos textos de opinião dos *media* portugueses foi guiada por uma abordagem de análise de um *corpus* linguístico, a partir do qual se procura fazer uma análise de conteúdo qualitativa e quantitativa dos dados. Esta recolha e análise de dados será realizada com a ajuda de dois programas informáticos de análise de conteúdo: *Tropes Semantic*, *software* distribuído por Cyberlex, ACETIC, 1994-2004; e *Lexicon*, versão 5.2, 1999-2010, do *Projecto Vercial*.

Como já referimos, tendo em conta que o objetivo do nosso trabalho é verificar se existem diferenças de género na comunicação, analisámos textos de opinião publicados nos *media* portugueses, 50% de autoria feminina e 50% de autoria masculina, publicados em jornais e revistas nacionais com data de 2009, 1999, 1989 e 1979. A escolha e seleção destes textos passou pela obrigatoriedade destes serem assinados, procurando ter-se o mais variado número de autores, constituindo-se um *corpus* por conveniência.

Aceitando a distinção tripartida dos textos jornalísticos em três géneros, informativo, interpretativo ou de opinião e ameno-literário (Rei 2000[b]: 120), podemos inserir este *corpus* textual no género interpretativo ou de opinião, sendo que engloba crónicas, comentários, editoriais, críticas, ensaios e artigos

[O Género no Discurso de Opinião na Imprensa Portuguesa, pp. 183 - 254]

de opinião[1]. Portanto, estes tipos de texto interpretam os acontecimentos da atualidade, valorizando os factos "[...] em função de uma posição pessoal, com o objectivo de fomentar um estado de opinião favorável aos seus juízos e conclusões, quer dizer, orientar a opinião pública" (Rei 2000[b]: 121). Assim sendo, embora respeitem a estereotipia, a clareza e a concisão, caraterísticas, regra geral, dos textos jornalísticos, estes textos pautam-se pela subjetividade e pelo estilo próprio de cada autor, não sendo, por isso, textos estandardizados. De facto, como postula Gradim (2000), os textos de opinião são pessoais e subjetivos, mas pretendem chegar a um público alargado[2]. Por este motivo, estes tipos de texto permitem ver ideias, ideologias, crenças e maneiras de ser do seu autor. Do mesmo modo, permitem aferir as caraterísticas discursivas dos seus autores, tendo em conta o género.

Por outro lado, sublinhamos que todos estes textos foram publicados na imprensa nacional, regional ou local, abordando os mais diversos temas. No total, analisámos 200 artigos de opinião, distribuídos por quatro décadas diferentes. Assim, analisámos 50 textos de opinião, 25 de autoria feminina e 25 de autoria masculina, publicados no ano de 2009, repetindo o mesmo processo, com igual número de textos, publicados nos anos de 1999, de 1989 e de 1979. Desta forma, pretendemos, no final do percurso analítico, proceder a uma análise comparativa e diacrónica entre os textos publicados nas diferentes décadas para verificar se existe variação entre os resultados obtidos entre os géneros e dentro do próprio género. Começamos assim pela análise dos textos com data de publicação mais recente, por serem mais contemporâneos da nossa investigação, seguindo-se a análise dos outros textos, seguindo a lógica do mais recente para o mais antigo. Depois, procedemos à já referida análise comparativa, para verificarmos se existe alguma alteração entre os discursos masculinos e femininos nos textos

1) Se seguirmos a Escola Francesa, este *corpus* de textos em análise inserir-se-á no género de comentário, que concorre com o género informativo, de fantasia e "nobre" (Martin-Lagardette 1998: 62 e ss.).

2) *Cf.*: "Os textos de opinião são pessoais e inteiramente subjectivos, mas também trazem em si uma pretensão de validade se não universal, pelo menos intersubjectivamente alargada. Quem escreve opinião está ciente da parcialidade das suas posições, mas simultaneamente, admite e deseja que estas sejam partilhadas e adoptadas por um grande número de receptores dessa opinião – é esse o sentido da argumentação: converter, convencer, arregimentar" (Gradim 2000: 75).

publicados entre 1979 e os textos mais contemporâneos. Por último, analisamos todos os conjuntos de textos masculinos e femininos em dois grandes conjuntos, para aferir caraterísticas gerais e que permanecem diacronicamente nos textos dos homens e nos das mulheres.

5.2.Análise dos textos

5.2.1. Textos de opinião de 2009

Estes textos de opinião, datados do ano de 2009, abordam temas de interesse nacional e, por vezes, internacional, como seja política nacional, problemas ambientais, desemprego, direito e justiça, economia nacional e europeia, etc. Por isso, têm um público-alvo bastante abrangente, todo o povo português, não se descortinando públicos específicos para determinados textos. Foram publicados em jornais nacionais diários, como o *Jornal de Notícias* (6 textos masculinos e 10 textos femininos) e o *Diário de Notícias* (1 texto masculino e 5 textos femininos); em jornais semanais, como o *Jornal de Negócios* (2 textos masculinos) e o *Expressso* (4 textos femininos); em revistas semanais de informação noticiosa, como a *Visão* (7 textos masculinos e 1 texto feminino), a *Sábado* (4 textos masculinos e 2 textos femininos), a *Notícias Sábado* (2 textos masculinos) e a *Notícias Magazine* (3 textos masculinos e 1 texto feminino); e ainda em dois jornais de imprensa regional e local, *Jornal Metro* (1 texto feminino) e *Jornal de Odivelas* (1 texto feminino).

Quanto aos autores masculinos, temos textos de: Ricardo Araújo Pereira; Pedro Norton; Filipe Luís; Edgardo Pacheco; Nuno Paixão Louro; Honório Novo; José Carlos de Vasconcelos; Pedro Camacho; Paquete de Oliveira; Mário Soares; Miguel Carvalho; Ivo Pedro Carvalho; Rafael Barbosa; Pedro Santos Guerreiro; Lima Reis; António Mega Ferreira; Luís Filipe Menezes; Joel Neto; Nuno Rogeiro; Paulo Morais; Paulo Baldaia; Sérgio Andrade; Ferreira Fernandes; Jorge de Queirós Paiva; António Perez Metelo.

Quanto às autoras femininas, referenciamos: Áurea Sampaio; Joana Amorim; Vânia Beliz; Inês Pedrosa (2 textos); Glória Rebelo (4 textos); Ana Jorge; Maria

João Xavier; Alice Vieira (4 textos); Marta Medeiros; Clara Ferreira Alves; Sofia Galvão; Maria José Nogueira Pinto (2 textos); Maria de Lurdes Vale; Maria João Avillez; Fernanda Câncio; Filomena Martins (2 textos).

Numa primeira fase da análise dos textos, agrupámos os 25 textos de cada género em um só texto de género, por forma a obter resultados mais globais. Assim, no total, o texto dos homens tem 12.978 palavras e o das mulheres 13.455, tornando-se este último um pouco mais extenso em 477 palavras. Quanto ao número de frases, o texto dos homens apresenta 1.574 frases e o das mulheres, 1.694. Em média, os períodos de autoria masculina têm 8,25 palavras e os de autoria feminina têm 7,94 palavras. Assim, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas, consequentemente, têm uma estrutura sintática mais simples, como se pode ver pela distribuição do uso dos conectores (cf. gráfico 10), onde se pode verificar que a mulher usa mais conectores de adição, disjunção e causa, revelando um tendência para uma construção frásica paratática.

No entanto, como numa segunda fase, analisámos os 50 textos individualmente, também nos socorremos dessa análise para complementar a análise geral das diferenças de género presentes nos textos.

No que concerne os assuntos tratados, nota-se que os temas mais comuns, quer nos homens, quer nas mulheres, surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana. Estes desdobram-se em variadíssimos tópicos, desde a vida, a morte, a saúde, a política, a sociedade, etc. Estes são temas que vão ser também específicos, sendo aí que se nota a diferença. Desde logo, nota-se uma maior percentagem masculina no que diz respeito à abordagem de assuntos como política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendor do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua vez, a mulher fala mais de sentimentos, da família e de saúde, conotando a preocupação das mulheres com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações, tal como havia defendido Lakoff (1975).

Entre os sentimentos e emoções que predominam nos textos femininos, destacamos a tristeza, a insatisfação e o medo, revelando uma certa insegurança e instabilidade da mulher, asserção já referida para caraterizar a linguagem da mulher. Por outro lado, também se nota uma forte preocupação com o emprego

e o trabalho, revelando que a mulher já não se cinge ao reino doméstico, tendo já conquistado um lugar no mundo do trabalho, dominado anteriormente pelo homem (Spender 2001). Nesta ordem de ideias, aparece também mais preocupada com o direito e a justiça social, sinal de quem já tinha sido considerado um grupo minoritário e oprimido por uma sociedade patriarcal (Lakoff 1975; Spender 2001).

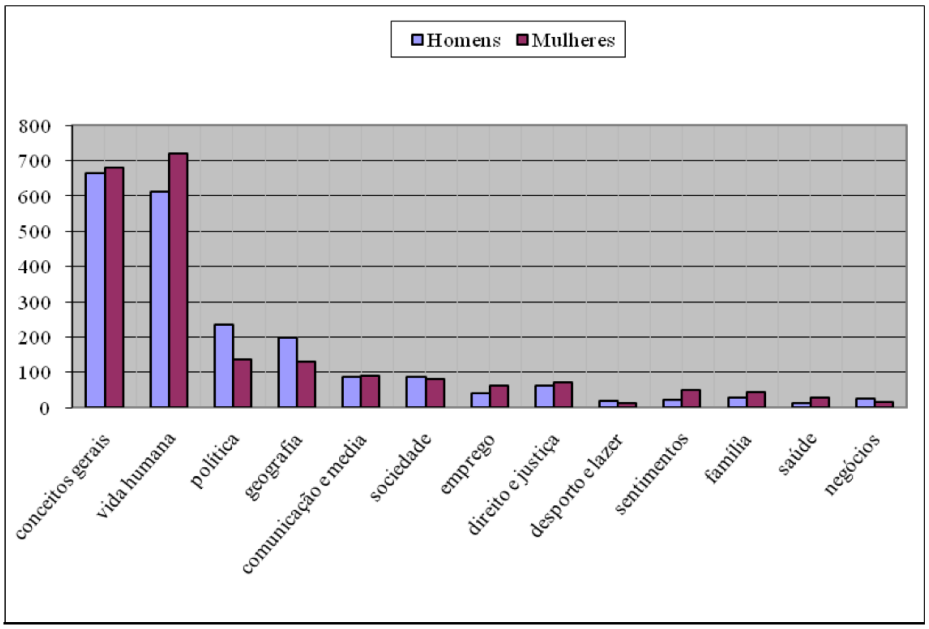


Gráfico 1. Principais assuntos abordados nos textos datados de 2009.

Assim, no seu todo, o estilo geral dos textos masculinos é descritivo e o dos femininos é narrativo (cf. gráfico 2). Enquanto o estilo descritivo se carateriza por o autor identificar e caraterizar uma realidade, acontecimento ou pessoa; o narrativo carateriza-se pela existência de um narrador que expõe uma série de acontecimentos que se sucedem num dado momento e num certo lugar. Efetivamente, estamos perante textos jornalísticos não padronizados, em que

o estilo é livre e a subjetividade do seu autor está presente. Destaca-se ainda o uso do estilo argumentativo em alguns textos, revelando que o sujeito explica ou critica para tentar persuadir o seu interlocutor ou interlocutores. O uso deste estilo argumentativo é maior nas mulheres, a que se juntam dois textos em estilo enunciativo, ou seja, um estilo em que o autor traça e revela o seu ponto de vista (cf. gráfico 2).

O estilo dominante nos textos sublinha uma maior subjetividade no discurso da mulher, que é corroborada pela existência, em vários textos, de um narrador subjetivo (cf. gráfico 3) e pelo maior recurso ao pronome pessoal "eu" (cf. gráfico 7). Por sua vez, nos textos de autoria masculina predomina uma encenação verbal dinâmica e ativa, comprovada pela existência de verbos de ação. Mais uma vez, esta subjetividade feminina vai ao encontro das asserções feitas sobre a "woman's language", que se carateriza por ser subjetiva e sentimental (Lakoff 1975), enquanto o homem aparece como mais objetivo e ativo.

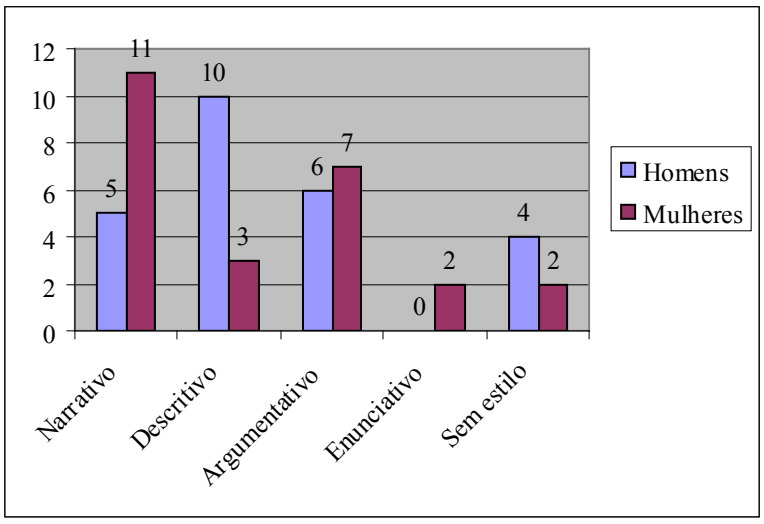


Gráfico 2. Estilos dominantes nos textos de 2009.

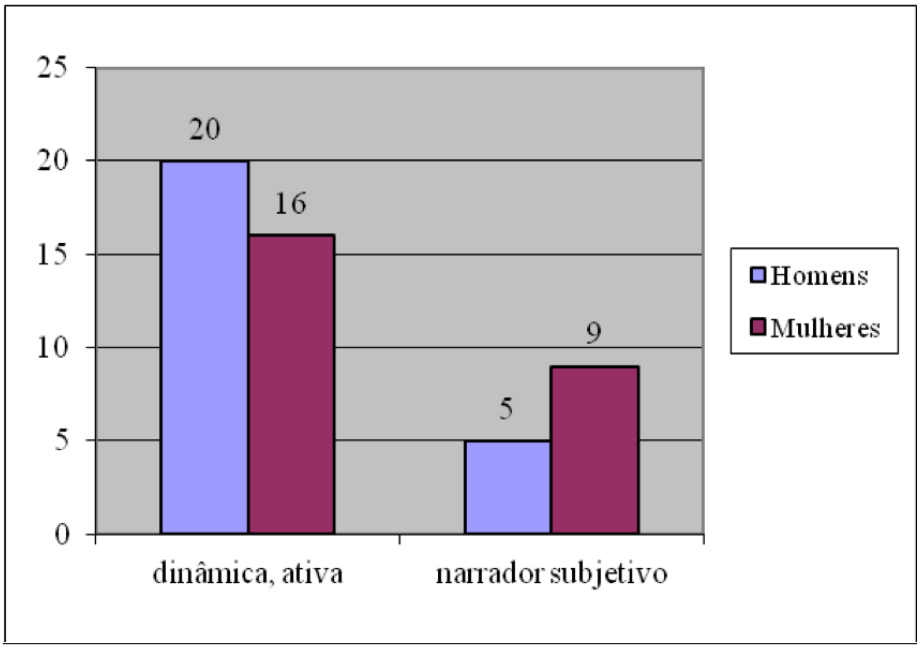
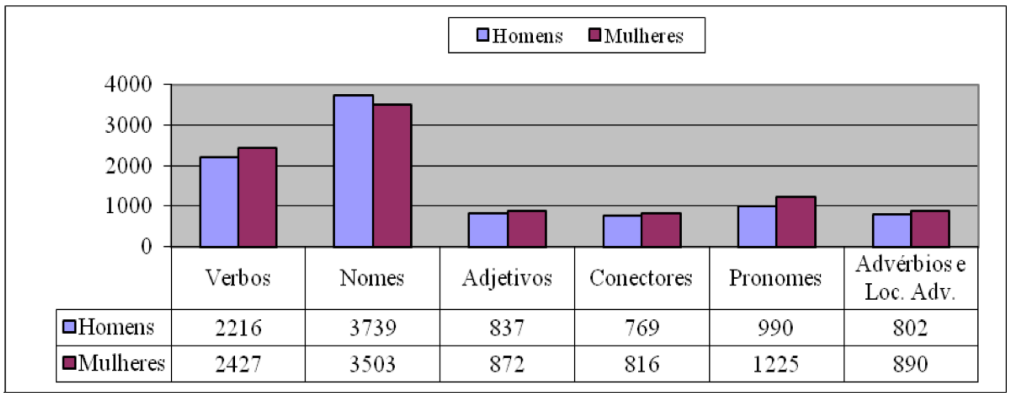


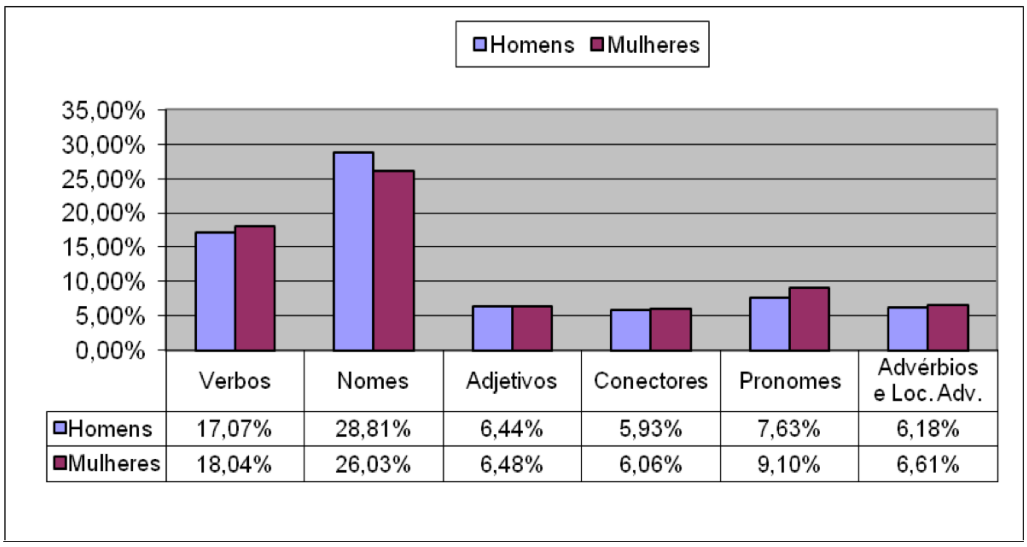
Gráfico 3. Encenações verbais nos textos de 2009.

No que diz respeito às classes de palavras, destaca-se o uso superior de adjetivos por parte da mulher relativamente ao homem, que, por sua vez, usa mais nomes (cf. gráficos 4 e 5). Desta forma, estes dados contrariam os apresentados no gráfico 2, em que o estilo predominante nos textos masculinos é o descritivo e nos femininos é o narrativo, sendo que, regra geral, é no estilo descritivo que dominam os adjetivos, usados para descrever e caraterizar, e no narrativo, os nomes. Estes resultados vêm acentuar, mais uma vez, o pendor subjetivo da mulher que, como já referimos, usa mais do que o homem o pronome pessoal "eu" (cf. gráfico 7), recorrendo também ao "tu", para estabelecer maior proximidade com o interlocutor, estratégia usada como forma de influência.



	Verbos	Nomes	Adjetivos	Conectores	Pronomes	Advérbios e Loc. Adv.
Homens	2216	3739	837	769	990	802
Mulheres	2427	3503	872	816	1225	890

Gráfico 4. Distribuição das palavras por categorias nos textos de 2009.



	Verbos	Nomes	Adjetivos	Conectores	Pronomes	Advérbios e Loc. Adv.
Homens	17,07%	28,81%	6,44%	5,93%	7,63%	6,18%
Mulheres	18,04%	26,03%	6,48%	6,06%	9,10%	6,61%

Gráfico 5. Distribuição percentual das palavras por categorias nos textos de 2009.

Ainda no que diz respeito ao uso dos adjetivos, as autoras femininas preferem os adjetivos subjetivos, como sejam *novo, grande, bom, melhor, importante, social, maior, capaz, mau, excelente, normal, diferente, triste*, entre outros. O homem usa adjetivos mais específicos dos assuntos que trata, como, por exemplo, *social, último, global, europeu, político, nacional, democrático,*

ambiental, económico, civil, orçamental, institucional, municipal, etc. Os textos masculinos também têm adjetivos subjetivos como *grande, bom, novo, difícil, fácil, forte, diferente, deprimente*, etc.

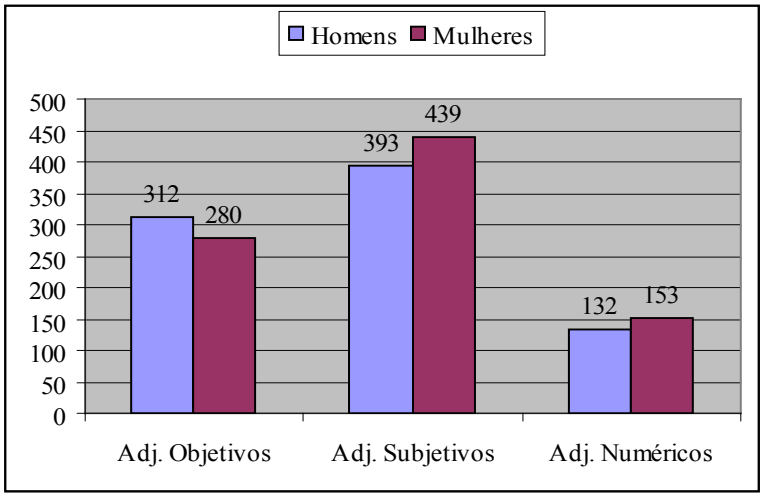
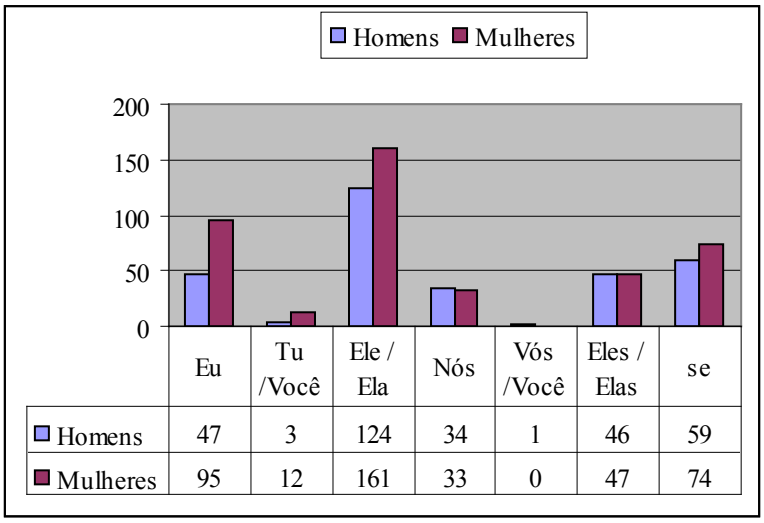


Gráfico 6. Uso dos adjetivos nos textos de 2009.



	Eu	Tu /Você	Ele / Ela	Nós	Vós /Você	Eles / Elas	se
Homens	47	3	124	34	1	46	59
Mulheres	95	12	161	33	0	47	74

Gráfico 7. Pronomes pessoais nos textos de 2009.

No atinente aos verbos, destaca-se que a mulher os emprega em maior número do que o homem (cf. gráficos 4 e 5), a que não é alheio o maior número de frases nos textos femininos. Quanto ao emprego dos verbos, quer nos textos masculinos, quer nos textos femininos, predominam os verbos factivos (como *fazer, dar, chegar, entrar, pôr*, etc.). No que concerne aos verbos estativos (como *ser, ter, estar*, etc.), que exprimem estados ou noções de posse, as mulheres destacam-se com maior número de uso, tal como sobressaem no uso de verbos declarativos, (como *dizer*, *pensar*, etc.). No entanto, as diferenças de uso dos verbos, na generalidade, não são muito relevantes.

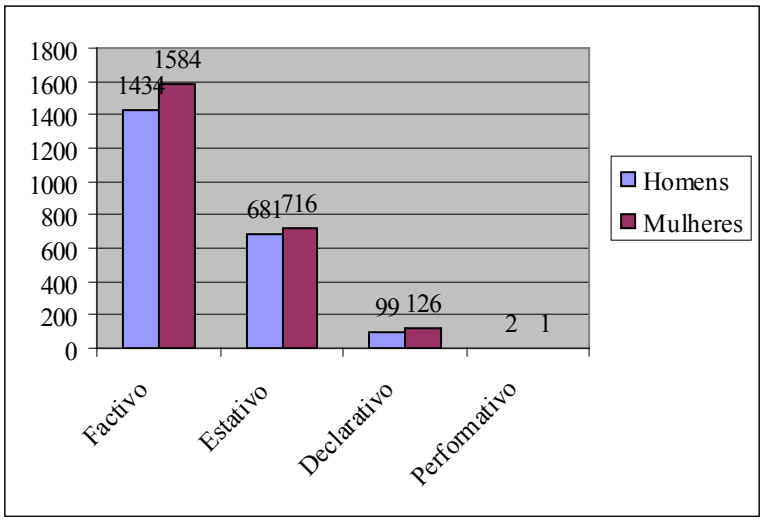


Gráfico 8. Categorias de verbos nos textos de 2009.

No atinente às modalizações (advérbios ou locuções adverbiais), estas permitem ao autor implicar-se no discurso ou situar o que diz contextualmente através de noções de tempo, lugar, modo, afirmação, dúvida, negação e intensidade. Como comprova o gráfico 9, nota-se uma maior preocupação

feminina em situar o seu texto no tempo e no espaço através do uso de advérbios de tempo e lugar, bem como de conectores de lugar, a que não é alheio o facto de o estilo textual predominante ser o narrativo. Por outro lado, convém realçar o elevado uso, por ambos os géneros, de modalizações de negação e de intensidade, que conotam dramatização do discurso, subjacente ao facto de serem textos jornalísticos do género interpretativo ou de opinião. Curioso é também o igual número de uso de advérbios de dúvida. De facto, tanto as mulheres como os homens recorreram 10 vezes a modalizações de dúvida. As mulheres utilizaram *talvez* (6 vezes), *se calhar* (2 vezes), *provavelmente* (1 vez) e *por acaso* (1 vez). Os homens utilizaram *talvez* (5 vezes), *provavelmente* (3 vezes), *quiçá* (1 vez) e *porventura* (1 vez). Estas expressões de dúvida foram apresentadas por Jennifer Coates (1996) como uma outra caraterística feminina. São os chamados "hedges", ou seja, expressões 'barreira' como *talvez*, *do tipo, provavelmente*, *quero dizer, bem, penso que, acho que se calhar, tu sabes que*… Para Coates (1996), estas expressões permitem evitar que se diga algo de definitivo e definido, deixando as nossas opções em aberto. Por isso, atesta que este tipo de expressões é frequentemente usado pelas mulheres nas suas conversas (Coates 1996: 152), sendo usado quando existe dúvida ou falta de confiança no que se está a dizer, para não ferir suscetibilidades ou os sentimentos dos outros, quando não se encontra a palavra certa ou ainda para evitar ser-se tido como perito no assunto. Porém, como se nota, também os homens usam o mesmo tipo de expressões quando o tipo de discurso assim o exige, ou seja, quando faltam certezas sobre o que se diz ou quando não se pretende ferir suscetibilidades, como é o caso destes textos jornalísticos. Efetivamente, os textos jornalísticos do género interpretativo são subjetivos, mas devem respeitar a honra e o bom nome das pessoas e instituições (Rei 2000[b]: 121).

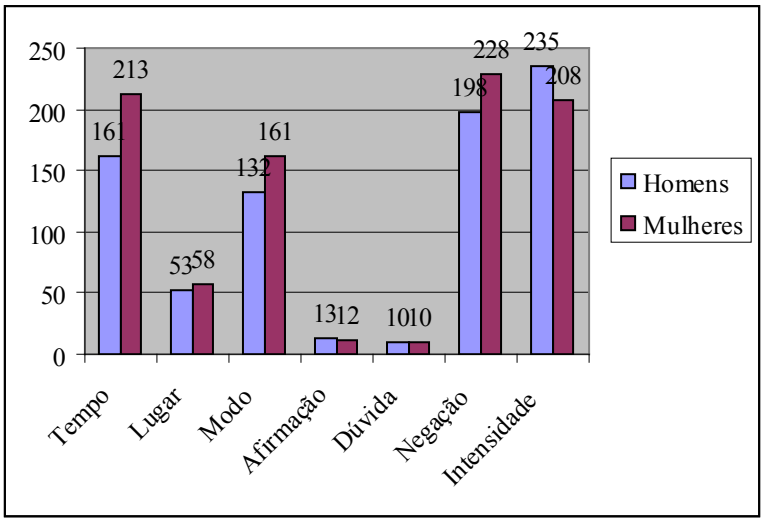
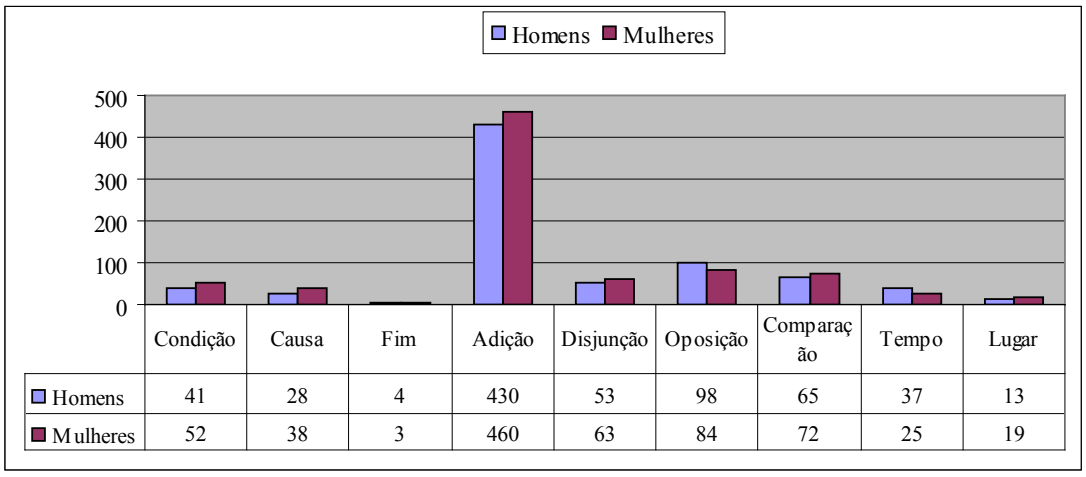


Gráfico 9. Modalização nos textos de 2009.

A análise do tipo de conectores utilizados (cf. gráfico 10) é também importante para diferenciar os estilos discursivos masculino e feminino. De facto, referimos que, a par do estilo narrativo, os textos femininos também eram dominados pelo estilo argumentativo e existiam dois textos em estilo enunciativo. A ocorrência destes estilos pode ser explicada pelo maior uso, por parte dos textos femininos, de conectores de causa e de condição, que permitem construir um raciocínio. Acrescente-se ainda o significativo recurso a conectores de oposição, que permitem, em especial, argumentar, relativizar ou apresentar pontos de vista opostos, ao mesmo tempo.

Ainda no que diz respeito aos conectores (gráfico 10), sobressai grandemente a utilização, em ambos os géneros, de conectores de adição, que permitem enumerar factos e caraterísticas. Porém, tanto homens como mulheres usam sempre o mesmo conector de adição, a conjunção coordenativa copulativa *e*. Esta semelhança no uso dos conectores acontece também com os restantes conectores, uma vez que são usados os mais comuns e correntes. Assim, por exemplo, tanto homens como mulheres usam esmagadoramente *se* como conector de condição,

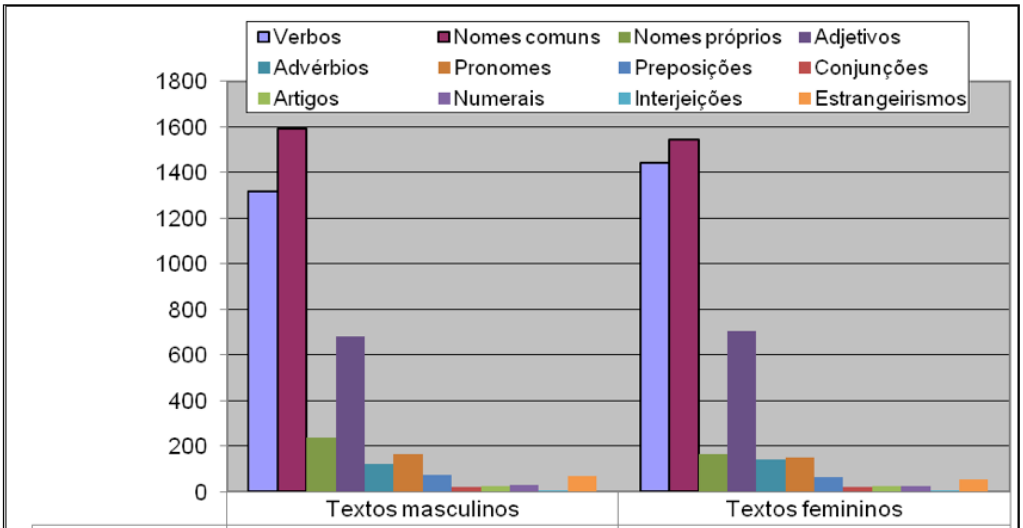
mas como conector de oposição, *como* como conector de comparação, *ou* como conector de disjunção, *quando* como conector de tempo, *onde* como conector de lugar, *porque* como conector de causa, e *para que* como conector de fim. Não obstante, como estes textos foram publicados em jornais e revistas com um público-alvo bastante alargado e heterogéneo, é, por isso, utilizado um registo de língua corrente.



	Condição	Causa	Fim	Adição	Disjunção	Oposição	Comparação	Tempo	Lugar
Homens	41	28	4	430	53	98	65	37	13
Mulheres	52	38	3	460	63	84	72	25	19

Gráfico 10. Tipos de conectores presentes nos textos de 2009.

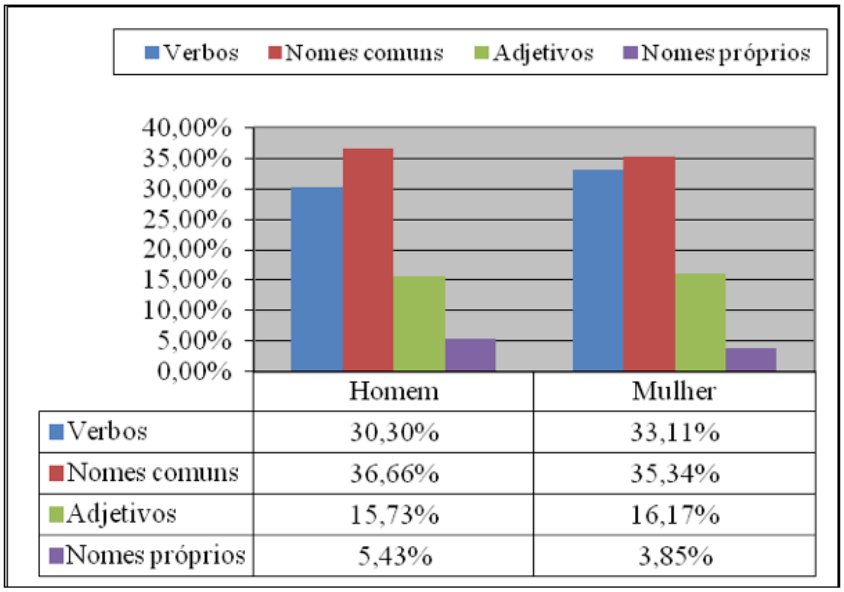
Quanto ao número de ocorrências de diferentes palavras, verificamos que nos textos de autoria masculina surgem 4.343 termos diferentes e nos textos femininos, 4.361, distribuídos pelas diferentes classes de palavras, como se pode comprovar no gráfico 11:



	Textos masculinos	Textos femininos
Verbos	1316	1444
Nomes comuns	1592	1541
Nomes próprios	236	168
Adjetivos	683	705
Advérbios	124	144
Pronomes	168	152
Preposições	73	67
Conjunções	22	22
Artigos	28	28
Numerais	30	25
Interjeições	1	9
Estrangeirismos	70	56

Gráfico 11. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 2009.

Tendo em conta os resultados obtidos, rapidamente se percebe que as partes da oração em que ocorrem mais palavras diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios, ou seja, as classes de palavras ditas abertas, por incluírem um número potencialmente ilimitado de palavras.



	Homem	Mulher
Verbos	30,30%	33,11%
Nomes comuns	36,66%	35,34%
Adjetivos	15,73%	16,17%
Nomes próprios	5,43%	3,85%

Gráfico 12. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 2009.

Como o gráfico 12 atesta, vemos corroborada a ideia, fornecida pelo *Tropes,* de que as mulheres usam mais adjetivos do que os homens. Do mesmo modo, também utilizam em maior número os verbos, conotando ter uma construção sintática mais simples, uma vez que o verbo é o núcleo gerador de uma frase. A par destas classes de palavras, os vocábulos que aparecem mais vezes são as preposições, os artigos, as conjunções e ainda o advérbio de negação "não". Já nos textos masculinos, predominam os nomes comuns e próprios, sublinhando o discurso concreto do discurso masculino.

Relativamente ao advérbio, esta classe representa nos textos masculinos 2,90% das ocorrências e nos textos femininos, 3,30%. Quanto à sua distribuição pelas diferentes subclasses, os mais comuns são os advérbios:

- de negação: *não, nem e nunca*;
- de quantidade: *mais, muito, muitos, menos, quase e nada*;
- de tempo: *já, ainda, sempre, agora, hoje e então*;
- e de modo: *apenas, assim e sobretudo*.

No que respeita às diferenças entre os géneros, não se verificam grandes diferenças no recurso aos advérbios, embora se note um maior emprego do advérbio de negação *não* por parte dos textos femininos, tal como havia defendido Koppel *et al.* (2003).

No que diz respeito aos pronomes, é curiosa a diferença de distribuição desta classe de palavra no total das palavras usadas e no número de ocorrências. Efetivamente, embora percentualmente, sobre o total de palavras usadas nos textos, as mulheres usem 9,10% de pronomes e os homens, 7,68%, ao nível do número de ocorrências de pronomes, os textos masculinos apresentam 3,87% do total de ocorrências e os femininos, 3,49%. Desta forma, pode concluir-se que, apesar de os textos femininos recorrerem mais aos pronomes, estes são menos variados, pois o número de ocorrências é menor. Quanto ao emprego dos pronomes, é corroborado o resultado de que os textos femininos são mais centrados na primeira pessoa, no sujeito que comunica, uma vez que os pronomes mais usados giram à volta da primeira pessoa (cf. *eu, me, minha, meu*). Percebe-se ainda que os pronomes possessivos são uma subclasse recorrente, sendo que são mais comuns nos textos masculinos (0,81%) do que nos femininos (0,71%).

No atinente ao uso das preposições, os textos de ambos os géneros andam muito próximos, embora os textos masculinos recorram mais à variação no uso das preposições do que os textos femininos. De facto, enquanto os textos masculinos apresentam 73 preposições ou contrações de preposições diferentes (1,68% do total de ocorrências), os textos femininos somente apresentam 67 formas diferentes (1,54% do total de ocorrências). Quanto ao seu emprego, destaca-se, desde logo, a preposição *de*, que é líder em número de ocorrências em ambos os géneros. Do mesmo modo, analisando a distribuição desta classe de palavra, não se conseguem discernir grandes diferenças no seu uso. No entanto, a preposição *de* e as suas contrações ocorrem mais vezes nos textos masculinos (8,70% contra 7,92% nos textos femininos). Do mesmo modo, a preposição *em* e as suas contrações ocorrem em maior percentagem nos textos femininos do que nos masculinos (3,02% contra 3,05% nos textos femininos). Também a preposição *com* é mais comum nos textos masculinos (0,91%) do que nos femininos (0,81%). Por último, no que concerne à preposição *a* e as suas

contrações, estas ocorrem em maior percentagem nos textos masculinos (5,09% contra 4,99% nos textos femininos).

No que concerne ao total de ocorrências de conjunções, também as diferenças entre os textos masculinos e femininos são muito ténues, já que nos textos masculinos as conjunções representam 0,51% do total de ocorrências e nos femininos 0,50% das ocorrências. As conjunções mais utilizadas são: *e, que, se* e *para*, sendo que destas os textos femininos utilizam em maior número as três primeiras. Efetivamente, no que diz respeito à conjunção *que*, esta ocorre nos textos femininos 3,84%, enquanto nos textos masculinos ocorre 3,17%. Do mesmo modo, a conjunção *e* ocorre 3,41% nos textos femininos e 3,33% nos masculinos. Já a conjunção *se* ocorre 1,06% nos textos femininos e 1,02% nos masculinos. Por outro lado, a conjunção *para*, como fazendo parte de locuções conjuncionais, ocorre 1,46% nos textos masculinos, e 1,03% nos textos femininos. Por último, deve sublinhar-se o facto de os textos masculinos serem mais ricos em conjunções subordinativas do que os femininos, realçando a tendência paratática dos textos femininos e hipotática nos textos masculinos.

No que diz respeito ao uso dos artigos, os definidos são os mais utilizados em ambos os conjuntos de textos, embora a percentagem de ocorrência seja maior nos textos masculinos (9,06% por oposição a 8,88% nos textos femininos). Quanto à ocorrência dos artigos indefinidos, esta é notoriamente maior nos textos femininos (2,41%) relativamente aos masculinos (1,93%).

Ainda relativamente ao número de ocorrências das diferentes classes de palavras, destaca-se a maior percentagem de ocorrências de numerais nos textos masculinos. Enquanto nos textos masculinos, 0,69% das ocorrências são numerais, nos textos femininos são somente 0,57%. Do mesmo modo, nos textos masculinos ocorrem mais estrangeirismos (1,61% do total de ocorrências) do que nos textos femininos (1,28%), sendo que estes são maioritariamente de origem inglesa. Por último, os textos femininos têm maior ocorrência de interjeições (textos masculinos – 0,02%; textos femininos – 0,20%), permitindo maior expressão de emoções e estados de espírito.

Do exposto, podemos concluir que detetámos diferenças entre os discursos masculino e feminino nos textos de opinião analisados. Primeiramente, sobressai uma diferença na escolha dos assuntos a tratar. Apesar de o ano de 2009 ser

um ano de eleições legislativas e autárquicas, as mulheres não "abraçaram" o tema da política como os homens. Enquanto estes preferem discutir temas relacionados com a política, o desporto, problemas sociais e negócios; a mulher prefere falar da família, de saúde, de sentimentos e de problemas com o emprego e injustiças sociais.

Por outro lado, o discurso feminino revela mais subjetividade do que o masculino. Primeiramente, pelos assuntos abordados, a partir dos quais a mulher expressa mais emoções e sentimentos. Seguidamente, pelo estilo de texto dominante. Embora os textos masculinos sejam maioritariamente descritivos e os femininos narrativos, é nos textos femininos que abundam os adjetivos, especialmente adjetivos de cariz subjetivo. A isto acrescenta-se o recurso a um narrador subjetivo e a maior percentagem de uso do pronome pessoal *eu*. Destaca-se ainda a maior preocupação feminina em contextualizar o seu texto no tempo e no espaço, bem como com a construção de raciocínios lógicos, capazes de argumentar e defender pontos de vista.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, novamente se sublinhou o maior uso de verbos por parte dos textos femininos. Do mesmo modo, se corroboraram os resultados de os textos femininos serem mais ricos em adjetivos e em pronomes centrados na primeira pessoa, indiciando a subjetividade do seu autor, a que acresce o maior recurso a interjeições. Por oposição, nos textos masculinos abundam, em maior número, nomes comuns, pronomes centrados na terceira pessoa e numerais, conotando mais objetividade.

5.2.2. Textos de opinião de 1999

Os textos de opinião recolhidos, publicados no ano de 1999, foram extraídos de revistas e jornais nacionais, regionais e locais, sendo que alguns textos se destacam por serem da autoria do público anónimo que contribui com textos de opinião sobre algum tema de interesse para a publicação. Desta forma, recolhemos as seguintes publicações: a revista mensal de viagens e lazer *Tempo Livre* (16 textos masculinos e 14 textos femininos); a revista mensal generalista *Quo* (2 textos masculinos e 5 textos femininos); a revista *Voice* (2 textos masculinos e 1

texto feminino); os jornais regionais e locais *A Voz de Trás-os-Montes* (4 textos femininos) e *Terras da Beira* (1 texto feminino); os jornais nacionais *Expresso* (1 texto masculino), *Semanário* (2 textos masculinos), *Diário de Notícias* (1 texto masculino) e *Avante* (1 texto masculino).

Quanto aos autores masculinos, referenciamos: Ruben Carvalho; João Amaral; Álvaro Marques; Artur Queirós; Baptista Bastos; Carlos Cabral; Carlos Oliveira; Gil Montalverne; Gonçalo Palma; Fernando Correia; Vítor Dias (2 textos); José Antunes; José Mendes; Luís Crespo Fabião; José Barbado; Miguel Alves; Miguel Gonçalves; Aurélio Santos; Jorge Fonseca; Pedro Soares; Rodrigo Pinto; Rodrigues Vaz; Sérgio Bordalo e Vítor Ribeiro. As autoras dos textos femininos são: Alexandra Campos; Alice Vieira; Ana da Costa Mendes; Ana Jiménez; Ana Costa; Ana Macedo; Carla Bento; Carla Fragata; Carla Pereira; Glória Cronberg; Inês Calado; Magda Pinto; Lourdes Féria; Maria Emília; Maria Fabião; Maria Vieira; Graça Henriques; Helena Aleixo; Salomé Joanaz; Sofia Filipe; Sandra Correia; Teresa Joel; Teresa Martins; Teresa Perdigão e Maria Florinda.

Assim, estes textos debruçam-se sobre diversas temáticas, indo ao encontro dos interesses de um público nacional heterogéneo, abordando temas como política, viagens, economia, lazer, geografia, entre outros.

Tal como nos propusemos fazer, este trabalho de análise é faseado em duas etapas. Numa primeira fase, agrupámos os 25 textos de autores masculinos e os 25 textos de autores femininos em dois grandes textos, um para todos os textos de homens e outro para todos os textos de mulheres. Desta forma, obtivemos uma imagem global dos resultados. Assim, no total, o texto dos homens tem 14.686 palavras e o das mulheres 12.432, sendo que o número de frases por texto é de 1.663, no texto masculino, e 1.438, no texto feminino. Assim sendo, em média, as frases de autoria masculina têm 8,83 palavras e as frases de autoria feminina têm 8,65 palavras. Ou seja, mais uma vez se nota que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens e, consequentemente, são frases com uma estrutura sintática mais simples.

Seguindo os resultados obtidos (gráfico 13), no atinente aos assuntos abordados, destaca-se que os temas mais recorrentes, quer nos textos masculinos, quer nos textos femininos, aparecem agrupados em conceitos gerais

e vida humana, e subdividem-se em temas como geografia, política, sociedade, comunicação, arte e cultura, negócios, entre outros.

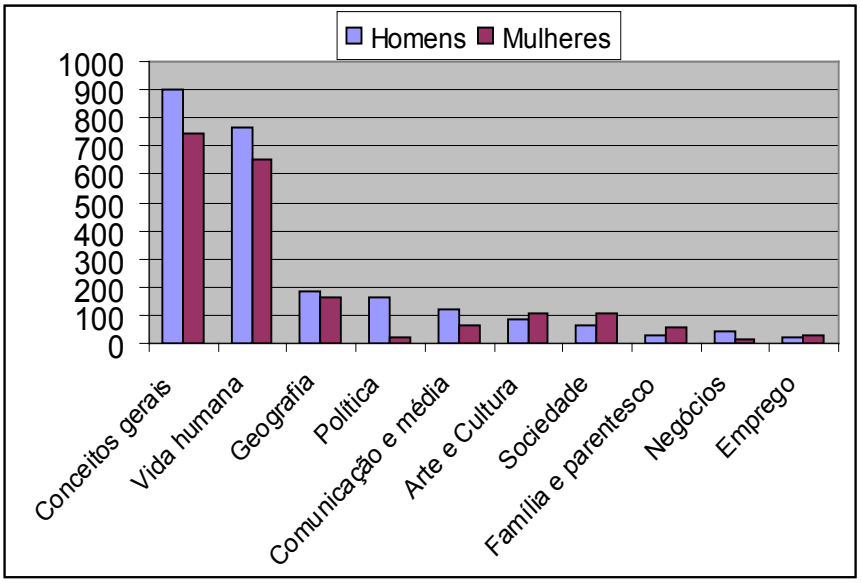


Gráfico 13. Principais assuntos abordados nos textos de 1999.

No que diz respeito às emoções e sentimentos expressos relativamente à vida humana, sobressai a satisfação nos textos masculinos, já nos femininos femininos ganha relevo, primeiramente, o medo, depois, paradoxalmente, a satisfação e a insatisfação. No que concerne à especificação de temas mais comuns, salienta-se o interesse, em ambos os géneros, pela geografia, pela sociedade e pela arte e cultura, também devido ao facto de estes textos terem sido retirados de publicações muito viradas para o lazer. Não obstante, o interesse pelo tema da sociedade é diferente. Enquanto nos textos masculinos, esse interesse se centra na relação entre a sociedade e a política, através de reflexões sobre o estado da nação, acontecimentos sociais e negócios; os textos de autoria feminina refletem

sobre a família e as relações de parentesco e o direito da família, bem como sobre o emprego e o trabalho.

No atinente ao estilo geral do texto, os textos masculinos agruparam-se num estilo dominante narrativo e os femininos num estilo descritivo, exatamente o oposto dos resultados obtidos na análise dos textos de 2009. No entanto, como demonstra o gráfico 14, o número de textos narrativos é exatamente o mesmo para os dois géneros. Não obstante, no grupo de textos femininos existem ainda, de forma saliente, os géneros argumentativo e descritivo, com uma forte presença de um narrador subjetivo, daí o estilo dominante nos textos femininos ser o descritivo.

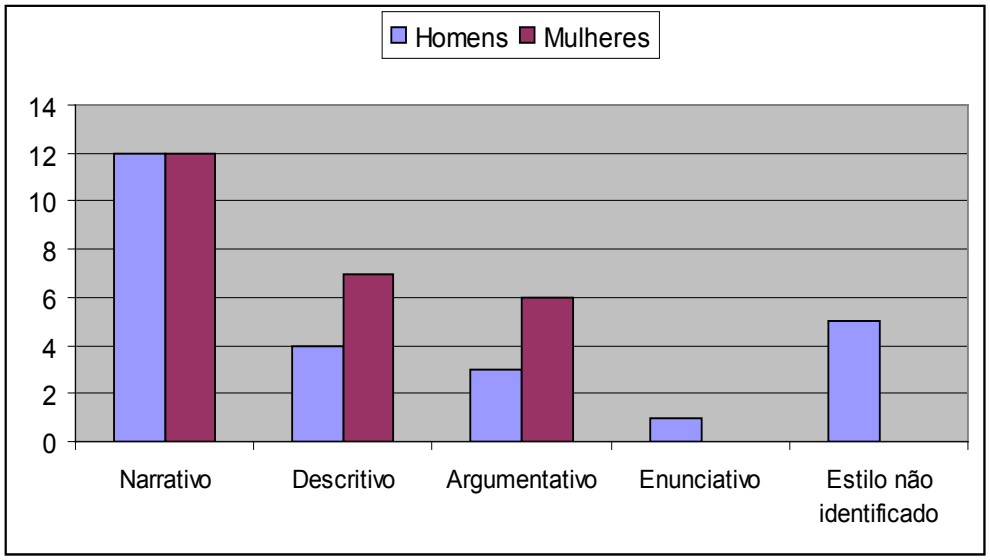
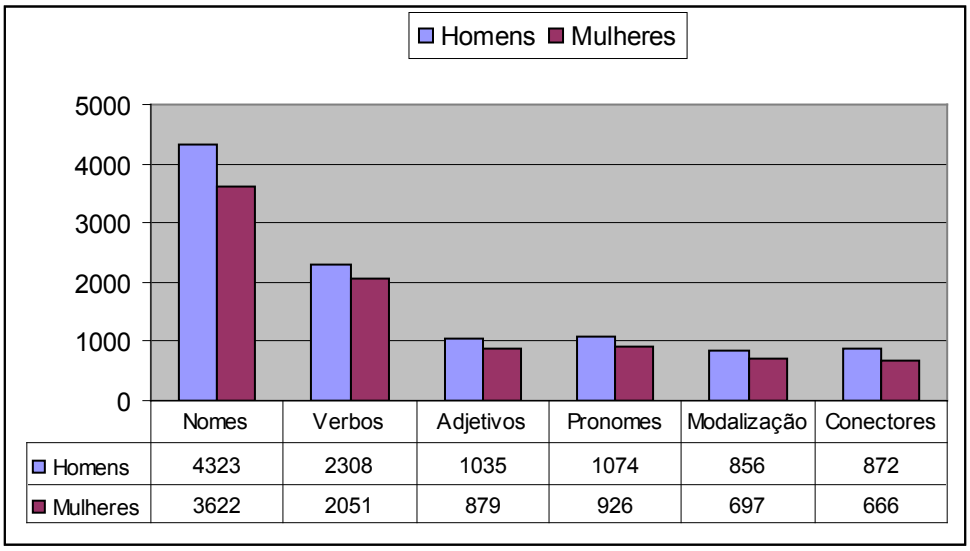


Gráfico 14. Estilos textuais dominantes nos textos de 1999.

Quanto às encenações verbais, todos os textos, quer masculinos quer femininos, têm uma encenação dinâmica e ativa, expressa maioritariamente através de verbos de ação, sendo que, por vezes, em alguns textos, aparece um narrador subjetivo (5 textos femininos e 4 textos masculinos).

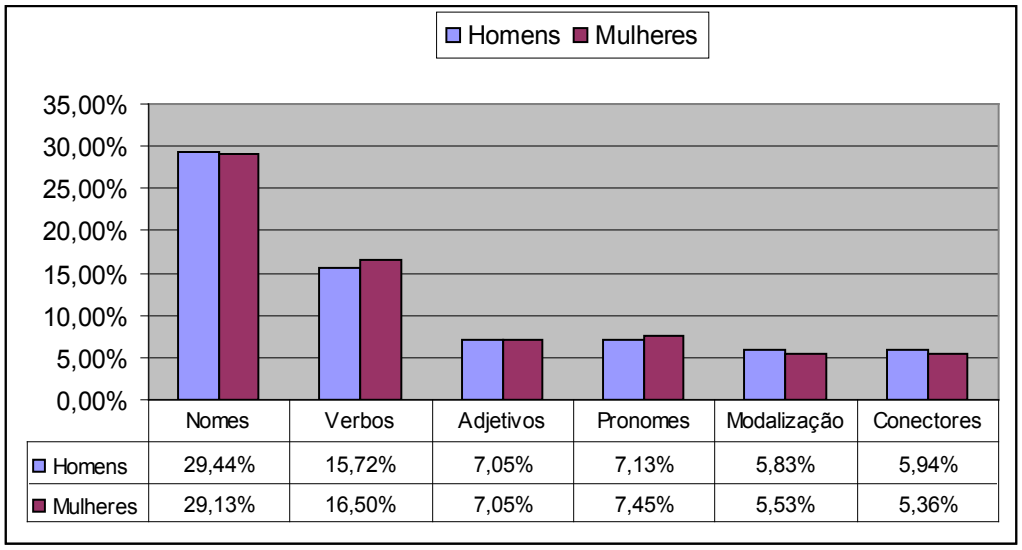
Já no que respeita às partes da oração, são os nomes, os verbos e os adjetivos as classes de palavras mais utilizadas (gráfico 15).



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	4323	2308	1035	1074	856	872
Mulheres	3622	2051	879	926	697	666

Gráfico 15. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1999.

A par disso, destaca-se a maior percentagem de uso de conectores e de palavras de modalização (como advérbios e locuções adverbiais) nos textos masculinos (gráfico 16). Do mesmo modo, é maior a percentagem de verbos usados nos textos femininos. Estes dois aspetos vão ao encontro da tese de que as frases das mulheres são mais curtas, logo, mais simples sintaticamente.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	29,44%	15,72%	7,05%	7,13%	5,83%	5,94%
Mulheres	29,13%	16,50%	7,05%	7,45%	5,53%	5,36%

Gráfico 16. Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1999.

Sobressaem ainda diferenças no que respeita ao uso dos adjetivos (gráfico 17). Embora o emprego de adjetivos subjetivos e numéricos seja maior nos homens, é de notar as percentagens no uso dos adjetivos numéricos sobre o total de uso dos adjetivos. Os adjetivos numéricos são usados nos textos masculinos numa percentagem de 22,3%, por oposição a 14,3% nos textos femininos. Por seu turno, a percentagem de uso dos adjetivos objetivos é maior nas mulheres (homens – 30,2%; mulheres – 36,5%). Já a percentagem de uso dos adjetivos subjetivos é também maior nos textos femininos (49,1%) do que nos masculinos (47,4%). Portanto, regra geral, os adjetivos são percentualmente mais usados pelos textos femininos.

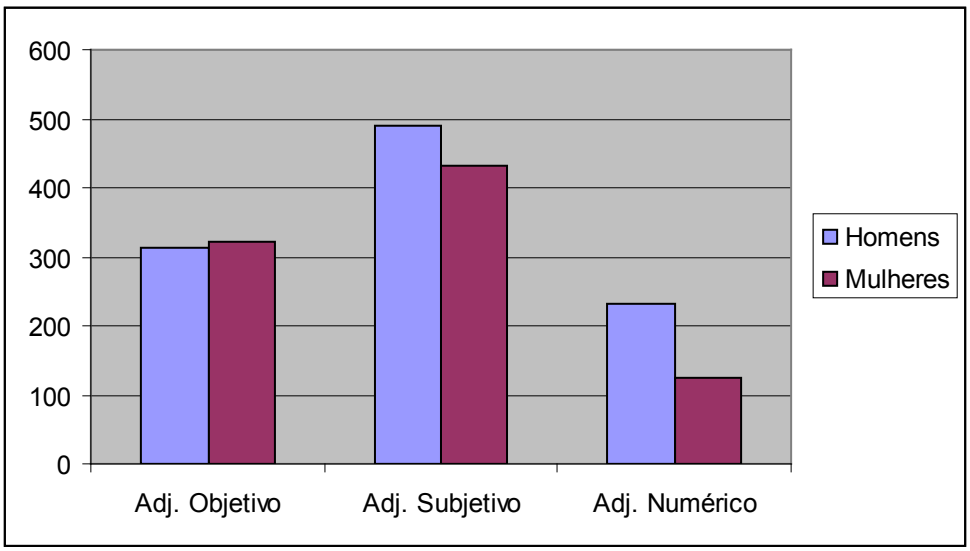
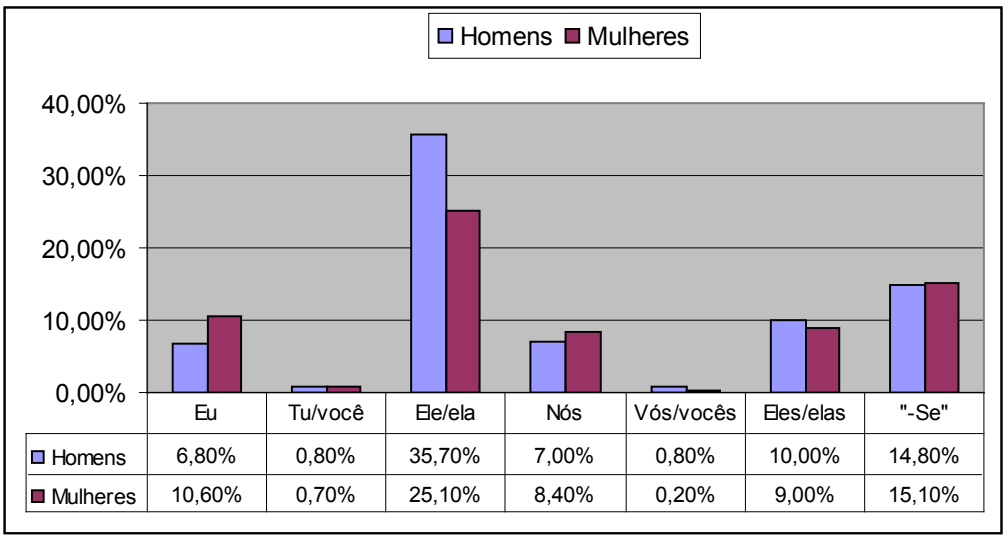


Gráfico 17. Emprego dos adjetivos nos textos de 1999.

A subjetividade associada ao discurso feminino é ainda corroborada pelo maior recurso aos pronomes pessoais de primeira pessoa, quer no singular, quer no plural. Por sua vez, no discurso masculino predominam claramente os pronomes pessoais em terceira pessoa (gráfico 18).



	Eu	Tu/você	Ele/ela	Nós	Vós/vocês	Eles/elas	"-Se"
Homens	6,80%	0,80%	35,70%	7,00%	0,80%	10,00%	14,80%
Mulheres	10,60%	0,70%	25,10%	8,40%	0,20%	9,00%	15,10%

Gráfico 18. Recurso aos pronomes pessoais percentualmente nos textos de 1999.

Quanto ao emprego dos diferentes tipos de verbos (gráfico 19), somente se nota uma pequena diferença no que respeita ao uso dos verbos estativos. Efetivamente, os verbos mais usados são, nos textos masculinos, *ser, ter, estar, dizer, poder, fazer, haver e ir*. Nos textos femininos, os verbos mais usados são *ser, ter, poder, haver, estar, fazer, dar, ver e querer*. Os verbos estativos, usados para expressar sentimentos, emoções e estados de alma, bem como noções de posse, são percentualmente mais usados pelas mulheres (homens – 26,2%; mulheres – 27,1%), a que não é alheio o facto de o estilo de texto das mulheres ser maioritariamente descritivo.

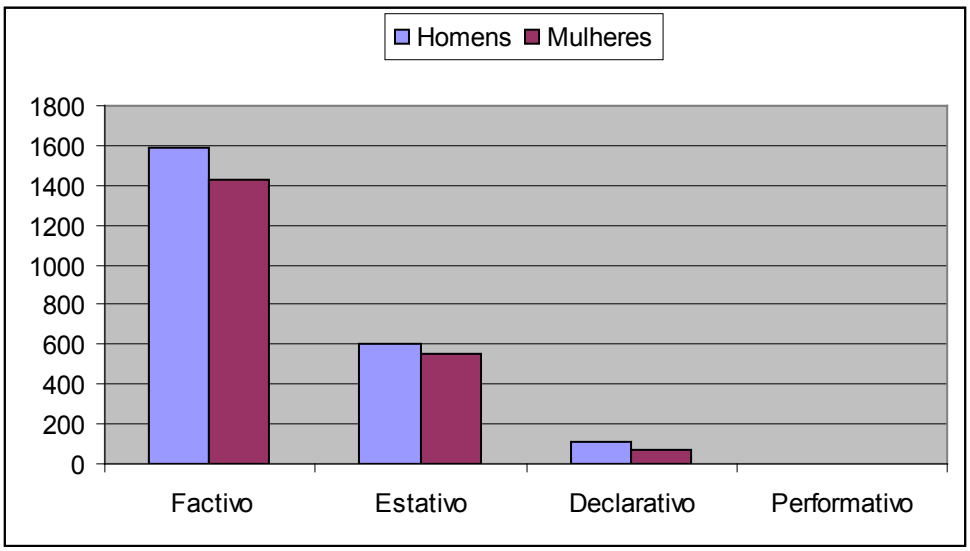
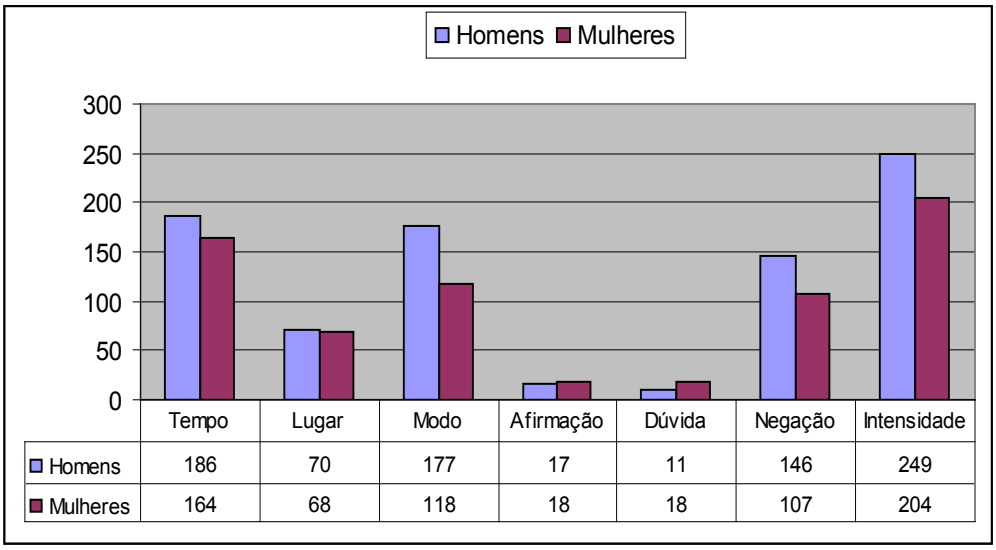


Gráfico 19. Categorias dos verbos presentes nos textos de 1999.

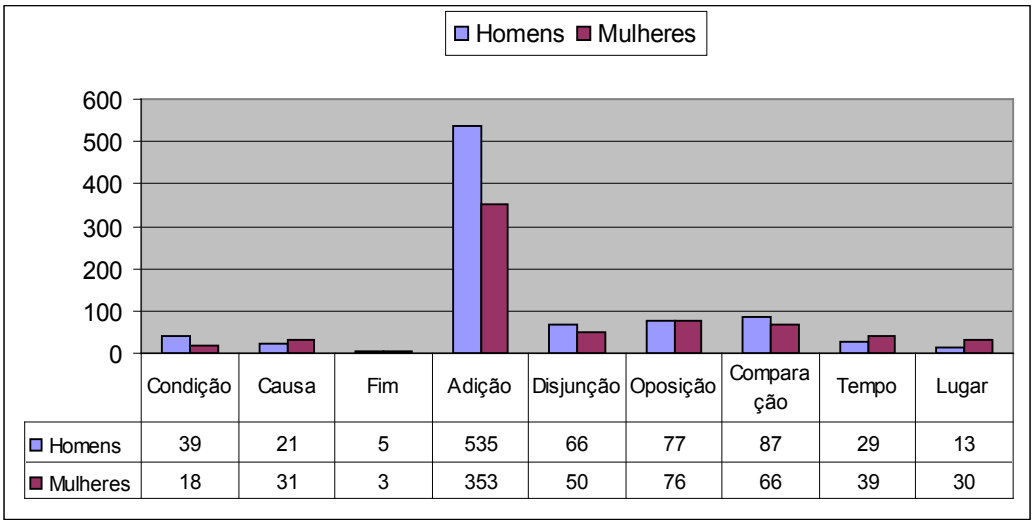
No atinente à modalização, que permite ao locutor implicar-se no discurso ou situar o que diz contextualmente (gráfico 20), nota-se que os homens se preocupam com as modalizações de tempo e de lugar, que permitem situar a ação espácio-temporalmente, pois os textos masculinos tendem para um estilo narrativo. Talvez por isso, também predominem, nos textos masculinos, as modalizações de intensidade e de negação, que permitem dramatizar o discurso. Por outro lado, as mulheres destacam-se percentualmente pela expressão de modalizações de dúvida (homens – 1,3%; mulheres – 2,6%).



	Tempo	Lugar	Modo	Afirmação	Dúvida	Negação	Intensidade
Homens	186	70	177	17	11	146	249
Mulheres	164	68	118	18	18	107	204

Gráfico 20. Modalização nos textos de 1999.

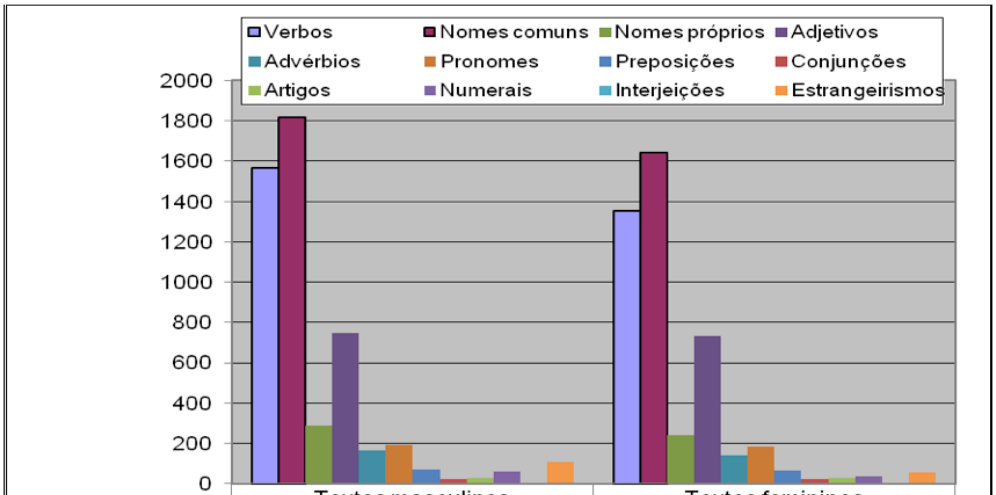
Quanto ao uso dos conectores, mais uma vez se destaca o uso, em ambos os géneros, de conectores de adição, usados para enumerar factos ou caraterísticas (cf. gráfico 21). Por outro lado, destaca-se ainda o maior emprego de conectores de tempo e de lugar pelos textos do género feminino, embora o estilo textual dominante seja descritivo e não o narrativo.



	Condição	Causa	Fim	Adição	Disjunção	Oposição	Comparação	Tempo	Lugar
Homens	39	21	5	535	66	77	87	29	13
Mulheres	18	31	3	353	50	76	66	39	30

Gráfico 21. Tipos de conectores presentes nos textos de 1999.

Quanto ao número de ocorrências dos diferentes vocábulos, nos textos de autoria masculina de 1999, que têm 14.686 palavras, surgem 5.054 palavras diferentes; já nos textos femininos, que têm 12.438 palavras, sobrevêm 4.506 ocorrências de diferentes palavras. Assim sendo, embora os textos femininos apresentem menor número de palavras diferentes, têm uma maior percentagem de variabilidade (ou seja, os textos femininos têm uma variabilidade de palavras de 36,25% e os textos masculinos de 34,41%). A distribuição destas ocorrências pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

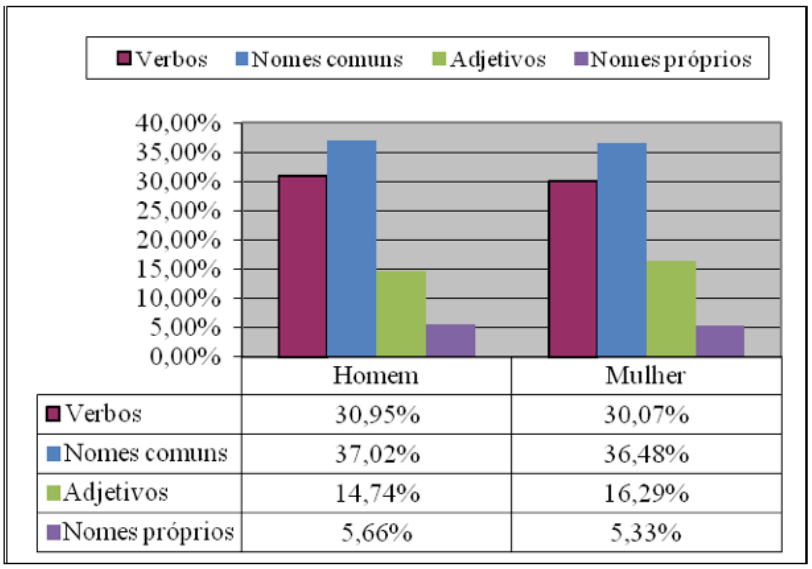


	Textos masculinos	Textos femininos
Verbos	1564	1355
Nomes comuns	1817	1644
Nomes próprios	286	240
Adjetivos	745	734
Advérbios	166	140
Pronomes	191	184
Preposições	68	67
Conjunções	21	21
Artigos	27	27
Numerais	60	37
Interjeições	3	1
Estrangeirismos	106	56

Gráfico 22. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1999.

Tendo em conta os dados fornecidos, e à semelhança da análise feita aos textos de 2009, as classes de palavras em que ocorrem mais termos diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios. Dentro destas quatro classes, são os textos masculinos que maior variação apresentam de verbos, nomes comuns e nomes próprios (cf. gráfico 23), indo ao encontro do estilo de texto dominante – o narrativo. Por seu turno, mais uma vez, os textos

femininos destacam-se, relativamente aos masculinos, pela maior percentagem de emprego de adjetivos.



	Homem	Mulher
Verbos	30,95%	30,07%
Nomes comuns	37,02%	36,48%
Adjetivos	14,74%	16,29%
Nomes próprios	5,66%	5,33%

Gráfico 23. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes nos textos de 1999.

No que diz respeito às outras partes da oração, a outra classe de palavra que aparece com maior número de ocorrências é o advérbio. Esta classe surge mais nos textos masculinos do que nos femininos, já que, percentualmente, os advérbios representam 3,28% do total de ocorrências nos textos masculinos e 3,11% nos textos femininos. Quanto ao seu emprego, o advérbio que mais se repete é o advérbio de negação *não*, seguido do advérbio de quantidade *mais* e do advérbio de tempo *já*. Quanto à sua distribuição pelo texto, o advérbio de negação *não* é mais comum nos textos masculinos (0,91% contra 0,74% nos femininos). Do mesmo modo, o advérbio *mais* é também mais usado pelos textos masculinos (0,75% contra 0,71% nos femininos). Porém, o advérbio de tempo *já* é mais comum nos textos femininos (0,33%) do que nos masculinos (0,27%). Por outro lado, a subclasse do advérbio que mais varia é o advérbio de modo,

sendo que surgem 77 advérbios de modo nos textos masculinos e 59 nos textos femininos. Por fim, são os advérbios de tempo e de lugar que têm mais variação, embora não se verifiquem grandes diferenças entre ambos os textos.

Relativamente aos pronomes, o número de ocorrências é, percentualmente, superior nos textos femininos (4,08% contra 3,78% nos masculinos). Quanto à subclasse de pronomes que mais ocorre é, desde logo, o pronome possessivo, na variação em género *seu* e *sua*. Nestes textos destacam-se ainda os pronomes demonstrativos, indefinidos e possessivos, por surgirem em maior número, existindo alguma variação entre os textos masculinos e femininos. Efetivamente, no que diz respeito aos pronomes indefinidos e demonstrativos, os textos masculinos são mais ricos na variação, já que ocorrem 22 pronomes indefinidos diferentes nos textos masculinos e 21 nos textos femininos; 30 pronomes demonstrativos diferentes nos textos masculinos e 27 nos textos femininos. Já no que respeita ao emprego de pronomes possessivos, os textos femininos são mais ricos (1,07%) do que os masculinos (1,01%). Isto significa que os textos masculinos variam mais nas suas escolhas vocabulares do que os textos femininos, nomeadamente no que diz respeito aos pronomes.

No atinente às preposições, como já se comprovou no gráfico 22, embora o número de ocorrências seja maior nos textos masculinos (68 ocorrências contra 67 nos textos femininos), a preposição ocorre percentualmente em maior número nos textos femininos (1,49% contra 1,35%). Quanto à preposição que, desde logo, se destaca com maior número de aparições é *de*. Efetivamente, a preposição *de* e as suas contrações dominam ambos os textos, sendo que nos textos masculinos correspondem a 9,0% do total de palavras usadas e nos textos femininos equivalem a 8,86%. Por seu turno, a preposição *a* e suas contrações são usadas em maior percentagem nos textos masculinos (5,08% contra 5,03%). Curiosa é também a percentagem de uso da preposição *em* e suas contrações, que correspondem em ambos os conjuntos de textos a 3,36% do total das palavras. Já no que diz respeito às preposições *com* e *por,* elas ocorrem percentualmente em maior número nos textos femininos (1,05% e 0,70%) do que nos masculinos (1,04% e 0,64%).

No que respeita às conjunções, estas representam 0,42% das ocorrências nos textos masculinos e 0,47% nos textos femininos. No entanto, mais uma

vez, à semelhança do conjunto de textos de 2009, também neste conjunto de textos, domina a conjunção *e* nos textos masculinos e a conjunção *que* nos textos femininos. As outras conjunções mais comuns, em ambos os textos, são *e, que, para* e *se*. Percentualmente, quanto à conjunção *que*, corrobora-se a ideia de que esta conjunção é usada em maior percentagem nos textos femininos (3,35% contra 3,23% nos textos masculinos). O contrário acontece com a conjunção *e*, que ocorre em maior percentagem nos textos masculinos (3,65% contra 2,85%). No atinente às conjunções *para* e *se,* estas surgem em maior percentagem nos textos femininos (*para* -1,08%; *se* - 0,95%) do que nos textos masculinos (*para* -0,86%; *se* - 0,82%). Por último, embora menos abundantes, aparecem as conjunções *ou, mas, também* e *quando*. A conjunção disjuntiva *ou* é mais comum nos textos masculinos, pois a sua percentagem de uso, sobre o total de palavras, é de 0,47% nos textos masculinos, contra o,41% dos femininos. Embora, com pouca diferença, a conjunção adversativa *mas* é usada em maior percentagem nos textos femininos (0,41% contra 0,40% nos textos masculinos). Já a conjunção copulativa *também* tem a mesma percentagem de uso nos dois conjuntos de textos (0,22%). Por último, a conjunção subordinativa temporal *quando* ocorre em maior percentagem nos textos femininos (0,23% contra 0,14% nos textos masculinos).

No que concerne ao recurso dos artigos, os definidos são os mais utilizados em ambos os conjuntos de textos, no entanto a percentagem de ocorrência é maior nos textos femininos (8,89% contra 8,72%). Quanto à ocorrência dos artigos indefinidos, esta é maior nos textos masculinos (2,29% contra 2,16%).

Por último, quanto aos numerais, estes ocorrem com maior variação nos textos masculinos (1,19% contra 0,82%). Do mesmo modo, nos textos masculinos ocorrem mais estrangeirismos (2,10% do total de ocorrências, contra 1,24%), sendo que estes são maioritariamente de origem inglesa. Por fim, no que diz respeito às interjeições, estas são ainda menos abundantes.

Assim sendo, da análise comparativa dos textos de opinião femininos e masculinos, publicados nos *media* portugueses no ano de 1999, percebem-se algumas diferenças entre os discursos masculino e feminino. Desde logo, salientam-se diferenças na escolha dos temas a abordar. À semelhança do que acontece com os textos publicados em 2009, os homens tendem para temas

relacionados com a política, a geografia, os negócios e a comunicação; já as mulheres destacam-se com tópicos relacionados com a sociedade, a geografia, a família, a saúde e o emprego. De igual forma, nota-se uma maior subjetividade nos textos femininos, marcada pelo maior recurso a pronomes pessoais em primeira pessoa, bem como pelo uso de adjetivos subjetivos. No atinente aos adjetivos, destaca-se o recurso abundante, nos textos masculinos, de adjetivos numéricos, indo ao encontro dos resultados e das teorias do matemático israelita Moshe Koppel, que postulou que os textos de autores masculinos distinguem-se pelo uso de palavras com sentido numérico (Koppel *et al.* 2003).

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, destaca-se novamente o facto de os textos femininos serem mais ricos em adjetivos e em pronomes pessoais de primeira pessoa, enquanto os textos masculinos se distinguem pelo maior recurso a nomes comuns e numerais, ou seja, classes de palavras mais centradas na realidade, caraterística já apontada ao discurso masculino.

5.2.3. Textos de opinião de 1989

Os textos de opinião datados de 1989 foram também recolhidos de jornais nacionais, regionais e locais. Também estes textos abordam diversas temáticas, indo ao encontro dos interesses de um público nacional heterogéneo. Assim, recolhemos textos do jornal *Diário de Notícias* (1 texto masculino e 7 textos femininos), d'*A Voz de Trás-os-Montes* (9 textos masculinos), d'*A Voz de Azeméis* (9 textos masculinos e 12 textos femininos), do *Correio da Feira* (1 texto masculino e 1 texto feminino), do *Jornal de Ovar* (2 textos masculinos e 1 texto feminino), do *Terras da Feira* (3 textos masculinos e 2 textos femininos) e do *Jornal Actual* (2 textos femininos).

Como autores masculinos, referenciamos: Mário de Oliveira (3 textos); António Teixeira Ferreira (2 textos); António Araújo Pereira Pinto; Jaime Ferraz Gabão; Reinaldo Sancho Almirante (3 textos); José Magalhães dos Santos; Manuel Riacho; Artur Augusto; António Costa; Álvaro Santos; Fausto de Melo; Rafael Godinho; José Américo Sá Pinto; José Nuno; Albertino Pardinhas;

Salvador de Figueiredo; Teixeira Castro; Jorge Azevedo; Nuno Noronha e António Rego.

As autoras femininas citadas são: Zita Seabra (3 textos); Magda Pereira Pinto (5 textos); Ângela Amorim (3 textos); Irene Lúcia Arede (4 textos); Teresa Costa Macedo; Ana Pereira (2 textos); Margarida Fonseca (2 textos); Diana Andringa; Helena Roseta; Helena Marques; Oilé Rua e Carla Tavares.

De acordo com a estratégia que delineámos, a análise destes 50 textos é realizada em duas etapas. Numa primeira fase, agrupámos os 25 textos de autores masculinos e os 25 textos de autores femininos em dois grandes textos, um para todos os textos de homens e outro para todos os textos de mulheres. Desta forma, podemos trabalhar de forma global os textos. Assim, no total, o texto dos homens tem 12.736 palavras e o das mulheres 15.618, sendo que o número de frases por texto é de 1.523, no texto masculino, e 2.024, no texto feminino. Assim sendo, em média, as frases de autoria masculina têm 8,36 palavras e as frases de autoria feminina têm 7,72 palavras. Ou seja, mais uma vez se nota que, na generalidade, as mulheres escrevem frases menos extensas do que os homens e, consequentemente, com uma estrutura sintática mais simples.

Assim, quanto às temáticas predominantes, destacam-se temas relacionados com a vida humana, os conceitos gerais e, depois, a geografia, a política, a sociedade, a comunicação, o urbanismo, a religião, entre outros (gráfico 24). Desde logo, sobressai a posição destacada dos textos femininos no que diz respeito a tópicos relacionados com a vida humana e conceitos gerais. Estes grandes assuntos desdobram-se em temas como a geografia, a política, a sociedade, a justiça, a saúde e o emprego, entre outros. Ganha realce aqui a temática da política que, nos conjuntos de textos anteriores, era mais abordada pelo género masculino e agora aparece mais abordada pelos textos femininos. Não obstante, a justiça, a saúde e o emprego são temas contantes no discurso feminino nas diferentes décadas. Por sua vez, o género masculino, mais virado para o mundo exterior, centra-se em assuntos desse âmbito, como geografia, urbanismo, comunicação, negócios, entre outros.

No que respeita aos sentimentos e emoções predominantes sobre a vida humana (a grande temática dos textos), nos textos femininos predominam a insatisfação, a ira e a tristeza, mas um estado de ânimo de esperança e humor. A

imagem que o autor do texto feminino tem de si é de naturalidade. Por sua vez, nos textos masculinos, predominam, perante a vida humana, sentimentos como a tristeza e, simultaneamente, a satisfação e um estado de espírito de entusiasmo e humor. Já a imagem que o autor tem de si é de distinção e de orgulho.

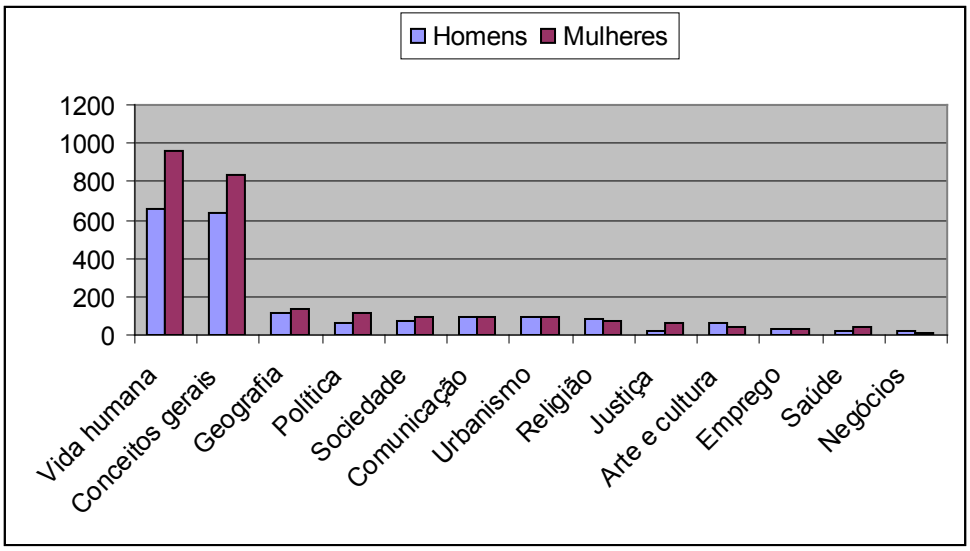


Gráfico 24. Frequência de abordagem dos principais assuntos nos textos de 1989.

Quanto ao estilo de texto dominante, em ambos os géneros predomina o texto argumentativo, ou seja, um tipo de texto em que o sujeito se implica, explica ou critica e argumenta para tentar persuadir o interlocutor, ou seja, o público leitor. Por isso, é um tipo de texto onde se defendem pontos de vista e opiniões. No entanto, destaca-se ainda o estilo narrativo, existindo 8 textos narrativos femininos e 6 masculinos (gráfico 25). De realçar ainda a existência de muitos textos masculinos com narrador subjetivo (11 textos contra somente 3 femininos). Não obstante, as encenações verbais presentes nos textos de ambos os géneros são também maioritariamente dinâmicas e ativas, predominando, por isso, verbos de ação ou factivos.

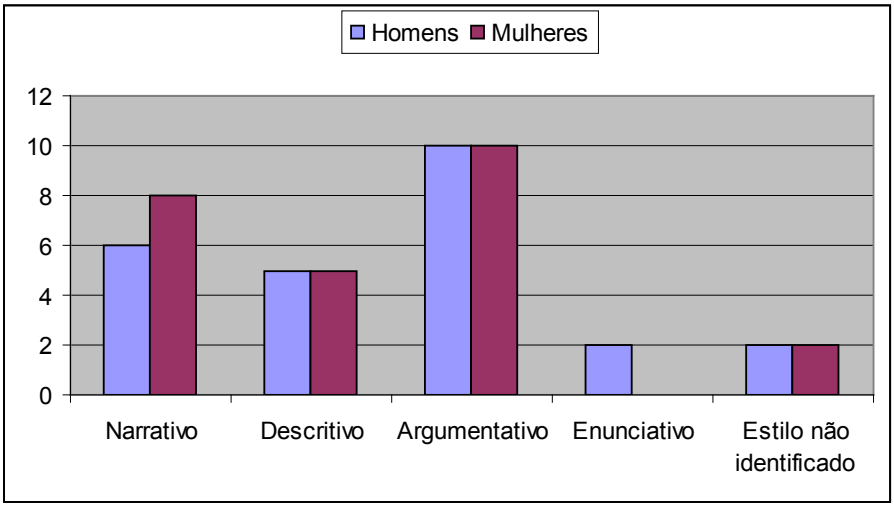
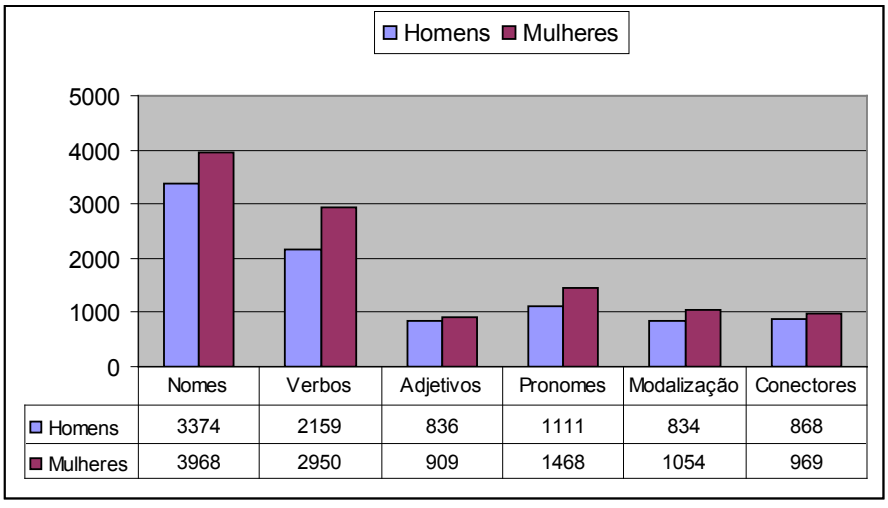


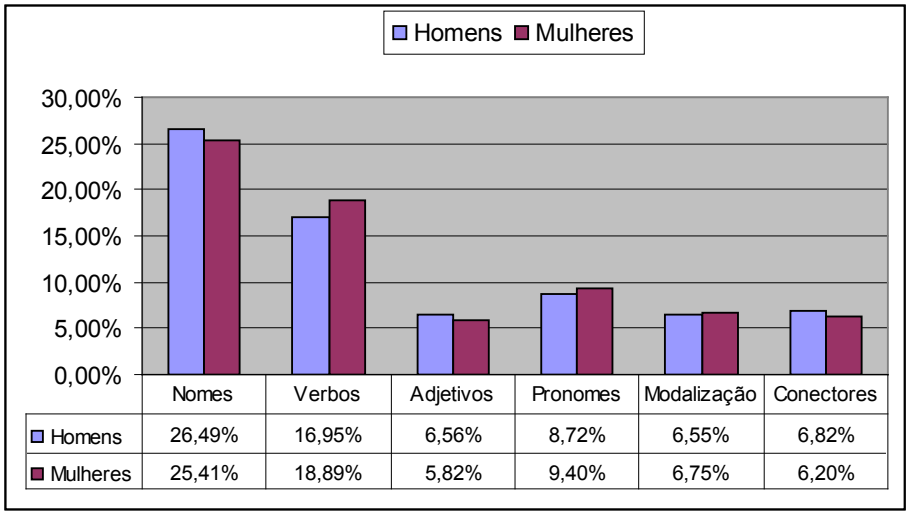
Gráfico 25. Estilos textuais dominantes nos textos de 1989.

No atinente ao emprego das diferentes partes da oração, as classes de palavras mais usadas por ambos os géneros são obviamente os nomes, os verbos e os pronomes (gráfico 26). De sublinhar que os textos do género feminino recorrem, percentualmente, mais aos verbos, aos pronomes e aos advérbios do que os do género masculino (gráfico 27).



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	3374	2159	836	1111	834	868
Mulheres	3968	2950	909	1468	1054	969

Gráfico 26. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1989.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	26,49%	16,95%	6,56%	8,72%	6,55%	6,82%
Mulheres	25,41%	18,89%	5,82%	9,40%	6,75%	6,20%

Gráfico 27. Distribuição das classes de palavras percentualmente nos textos de 1989.

No que diz respeito ao uso dos verbos, salienta-se o maior recurso, por parte dos textos femininos, a verbos factivos (gráfico 28). Efetivamente, nos textos femininos, depois dos verbos estativos *ser* e *ter*, aparecem verbos ligados a ações, como *ir, fazer, ver, dar*, entre outros. Assim, de forma ordenada, os verbos que mais aparecem nos textos masculinos são: *ser, ter, estar, haver, dizer, dar, ir e poder*. Já nos textos femininos, os verbos mais comuns são: *ser, ter, ir, fazer, haver, dizer, poder e ver*.

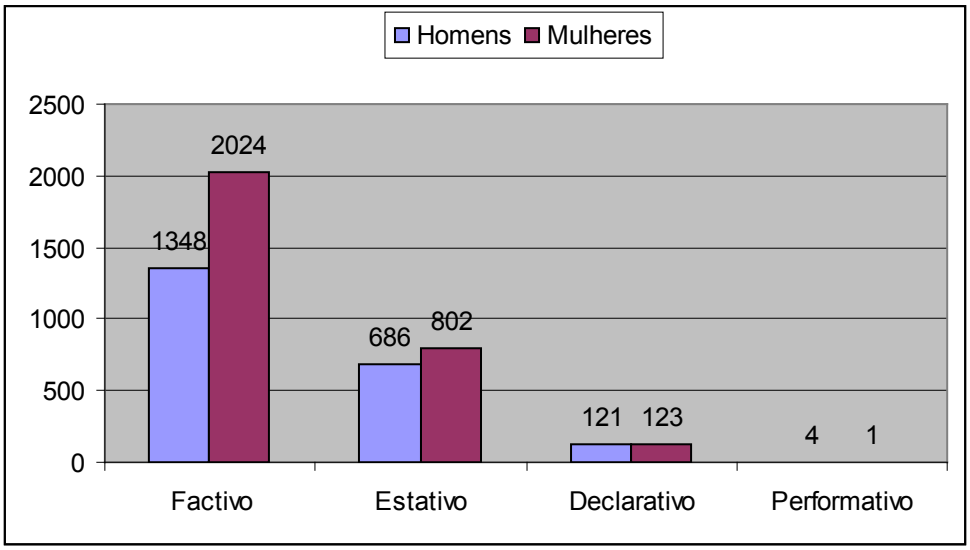
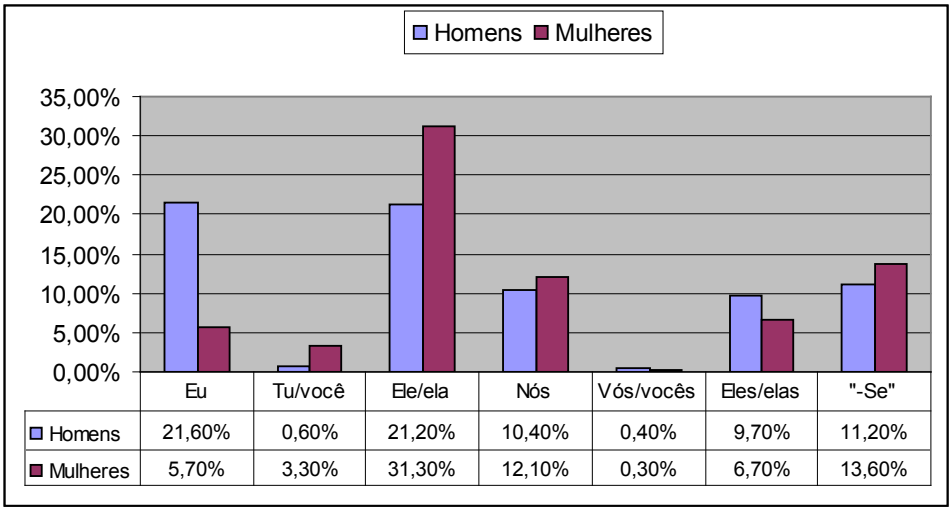


Gráfico 28. Categorias de verbos usados nos textos de 1989.

Quanto aos pronomes, distingue-se o grande recurso ao pronome pessoal "eu" nos textos masculinos, enquanto os textos femininos recorrem mais ao pronome pessoal de terceira pessoa, principalmente no singular, bem como ao pronome de segunda pessoa – "tu"- e do pronome de primeira pessoa do plural – "nós". Esta distribuição dos pronomes pode explicar uma maior preocupação feminina em convencer o outro, ou seja, o público leitor, abarcando-o na sua argumentação e no seu texto. Por outro lado, pode ainda ser explicada pelo contexto sociopolítico e cultural da altura, pois a década de oitenta é ainda uma época muito fechada para a mulher, pois era ainda baixo o número de mulheres que trabalhava fora de casa. Por sua vez, os textos masculinos apresentam um homem mais seguro e confiante, mais preocupado em centrar-se em si e no seu ponto de vista. Por isso, muitas vezes, o narrador dos textos masculinos é subjetivo (11 textos com narrador subjetivo), sendo que a imagem que o autor tem de si próprio é de distinção e de orgulho.



	Eu	Tu/você	Ele/ela	Nós	Vós/vocês	Eles/elas	"-Se"
Homens	21,60%	0,60%	21,20%	10,40%	0,40%	9,70%	11,20%
Mulheres	5,70%	3,30%	31,30%	12,10%	0,30%	6,70%	13,60%

Gráfico 29. Uso dos pronomes pessoais nos textos de 1989.

No que concerne ao emprego de adjetivos, as mulheres recorrem a adjetivos mais subjetivos do que os homens, estes optam por adjetivos objetivos e numéricos (gráfico 30). Estes resultados corroboram, novamente, a ideia de que a mulher recorre a palavras de ordem mais subjetiva, enquanto os homens usam palavras mais objetivas e concretas.

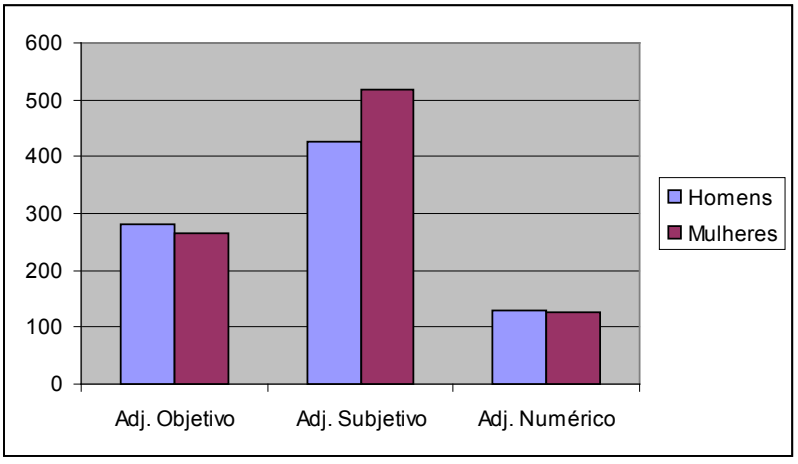


Gráfico 30. Tipos de adjetivos usados nos textos de 1989.

No atinente à modalização, os textos femininos destacam-se pelo recurso à modalização de tempo, de intensidade e de negação (gráfico 31). Embora estejamos perante um estilo argumentativo, o forte recurso às modalizações de negação e de intensidade vêm permitir dramatizar e inflamar o discurso. Também neste conjunto de textos, as mulheres expressam por mais vezes dúvidas do que os homens (homens – 0,7%; mulheres – 1,3%).

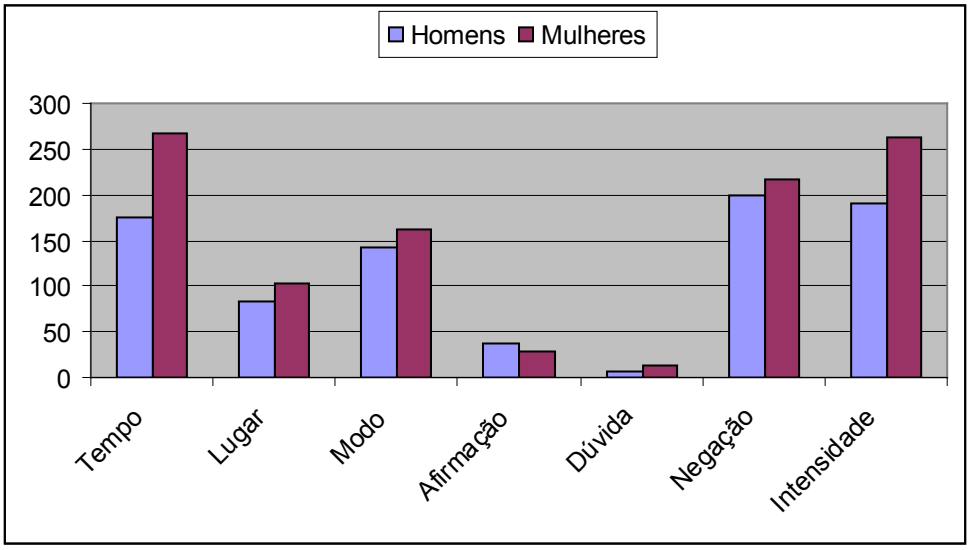
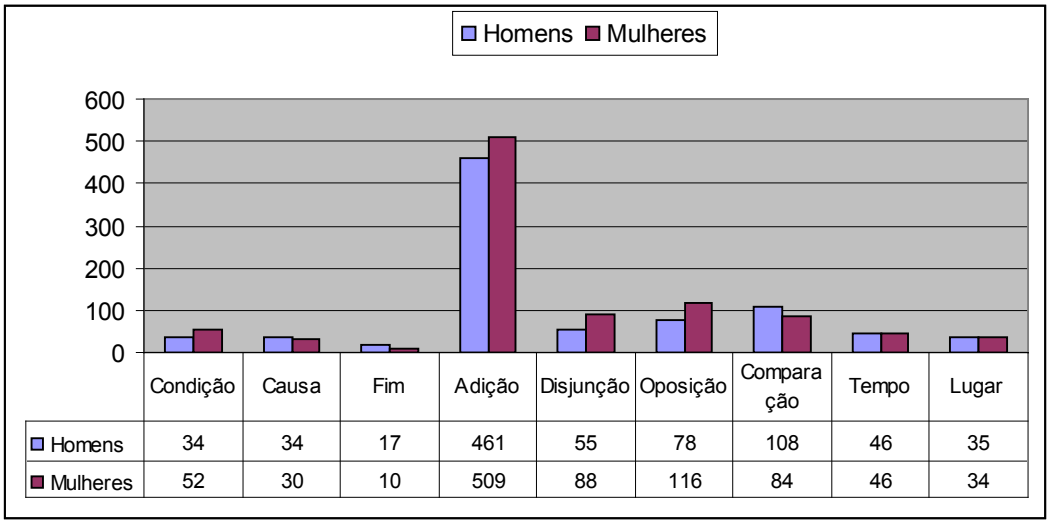


Gráfico 31. Modalização nos textos de 1989.

No atinente ao recurso a conectores, os homens usam mais conectores do que as mulheres (cf. gráfico 32: homens – 6,82%; mulheres – 6,20%). A partir da análise do gráfico 32, percebe-se que há alguma semelhança entre homens e mulheres no emprego de conectores de adição, de tempo, de lugar e de comparação. No entanto, a mulher destaca-se pelo maior recurso a conectores de condição, de disjunção e de oposição, naturalmente devido ao facto de estar a argumentar, indo ao encontro do estilo de texto dominante. Efetivamente, os conectores de oposição são fundamentais para construir uma argumentação,

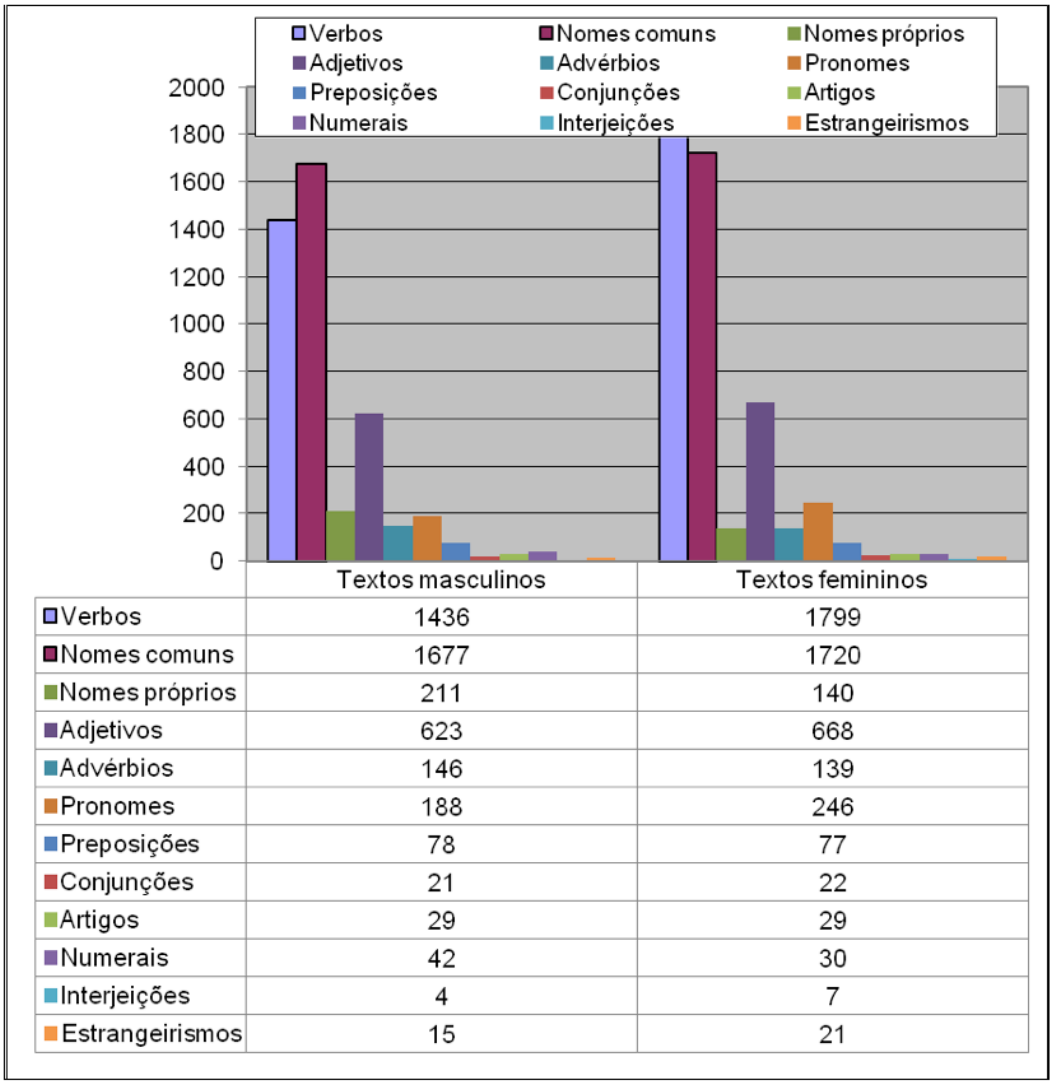
relativizar ou apresentar pontos de vista opostos ao mesmo tempo. Contudo, embora o estilo de texto dominante nos textos masculinos também seja o mesmo, os autores masculinos não recorrem tanto a essa classe de palavra.



	Condição	Causa	Fim	Adição	Disjunção	Oposição	Comparação	Tempo	Lugar
Homens	34	34	17	461	55	78	108	46	35
Mulheres	52	30	10	509	88	116	84	46	34

Gráfico 32. Emprego dos diferentes tipos de conectores nos textos de 1989.

De acordo com o programa *Lexicon*, os textos de autoria masculina de 1989, com 12.736 palavras, apresentam 4.464 ocorrências de palavras diferentes; já os textos femininos, com 15.618 palavras, têm 4.898 ocorrências de diferentes palavras. Sendo assim, os textos masculinos apresentam mais variação de palavras, uma vez que têm uma taxa de ocorrências de 35,05% contra 31,36% nos textos femininos. A distribuição destes resultados pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue.

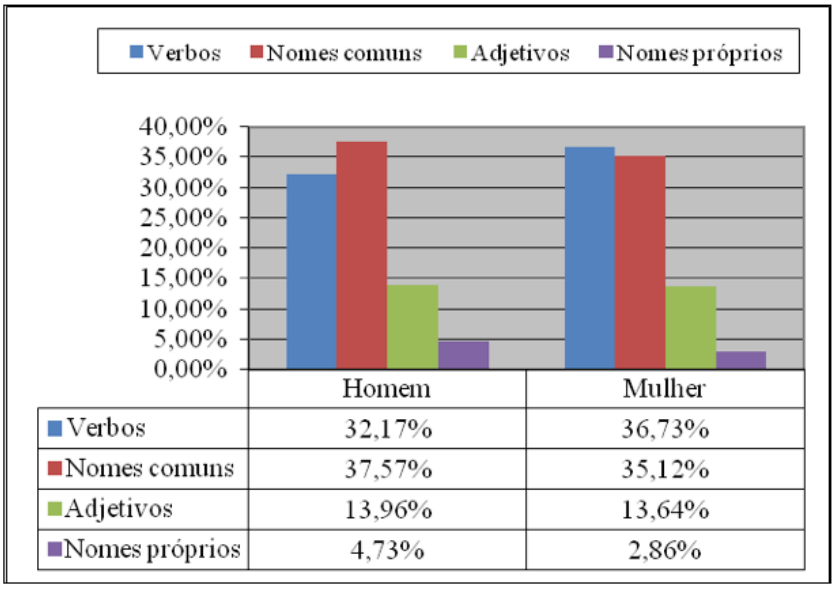


	Textos masculinos	Textos femininos
Verbos	1436	1799
Nomes comuns	1677	1720
Nomes próprios	211	140
Adjetivos	623	668
Advérbios	146	139
Pronomes	188	246
Preposições	78	77
Conjunções	21	22
Artigos	29	29
Numerais	42	30
Interjeições	4	7
Estrangeirismos	15	21

Gráfico 33. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1989.

A partir da análise do gráfico 33, as classes de palavras em que ocorrem mais termos diferentes são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nome próprios, classes que maioritariamente designam a realidade linguística envolvente. Dentro destas três partes da oração, os textos masculinos apresentam

maior variação de ocorrências em todas estas classes, à exceção dos verbos (cf. gráfico 34).



	Homem	Mulher
Verbos	32,17%	36,73%
Nomes comuns	37,57%	35,12%
Adjetivos	13,96%	13,64%
Nomes próprios	4,73%	2,86%

Gráfico 34. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1989.

No que concerne às outras classes de palavras, a que aparece de seguida com maior número de ocorrências é o pronome. Percentualmente, o número de ocorrências dos pronomes é, mais uma vez, superior nos textos femininos (5,02%) relativamente aos textos masculinos (4,21%). Quanto à subclasse de pronomes que mais aparece é, desde logo, o pronome possessivo, na variação em género *seu* e *sua*, que abunda mais nos textos masculinos (1,64% contra 1,34%). Destacam-se ainda os pronomes demonstrativos, indefinidos e possessivos como aparecendo em maior número, existindo alguma variação entre os textos masculinos e femininos. Curioso é também analisar que, neste *corpus* textual de 1989, os pronomes pessoais de 1.ª pessoa predominam nos textos masculinos, sendo que o pronome "eu" ocorre cerca duas vezes mais nos textos masculinos (0,26% contra 0,10%). Efetivamente, pela análise dos resultados das ocorrências,

percebe-se que os textos masculinos de 1989 giram à volta de uma primeira pessoa que fala, enquanto os textos femininos se centram numa terceira pessoa, de quem se fala.

No que diz respeito ao advérbio, esta classe é mais solicitada pelos textos masculinos (3,27% das ocorrências contra 2,84%). Quanto à sua ocorrência, o advérbio que mais se repete é o de negação *não*, seguido do advérbio de quantidade *mais* e dos de tempo *já* e *ainda*. No que concerne ao advérbio de negação *não*, percentualmente, ele é mais usado pelos textos masculinos (1,33% do total de palavras, contra 1,28% do total de palavras dos textos femininos). Já o advérbio de quantidade *mais* surge em maior percentagem nos textos femininos (0,69% contra 0,46% nos masculinos).

No que concerne às preposições, como já se viu no gráfico 33, o seu número de ocorrências é maior nos textos masculinos (78 ocorrências, equivalente 1,75% do total) do que nos textos femininos (77 ocorrências, equivalente a 1,57%). Mais uma vez, a preposição que se destaca em ambos os conjuntos de textos é a preposição *de*. Efetivamente, a preposição *de* e as suas contrações dominam ambos os textos, sendo que nos textos masculinos correspondem a 7,82% do total de palavras usadas e nos femininos equivalem a 7,93%. Por sua vez, a preposição *a* e suas contrações é empregue em maior percentagem nos textos femininos (5,28% contra 5,08%)[3]. Quanto à percentagem de uso da preposição *em* e suas contrações, esta é maior nos textos masculinos (3,08% contra 2,87%). No atinente à preposição *com,* ela ocorre percentualmente em maior número nos textos masculinos (1,08% contra 0,88%). Já no que diz respeito à preposição *por*, ela é também mais comum nos textos femininos (0,81% por oposição a 0,76%).

No que concerne às conjunções, que representam 0,47% das ocorrências nos textos masculinos e 0,45% nos femininos, destacam-se novamente *que* e *e*. Não obstante, percentualmente, as conjunções *que* e *e* ocorrem mais vezes nos textos masculinos (3,69% e 3,63%) do que nos femininos (3,64% e 3,27%). Por outro lado, também se percebe que a conjunção condicional *se* e a conjunção

3) É curioso que a percentagem de uso da preposição *a* e suas contrações seja equivalente à verificada no *corpus* de 1999.

adversativa *mas* são mais usadas nos textos femininos (1,13% e 0,58%) do que nos textos masculinos (0,97% e 0,46%). Por sua vez, a conjunção *para* é mais comum de ocorrer nos textos femininos (1,11% das palavras) do que nos textos masculinos (1,01% das palavras).

Quanto ao uso dos artigos, estes surgem em igual número nos dois conjuntos de textos, embora, percentualmente, o número de ocorrências seja maior número nos textos masculinos (0,65% contra 0,59%) (cf. gráfico 33). Os artigos definidos são mais comuns em ambos os *corpora*, embora apareçam percentualmente em maior número nos textos femininos (9,0% contra 8,06% nos textos masculinos). Não obstante, no que concerne ao uso dos artigos indefinidos, os textos femininos são mais ricos, uma vez que aqueles representam 2,45% do total de palavras, enquanto somente representam 1,81% do total de palavras nos textos masculinos.

Por fim, no que diz respeito aos numerais, mais uma vez, eles ocorrem em maior número nos textos masculinos (0,94% contra 0,61%). Por outro lado, as interjeições e os estrangeirismos ocorrem em maior número nos textos femininos. Deve-se destacar que estes estrangeirismos são maioritariamente de origem latina e francesa.

Desta forma, tendo em conta a análise aos textos de opinião publicados, em 1989, nos *media* portugueses, verificam-se diferenças no discursos masculino e feminino. Primeiramente, existem diferenças ao nível dos assuntos tratados e dos sentimentos expressos nos textos. Do mesmo modo, também se nota uma grande subjetividade nos textos femininos, propiciada pelo recurso a adjetivos subjetivos e a pronomes. No entanto, também os textos masculinos têm presente a subjetividade, mas, neste caso, para demonstrar a segurança e a confiança com que os autores masculinos expõem os seus argumentos. Por outro lado, os textos femininos dramatizam mais a sua argumentação do que os textos masculinos, recorrendo mais às modalizações de intensidade e de negação.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências das palavras, destaca-se novamente o facto de os textos masculinos serem mais ricos em nomes comuns e numerais, ou seja, classes de palavras mais concretas e mais centradas na realidade, caraterísticas apontadas já ao discurso masculino (Koppel *et al.* 2003). Por seu turno, os textos femininos de 1989 destacam-se, relativamente aos masculinos, pelo maior uso de artigos indefinidos e de verbos.

5.2.4. Textos de opinião de 1979

Os textos de opinião datados de 1979 foram também recolhidos de jornais nacionais, regionais e locais, abordando diferentes assuntos e temáticas, que eram os temas da atualidade e de interesse nacional. Assim, foram recolhidos textos de opinião do jornal nacional *Diário de Notícias* (23 textos masculinos e 19 femininos) e dos jornais regionais *Flôr do Tâmega* (1 texto masculino e 1 feminino), *A Voz de Trás-os-Montes* (4 textos femininos) e *O Vilarealense* (1 texto masculino e 1 feminino).

A assinar os textos masculinos surgem os nomes: José Abreu; Soeiro de Faria; José Rabaça (3 textos); Carlos Macedo; Paulo de Castro; Romeu de Melo; Vasco da Gama Fernandes; Luís Sttau Monteiro (3 textos); Francisco Charais; José da Fonseca; Fausto Lopes de Carvalho; António de Figueiredo (2 textos); J. Comprido Baptista; Eduardo Lourenço; Nuno Rocha; Carlos Costa; António José Saraiva; Raul Rego; António Reis e Jorge Miranda.

Quanto às autoras dos textos femininos, temos: Maria Elisa (7 textos); Maria João Avillez (3 textos); Helena Roseta; Marília Loreto Coimbra; Raquel Souto; Maria Costa; Carmen Azevedo; Maria da Conceição Fidalgo Azevedo (2 textos); Maria Moura (2 textos); Iva Delgado; Manuela Azevedo (2 textos); Graciete Batalha; Encarnação Viegas e Ivone Reis.

No que diz respeito ao número de palavras, estes textos de 1979, quer de homens, quer de mulheres, são, regra geral, mais extensos do que os apresentados anteriormente. Assim, no total, o texto dos homens tem 33.127 palavras e o das mulheres 17.538, sendo que o número de frases por texto é de 3.739, no texto masculino, e 2.138, no feminino. Desta forma, em média, as frases de autoria masculina têm 8,86 palavras e as de autoria feminina têm 8,20 palavras. Assim sendo, entende-se, mais uma vez, que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens. Consequentemente, as suas frases têm uma estrutura sintática mais simples, uma vez que as mulheres utilizam

verbos em maior percentagem do que os homens, e, em menor percentagem do que os homens, os conectores[4].

No atinente aos assuntos abordados nestes textos, salientam-se temas relacionados com a vida humana e conceitos gerais em ambos os conjuntos de textos. Como se pode confrontar no gráfico 35, nos textos masculinos exploram-se ainda, de forma decrescente, os seguintes temas: política, geografia, comunicação e média, sociedade, direito e justiça, emprego e trabalho, urbanismo e habitação e conflito e combate. Já nos textos femininos, abordam-se, de modo decrescente, temas ligados à geografia, à política, à sociedade, à comunicação e média, à arte e cultura, à religião e mitologia, ao urbanismo e habitação e ao direito e justiça.

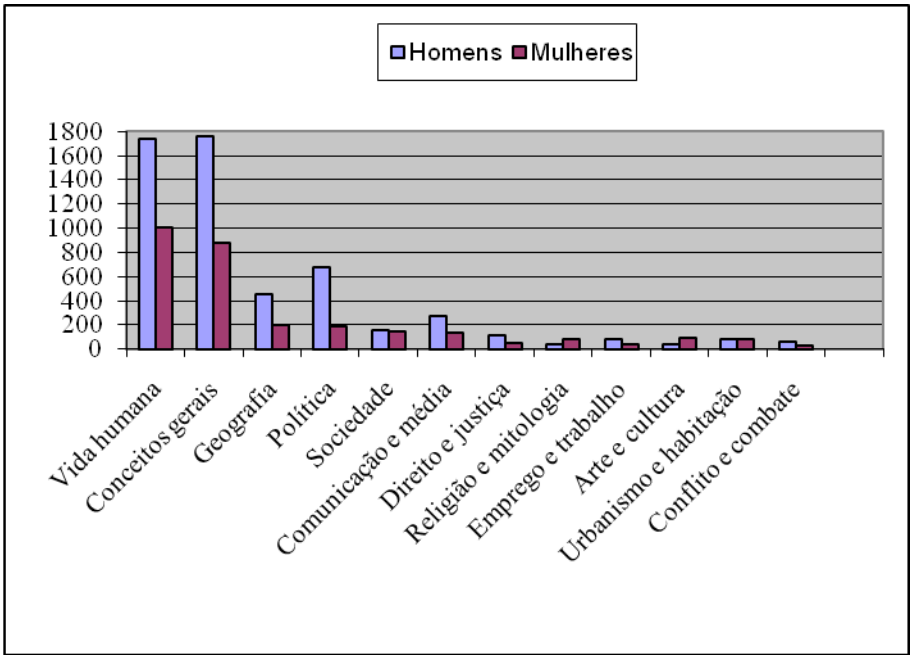


Gráfico 35. Frequência das temáticas predominantes nos textos de 1979.

4) Em termos percentuais, nos textos de opinião do nosso *corpus* de análise, no que diz respeito ao recurso aos verbos, estes ocorrem 17,35% nos textos femininos e 16,18% nos textos masculinos. Por sua vez, no atinente ao uso dos conectores, estes surgem 5,84% nos textos femininos e 6,72% nos masculinos.

No que respeita aos sentimentos e emoções perante a vida humana, nos textos femininos abundam, por ordem decrescente, a tristeza, o medo, a alegria e a satisfação. Por sua vez, nos textos masculinos, predominam também o medo, a satisfação e a tristeza. Quanto à imagem de si enquanto indivíduo, tanto nos textos femininos como nos masculinos predomina a distinção, embora acompanhada pela vergonha.

No que concerne ao estilo de texto dominante, verificam-se diferenças entre os géneros. De acordo com o gráfico 36, enquanto nos textos masculinos prepondera o estilo descritivo, nos textos femininos domina o texto narrativo, a partir do qual o narrador expõe uma série de acontecimentos que se sucedem num dado momento e num certo lugar. Assim, quanto às encenações verbais, prevalece em ambos os conjuntos de textos uma encenação dinâmica e ativa, onde abundam verbos de ação. Não obstante, também se encontram seis textos femininos onde está presente um narrador subjetivo, contra três masculinos.

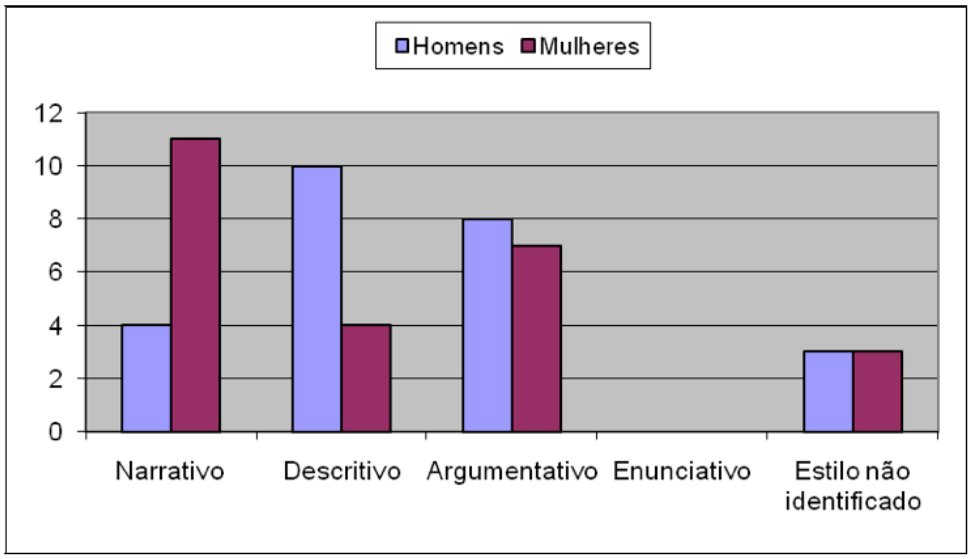
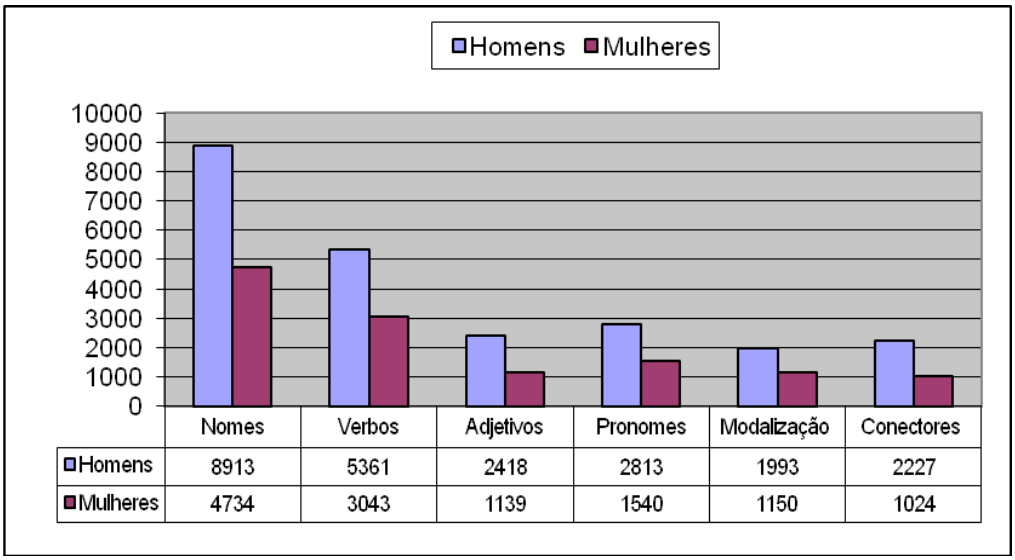


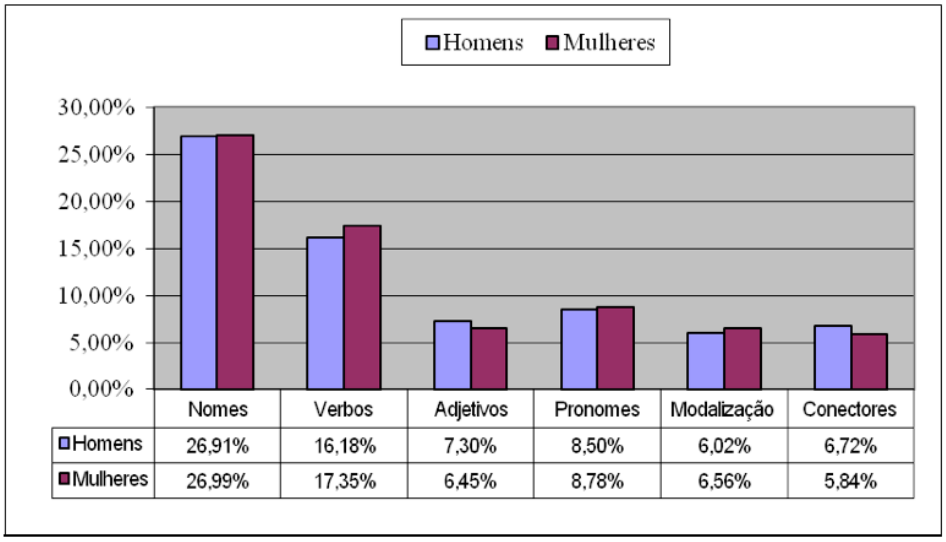
Gráfico 36. Estilos discursivos dominantes nos textos de 1979.

No atinente ao emprego das diferentes partes da oração, as mais usadas por ambos os géneros são os nomes, os verbos e os pronomes (gráfico 37). De destacar que os textos do género feminino, percentualmente, utilizam mais os verbos do que os do género masculino (gráfico 38). Da mesma forma, os textos masculinos têm mais conectores e adjetivos do que os femininos.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	8913	5361	2418	2813	1993	2227
Mulheres	4734	3043	1139	1540	1150	1024

Gráfico 37. Distribuição das classes de palavras nos textos de 1979.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	26,91%	16,18%	7,30%	8,50%	6,02%	6,72%
Mulheres	26,99%	17,35%	6,45%	8,78%	6,56%	5,84%

Gráfico 38. Distribuição percentual das classes de palavras nos textos de 1979.

No que diz respeito ao emprego dos verbos, salienta-se o maior recurso, por parte dos textos femininos, a verbos factivos (gráfico 39), a que não é alheio o facto de serem maioritariamente textos narrativos, que contam e enumeram ações. Efetivamente, nos textos femininos, depois dos verbos estativos *ser* e *ter*, aparecem verbos ligados a ações, como *fazer, dar*, *ir, passar*, entre outros. De igual modo, nos textos masculinos, abundam mais verbos estativos do que nos textos femininos.

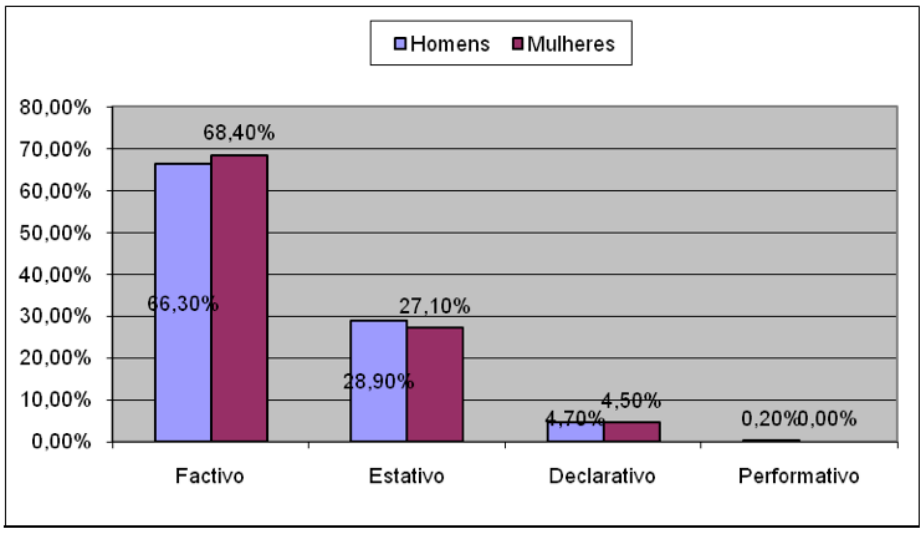
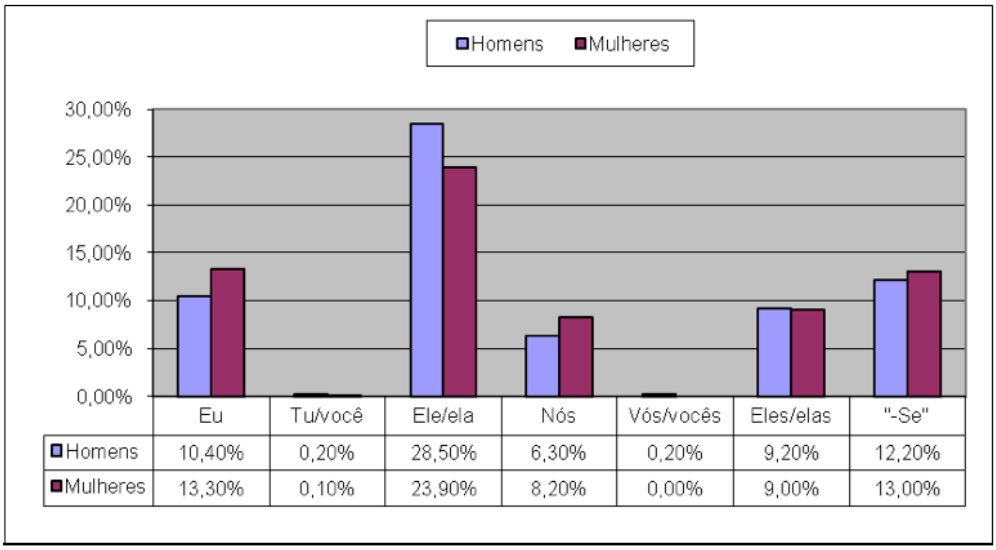


Gráfico 39. Categorias de verbos usados nos textos de 1979.

Já quanto ao uso dos pronomes (gráfico 40), distingue-se o grande recurso ao pronome pessoal de primeira pessoa - "eu" e "nós" - nos textos femininos, enquanto os textos masculinos recorrem mais ao pronome pessoal de terceira pessoa, principalmente no singular. Esta distribuição dos pronomes, nos textos femininos, explica o aparecimento do narrador subjetivo em vários textos. Por sua vez, nos textos masculinos, de caráter mais descritivo, centram-se mais no outro, daí o uso do pronome pessoal de terceira pessoa. Por outro lado, é de salientar que os textos femininos recorrem muito mais aos pronomes, nomeadamente aos pronomes pessoais. Percentualmente, nos textos femininos existem 8,78% pronomes, sendo 4,17% pronomes pessoais; já nos textos masculinos, dos 8,49% pronomes, 3,76% são pronomes pessoais.



	Eu	Tu/você	Ele/ela	Nós	Vós/vocês	Eles/elas	"-Se"
Homens	10,40%	0,20%	28,50%	6,30%	0,20%	9,20%	12,20%
Mulheres	13,30%	0,10%	23,90%	8,20%	0,00%	9,00%	13,00%

Gráfico 40. Recurso aos pronomes pessoais nos textos de 1979.

Por sua vez, no que concerne ao recurso de adjetivos, contrariamente ao que acontece na análise dos *corpora* dos anos anteriores, são os textos masculinos que mais recorrem a esta classe de palavra. Não obstante, uma vez que os textos masculinos são maioritariamente descritivos, o emprego do adjetivo é crucial neste género textual. À semelhança dos textos femininos, que recorrem maioritariamente a adjetivos subjetivos, também nestes textos masculinos surge grande número desta classe de palavra (gráfico 41). Por outro lado, contrariamente ao que se tem vindo a verificar, os textos femininos têm maior percentagem de uso de adjetivos numéricos ou numerais, talvez, como também defendeu Cardoso (1998), porque há um esforço feminino de ir ao encontro da linguagem carateristicamente masculina. Por outro lado, o ano de 1979 é um período muito próximo da Revolução de Abril, momento a partir do qual a mulher portuguesa começa a conquistar e a dar os primeiros passos na esfera pública, procurando alcançar o mesmo destaque que os homens.

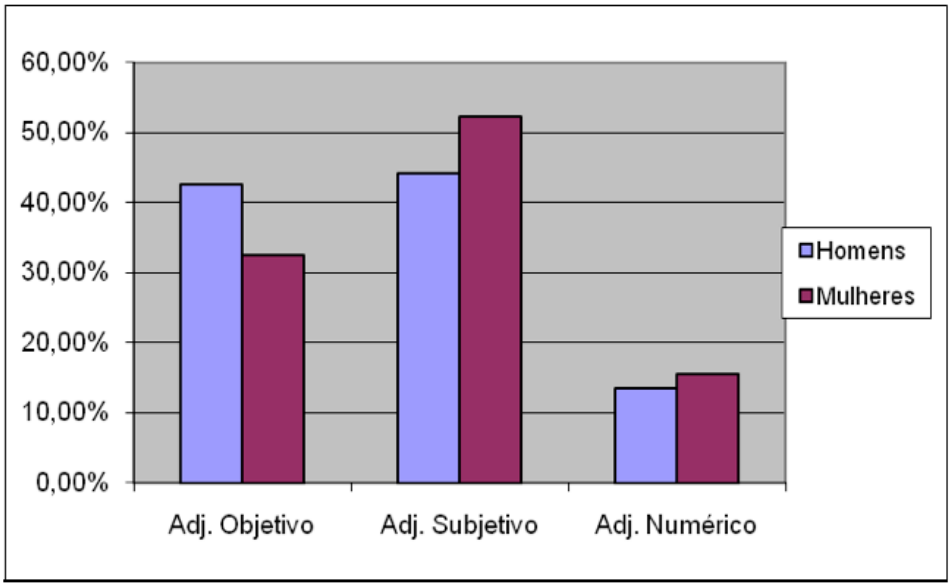


Gráfico 41. Tipos de adjetivos presentes nos textos de 1979.

No atinente à modalização, os textos femininos destacam-se mormente pelo recurso a advérbios e locuções de tempo e de lugar (gráfico 42), fundamentais no texto narrativo para situar a ação. Já os textos masculinos sobressaem pelo emprego de advérbios de modo e de negação. Também estão presentes, em ambos os conjuntos de textos, as modalizações de negação e de intensidade, que permitem dramatizar e inflamar o discurso, dando assim um cunho pessoal a estes textos jornalísticos.

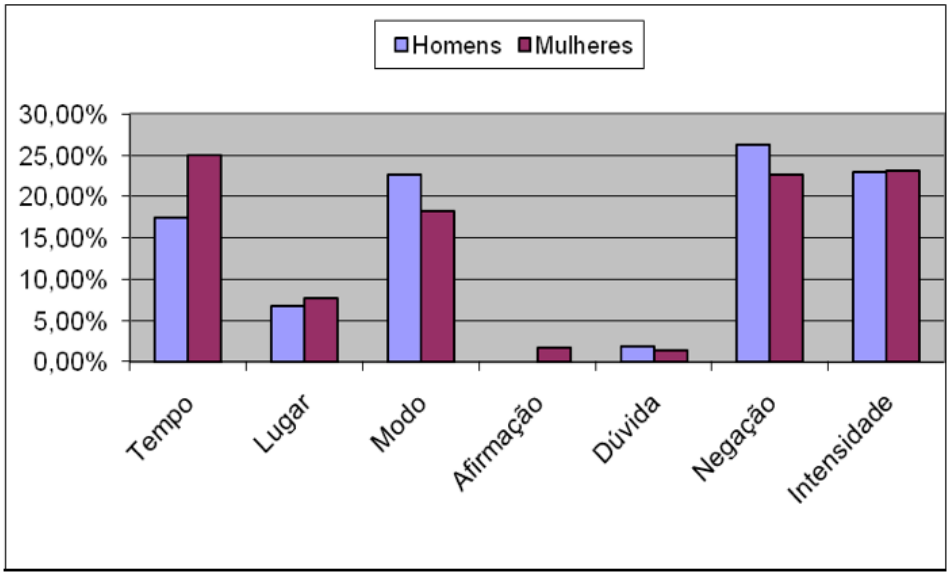
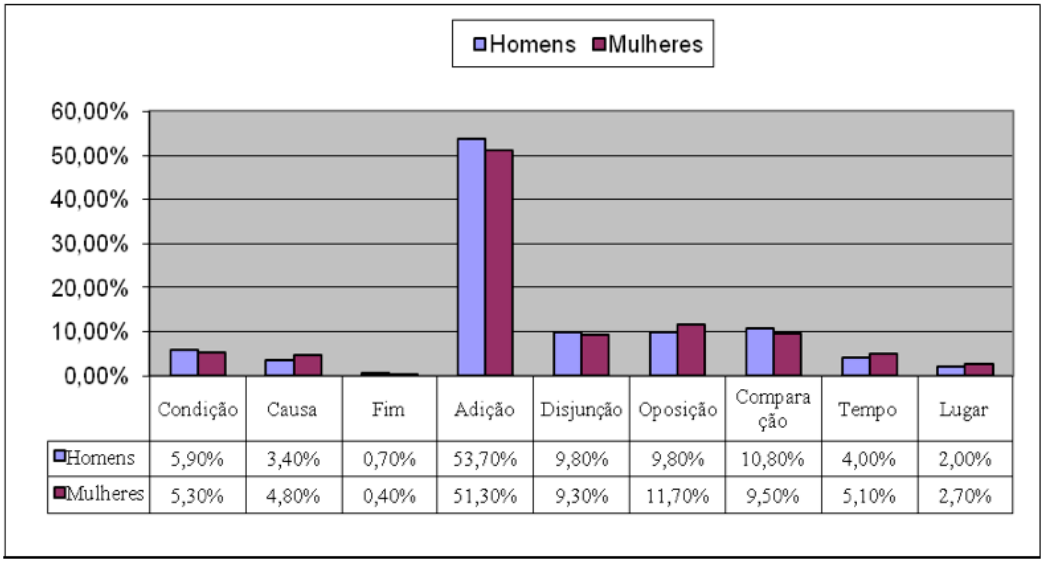


Gráfico 42. Modalização nos textos de 1979.

Quanto ao emprego de conectores, os homens usam mais conectores do que as mulheres (cf. gráfico 43: homens – 6,72%; mulheres – 5,84%). A partir da análise do gráfico 43, percebe-se que há alguma semelhança entre homens e mulheres no emprego de conectores de adição, de oposição, de disjunção e de comparação, embora o recurso a conectores de adição seja maior nos textos masculinos e o uso de conectores de oposição seja maior nos textos femininos. Por outro lado, os textos femininos também recorrem mais a conectores de tempo e de lugar, devido também ao facto de serem textos predominantemente narrativos, que exigem localização espácio-temporal, fornecida pelos conectores e pelos advérbios e locuções adverbiais.

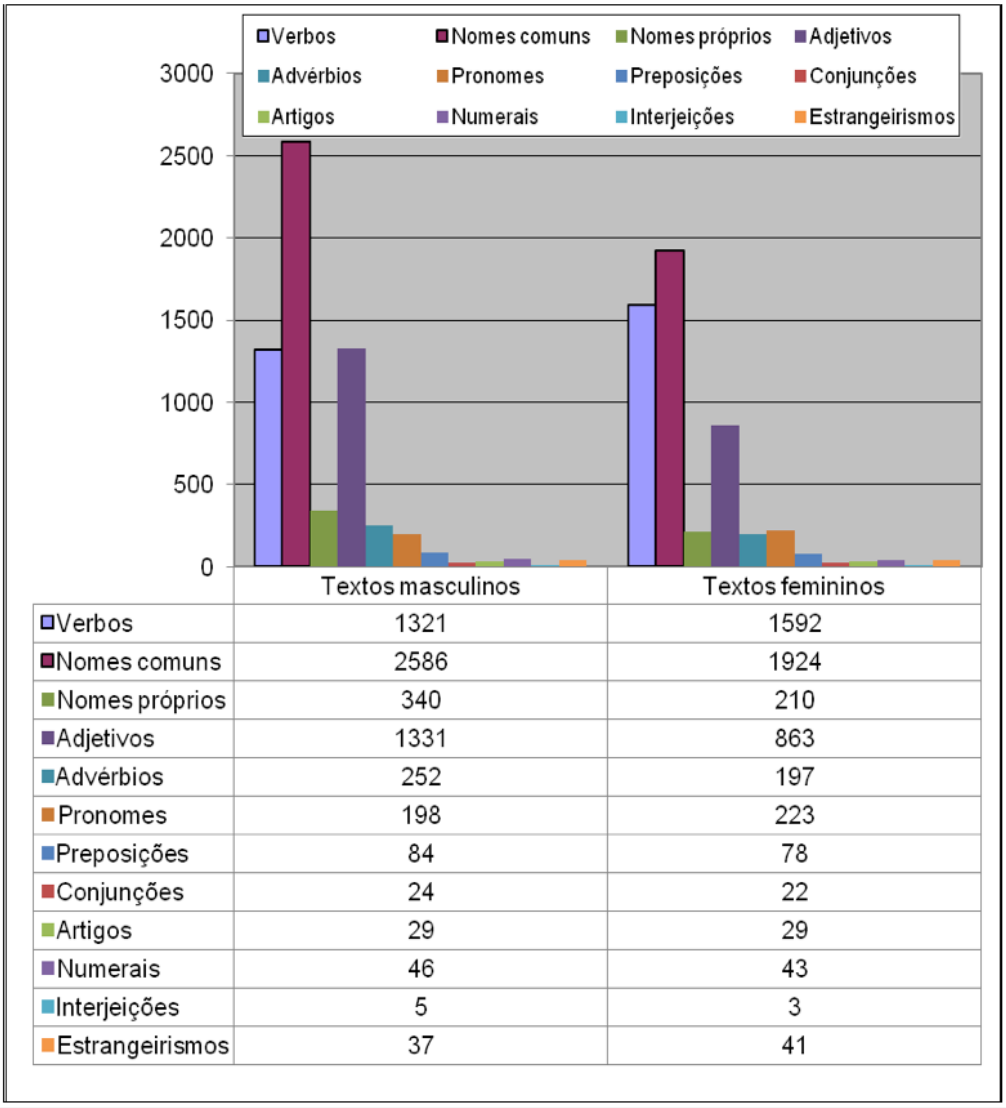


	Condição	Causa	Fim	Adição	Disjunção	Oposição	Comparação	Tempo	Lugar
Homens	5,90%	3,40%	0,70%	53,70%	9,80%	9,80%	10,80%	4,00%	2,00%
Mulheres	5,30%	4,80%	0,40%	51,30%	9,30%	11,70%	9,50%	5,10%	2,70%

Gráfico 43. Uso dos conectores nos textos de 1979.

No atinente às ocorrências dos diferentes vocábulos, os textos de autoria masculina de 1979, com 33.127 palavras, apresentam 6.253 termos diferentes; já os textos femininos, com 17.538 palavras, variam em 5.585 ocorrências. Desde logo, se percebe a reduzida variação nas ocorrências dos textos masculinos. Efetivamente, percentualmente, as palavras dos textos masculinos só têm 18,88% de variação, enquanto os textos femininos têm 31,85%.

A distribuição destas ocorrências pelas diversas classes de palavras pode ser confrontada no gráfico que se segue:

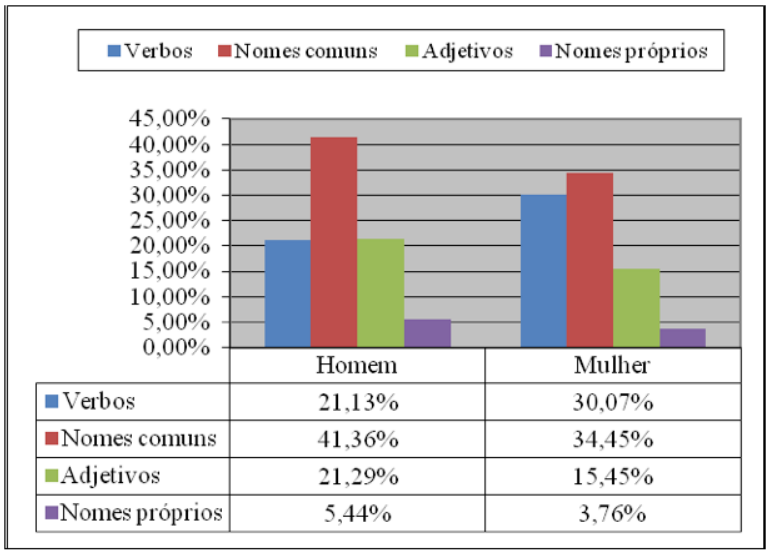


	Textos masculinos	Textos femininos
Verbos	1321	1592
Nomes comuns	2586	1924
Nomes próprios	340	210
Adjetivos	1331	863
Advérbios	252	197
Pronomes	198	223
Preposições	84	78
Conjunções	24	22
Artigos	29	29
Numerais	46	43
Interjeições	5	3
Estrangeirismos	37	41

Gráfico 44. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras nos textos de 1979.

À semelhança dos resultados anteriores, o gráfico 44 atesta que as classes de palavras que mais ocorrem são os nomes comuns, os verbos, os adjetivos e os nomes próprios. De entre estas partes da oração, os textos femininos, mais uma

vez, são mais ricos e diversificados no recurso aos verbos (cf. gráfico 45). Por sua vez, os textos masculinos destacam-se pelo maior uso de nomes comuns, nomes próprios e adjetivos.



	Homem	Mulher
Verbos	21,13%	30,07%
Nomes comuns	41,36%	34,45%
Adjetivos	21,29%	15,45%
Nomes próprios	5,44%	3,76%

Gráfico 45. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes mais comuns nos textos de 1979.

A seguir aparece o advérbio, que ocorre em maior número nos textos masculinos (4,03% do total de ocorrências contra 3,53% nos femininos). Mais uma vez, os advérbios mais comuns são o de negação *não*, os advérbios de quantidade *mais* e *muito* e ainda os advérbios de tempo *já* e *ainda*. Quanto às diferenças de uso, o advérbio de negação *não* é mais comum nos textos masculinos (1,44% do total de palavras contra 1,29% nos femininos). Por sua vez, os advérbios de quantidade *mais* e *muito* são utilizados em maior percentagem pelos textos femininos (0,61% e 0,24% contra 0,58% e 0,20%). No atinente aos advérbios de tempo, *ainda* é usado percentualmente em igual número por ambos os géneros (0,19%), mas o advérbio *já* é mais usado nos textos femininos (0,26% contra 0,18%).

Quanto aos pronomes, esta classe de palavra é mais comum nos textos femininos do que nos masculinos, uma vez que a percentagem de ocorrência é de 3,99% contra 3,17% nos textos masculinos. As subclasses do pronome que mais abundam são as dos possessivos e a dos indefinidos. Assim, no que diz respeito aos pronomes possessivos, estes são mais usados pelos textos masculinos (1,46% contra 1,06%). Por sua vez, no atinente aos pronomes indefinidos, estes são mais comuns no *corpus* feminino (1,26% contra 1,05%). Por fim, no que concerne aos pronomes pessoais, os mais comuns, em ambos os *corpora,* são os pronomes pessoais de primeira pessoa, sendo que em primeiro lugar surge o pronome *me*, seguido do pronome *eu*, nos textos masculinos, e do pronome *nós* nos textos femininos. Não obstante, na globalidade, os pronomes pessoais de primeira pessoa, onde se incluem *me, ma, mo, eu, nós, mim*, são mais comuns nos textos femininos (0,50% contra 0,34%).

A percentagem de ocorrência das preposições é maior nos textos femininos (1,40% relativamente a 1,34%). Quanto à preposição que ocorre mais vezes, novamente é *de,* que se destaca em ambos os conjuntos de textos. Contudo, é nos textos femininos que mais abunda (4,79%, contra 4,52% nos textos masculinos). No entanto, quando analisamos a distribuição da preposição *de* e as suas contrações, verificamos que, no geral, ocorrem em maior percentagem nos textos masculinos (8,92%) do que nos femininos (8,38%). Do mesmo modo, a preposição *a* e suas contrações é mais comum nos textos masculinos (5,41% contra 5,18%). Por sua vez, a preposição *em* e suas contrações ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (3,42% comparativamente a 3,14% nos masculinos). Já a preposição *por* e suas contrações são mais abundantes no *corpus* masculino (1,20% contra 1,04%). Por fim, a preposição *com* é mais comum nos textos femininos (0,86% contra 0,83% nos masculinos).

No atinente às conjunções, não existe grande discrepância entre os textos masculinos e femininos, sobressaindo muitas semelhanças no recurso às conjunções *que, e, se, para, ou, mas, porque, quando, também* e *depois*. Não obstante, verificando os resultados, percebe-se que os textos masculinos têm maior percentagem de uso. Assim, no que respeita à conjunção *que*, os textos masculinos lideram na percentagem de ocorrências (4,04% contra 3,53% nos textos femininos). Quanto à copulativa *e*, esta é também mais comum nos

textos masculinos (3,625% contra 3,02% nos femininos). Do mesmo modo, a conjunção subordinativa condicional *se* é mais comum nos textos dos homens (1,25% por oposição a 1,16%). Também a conjunção *para* é mais comum nos textos masculinos (1,02% contra 0,95%). De igual forma, as conjunções *ou* e *mas* são mais comuns nos textos masculinos (*ou* – 0,67%; *mas* – 0,47%) do que nos femininos (*ou* - 0,55%; *mas* – 0,44%). Tendo em conta a sua distribuição percentual, vemos que os textos masculinos recorrem, regra geral, mais vezes às conjunções. No entanto, os textos femininos destacam-se pela maior percentagem de uso das conjunções *porque, quando, também* e *depois*.

No atinente aos artigos, mais uma vez, os definidos são mais comuns do que os indefinidos. No que respeita à sua ocorrência, os artigos definidos são mais comuns nos textos masculinos (9,03% contra 8,44%). Entretanto, no que concerne aos artigos indefinidos, estes ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (2,14% contra 1,87% nos masculinos).

Por fim, no que concerne à classe dos numerais, estes ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (0,77% contra 0,74%), o mesmo acontecendo com o recurso a estrangeirismos (0,73% por oposição a 0,59% nos textos masculinos). Quanto à origem destes estrangeirismos, estes são maioritariamente de proveniência francesa, existindo também alguns latinismos e poucos anglicismos. Embora com pouco relevo, as interjeições surgem em maior número nos textos masculinos (0,08% contra 0,05% nos textos femininos).

Assim sendo, partindo da análise dos textos de opinião publicados em 1979 nos *media* portugueses, verificam-se algumas diferenças no discursos masculino e feminino. Primeiro, existem diferenças ao nível dos assuntos abordados e dos sentimentos expressos nos textos. Do mesmo modo, também se notam diferenças ao nível da subjetividade, uma vez que os textos femininos recorrem mais ao narrador subjetivo, aos pronomes pessoais de primeira pessoa e aos adjetivos subjetivos. No entanto, este *corpus* também se destaca, pois os seus autores masculinos recorrem, em grande percentagem, a adjetivos subjetivos, talvez também porque são textos maioritariamente descritivos. Tendo em conta também o tipo de texto dominante – o texto narrativo, o *corpus* feminino recorre em maior número às modalizações e conectores de tempo e de lugar.

Por último, tendo em conta o número de ocorrências dos vocábulos, destaca-se novamente o facto de os textos masculinos de 1979 serem mais ricos em nomes comuns e em adjetivos. Por seu turno, os textos femininos sobressaem pela maior percentagem de uso dos verbos, dos pronomes pessoais de primeira pessoa e dos artigos e pronomes indefinidos.

5.2.5. Análise global final

Após uma análise dos textos por décadas, analisámos os textos agrupados num todo, no sentido de verificar se existem marcas ou caraterísticas constantes nos discursos feminino e masculino nos *media* portugueses. Assim sendo, os resultados obtidos serão mais abrangentes no que diz respeito às diferenças discursivas.

Desde logo, estamos perante dois conjuntos de textos que se caraterizam por um estilo dominante descritivo, mas com uma encenação dinâmica e ativa. No que concerne ao número de palavras, no total, o texto masculino tem 73.527 vocábulos e o feminino 59.043, sendo mais extenso em 14.484 termos. Quanto ao número de frases, o texto dos homens apresenta 8.499 frases e o das mulheres 7.294. Em média, os períodos de autoria masculina têm 8,65 palavras e os de autoria feminina têm 8,09. Desta forma, corroboram-se os resultados de que as frases das mulheres são menos extensas, tendo, concomitantemente, uma estrutura sintática mais paratática e simples, uma vez que o género feminino recorre a um maior número de verbos, mas a menos conectores (cf. gráfico 48).

No atinente aos assuntos tratados (cf. gráfico 46), ambos os textos se centram maioritariamente em temas relacionados com a vida humana e conceitos gerais. Estes, por sua vez, abarcam tópicos como política, sociedade, geografia, comunicação e média, urbanismo, meio ambiente, direito e justiça, entre outros. De entre estes, os textos masculinos estão mais ligados a temas de geografia, política e comunicação e média, de certo modo, tópicos muito relacionados com a esfera pública. Por seu turno, os textos femininos centram-se de forma mais destacada em temas relacionados com a sociedade, com o urbanismo e a habitação, com a arte e a cultura, bem como com a religião e a mitologia, ou seja,

temas mais virados para o indivíduo, para a sua vida pessoal e social, bem como para as suas crenças. Apesar destas diferenças, não se pode deixar de referir que os temas vão sendo comuns e constantes aos dois conjuntos de textos.

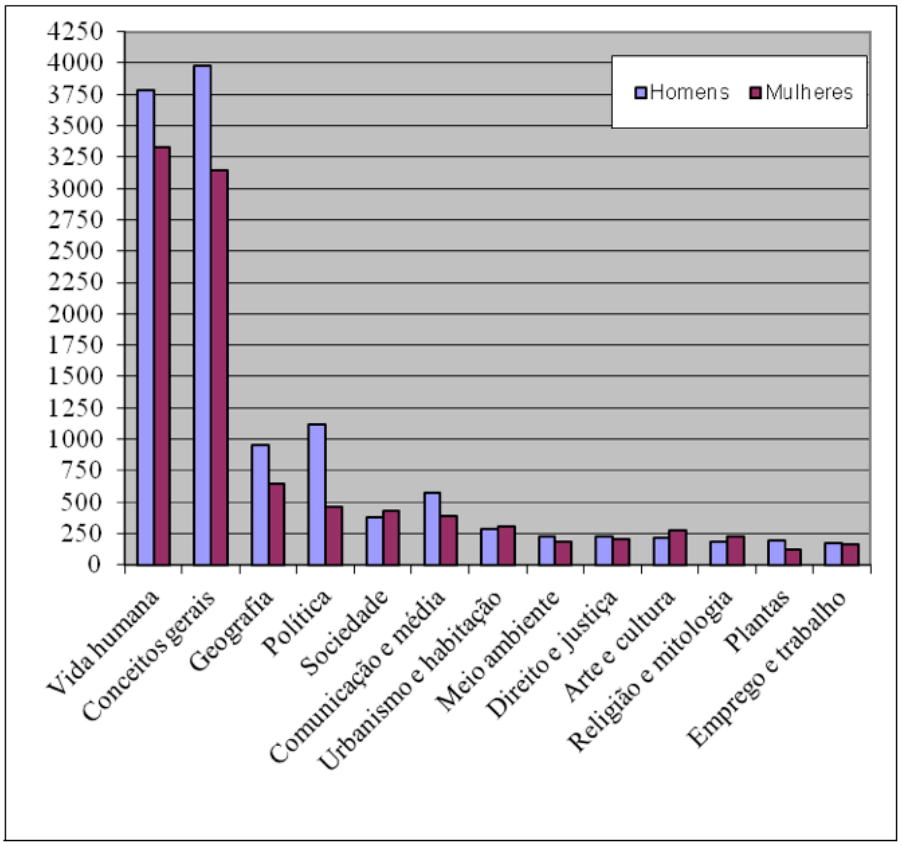
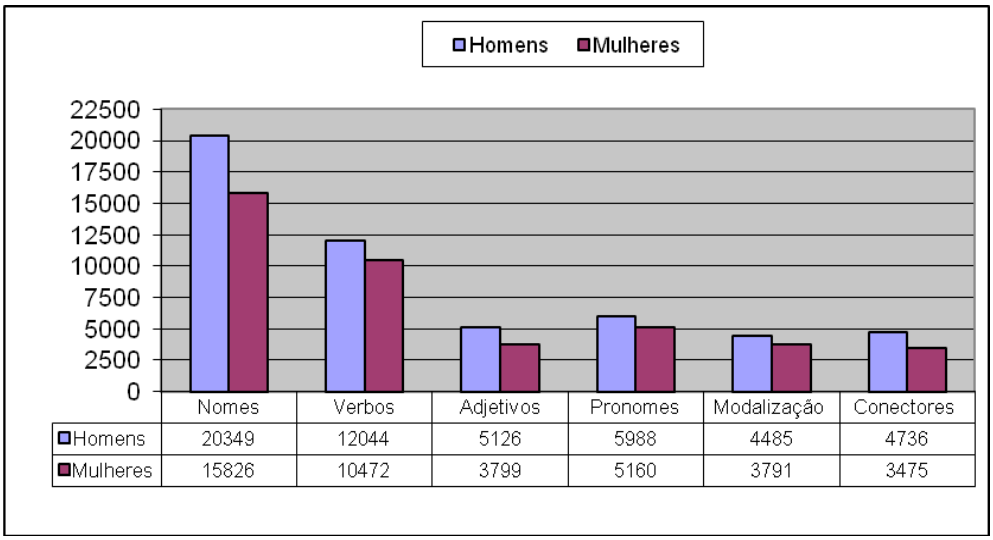


Gráfico 46. Principais assuntos tratados.

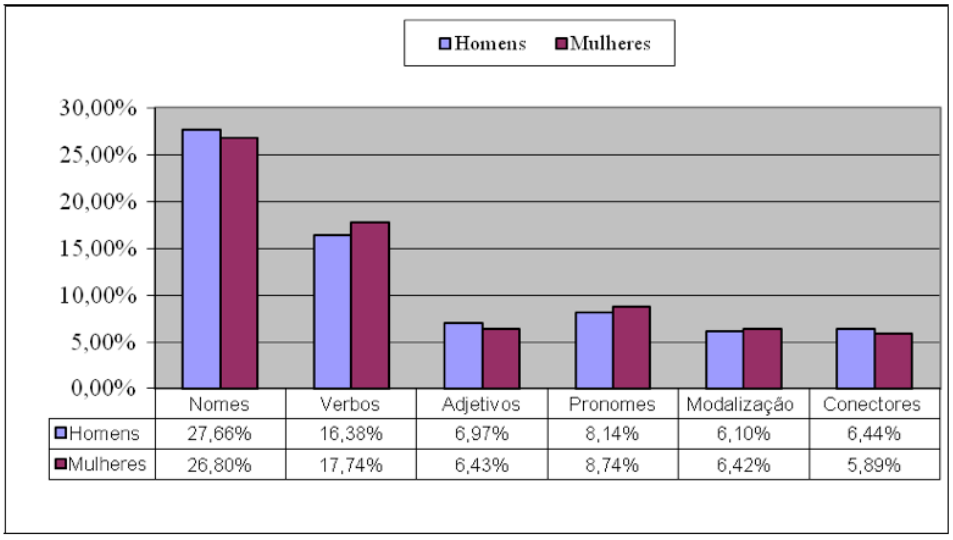
Relativamente ao emprego das diferentes classes de palavras, também se destacam algumas diferenças. Como comprova o gráfico 48, os nomes, os adjetivos e os conectores são percentualmente mais comuns no texto masculino; já os verbos, os pronomes e a modalização surgem em maior número no texto feminino. Estes resultados vão ao encontro dos resultados que na generalidade

têm vindo a ser obtidos, com exceção dos adjetivos, que, neste caso, surgem em maior percentagem nos textos masculinos.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	20349	12044	5126	5988	4485	4736
Mulheres	15826	10472	3799	5160	3791	3475

Gráfico 47. Distribuição das palavras por categorias.



	Nomes	Verbos	Adjetivos	Pronomes	Modalização	Conectores
Homens	27,66%	16,38%	6,97%	8,14%	6,10%	6,44%
Mulheres	26,80%	17,74%	6,43%	8,74%	6,42%	5,89%

Gráfico 48. Distribuição percentual das palavras por categorias.

Contudo, quanto ao emprego dos diversos tipos de adjetivos, voltam-se a corroborar resultados. Efetivamente, como atesta o gráfico 49, o texto feminino sobressai no emprego de adjetivos subjetivos e o masculino no recurso a adjetivos objetivos e numéricos.

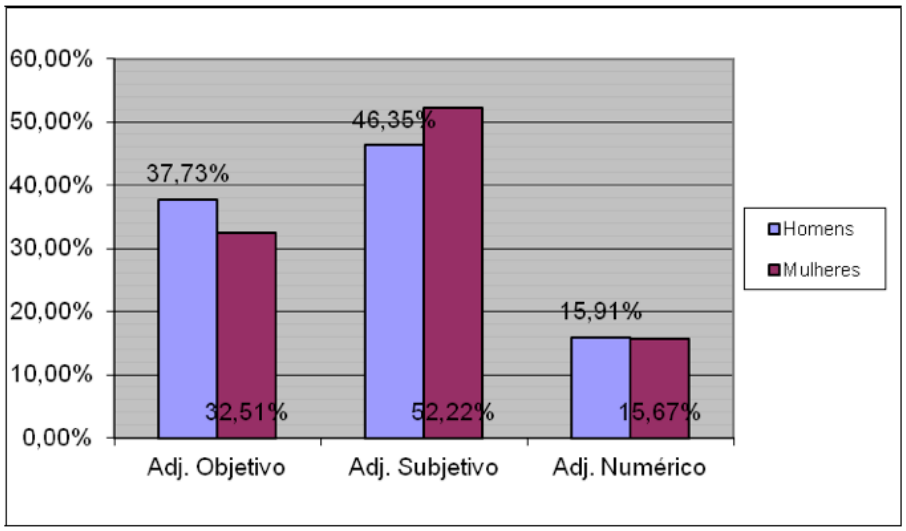
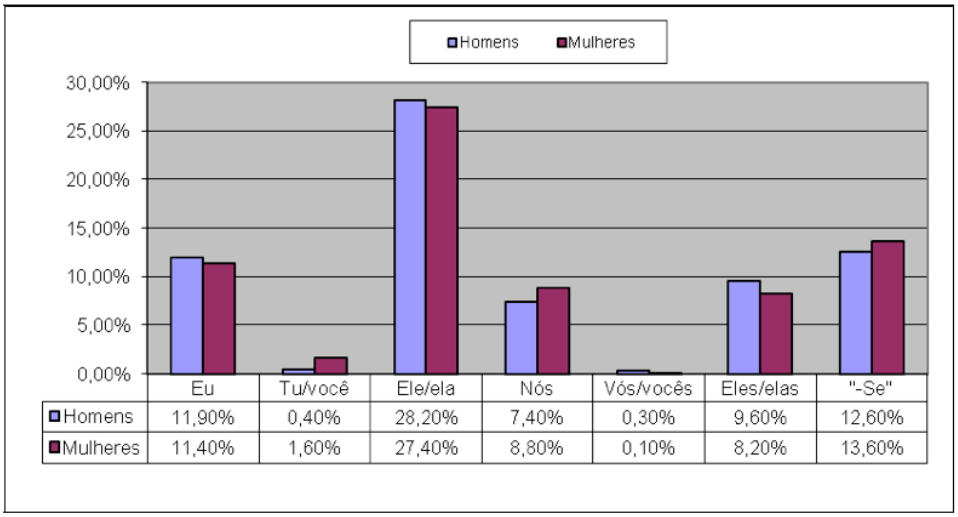


Gráfico 49. Emprego dos adjetivos.

No que diz respeito aos pronomes, destacam-se os pessoais, uma vez que representam 45,19% dos pronomes existentes nos textos masculinos e 47,97% nos textos femininos. Através da análise do gráfico 50, vemos que o texto masculino recorre em maior percentagem aos pronomes pessoais *eu*, *ele*, *ela*, *eles* e *elas*. Por sua vez, o texto feminino, sobressai por recorrer mais ao pronome pessoal de primeira pessoa do plural – *nós* – e pelo uso do de segunda pessoa do singular – *tu*. Mais uma vez, se reitera a ideia de que o discurso feminino, embora se centre muito na primeira pessoa, se preocupa mais com o interlocutor / recetor, procurando dirigir-se a ele.



	Eu	Tu/você	Ele/ela	Nós	Vós/vocês	Eles/elas	"-Se"
Homens	11,90%	0,40%	28,20%	7,40%	0,30%	9,60%	12,60%
Mulheres	11,40%	1,60%	27,40%	8,80%	0,10%	8,20%	13,60%

Gráfico 50. Pronomes pessoais.

No atinente aos verbos, ambos os textos se destacam pelo forte emprego de verbos factivos, seguidos pelos estativos. No entanto, enquanto os primeiros são mais abundantes no texto feminino, os segundos são-no no masculino (gráfico 51).

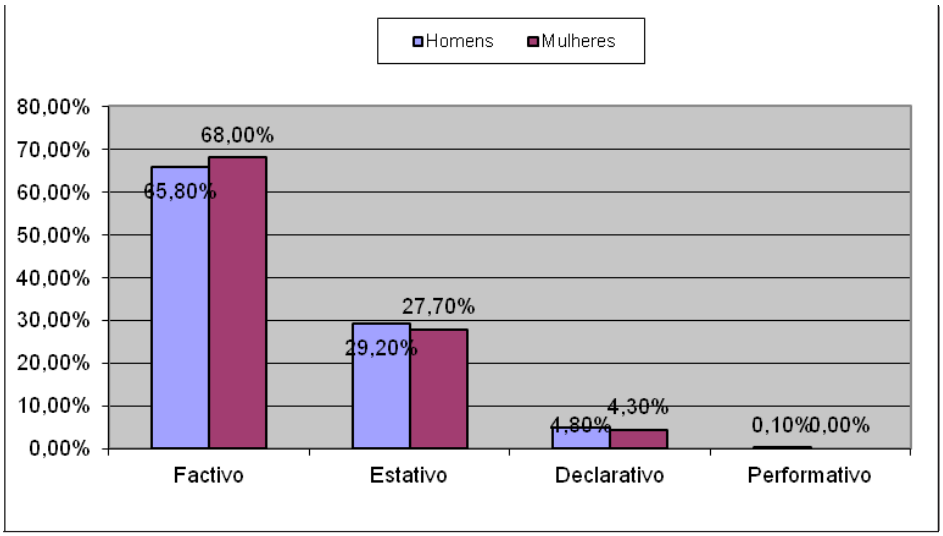


Gráfico 51. Categorias de verbos.

Quanto à modalização, o texto feminino sobressai pela maior percentagem de uso de advérbios de tempo e de lugar, que permitem situar espácio-temporalmente o discurso. Já no texto masculino abundam advérbios e locuções de modo e de negação. Merece também destaque, em ambos os textos, a forte percentagem de uso da modalização de intensidade e de negação, que permite dramatizar o discurso para cativar o público leitor.

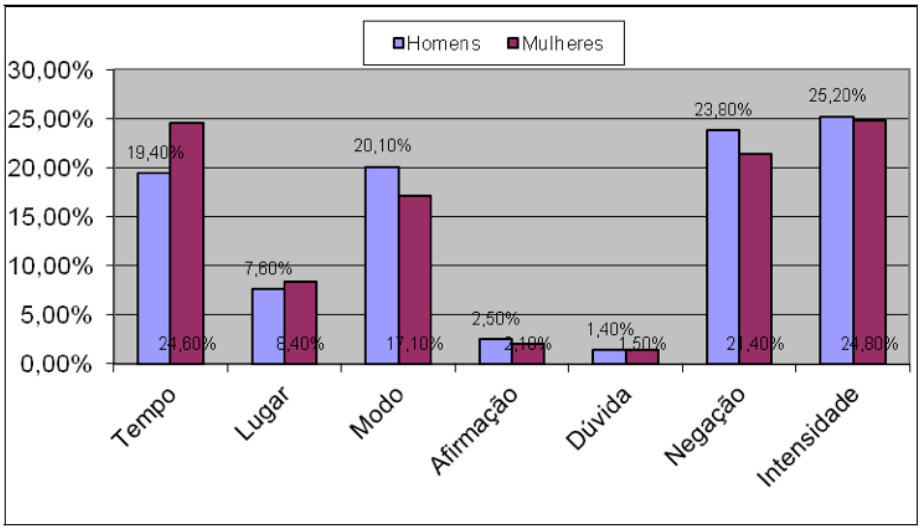
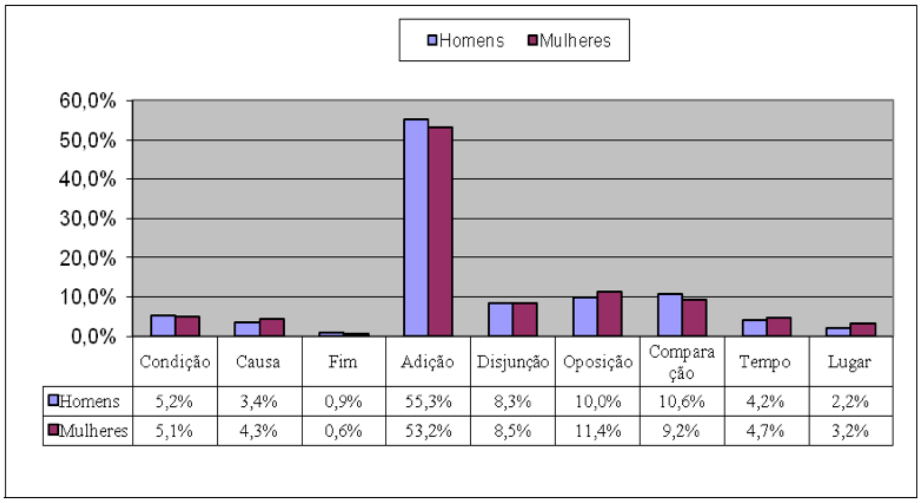


Gráfico 52. Modalização.

Por fim, os conectores de adição aparecem como os mais usados. A par disso, destaca-se a maior percentagem de uso, pelo texto feminino, dos conectores de oposição e de causa, que permitem construir raciocínios e argumentar, bem como de conectores de tempo e de lugar, que, à semelhança da modalização, permitem situar o discurso espácio-temporalmente.



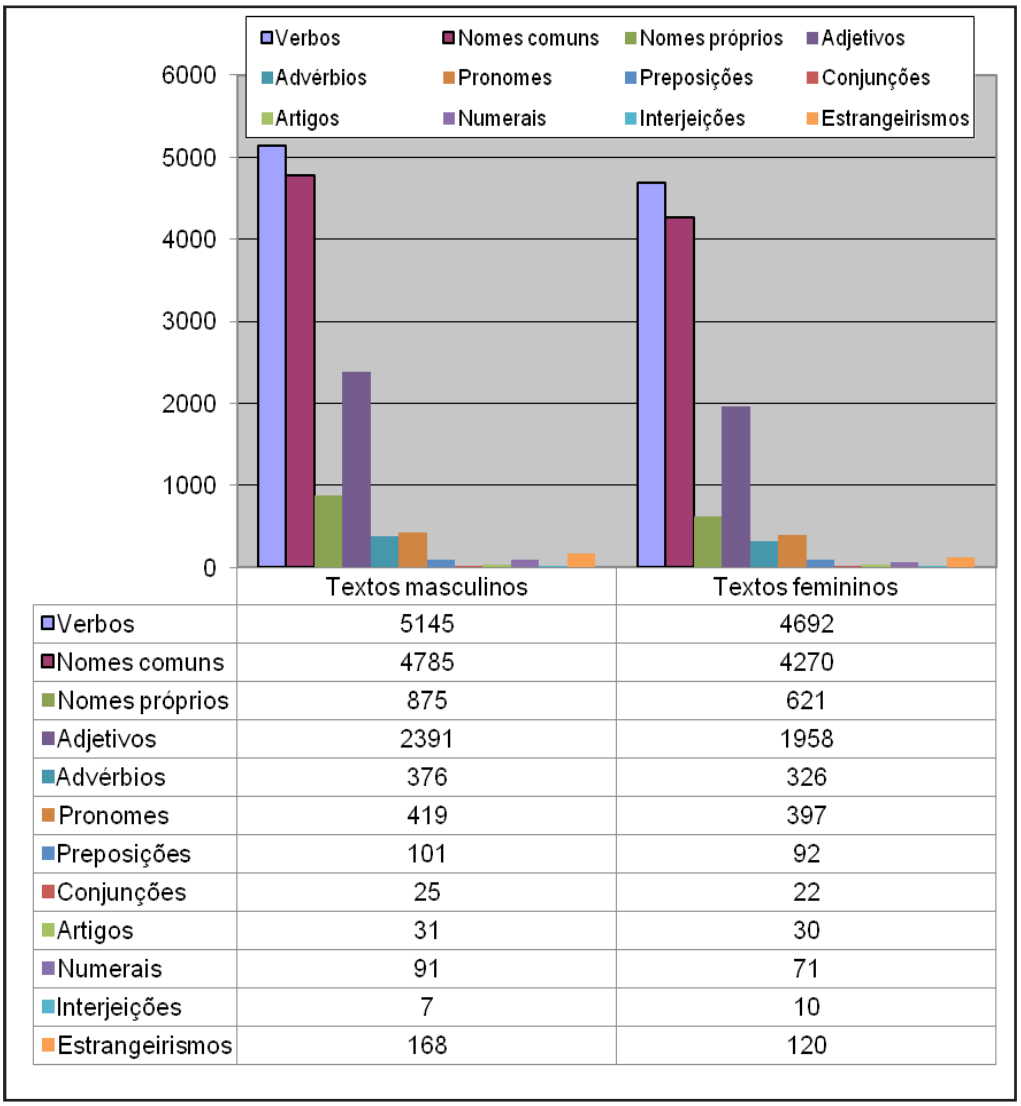
	Condição	Causa	Fim	Adição	Disjunção	Oposição	Comparação	Tempo	Lugar
Homens	5,2%	3,4%	0,9%	55,3%	8,3%	10,0%	10,6%	4,2%	2,2%
Mulheres	5,1%	4,3%	0,6%	53,2%	8,5%	11,4%	9,2%	4,7%	3,2%

Gráfico 53. Emprego dos conectores.

Assim sendo, os resultados obtidos através do *Tropes* permitem-nos afirmar que esta análise global vem corroborar dados e permitem-nos apresentar algumas caraterísticas constantes dos discursos masculino e feminino. Desde logo, destaca-se a estrutura menos extensa e mais paratática e simples das frases femininas, associada ao maior emprego de verbos. Por sua vez, o discurso masculino pode ser considerado mais complexo e com tendência para a hipotaxe, pela extensão das frases e pelo maior recurso a conectores. Uma outra caraterística distintiva é o uso, por parte dos textos masculinos, de palavras de cariz mais concreto, como nomes e numerais. Por sua vez, o discurso feminino propende mais para a subjetividade, pelo maior recurso a adjetivos subjetivos e pelo forte emprego de pronomes pessoais de primeira pessoa. Por último, o discurso feminino revela-se ainda mais preocupado com o recetor do seu texto, como atesta o emprego dos pronomes pessoais de segunda pessoa.

No que diz respeito ao número de ocorrências de palavras diferentes, os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação, pois, num total de 59.043 formas, existem 11.692 termos, correspondendo 19,80% de

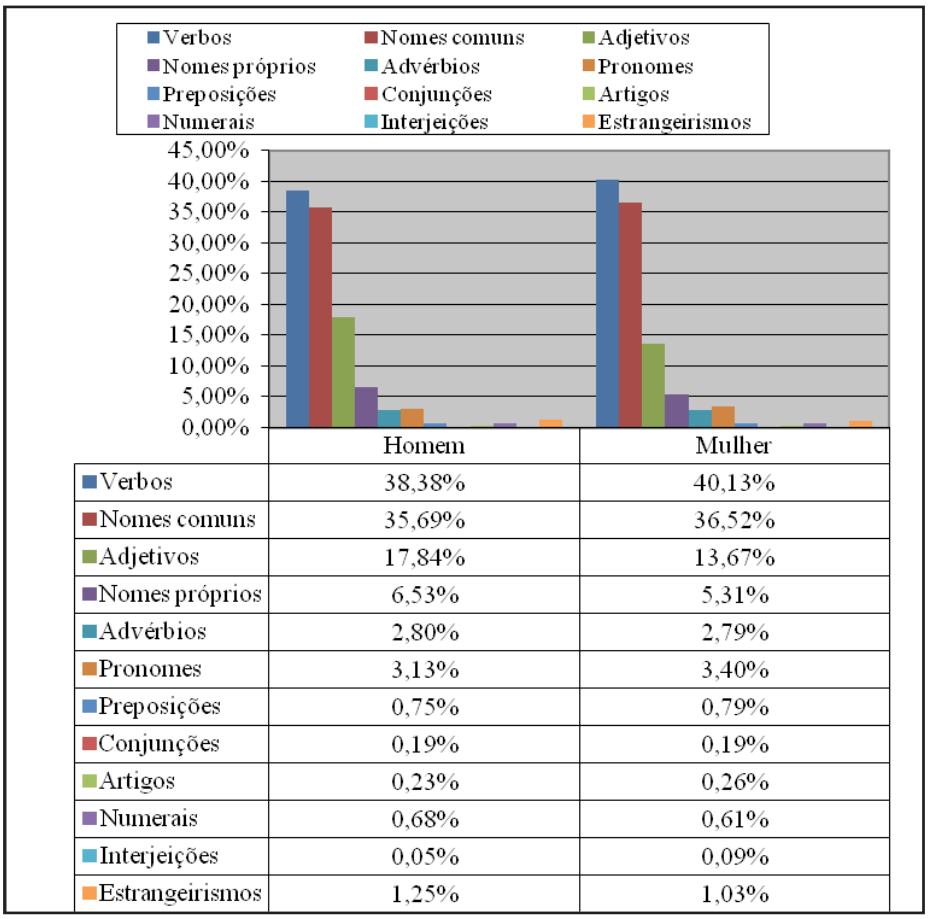
variação. Por sua vez, os textos masculinos somente variam em 18,23%, uma vez que, num total de 73.527, existem 13.406 vocábulos distintos.



	Textos masculinos	Textos femininos
Verbos	5145	4692
Nomes comuns	4785	4270
Nomes próprios	875	621
Adjetivos	2391	1958
Advérbios	376	326
Pronomes	419	397
Preposições	101	92
Conjunções	25	22
Artigos	31	30
Numerais	91	71
Interjeições	7	10
Estrangeirismos	168	120

Gráfico 54. Número de ocorrências de palavras diferentes e sua distribuição pelas diferentes classes de palavras.

Como demonstra o gráfico 54, as classes de palavras que mais ocorrem nos *corpora* são os verbos, os nomes comuns, os adjetivos e os nomes próprios. De entre estas, o *corpus* feminino destaca-se pela maior percentagem de emprego de verbos e nomes comuns (cf. gráfico 55); já nos textos masculinos, os adjetivos e os nomes próprios são mais usuais. Sobre as restantes partes da oração, salienta-se, nos textos femininos, a maior percentagem de emprego do pronomes e das interjeições. Por sua vez, no *corpus* masculino sobressai o uso dos numerais e dos estrangeirismos (cf. gráfico 55).



	Homem	Mulher
Verbos	38,38%	40,13%
Nomes comuns	35,69%	36,52%
Adjetivos	17,84%	13,67%
Nomes próprios	6,53%	5,31%
Advérbios	2,80%	2,79%
Pronomes	3,13%	3,40%
Preposições	0,75%	0,79%
Conjunções	0,19%	0,19%
Artigos	0,23%	0,26%
Numerais	0,68%	0,61%
Interjeições	0,05%	0,09%
Estrangeirismos	1,25%	1,03%

Gráfico 55. Percentagem de ocorrências de palavras diferentes.

Quanto às restantes classes de palavras, o advérbio surge com valores muito próximos entre os dois *corpora*. O advérbio de negação *não* é o mais comum, sendo que ocorre mais nos textos masculinos (1,28% do total de palavras contra 1,20% nos textos femininos). De seguida, surgem com destaque *mais, já, ainda, muito, onde, nem* e *sempre*. No atinente aos advérbios de quantidade *mais* e *muito*, estes são usados em maior percentagem pelos textos femininos (0,66% e 0,22%) do que nos masculinos (0,61% e 0,19%). Também os advérbios de tempo *já* e *ainda* são mais comuns nos textos femininos (0,28% e 0,21%) do que nos masculinos (0,21% e 0,20%), tal como acontece com o de lugar *onde*, que é mais comum nos textos femininos (0,19% contra 0,15%), e o de tempo *sempre* (0,17% contra 0,14%). Já o advérbio de negação e/ou conjunção *nem* ocorre em maior percentagem nos textos masculinos (0,15% contra 0,14%). Estes resultados contrariam os apresentados por Koppel, que postulou que os textos femininos se caraterizam pela negação (Koppel *et al.* 2003). Por outro lado, pode sublinhar-se que o discurso feminino se preocupa com a localização espácio-temporal e com a quantificação, já que estes tipos de modalização são mais comuns nos textos femininos do que nos masculinos.

No atinente aos pronomes, como atesta o gráfico 56, esta classe de palavras é mais comum nos *corpora* femininos, já que a percentagem de ocorrência é maior em 0,27%. Os pronomes que mais vezes surgem pertencem à subclasse dos possessivos e dos indefinidos. No entanto, quer os pronomes possessivos, quer os indefinidos são usados em maior percentagem pelos textos femininos (0,03% e 0,05% contra 0,02% e 0,04%), tal como acontece com os demonstrativos (0,05% contra 0,04% nos textos masculinos). Quanto aos pronomes pessoais, estes apresentam uma percentagem de uso similar (0,04% em ambos os textos), sendo que os de primeira pessoa ocorrem em maior número. De acordo com os resultados obtidos, o pronome que mais ocorre em ambos os textos é o possessivo *sua*.

No que concerne às preposições, estas ocorrem em maior percentagem nos textos femininos (0,79%) do que nos masculinos (0,75%). A preposição mais comum em ambos os textos é *de,* sendo que estatisticamente ocorre mais vezes nos textos femininos (4,63% contra 4,43%). Contudo, analisando a sua distribuição sem e com contrações, verifica-se que é mais comum nos textos

masculinos (8,97% contra 8,60%). Do mesmo modo, a preposição *a* e suas contrações ocorre mais nos textos masculinos (5,34%) do que nos femininos (5,17%), tal como acontece com *por* e suas contrações (1,19% no *corpus* masculino e 1,15% no feminino) e com a preposição *com* (0,93% contra 0,89%). Por sua vez, a preposição *em* e contrações é mais abundante nos textos femininos (3,40% contra 3,33%),

No atinente às conjunções, estas ocorrem de forma muito similar nos dois conjuntos de textos, sendo que as mais comuns são *que, e, se, para, ou, mas, quando, porque, também* e *depois*. Analisando os resultados obtidos, verificamos que, percentualmente, as conjunções *que, e, para* e *ou* são mais comuns nos textos masculinos, enquanto *se, mas, quando, porque, também* e *depois* são mais recorrentes nos femininos.

Quanto aos artigos, mais uma vez se reitera a tese de que os artigos definidos são mais comuns em ambos os *corpora*. Comparativamente, verifica-se também que os artigos definidos são mais abundantes nos textos masculinos (4,86% contra 4,74%) e os indefinidos nos femininos (2,29% contra 1,95%), reiterando, mais uma vez, a ideia de que o discurso masculino é mais centrado na realidade concreta do que o discurso feminino.

Por fim, no que respeita à ocorrência dos numerais, estes surgem em maior número nos textos masculinos (0,68% contra 0,61%). O mesmo acontece com o recurso a estrangeirismos, pois enquanto o *corpus* feminino tem 1,03% de estrangeirismos, o masculino tem 1,25%. Por último, as interjeição aparecem mais nos textos femininos (0,09%) do que nos masculinos (0,05%).

Desta forma, partindo dos resultados obtidos através da análise global de todos os textos, corroboram-se alguns resultados respeitantes às diferenças comunicativas entre homens e mulheres. Assim, notam-se, mais uma vez, diferenças ao nível dos assuntos explorados nos textos. Do mesmo modo, também se verifica que a subjetividade é mais comum nos textos femininos, enquanto nos masculinos há um maior recurso a palavras de ordem concreta e objetiva, através de nomes comuns, numerais, artigos definidos e mesmo adjetivos mais objetivos. Esta questão da objetividade do discurso masculino,por oposição à subjetividade feminina, vai ao encontro das caraterísticas de género estabelecidas pelo programa informático de categorização textual de género

criado sob a chefia de Moshe Koppel (Koppel *et al.* 2003). Concomitantemente, contrariando um dos resultados de Koppel, que apresenta o discurso da mulher mais inclinado para a negação (Koppel *et al.* 2003), no nosso *corpus* é nos textos masculinos que se nota uma maior propensão para a negação, como denota o emprego dos advérbios de negação.

Conclusões

A partir da década de 70 do século XX, postulou-se a existência da divisão da linguagem em "linguagem do homem" e "linguagem da mulher", sendo que a "linguagem da mulher", sobretudo devido à influência do movimento feminista, tem sido encarada como linguisticamente inferior ou desviante em relação à do homem. Dessa forma, vários foram os teóricos que partiram dessa ideologia para investigar as diferenças comunicativas entre homens e mulheres (cf. Jespersen 1922; Lakoff 1975; Spender 1980; etc.). Todavia, tal como considerou Deborah Cameron (2003), embora estas ideologias ainda circulem e sejam ponto obrigatório de paragem em qualquer investigação sobre o género e a linguagem, já não prevalece a ideia de que as mulheres são "deficientes" no uso da linguagem (Cameron 2003: 454). Por vezes, parece mesmo que a mulher é superior no uso da linguagem, como se pode verificar pela leitura das obras *You Just Don't Understand* (1990), de Deborah Tannen, e *Men Are from Mars, Women from Venus* (1992), de John Gray. Estas obras entendem a linguagem como tendo uma função primeira de estabelecer relações e entendimento entre as pessoas. Portanto, sendo que as mulheres privilegiam a afetividade e o estabelecimento de relações, elas serão as melhores no uso da linguagem com esse fim (Cameron 2003: 461).

Fazendo uma síntese das abordagens sobre as diferenças comunicativas entre homens e mulheres, verifica-se que estas são maioritariamente de cariz linguístico e fortemente influenciadas pelos trabalhos feministas. Não obstante, consegue-se traçar três tendências fundamentais nos estudos sobre a relação entre o género e a linguagem. Primeiro, distingue-se o trabalho de Robin Lakoff, *Language and Women's Place* (1975), em que a mulher surge em desvantagem enquanto falante, devido ao papel secundário que ocupa na sociedade. Deborah Cameron (1996) referiu que Lakoff representa, por isso, o "*deficit* model", segundo o qual as mulheres são vistas como falantes em desvantagem por causa do seu género (Cameron 1996: 39) . Por outro lado, temos o já referido *modelo do domínio*, segundo o qual a mulher é encarada como tendo menos

poder na interação discursiva, resultado do poder social que o homem tem. Este modelo é atestado pelos trabalhos de Candace West (1984), Zimmerman e West (1975) e Fishman (1983), sobre a tomada de vez e as interrupções na interação discursiva (Cameron 1996: 39). Por último, o *modelo da diferença cultural*, em que o género é equiparado a outras divisões sociais, como a etnia ou a raça. Assim, a segregação dos sexos na infância e na adolescência conduz a diferenças no estilo de conversação e nos objetivos de comunicação. Esta tendência é exemplificada pelo trabalho de Gumperz (1982), Maltz e Broker (1982) e também de Tannen (1990).

Nesta sequência, o nosso trabalho insere-se no âmbito de investigação das diferenças comunicativas entre homens e mulheres, pois em vários contextos e de várias formas se nota que o homem e a mulher não, ou nem sempre, interpretam a mensagem do mesmo modo. Efetivamente, mesmo quando não parece haver lugar para qualquer mal-entendido, o homem e a mulher podem interpretar o mesmo ato ilocutório de forma díspar. Portanto, a igualdade de género não existe de forma cabal quando estamos no domínio da linguagem e da comunicação.

De forma sintética, a origem das diferenças de género ao nível da linguagem e da conversação entre homens e mulheres assenta nos papéis tradicionais que a sociedade, ao longo dos tempos, atribuiu ao homem e à mulher: a mulher ficava relegada ao reino doméstico e o homem lidava com o mundo exterior. Embora estes papéis e os estereótipos a eles associados estejam a mudar na nossa sociedade, a verdade é que as normas sociais e de interação que lhe estavam associadas ainda se mantêm e impedem a mudança. Kramarae (1981: 118-119) postula mesmo uma divisão entre a esfera pública e a esfera privada ou doméstica, diferenciando as atividades e a linguagem de acordo com o género. Assim, a mulher usa uma linguagem caraterística do seu género, centrada numa esfera mais íntima, a esfera privada. O homem, por sua vez, domina uma linguagem ligada ao mundo exterior, à esfera pública.

Não obstante, hoje em dia, a realidade é outra. A divisão entre esfera pública e esfera privada não está tão vincada. Marido e esposa trabalham fora, na esfera pública, e, cada vez mais, ambos participam nas tarefas da esfera privada ou doméstica. Embora estas alterações ainda sejam mínimas e se encontrem numa fase incipiente, a verdade é que já trazem consigo mudanças linguísticas. A

estas acrescentam-se ainda os conceitos de *higiene verbal* e de *politicamente correto*, que vieram alterar a interação discursiva entre os géneros, colocando-os, como sublinhou Mary Ritchie Key (1996), num patamar de mais igualdade. Efetivamente, hoje em dia, as interações conversacionais estão a tomar novas formas, pois tanto os homens como as mulheres estão a aprender novos estilos e a mudar o uso de algumas palavras ou expressões linguísticas com as quais já não se sentem confortáveis. Desta forma, o discurso feminino conseguirá elevar-se ao masculino, com igual consideração e respeito, sem um ser superior ao outro (Key 1996: 136).

Nesse sentido, Deborah Cameron (1996) também sublinhou que as ideias de linguagem da mulher e de linguagem do homem devem ser reformuladas, tendo em conta a evolução constante da sociedade. De facto, contrariamente ao que se acreditava no início dos estudos de género, em que a linguagem da mulher aparecia sempre como inferior, hoje em dia, as mulheres, devido maioritariamente ao destaque que têm alcançado no âmbito da educação e do emprego, veem as suas competências verbais reconhecidas, sendo regularmente representadas como modelos no uso da linguagem (Cameron 2003: 457).

Não obstante, tal não quer dizer que as diferenças comunicativas entre homens e mulheres desapareçam. Tal como defendeu Deborah Tannen, na década de noventa, compreender que essas diferenças existem e que fazem parte da identidade do género facilitará a comunicação. Contudo, mesmo que se compreendam os chamados estilos conversacionais, não se vai conseguir prevenir e impedir os desentendimentos e as diferenças, mas caminhar-se-á no sentido da eficácia comunicativa entre homens e mulheres (Tannen 1990: 298).

De facto, tal como também sublinhou Deborah Cameron (2003), apesar das mudanças, do reconhecimento das competências da mulher e das qualificações superiores, ainda é o homem quem domina nos cargos mais importantes e mais altos (Cameron 2003: 457-458). Contudo, cada vez mais, as mulheres investem na sua carreira profissional, e os homens, cada vez em maior número, procuram partilhar as responsabilidades familiares e domésticas. A acrescentar, de acordo com os *Censos 2011*, Portugal tem mais mulheres do que homens, sendo que existem atualmente 92 homens para 100 mulheres (*Censos 2011*: 7), o que contrabalança ainda mais a questão da igualdade entre homens e mulheres.

Por outro lado, tal como reiterou Alice Greenwood (1996), a identidade individual não é só o género. É também composta por várias identificações com grupos e associações, pois o indivíduo é membro de uma família, de uma vizinhança, de um grupo de amigos, etc., inserido num contexto económico, social e cultural, que também condiciona a sua postura na interação comunicacional com outros indivíduos, sejam do mesmo sexo ou não. A isto acrescenta-se ainda o contexto em que se interage, pois a identidade de género também varia de acordo com o contexto (McElhinny 2003: 29).

Tendo em conta os pressupostos teóricos e práticos apresentados ao longo das últimas décadas, o nosso trabalho de investigação procurou identificar diferenças comunicativas num conjunto de textos dos *media* portugueses. A partir da sua análise quantitativa e qualitativa, procurou verificar-se se realmente existem diferenças discursivas entre homens e mulheres e como estas se refletem nos *media*. Desta forma, procuramos dar resposta às hipóteses colocadas inicialmente:

1. homens e mulheres comunicam de forma díspar;
2. as mulheres usam uma linguagem mais subjetiva do que os homens;
3. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras.

No que respeita à metodologia, adotámos uma das sete abordagens apontadas por Jane Sunderland e Lia Litosseliti (2008), nomeadamente a análise de um *corpus* linguístico, a partir do qual fizemos uma análise de conteúdo quantitativa e qualitativa. Por outro lado, tivemos de ter presente que a nossa análise se centrou na comunicação mediatizada. De facto, enquanto na comunicação face-a-face, existe um emissor e um recetor presentes na situação de comunicação, no caso dos *media*, estes comunicam, na generalidade, com um recetor ausente. Efetivamente, uma caraterística distintiva da linguagem dos *media* é a distância entre remetente/emissor e destinatário/recetor, no espaço, e, com frequência, também no tempo, traçando uma divisão nítida entre eles (Talbot *et al.* 2003:

9-10). Por outro lado, este recetor não é um ser individual, mas um conjunto de indivíduos, considerados como um ser compósito, constituído pela audiência (Talbot *et al.* 2003: 10). Desta forma, os resultados obtidos não são resultado da interação discursiva usual, mas mediatizada, onde aquele que fala tem consciência de que está a ser ouvido por um grupo heterogéneo de pessoas que o julga e avalia. Assim sendo, esta comunicação mediatizada é mais pensada e cuidada, por forma a ser facilmente interpretada pelo público heterogéneo.

Desta forma, tendo em conta que o escopo da nossa investigação era verificar se existiam diferenças de género na comunicação, analisámos textos de opinião publicados nos *media* portugueses, 50% de autoria feminina e 50% de autoria masculina, publicados em jornais e revistas nacionais. No total analisámos 200 artigos de opinião, distribuídos por quatro décadas diferentes. Assim, analisámos 50 textos de opinião, 25 de autoria feminina e 25 de autoria masculina, publicados no ano de 2009, repetindo o mesmo processo, com igual número de textos publicados nos anos de 1999, de 1989 e de 1979. Para levarmos a cabo essa análise, aplicámos dois programas informáticos de análise de texto e levantamento estatístico de dados : o *Tropes Semantic* e o *Lexicon.* Desta forma, procedemos a uma análise comparativa entre os textos publicados nas diferentes décadas para verificar se existia variação entre os resultados obtidos entre os géneros e dentro do próprio género.

Assim, centrando-nos primeiramente na análise do número de palavras e frases por texto, percebemos que, na generalidade, as frases das mulheres são menos extensas do que as dos homens (*Tabela 5*). Consequentemente, são frases com uma estrutura sintática mais simples, validada pela maior percentagem de uso de verbos por parte das mulheres e pela distribuição do uso dos conectores, uma vez que as mulheres, no geral, usam menos conectores do que os homens. Por isso, nas frases femininas predomina a parataxe e nas masculinas, a hipotaxe.

	Textos de 2009		Textos de 1999		Textos de 1989		Textos de 1979	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
N.º de palavras	12.978	13.455	14.686	12.432	12.736	15.618	33.127	17.538
N.º de frases	1.574	1.694	1.663	1.438	1.523	2.024	3.789	2.138
Média palavras por frase	8,25%	7,94%	8,83%	8,65%	8,36%	7,72%	8,86%	8,20%

Tabela 5. Número de palavras e frases nos textos de opinião.

No que respeita aos assuntos abordados, nota-se que os temas mais tratados, quer por homens, quer por mulheres, surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana. Estes desdobram-se em variadíssimos tópicos mais específicos, sendo aí que se nota a diferença. Desde logo, verifica-se uma maior tendência masculina para tratar de temáticas relacionadas com política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendor do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua vez, a mulher fala mais da sociedade, de sentimentos, da família, de saúde e de emprego, conotando preocupação com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações, tal como havia defendido Lakoff (1975). Entre os sentimentos e emoções associados à mulher, destacamos a tristeza, a insatisfação e o medo, revelando uma certa insegurança e instabilidade, asserção já referida como caraterizadora da linguagem da mulher (Lakoff 1975). Por outro lado, também se nota uma forte preocupação com o emprego e o trabalho, revelando que a mulher já não se cinge ao reino doméstico, tendo já conquistado um lugar no mundo do trabalho, dominado anteriormente pelo homem (Spender 2001). Esta preocupação é crescente a partir dos textos de 1989, altura em mulher portuguesa começa a conquistar um lugar no mercado de trabalho. Nesta ordem de ideias, aparece também mais preocupada com o direito e a justiça social, pois já tinha sido considerada um grupo minoritário e oprimido por uma sociedade patriarcal (Lakoff 1975; Spender 2001).

Independentemente do estilo geral dos textos, uma vez que estamos perante textos jornalísticos não padronizados, em que o estilo é livre e a subjetividade do seu autor está presente, verificamos uma maior subjetividade no discurso da mulher. Esta é sublinhada por vários aspetos, como sejam: a presença de um narrador subjetivo, o recurso a adjetivos subjetivos e ainda pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa.

No que diz respeito à presença de narrador subjetivo, em vários textos de autoria feminina, nomeadamente em textos de 2009 e de 1989, domina este tipo de narrador. Esta subjetividade do discurso feminino é ainda corroborado pela maior percentagem de emprego do pronome pessoal "eu", bem como ao pronome pessoal de segunda pessoa "tu" e ao pronome pessoal de primeira pessoa do plural "nós", estes últimos usados com intuito de abarcar também o interlocutor no seu discurso. Efetivamente, à exceção do conjunto de textos de 1989, todos os conjuntos de textos femininos se caraterizam pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa. Por seu turno, nos textos masculinos abundam pronomes pessoais de terceira pessoa. Este emprego feminino dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoas vai ao encontro da tese de que as mulheres se preocupam com as relações e a empatia que estabelecem enquanto comunicam (Tannen 1990).

Por outro lado, a subjetividade acima postulada é também reforçada pelo uso dos adjetivos. No atinente a esta classe gramatical, destaca-se, em primeiro lugar, a maior percentagem de uso dos adjetivos subjetivos por parte de todos os conjuntos de textos femininos, à exceção do conjunto de 1979. Por outro lado, deve sublinhar-se o recurso abundante, nos textos masculinos, de adjetivos numéricos e objetivos, indo ao encontro de Koppel, que postulou que os textos de autores masculinos distinguem-se pelo emprego de palavras com sentido numérico e concreto (Koppel *et al.* 2003). Assim sendo, podemos falar numa certa oposição entre objetividade masculina e subjetividade feminina, indo ao encontro das asserções feitas sobre a "woman's language", que se carateriza por ser subjetiva e sentimental (Lakoff 1975), enquanto o homem aparece como mais objetivo e ativo.

No atinente à modalização, ou seja, ao recurso de advérbios e locuções adverbiais que permitem o locutor implicar-se no discurso ou situar o que diz

contextualmente, os textos femininos destacam-se pelo recurso constante, em todos os textos, à modalização de intensidade e de negação, utilizadas para dramatizar e inflamar o discurso. Também neste conjunto de textos, as mulheres expressam por mais vezes dúvidas (modalização de dúvida) do que os homens, conotando uma certa insegurança.

No atinente às ocorrências das palavras e das suas diferentes classes, nota-se que quanto mais extensos são os textos, menor é a percentagem do número de ocorrências (cf. *Tabela 6*). No que diz respeito à variação do número de ocorrências entre os dois géneros, não se conseguem perceber divergências, uma vez que em dois conjuntos de textos (2009 e 1989) existe maior percentagem de ocorrências nos textos masculinos e nos outros dois conjuntos (1999 e 1979) acontece o inverso.

	Textos de 2009		**Textos de 1999**		**Textos de 1989**		**Textos de 1979**	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
N.º de palavras	12.978	13.455	14.686	12.432	12.736	15.618	33.127	17.538
N.º de ocorrências	4.343	4.361	5.054	4.506	4.464	4.898	6.253	5.585
Percentagem de variação	33,46%	32,41%	34,41%	36,25%	35,05%	31,36%	18,88%	31,85%

Tabela 6. Ocorrências de diferentes palavras nos textos.

Não obstante, analisando os textos como um todo, verifica-se que os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação, pois num total de 59.043 palavras, existem 11.692 termos, correspondendo 19,80% de variação. Por sua vez, os textos masculinos somente variam em 18,23%, uma vez que, num total de 73.527, existem 13.406 vocábulos distintos.

No que diz respeito à ocorrência das diferentes classes de palavras, rapidamente percebemos que aquelas que mais aparecem são os verbos, os nomes comuns, os adjetivos e os nomes próprios.

	Textos de 2009		**Textos de 1999**		**Textos de 1989**		**Textos de 1979**	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Verbos	30,30%	33,11%	30,95%	30,07%	32,17%	36,73%	21,13%	28,50%
Nomes comuns	36,66%	35,34%	37,02%	36,48%	37,57%	35,12%	41,36%	34,45%
Nomes próprios	5,43%	3,85%	5,66%	5,33%	4,73%	2,86%	5,44%	3,76%
Adjetivos	15,73%	16,17%	14,74%	16,29%	13,96%	13,64%	21,29%	15,45%
Advérbios	2,90%	3,30%	3,28%	3,11%	3,27%	2,84%	4,03%	3,53%
Pronomes	3,87%	3,49%	3,78%	4,08%	4,21%	5,02%	3,17%	3,99%
Preposições	1,68%	1,54%	1,35%	1,49%	1,75%	1,57%	1,34%	1,40%
Conjunções	0,51%	0,50%	0,42%	0,47%	0,47%	0,45%	0,38%	0,39%
Artigos	0,64%	0,64%	0,53%	0,60%	0,65%	0,59%	0,46%	0,52%
Numerais	0,69%	0,57%	1,19%	0,82%	0,94%	0,61%	0,74%	0,77%
Interjeições	0,02%	0,20%	0,06%	0,02%	0,09%	0,14%	0,08%	0,05%
Estrangeirismos	1,61%	1,28%	2,10%	1,24%	0,34%	0,43%	0,59%	0,73%
Total de ocorrências	4.343	4.361	5.054	4.506	4.464	4.898	6.253	5.585

Tabela 7. Distribuição percentual das diferentes classes de palavras nos diferentes conjuntos de textos textos.

Da análise da tabela 7, corrobora-se a ideia de que os nomes comuns e próprios são mais abundantes nos textos masculinos, indo ao encontro das teorias de que o homem tem um discurso mais concreto e baseado na realidade que o envolve (Koppel *et al.* 2003; Coates 2003). Já os verbos são uma classe de palavra mais comum em todos os conjuntos de textos femininos, à exceção do de 1999, embora aqui a diferença de uso seja menos significativa.

No atinente ao recurso aos adjetivos, verificamos que nos *corpora* de 2009 e 1999 são os textos femininos que mais recorrem aos adjetivos, mas nos *corpora* de 1989 e 1979, os adjetivos abundam em maior número nos textos masculinos.

Não obstante, indo ao encontro dos resultados obtidos através do programa informático *Tropes*, as mulheres usam mais adjetivos subjetivos, à exceção do conjunto de textos de 1979. No entanto, não se pode esquecer que o ano de 1979 é um período muito próximo da Revolução de Abril, momento a partir do qual a mulher portuguesa começa a conquistar e a dar os primeiros passos na esfera pública. Não admira, por isso, que procure lutar contra a visão estereotipada do discurso feminino, a "women's language" (Lakoff 1975; Coates 1996), considerado por isso inferior (Spender 2001).

No que concerne ao recurso aos advérbios, esta classe de palavra é, regra geral, mais usada nos *corpora* masculinos. Efetivamente, os resultados confirmam que os advérbios ocorrem em maior número em todos os conjuntos de textos, à exceção dos *corpora* publicados em 2009, em que os advérbios são mais comuns nos textos femininos. Do mesmo modo, o advérbio que se destaca é o de negação *não*, que é sempre mais usados nos textos masculinos, à exceção dos textos de 2009. Este resultado é ainda corroborado na análise global dos textos, contrariando o postulado por Koppel, segundo o qual uma das caraterísticas do discurso feminino é o recurso à negação (Koppel *et al.* 2003).

Quanto ao uso dos pronomes, esta classe de palavra ocorre sempre em maior percentagem em todos os conjuntos de textos femininos. Sobre a distribuição e emprego das suas diferentes subclasses, os textos femininos caraterizam-se pelo uso de pronomes pessoais de primeira pessoa e pelo uso dos pronomes indefinidos. Por sua vez, os textos masculinos em análise também revelaram uma forte tendência para o recurso aos pronomes possessivos. De facto, os pronomes possessivos ocorrem em maior percentagem em todos os conjuntos de textos masculinos, à exceção do conjunto de 1999.

No que concerne ao emprego das diferentes preposições, os textos masculinos destacam-se pela maior percentagem de uso, com exceção do *corpus* de 1999. Dentro das preposições, as mais abundantes em todos os textos, quer femininos quer masculinos, são as preposições *de* e *a*, que, regra geral, surgem em maior percentagem nos textos masculinos do que nos femininos. A única exceção é o conjunto de textos relativo a 1989, em que os textos femininos superam os masculinos. Destacamos ainda as preposições *em* e *com*, que são muito utilizadas pelos textos femininos. Efetivamente, a preposição *com*, relativamente

aos *corpora* de 2009, 1999 e 1979, é mais usada nos textos femininos; por sua vez, a preposição *em* é mais usada nos textos femininos nos *corpora* de 2009 e 1979, sendo que no ano de 1999 tem a mesma percentagem de uso que os textos masculinos. Relativamente ao ano de 1989, estas duas preposições já são mais comuns nos textos masculinos.

No que respeita ao uso das conjunções, as que mais se destacam pela sua percentagem de uso são: *que, e, se* e *para*. Relativamente aos resultados obtidos nos diferentes conjuntos de textos, verificámos que a conjunção *que* é mais usada nos textos femininos em 2009 e 1999, mas, em 1989 e 1979, é mais utilizada pelos textos masculinos. Quanto à copulativa *e*, esta é sempre mais utilizada pelos textos de autoria masculina. Por sua vez, a conjunção condicional *se* é mais utilizada pelos textos femininos, com exceção do conjunto de textos de 1979, em que é mais comum nos textos masculinos. Por último, a conjunção *para* é mais comum nos textos masculinos de 2009 e 1979, mas nos textos de 1999 e 1989 é mais comum nos textos femininos.

No atinente ao emprego dos artigos, verificámos que, em todos os conjuntos de textos, são empregues mais artigos definidos do que indefinidos. No entanto, existem diferenças quanto ao seu uso. Assim, os artigos indefinidos são mais usados pelos textos femininos do que pelos masculinos, a única exceção é o conjunto de textos de 1999, em que os artigos indefinidos são mais comuns nos textos masculinos. Quanto aos artigos definidos, estes são mais comuns nos textos masculinos de 2009 e 1979, mas nos textos de 1999 e 1989 são mais comuns nos textos femininos.

Quanto ao emprego dos numerais, é corroborada a ideia de que eles dominam nos textos masculinos, sendo que a única exceção é o conjunto de textos de 1979, em que os numerais são mais comuns nos textos femininos. No entanto, a análise global dos textos vem atestar o maior emprego de numerais pelos textos masculinos.

Por último, relativamente ao recurso a estrangeirismos, constatámos que o seu emprego é mais comum nos textos masculinos de 2009 e de 1999, mas, nos textos de 1989 e 1979, os estrangeirismos são mais comuns nos textos femininos. Não obstante, no global, esta classe de palavra é mais comum no discurso masculino. É ainda pertinente referir que os estrangeirismos dos

corpora de 2009 e 1999 são, na sua maioria, de origem inglesa. No entanto, os estrangeirismos dos *corpora* de 1989 e 1979 são francesismos ou latinismos. A estes resultados não é alheia a valorização que é dada a determinada língua estrangeira, pois, enquanto hoje vivemos numa cultura globalizada de influência anglo-americana, nas décadas de 70 e 80, o francês era uma língua muito próxima dos portugueses, não só por ser a segunda língua mais ensinada nas escolas, mas também porque os portugueses haviam escolhido e continuavam a escolher os países de língua francesa como destinos de emigração, na procura de melhores condições socioeconómicas.

Em suma, tendo em conta os resultados obtidos através da análise do nosso *corpus*, verificámos algumas diferenças entre os discursos de autoria feminina e os de autoria masculina. Assim, podemos sistematizar essas diferenças nos pontos seguintes:

1. O primeiro dado pertinente está relacionado com as frases, que são menos extensas nos textos femininos. Por isso, as frases das mulheres têm uma estrutura sintática mais simples, justificada por um maior emprego de verbos e pela distribuição do uso dos conectores, já que as mulheres, no geral, usam menos conectores do que os homens.
2. O segundo resultado pertinente diz respeito aos assuntos dos textos. Inicialmente os grandes temas surgem agrupados em conceitos gerais e vida humana, mas desdobram-se em outros tópicos mais restritos, sobressaindo a diferença. Desta forma, registou-se uma maior tendência masculina para tratar de temáticas relacionadas com política, geografia, sociedade, desporto e lazer e negócios, realçando o forte pendor do homem para as atividades realizadas fora de casa, no mundo exterior e dos negócios. Por sua vez, a mulher prefere falar da sociedade, de sentimentos, da família, de saúde e de emprego, conotando preocupação com o estabelecimento e o bem-estar das suas relações.
3. O terceiro aspeto importante, resultante da análise realizada, foi a subjetividade inerente ao discurso da mulher. Esta subjetividade é justificada pela presença de um narrador subjetivo, pelo o recurso a adjetivos subjetivos e ainda pelo recurso a pronomes pessoais de primeira pessoa, bem como

ao pronome pessoal de segunda pessoa "tu", usado com intuito de abarcar também o interlocutor no seu discurso. Desta forma, podemos estabelecer uma oposição entre uma linguagem objetiva e uma linguagem subjetiva, caraterísticas do discurso masculino e feminino, respetivamente.

4. O quarto ponto, intimamente ligado à subjetividade dos textos, diz respeito aos adjetivos. No atinente a esta classe gramatical, realça-se, por um lado, o maior recurso a adjetivos subjetivos por parte das mulheres, e o maior emprego de adjetivos numéricos e objetivos por parte dos textos masculinos.

5. O quinto dado relevante diz respeito às ocorrências das palavras e das suas diferentes classes. Primeiramente, analisando os textos como um todo, verifica-se que os textos femininos apresentam uma maior percentagem de variação de palavras. Já quanto à ocorrência das diferentes classes de palavras, corroborou-se a ideia de que os nomes comuns e próprios são mais abundantes nos textos masculinos. Por sua vez, os verbos são mais comuns nos textos femininos. Já os adjetivos, principalmente de cariz subjetivo, são mais comuns nos textos femininos. No atinente ao emprego de advérbios, esta classe de palavra é, regra geral, mais usada nos *corpora* masculinos, destacando-se o emprego do advérbio de negação *não*. Quanto ao uso dos pronomes, esta classe de palavra ocorre sempre em maior percentagem em todos os conjuntos de textos femininos, sendo de destacar o uso de pronomes pessoais de primeira pessoa e de pronomes indefinidos. Por sua vez, os textos masculinos em análise também revelaram uma forte tendência para o recurso aos pronomes possessivos. Verificaram-se ainda diferenças pertinentes quanto ao emprego dos artigos, já que os indefinidos são mais usados pelos textos femininos. Por outro lado, quanto ao emprego dos numerais e estrangeirismos, é corroborada a ideia de que estes dominam nos textos masculinos.

6. Pode ainda descortinar-se um último aspeto, que diz respeito à fluidez do discurso. Aqui destacamos o discurso sincopado dos textos femininos, mais entrecortado pelo maior número de frases e pelo recurso a "expressões barreira", como *eu penso que, eu acho, considero*... podendo significar alguma insegurança e/ou dúvida na expressão das suas ideias e opiniões ou, por outro lado, preocupação com questões de cortesia. Esta caraterística é

ainda acentuada pela elevada presença de advérbios de dúvida, conotando uma certa insegurança no discurso do *corpus* feminino.

Assim sendo, tendo em conta os resultados alcançados, podemos afirmar que conseguimos verificar a plausibilidade das hipóteses levantadas no início do nosso trabalho de investigação, comprovando que existem diferenças comunicativas entre homens e mulheres e que estas se refletem nos textos da comunicação social. Desta forma, podemos sistematizar como conclusões finais do nosso trabalho:

1. homens e mulheres comunicam de forma diferente;
2. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se nos *media* e nos textos produzidos pelos *media*, quando temos presente e comparamos textos de autoria feminina e textos de autoria masculina;
3. o *corpus* em análise revelou que os textos femininos se caraterizam por um discurso mais subjetivo do que o dos homens, que se centra mais na realidade concreta, sendo, por isso, um discurso mais objetivo;
4. as diferenças comunicativas entre homens e mulheres refletem-se na escolha dos temas a abordar e no uso das diferentes classes de palavras, nomeadamente no uso dos verbos, adjetivos, nomes comuns e próprios, conjunções, advérbios, pronomes e artigos.

Do exposto, consideramos que os objetivos a que nos propusemos foram atingidos, demonstrando que, à semelhança de outros estudos realizados, existem diferenças de comunicação entre homens e mulheres no português europeu e, neste caso específico, esta teoria foi corroborado pela análise do nosso *corpus* linguístico, textos escritos da comunicação social em português europeu. Não obstante, reconhecemos o caráter embrionário desta investigação, que se apresenta como o ponto de partida para mais investigações e trabalhos, nossos e de outros. Nesse sentido, esperamos que os resultados do nosso trabalho sejam acolhidos sem ideias estereotipadas e com interesse. Por outro lado, não podemos deixar de reiterar que a comunicação e o género é uma área de investigação e estudo particularmente interessante, empolgante e motivadora,

mas simultaneamente difícil e ardilosa, devido à complexidade do tema, que envolve uma diversidade de áreas e exige uma grande interdisciplinaridade.

Referências bibliográficas

AA.VV. (2000): *Dicionário de Ciências da Comunicação*. Porto: Porto Editora.

AA.VV. (2003): *Dicicopédia 2003*. CD-Rom. Porto: Porto Editora.

AA.VV. (1999): *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

AA.VV. (2006): *Dicionário Enciclopédico Português*, Vol.V. Lisboa: Editorial Verbo.

Acuña Ferreira, A. Virginia (2011): *La Realización de Quejas en la Conversación Feminina y Masculina. Diferencias y Semejanzas en la Habla Cotidiana de las Mujeres y los Hombres*. Munich: Lincom.

Allen, Mike (1998): "Methodological considerations when examining a gendered world". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 427-444.

Álvares, Cláudia (2005): "Feminismo e Representação Discursiva do feminino: a presença do outro na teoria e na prática". In: *Livro de Actas – 4.º SOPCOM*: 947-956. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/alvares-claudia-feminismo-representacao-discursiva-feminino.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Álvares, Cláudia, e Silveirinha, Maria João (2005): "Introdução à mesa temática 'Estudos culturais e de Género'". In: *Livro de Actas – 4.º SOPCOM*: 917-921. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/alvares-claudia-introducao-mesa-tematica-estudos-culturais-genero.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

[Álvares], F[rancisca] de C[hantal] (1786): *Breve Compendio de Grammatica Portugueza para o Uso das Meninas que se educaõ no Mosteiro da Vizitaçaõ de Lisboa*. Lisboa: Na Officina de Antonio Rodriges Gallardo.

Amâncio, Lígia (1994): *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.

Andersen, Peter A. (1998): "Research sex differences within sex similarities: the evolutionaryconsequences of reproductive differences". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 83-100.

Ardener, Edwin (1975[a]): "Belief and the problem of women". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 1-17.

_____ (1975[b]): "The 'problem' revisited". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 19-27.

Ardener, Shirley (1975[a]): "Introduction". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: vii-xxiii.

_____ (1975[b]): "Sexual insult and female militany". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 29-53.

_____ (Ed.) (1978[a]): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.

_____ (1978[b]): "Introduction: the nature of women in society". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society.* London: Croom Helm Ltd.: 9-48.

_____ (Ed.) (1992): *Persons and Powers of Women in Diverse Cultures*. Oxford: Berg Publishers.

_____ (Ed.) (1993): *Women and Space. Ground Rules and Social Maps*. Oxford / New York: Berg.

Argamon, Shlomo, Koppel, M., Fine, J., e Shimoni, A. (2003): "Gender, genre, and writing style in formal written texts". Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31 de março de 2011).

Aries, E. J., e Johnson, F. L. (1983): "Close friendship in adulthood: conversational content between same sex friends". In: *Sex Roles*, 9: 1183-1196.

Aries, Elisabeth (1987): "Gender and communication". In: Philip Shaver & Clyde Hendrick (Eds.): *Sex and Gender*. Newbury Park, CA: Sage Publications: 149-176.

_____ (1998): "Gender differences in interaction: a reexamination". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 65-81.

Aristóteles (s.d.): *Arte Retórica e Arte Poética*. Lisboa: Ediouro-Paradidatic.

Azevedo, Mário (2009): *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares*. 7.ª Edição. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Bally, Charles (1910): *L'étude systématique des moyens d'expression*. Genève: Eggimann.

_____ (1951): *Traité de Stylistique Française*. 2 Vols. 3.ª Edição (1909, 1.ª edição). Paris: Librairie C. Klincksiek.

_____ (1965): *Le Langage et la Vie*. 3.ª Edição (1913, 1.ª edição). Genève: Droz.

Bandura, A. (1977): *Social learning theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Bandura, A., e Walters, R. H. (1963): *Social Learning and Personality Development*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Baron, Dennis (1986): *Grammar and Gender*. New Haven, CT: Yale University Press.

Barracho, Carlos (2001): *Psicologia Social. Ambiente e Espaço*. Lisboa: Instituto Piaget.

Basow, Susan A. (1992): *Gender: Stereotypes and Roles*. 3.ª Ed. Pacific Grove, California: Brooks / Cole Publishing Company.

Bastos, Maria Helena Câmara (2008): "Peço a palavra: a politesse dos rituais". In: *Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas*. Internet. Disponível em www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/pdfs/cad_pesq5/10_peco_cp5.pdf (consultado a 18 de agosto de 2011).

Bate, Barbara, e Taylor, Anita (Eds.) (1988): *Women Communicating: studies of women's talk*. Norwood, NJ: Ablex.

Beal, Carole R. (1994): *Boys and Girls: the Development of Gender Roles*. New York: McGraw-Hill, Inc.

Beaudichon, Janine (2001): *A Comunicação: Processos, Formas e Aplicações*. Porto: Porto Editora.

Beauvoir, Simone de (1976): *Le Deuxième Sexe*, Vol. I e II. 2.ª Ed. Paris: Gallimard.

Bem, S. (1981): "Gender schema theory: a cognitive account of sex typing". In: *Psychological Review*, n.º 88: 354-364.

Benwell, Betan (2002): "Is there anything "new" about these lads?: the textual and visual construction of masculinity in men's magazines". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 149-174.

Bergvall, Victoria L. (1996): "Constructing and enacting gender through discourse: negotiating multiple roles as female engineering students". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 173-201.

Bergvall, Victoria L., Bing, Janet M., e Freed, Alice F. (Eds.) (1996): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman.

Bernstein, Basil (1975): *Langage et Classes Sociales*. Paris: Éditions de Minuit.

Berryman-Fink, C. L., e Wilcox, T. R. (1983): "A multivariate investigation of perceptual attributions concerning gender appropriateness in language". In: *Sex Roles* 9.

Besnier, Niko (2003): "Crossing genders, mixing languages: the linguistic construction of transgenderism in Tonga". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 279-301.

Bing, Janet M., e Bergvall, Victoria L. (1996): "The question of the questions: beyond binary thinking". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research*: Theory and Practice. London / New York: Longman: 1-30.

Bitti, P. R., e Zani, B. (1993): *A Comunicação como Processo Social*. Lisboa: Editorial Estampa.

Blaubergs, Maija S. (1980): "An analysis of classic arguments against changing sexist language". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 135-147.

Blum, Deborah (1997): *Sex on the Brain*. New York / London / Victoria / Toronto / Auckland: Penguin Books.

Bodine, Ann (1975): "Sex differentiation in language". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 130-151.

Borisoff, Deborah, e Merrill, Lisa (1998): *The Power to Communicate: Gender Differences as Barriers*. 3.ª Ed. Illinois: Waveland Press.

Borregana, António Afonso (2002): *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Texto Editora.

Braconnier, Alain (1996): *O Sexo das Emoções*. Lisboa: Instituto Piaget.

Bradley, John (1998): "Yanyuwa:'Men speak one way, women speak another'". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 13-20.

Braga, Adriana (2005): "Corpo – Verão: agendamento corporal na imprensa feminina". In: *Actas do III SOPCOM, II LUSOCOM e II IBÉRICO*, Vol. III: 403-412. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/braga-adriana-corpo-verao-agendamento-corporal-na-imprensa-feminina.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Branco, Lúcia Castello (1991): *O que é a Escrita Feminina?* São Paulo: Coleção Primeiros Passos.

Brandes, Stanley (1981): "Like wounded stags: male sexual ideology in an Andalusian town". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 216-239.

Bravo, Diana (1999): "Imagen positiva vs imagen negativa?: pragmática sociocultural y componentes de *face*". In: *Oralia*, 2: 155-184.

Bravo, Diana, e Briz, Antonio (Eds.) (2004): *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesia en español*. Barcelona: Editorial Ariel.

Brouwer, Dede, e Hann, Dorian (Eds.) (1987): Women's *Language, Socialization and Self-image*. Dordrecht: Foris.

Brown, Penepole (1993): "Gender, politeness, and confrontation in Tenejapa". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 144-164.

_____ (1998): "How and Why Are Women More Polite: Some Evidence from a Mayan Community". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 81-99.

Brown, Penepole, e Levinson, Stephen C. (2009): *Politeness: Some Universals in Language Usage*. 9.ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Bruess, Carol J. S., e Pearson, Judy C. (1996): "Gendered patterns in family communication". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships.* Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 59-78.

Bruner, Edward M., e Kelso, Jane Paige (1980): "Gender differences in graffiti: a semiotic perspective". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 239-252.

Bucholtz, Mary (1996): "Black feminist theory and African American women's linguistic practice". In: Bergvall, Victoria L. *et al*. (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 267-290.

_____ (2003): "Theories of discourse as theories of gender: discourse analysis in language and gender studies". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 43- 68.

Bucholtz, Mary, Liang, A. C., e Sutton, Laurel A. (Eds.) (1999): *Reinventing Identities*. Oxford / New York: Oxford University Press.

Burgoon, Michael, e Klingle, Renee S. (1998): "Gender differences in being influential and / or influenced: a challenge to prior explanations". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 257-285.

Butler, Judith (2007): *Gender Trouble*. London: Routledge.

Cabecinhas, Rosa (2005): "Processos cognitivos, cultura e estereótipos sociais". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/cabecinhas-rosa-processos-cognitivos-cultura-estereotipos-sociais.pdf (consultado em 4 de março de 2012).

Caldas-Coulthard, Carmen Rosa, e Leeuwen, Theo van (2002): "Stunning, shimmering, iridiscent: toys as the representation of gendered social actors". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 91-108.

Calero Fernández, Mª Angeles (1999): *Sexismo Lingüístico*. Madrid: Narcea.

Callan, Hilary (1975): "The premises of dedication: notes towards an ethnography of diplomats' wives". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 87-104.

_____ (1978): "Harems and overlords: biosocial models and the female". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 200-219.

Callaway, Helen (1978): "'The most esssentially female function of all': giving birth". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 163-185.

Cameron, D., e Coates, Jennifer (1989): "Some problems in the sociolinguistic explanation of sex differences". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 13-26.

Cameron, D. *et al.* (1989): "Lakoff in context: the social and linguistic functions of tag questions". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 74-93.

Cameron, D. (1989): "Introduction". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 3-12.

_____ (Ed.) (1990): *A Feminist Critique of Language*. London: Routledge.

_____ (1992): *Feminism and Linguistic Theory*. 2.ª Ed. New York: Palgrave.

_____ (1995ª): *Verbal Hygiene*. London: Routledge.

_____ (1995ᵇ): "Rethinking language and gender studies: some issues for the 1990s". In: Mills, Sara (Ed.): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London / New York: Longman: 31-44.

_____ (1996): "The language – gender interface: challenging co-optation". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 31-53.

_____ (1997ª): "Demythologyzing Sciolinguistics". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 55-67.

_____ (1997ᵇ): "Performing gender identity: young men's talk and the construction of heterossexual masculinity". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 47-64.

_____ (2002): "Dicotomias falsas: gramática e polaridade". In: Macedo, Ana Gabriela (Org.): *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo.* Lisboa: Edições Cotovia:125-142.

_____ (2003): "Gender and language ideologies". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender.* Oxford: Blackwell Publishing: 447-467.

_____ (2006): *On Language and Sexual Politics*. London / New York: Routledge.

_____ (2009): *Working with Spoken Discourse*. 2.ª Ed. London: Sage.

Cameron, D., e Kulic, D. (2009): *Language and Sexuality*. 7.ª Ed. Cambridge: Cambridge University Press.

Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.) (1998ª): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

_____ (1998ᵇ): "Prologue: recurring issues in sex differences and similarities in communication". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 1-17.

Cardoso, João Nuno Paixão Corrêa (1991): *Introdução ao Estudo da Variação Linguística*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

_____ (1998): "A ocorrência ou o apagamento do nexo prepositivo de em estruturas completivas: reflexões sobre alguns (des)usos na fala culta coimbrã". In: Earle, P. (Org. e Coord.): *Actas do Quinto Congresso Internacional de Lusitanistas, Tomo I*. Oxford / Coimbra: Imprensa de Coimbra: 71-80.

Carroll, Janet L., e Wolpe, Paul Root (1996): *Sexuality and Gender in Society*. New York: Harper Collins Publishers Inc.

Carvalho, J. Eduardo (2009): *Metodologia do Trabalho Científico*. 2.ª Ed. Lisboa: Escolar Editora.

Census 2011 (2011) = *Newsletter Census 2011*. Internet. Disponível em http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao#preliminares (consultado em 23 de setembro de 2011).

Chappel, Neena L. (1978): "The social process of learning sex roles: a sociological viewpoint". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 103-124.

Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.) (1998): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold.

Cheshire, Jenny (1998): "Linguistic variation and social function". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 29-41.

Chodorow, Nancy (1974): "Family structure and feminine personality". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 43- 66.

Chomsky, N. (1975): *Reflexões sobre a Linguagem*. Lisboa: Edições 70.

Christie, Christine (2000): *Gender and Language. Towards a Feminist Pragmatics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Cixous, Hélène (1983): *The Laugh of the Medusa – The Signs Reader: Women, Gender and Scholarship*. Chicago: The University of Chicago Press.

Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.) (1989): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman.

Coates, Jennifer (1986): *Women, Men and Language*. London: Longman.

_____ (1987): *Women, Men and Language: a sociolinguistic account of sex differences in language*. London / New York: Longman.

_____ (1989[a]): "Introduction". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 63-73.

_____ (1989[b]): "Gossip revisited: language in all-female groups". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 94-122.

_____ (1995): "Language, gender and career". In: Mills, Sara (Ed.): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives.* London / New York: Longman: 13-30.

_____ (1996): *Women Talk*. Oxford: Blackwell Publishers.

_____ (1997): "One-at-a-time: the organization of men's talk". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 107-129.

_____ (Ed.) (1998): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell.

_____ (2003): *Men Talk.* Oxford: Blackwell Publishers.

Coates, Jennifer, e Pichler, Pia (2011): *Language and Gender: A Reader*. 2.ª Ed. Oxford: Wiley-Blackwell.

Collier, Jane F., e Rosaldo, Michelle Z. (1981): "Politics and gender in simple societies". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 275-329.

Colwill, Nina Lee (1978): "The study of sex differences: research, perspectives and problems". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 1-23.

Colwill, Nina Lee, Conn, Judy, e Lips, Hilary M. (1978): "Wives and husbands, mothers and fathers". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 243-266.

Combes, Caroline, e Juillard, Danièle (2003): "Hommes – femmes: langues, pratiques et idéologies – Introduction". In: *Langage & Société 106*. Paris: Maison des sciences de l'Homme: 5-7.

Cook-Gumperz, Jenny (1995): "Reproducing the discourse of mothering: how gendered talk makes gendered lives". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self.* London: Routledge: 401-419.

Correia, João Carlos (2005): *Sociedade e Comunicação: Textos sobre Jornalismo e Identidade*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.

Correia, João da Silva (1927): *A Linguagem da Mulher*. Lisboa: Escola Normal Primária de Lisboa.

Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.) (1997): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.

Crabb, Larry (1993): *Men and Women*. Michigan: Zondervan Publishing House.

Crawford, M. (1995): *Talking Difference on Gender and Language*. London / Thousand Oaks / New Delphi: Sage Publications.

Crompton, Rosemary, Lewis, S., e Lyonette, C. (Eds.) (2007): *Women, Men, Work and Family in Europe.* New York: Palgrave MacMillan.

Cucchiari, Salvatore (1981): "The gender revolution and the transition from bisexual horde to patrilocal band: the origins of gender hierarchy". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 31-79.

Cunha, Maria José dos Santos (2009): *Investigação Científica*. S/l.: Ousadias.

Daileader, Celia R., Johnson, R., e Shabazz, A. (Eds.) (2007): *Women and Others: Perspectives on Race, Gender and Empire*. New York: Palgrave MacMillan.

Davis, Hayley (1997): "Gender, discourse and gender and discourse". In: *Language & Communication 17*. London: Pergamon: 353-357.

Dias, Luzia Schalkoski (s.d.): "Homem e Mulher - Estratégias Lingüísticas Diferentes?". Internet. Disponível em http://www.filologia.org.br/ixcnlf/17/13.htm (Consultado em 29 de maio de 2007).

Delbecque, Nicole (2008): *Linguística Cognitiva. Aprender como Funciona a Linguagem*. Trad. de Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget.

Deshaies, Bruno (1992): *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Trad. de Luísa Baptista. Lisboa: Instituto Piaget.

Deuchar, Margaret (1989): "A pragmatic account of women's use of standard speech". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 27-32.

Dohrmann, Elena (2007): *The Developing of Regressive and Matriarchal Structures in Opposition to a Patriarchal and Authoritative Society in 'The Clement Garden' by Ian McEwan*. Auflage: GRIN Verlag.

Doyle, Margaret (1995): *The A-Z of Non-Sexist Language*. London: The Women's Press Handbook Series.

Duarte, Carlos, Santos, Maria da Conceição, e Carapeto, Maria (2009): "A perspectiva do género nas políticas de remuneração como requisito do governo justo das sociedades". In: *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, v. 8, n.º 3. Internet. Disponível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S164544642009000300004&script=sci_arttext (consultado em 12 de agosto de 2011).

Duncan, Starkey, e Fiske, Donald W. (1977): *Face-to-face Interaction*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Eagly, Alice H. (1987): *Sex Differences in Social Behaviour: a social-role interpretation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

Eakins, Barbara Westbrook, e Eakins, R. Gene (1978): *Sex Differences in Communication*. Boston: Houghton Mifflin Company.

Eckert, Penelope (1997): "The Whole Woman: Sex and Gender. Differences in Variation". In: Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 212-228.

_____ (1998): "Gender and sociolinguistic variation". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 64-75.

_____ (2000): *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell Publishers.

_____ (2003): "Language and gender in adolescence". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 381-400.

Eckert, Penepole, e McConnel-Ginet, Sally (1995): "Constructing meaning, constructing selves: snapshots of language, gender, and class from Belten High". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 469-507.

_____ (2003): *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.

Edwards, John R. (1997): "Social Class Differences and the Identification of Sex in Children's Speech". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 284-290.

Ehrlich, Susan, e King, Ruth (1996): "Consensual sex and sexual harassment: negociating meaning". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 153-172.

_____ (1998): "Gender-based language reform and the (de)politicization of the lexicon". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 178-194.

_____ (2003): "Coercing gender: language in sexual assault adjudication processes". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 645-670.

Eisikovits, Edina (1998): "Girl-talk / Boy-talk: sex differences in adolescent speech". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 42-63.

Elgin, Suzette Haden (2000): *The Gentle Art of Verbal Self-defense at Work*. Paramus, New Jersey: Prentice Hall.

Eliot, Lise (2010): *Pink Brain, Blue Brain: How Small Differences Grow into Troublesome Gaps - and What We Can Do About It*. Boston / New York. Mariner Books.

Eller, Cynthia (2000): *The Myth of Matriarchal Prehistory*. Boston: Beacon Press.

_____ (2003): *Am I a Woman? A Skeptic's Guide to Gender*. Boston: Beacon Press.

_____ (2011): *Gentlemen and Amazons: the Myth of Matriarchal Prehistory, 1861-1900*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press.

Elshtain, Jean Bethke (1981): "Feminist discourse and its discontents: language, power and meaning". In: Keohane, Nannerl O., *et al.* (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 127-145.

Engle, Marianne (1980): "Family influences on the language development of young children". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men.* Oxford: Pergamon Press: 259-266.

Espírito-Santo, Ana, e Baum, Michael (s.d.): "A participação feminina em Portugal numa perspectiva longitudinal". In: *Actas dos Ateliers do V Congresso Português de Sociologia*. Internet. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d29527197_1.pdf (consultado em 12 de agosto de 2011).

Evans, M. (1994): *The Woman Question*. London: Sage Publications.

Fairclough, N. (1992): *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press.

_____ (1989): *Language and Power*. London / New York: Longman.

Fasold, Ralph W. (1990): *The sociolinguistics of language*. Oxford: Basil Blackwell.

Fausto-Sterling, Anne (1992): *Myths of Gender*. 2.ª Ed. New York: Basic Books.

Fernandes, Gonçalo (2010): "O princípio da cortesia em Português europeu". In: Iliescu, Maria, Siller-Runggaldier, Heidi M., e Danler, Paul (Eds): *Actes du XXVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes* (Innsbruck, 3 – 8 septembre 2007). Tomo V. Berlim: De Gruyter: 39-47.

Fichtelius, Anna, Johansson, Iréne, e Nordin, Kerstin (1980): "Three investigations of sex-associated speech variations in day school". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 219-225.

Fidalgo, António (2001): "O ensino do jornalismo no e para o século XXI". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf (consultado a 13 de fevereiro de 2012).

_____ (1996): "O consumo de informação. Interesse e curiosidade". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-interesse-curiosidade-informacao.pdf (consultado em 13 de fevereiro de 2012).

Fine, Cordelia (2010): *Delusions of Gender*. New York / London: W.W. Norton & Company.

Finguerman, Ariel (2004): "Afinal há uma escrita feminina". In: *Revista Única – Expresso*, 17 de fevereiro de 2004. Internet. Disponível em http://ecletico.blogspot.com/2004/02/afinal-h-uma-escrita-feminina.html (consultado em 11 de março de 2011).

Fishman, P. (1980): "Conversational insecurity". In: Giles, Robinson e Smith (Eds.): *Language: Social Psychological Perspectives*. Oxford: Pergamon Press: 127-132.

_____ (1983): "Interaction: The Work Women Do". In: Thorne, Barrie *et al*. (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 89-101.

_____ (1997): "Interaction: The Work Women Do". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 416-429.

Foster, Michèle (1995): ""Are you with me?": power and solidarity in the discourse of African American women". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 329-350.

Foucault, Michel (1972): *The Archaeology of Knowledge and the Discourse on Language*. New York: Pantheon.

_____ (1979): *The History of Sexua*lity. London: Allen Lane.

Freixo, Manuel João Vaz (2006): *Teorias e Modelos de Comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget.

_____ (2009): *Metodologia Científica – Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Freed, Alice F. (1996): "Language and gender research in an experimental setting". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 54-76.

_____ (2003): "Epilogue: reflections on language and gender research". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 699-721.

Freud, S. (1988): "Algumas consequências psíquicas da distinção anatómica entre os sexos". In: Strachey, J.: *O Ego e o Id e Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago: 301-320.

Gal, Susan (1995): "Language, gender and power". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 169-182.

_____ (1997): "Language Change and Sex Roles in a Bilingual Community". In: *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook.* London: Macmillan Press Ltd.: 376-390.

Gauntlet, David (2008): *Media, Gender and Identity: an Introduction*. 2.ª Ed. London / New York: Routledge.

Geis, Michael L. (1987): *The Language of Politics*. New York: Springer Verlag.

Gerbner, G. (1956): "Toward a General Model of Communication". In: *Audio Visual Communication Review*, 4: 171-199.

Giglioli, Pier Paolo (Ed.) (1972): *Language and Social Context*. Baltimore: Penguin Books.

Gill, Rosalind (2007): *Gender and the Media.* Cambridge / Malden: Polity Press.

Glass, Lillian (1993): *He Says, She Says: Closing the Communication Gap between the Sexes*. New York: Perigee Books.

Gleason, Jean Berko (1987): "Sex differences in parent-child interaction". In: U. Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 189-199.

Gleason, Jean Berko, e Greif, Esther Blank (1983): "Men's speech to young children". In: Thorne, B. *et al*. (Eds.): *Language, Gender and Society.* Rowley, MA: Newbury House: 140-150.

Gleason, Jean Berko, Perlmann, R. Y., Ely, D., e Evans, D. (1994): "The baby talk register: parents' use of diminutives". In: Sokolov, J. L., e Snow, C. E. (Eds.): *Handbook of Research in Language Development Using CHILDES*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum: 50-76.

Goffman, Erving (1971): *Relations in Public*. New York: Harper & Row.

_____ (1976): "Gender Advertisements". In: *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, 3: 69-154.

_____ (1979): *Gender Advertisements*. New York: Harper and Row Publishers.

_____ (1981): *Forms of Talk.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Goldsmith, Andrea E. (1980): "Notes on the tyrany of language usage". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 179-191.

Goldstein, Tara (1995): ""Nobody is talking bad": creating community and claiming power on the production lines". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 375-400.

Gonzales Velásquez, María Dolores (1995): "Sometimes Spanish, sometimes English: language use among rural New Mexican chicanas". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self.* London: Routledge: 421-446.

Goodwin, Marjorie Harness (2003): "The relevance of ethnicity, class, and gender in children's peer negotiations". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 229-251.

Goodwin, Marjorie Harness, e Goodwin, Charles (1987): "Children's arguing". In: U. Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 200-248.

Gouveia, Carlos A. M. (2005): "Assumptions about gender, power and opportunity: gays and lesbians as discursive subjects in a Portuguese newspaper". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 229-250.

Graddol, David, e Swann, Joan (1989): *Gender Voices*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers.

Gradim, Anabela (2000): *Manual de Jornalismo. Livro de Estilo do Urbi et Orbi*. Covilhã: UBI, Libros Labcom. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf (consultado a 1 de março de 2012).

_____ (2007): *Comunicação e Ética. O Sistema Semiótico de Charles S. Pierce*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.

Graham, Alma (1975): "The making of a nonsexist dictionary". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 57-63.

Gray, John (1992): *Men are from Mars, Women Are from Venus*. New York: Harper Collins.

Greif, E. B. (1980): "Sex differences in parent-child conversations". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 253-258.

Greenwood, Alice (1996): "Floor management and power strategies in adolescent conversation". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 77-97.

Gumperz, John J., e Hymes, Dell (Eds.) (1972): *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart &Winston.

Gumperz, John J. (Ed.) (1982): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press.

Gumperz, John J., e Cook-Gumperz, Jenny (1982): "Introduction: language and the communication of social identity". In: Gumperz, John J. (Ed.): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 1-21.

Hall, Judith A. (1990): *Nonverbal Sex Differences*. Baltimore / London: The Johns Hopkins University Press.

_____ (1998): "How big are nonverbal sex differences? The case of smiling and sensitivity to nonverbal cues". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 155-177.

Hall, Kira (1995): "Lip servisse on the fantasy lines". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 183-216.

_____ (2003): "Exceptional speakers: contested and problematized gender identities". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 353-380.

Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.) (1995[a]): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge.

_____ (1995[b]): "Introduction: Twenty Years after *Language and Women's Place*". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 1- 22.

Hall, Kira, e O'Donovan (1996): "Shifting gender positions among Hindi-speaking hijras". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 228-266.

Harrington, Kate, Litosseliti, Lia, Sauntson, Helen, e Sunderland, Jane (Eds.) (2008): *Gender and Language Research*. New York: Palgrave Macmillan.

Harris, Randy Allen (1993): *The Linguistics Wars*. New York / Oxford: Oxford University Press.

Hartley, Catherine Gasquoine (2010): *The Position of Woman in Primitive Society: a Study of Matriarchy*. Memphis, Tennessee: General Books LLC.

Hastrup, Kirsten (1978): "The semantics of biology: virginity". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 49-65.

Haverkate, Henk (1994): *La Cortesía Verbal*. Madrid: Editorial Gredos.

Hellinger, Marlis (1980): "'For men must work and women must weep': sexism in English language textbooks used in German schools". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 267-275.

Henley, Nancy M. (1975): "Power, Sex, and nonverbal communication". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 184-203.

Héritier, Françoise (1996): *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.

_____ (2002): *Masculino/Feminino: dissolver a hierarquia*. Lisboa: Instituto Piaget.

Herring, Susan C. (2003): "Gender and power in on-line communication". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 202-228.

Herring, Susan, Johnson, Deborah A., e Di Benedetto, Tamara (1995): ""This discussion is going too far!" Male resistance to female participation on the internet". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 67-96.

Hess, Beth, e Ferree, Martha Marx (Eds.) (1987): *Analyzing Gender: a handbook of social science research*. Newbury Park, CA: Sage.

Hirschon, Renée (1978): "Open body / closed space: the transformation of female sexuality". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 66-88.

Hoagland, Sarah Lucia (1980): "Androcentric rhetoric in sociobiology". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 28-293.

Holmes, Janet (1984): "Hedging your bets and sitting on the fence: some evidence for hedges as support structures". In: *Te Reo*, 27: 47-62.

_____ (1988): "Paying compliments: a sex-preferential positive politeness strategy". In: *Journal of Pragmatics*, 12: 445-465.

_____ (1989): "Sex differences and apologies: one aspect of communicative competence. In: *Applied Linguistics*, 10: 194-213.

_____ (1993): "Women's talk: the question of sociolinguistic universals". In: *Australian Journal of Communication* 20, 3.

_____ (1995): *Women, Men and Politeness*. London / New York: Longman.

_____ (1998): "Compliment – a positive politeness strategy". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 100-120.

_____ (2005): "Power and discourse at work: is gender relevant?". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 31-60.

Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.) (2003[a]): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing.

Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (2003[b]): "Different voices, different views: an introduction to current research in language and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 1-17.

Holmes, Janet, e Stubbe, Maria (2003): "'Feminine' wokplaces: stereotype and reality". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 573-599.

Hota, Sobhan R., Argamon, Shlomo, Koppel, Moshe, e Zigdon, Iris (2006): "Performing gender: automatic stylistic analysis of Shakespeare characters". Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31 de março de 2011).

Houdebine-Gravaud, Anne-Marie (2003): "Trente ans de recherché sur la différence sexuelle, ou le langage des femmes et la sexualité dans la langue, les discours, les images". In. *Langage & Société* 106. Paris: Maison des Sciences de l'Homme: 33-61.

Humphrey, Caroline (1978): "Women, taboo and the suppression of attention". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 89-108.

Hurtig, M. C., e Pichevin, M. F. (1986): *La Différence des Sexes*. Paris: Éditions Tierce.

Hymes, D. (1971): "On communicative competence". In: Bride, J. B., e Holmes, J. (Eds.): *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books: 269-293.

Ifeka-Moller, Caroline (1975): "Female militancy and colonial revolt". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 127-157.

Inman, Chris (1996): "Friendships among men: closeness in the doing". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 95-110.

Jakobson, R. (1960): "Closing statement: linguistics and poetics". In: Sebeok, T. (Ed.): *Style and Language*. Cambridge: MIT Press.

James, Deborah, e Clarke, Sandra (1993): "Women, men and interrutions: a critical review". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 231-280.

James, Deborah (1996): "Women, men and prestige speech forms: a critical review". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 98-125.

Janssen-Jurreit, Marielouise (1982): *Sexism: the Male Monopoly of History and Thought*. Trad. por Nern Moberg. London: Pluto Press.

Jeanneney, Jean-Noel (2003): *Uma História da Comunicação Social*. 2.ª Ed. Lisboa: Terramar.

Jespersen, Otto (1922): *Language: Its Nature, Development and Origin*. London: George Allen and Unwin Lda.

Johnson, Fern L. (1996): "Friendships among women: closeness in dialogue". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 79-94.

Johnson, Fern L., e Aries, Elizabeth J. (1998): "The talk of women friends". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 215-225.

Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.) (1997): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers.

Johnson, Sally (1997): "Theorizing language and masculinity: a feminist perspective". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 8-26.

Johnson, Sally, e Finlay, Frank (1997): "Do men gossip? An analysis of football talk on televison". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 130-143.

Jones, D. (1980): "Gossip: notes on women's oral culture". In: Kramarae, Cheris (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 193-198.

Jørgensen, Marianne, e Phillips, Louise (2002): *Discourse Analysis as Theory and Method*. London: Sage Publications Lda.

Josephson, Wendy L., e Colwill, Nina Lee (1978): "Males, females, and aggression". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 197-223.

Jule, Allyson (2008): *A Beginner's Guide to Language and Gender*. Clevedon / Buffalo / Toronto: Multilingual Matters Ltd.

Kaplan, Temma (1981): "Female consciousness and collective action: the case of Barcelona". In: Keohane, Nannerl O. *et al.* (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 55-76.

Kemmler, Rolf, Assunção, Carlos, e Fernandes, Gonçalo (2010): "A primeira gramática portuguesa para o ensino feminino em Portugal (Lisboa, 1786)". In: *Diacrítica: Série Ciências da Linguagem* 24, 1: 373-393.

Kendall, Shari (2003): "Creating gendered demeanors of authority at work and at home". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 600-623.

Keohane, Nannerl O., Rosaldo, Michelle Z., e Gelpi, Barbara C. (Eds.) (1981): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press.

Key, Marie Ritchie (1996): *Male / Female Language*. 2.ª Ed. Lanhan, Maryland / London: Scarecrow Press.

Kiesling, Scott Fabius (1997): "Power and the language of men". In: Johnson, Sally, e Meinhof, Ulrike Hanna (Eds.): *Language and Masculinity*. Oxford / Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers: 65-85.

_____ (2003): "Prestige, cultural models, and other ways of talking about underlying norms and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 509-527.

King, Ruth (Ed.) (1991): *Talking Gender. A Guide to Nonsexist Communication*. Ontario: Copp Clark Pitman Lda.

Kohlberg, L. (1966): "A cognitive-developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In: Maccoby, E. (Ed.): *The Development of Sex Differences*. Standford, C.A.: Standford University Press: 83-173.

Koppel, Moshe, Argamon, Shlomo, e Shimoni, Anat Rachel (2003): "Automatically categorizing written texts by author gender". In: *Literary and Linguistic Computing 17*: 401-412. Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31 de março de 2011).

_____ (2011): "The Responsa Project: some promising future directions". Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31de março de 2011).

Kramer, Cheris (1975): "Women's speech: separate but unequal?". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 43-56.

Kramer, Laura (2005): *The Sociology of Gender. A Brief Introduction*. 2.ª Ed. Los Angeles, California: Roxbury Publishing Company.

Kramarae, Cheris (Ed.) (1980): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press.

_____ (1981): *Women and Men Speaking*. Rowley, MA: Newbury House.

_____ (1996): "Classified information: race, class, and (always) gender". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 20-38.

Kristeva, Julia (1980): *Desire in Language*. New York: Columbia University Press.

_____ (1981): "Women's time". In: Keohane, Nannerl O. *et al.* (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 31-53.

Kuiper, Koenraad (1998): "Sporting Formulae in New Zealand English: Two Models of Male Solidarity". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 285-293.

Kulick, Don (2003): "Language and desire". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 119-141.

Kunkel, Adrianne W., e Burleson, Brant R. (1998): "Social support and the emotional lives of men and women: an assessment of the different cultures perspective". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 101-125.

Labov, W. (1972): *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

_____ (1984): *The Intersection of Sex and Social factors in the Course of Language Change*. Paper presented at NWAVE; Philadelphia.

_____ (1998): "The intersection of sex and social class in the course of linguistic change". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 7-52.

Lakoff, Robin T. (1975): *Language and Woman's Place*. New York: Harper and Row.

_____ (1990): *Talking Power. The Politics of Language*. New York: Basic Books.

_____ (1995): "Cries and whispers: the shattering of silence". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 25-50.

_____ (2000): *The Language War*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press.

_____ (2003): "Language, gender, and politics putting "women" and "power" in the same sentence". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 161-178.

Lancaster, Roger N., e Leonardo, Micaela di (Eds.) (1997): *The Gender / Sexuality Reader*. New York / London: Routledge.

Lapa, M. Rodrigues (1945): *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova.

Larsson, Lisbeth (1980): "Women's reading". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 277-283.

Lasswell, H. D. (1948): "The structure and function of communications in society". In: Bryson, L. (Ed.): *The Communication of Ideas*. New York: Institute for Religious and Social Studies.

Lazar, M. (2002): "Consuming personal relationships: the achievement of feminine self-identity through other-centered". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 111-128.

_____ (Ed.) (2005): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan.

_____ (2005ª): "Performing state fatherhood: the remaking of hegemony". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 139-163.

_____ (2005[b]): "Politicizing gender in discourse: feminist critical discourse analysis as political perspective and praxis". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 1-28.

Leap, William L. (2003): "Language and gendered modernity". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 401-422.

Leibl, Marianna (1961): *Psicologia de la Mujer*. Buenos Aires: Editorial Psique.

Lempen, Blaise (1980): *Information et Pouvoir. Essais sur le sens de l'information et son enjeu politique*. Lausanne: Éditions L'Age de l'Homme.

Lessard-Hébert, Michelle, Goyette, Gabriel, e Boutin, Gérald (2008): *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*. 3.ª Ed. Lisboa: Instituto Piaget.

Levinson, Stephen C. (1983): *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lewis, Michael, e Rosenblum, Leonard A. (Eds.) (1977): *Interaction, Conversation and the Development of Language*. New York: John Wiley and Sons.

Lips, Hilary M. (1988): *Sex & Gender: an introduction*. Mountain View, California: Mayfield Publishing Company.

_____ (1978[a]): "Theories about female and male nature". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 25-49.

_____ (1978[b]): "Sexual differentiation and gender identity". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 51-79.

_____ (1978[c]): "Hormones, cycles, and the adult experience". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 81-101.

_____ (1978[d]): "The ladder of success: sex differences in achievement". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 173-196.

Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.) (1978[a]): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall.

Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (1978[b]): "Masculinity, feminity and androgyny: what have you done for us lately". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 125-144.

_____ (1978c): "The paradox of power". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 225-242.

Lips, Hilary M., Myers, Anita, e Colwill, Nina Lee (1978): "Sex differences in ability: do men and women have different strengths and weaknesses?". In: Lips, Hilary M., e Colwill, Nina Lee (Eds.): *The Psychology of Sex Differences*. London / Sidney / Toronto / New Delhi / Tokyo / Singapore / New Zealand: Prentice Hall: 145-171.

Litosseliti, Lia (2002): "Head to Head': gendered repertories in newspapers arguments". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 129-148.

Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.) (2002): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Livia, Anna (1995): "I ought to throw a Buick at you": fictional representations of butch/femme speech". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 245-277.

_____ (2003): "'One man in two is a woman': linguistic approaches to gender in literary texts". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 142-158.

Llewelyn-Davies, Melissa (1981): "Women, warriors, and patriarchs". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 330-358.

Lopes, Felisbela (2007): "Homens públicos, mulheres privadas – a presença da mulher na informação televisiva". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-felisbela-homens-publicos-mulheres-privadas-2007.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Loureiro, Marlene (2007): *Nova Visão do Ideário Linguístico de Ferdinand de Sausure*. Dissertação de Mestrado. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

_____ (2008): "Charles Bally: um discípulo da estilística saussureana?". In: *Revista de Letras*, N.º 7 de 2008. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 65-74.

_____ (2009): "Diferenças de linguagem entre a mulher e o homem, segundo João da Silva Correia (1927)". In: *Revista de Letras*, N.º 8 de 2009. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 365-375.

_____ (2010): "Discursos masculino e feminino em textos de opinião nos media portugueses". In: Casanova Herrero, Emili, e Cesáreo Calvo Rigual, Cesáreo (eds.): *Atas do XXVIé CILFR Congrés Internacional de Lingüística i de Filologia Romàniques:* 3385 – 3396.

_____ (2011): "O género e a cortesia: diferenças entre homens e mulheres em português europeu". In: *Revista de Letras*, N.º 9 de 2010. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: 347-358.

_____ (2012): "Diferencias discursivas de género en textos de opinión". In Suárez Viegas, Juan Carlos, Liberia Vayá, Irene, e Zurbano Berenguer, Belén (Eds.): *Libro de Actas do I Congreso Internacional de Comunicación y Género*, Vols. I e II. CD-ROM. ISBN 978-84-676-79564. Sevilla: Editorial Mad S.L.: 900-909.

_____ (2012): *O Género e a Comunicação Social. A Opinião escrita e Radiofónica*. Tese de Doutoramento. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

Maccoby, Eleanor E. (2003): *The Two Sexes.* Massachusetts: Harvard University Press.

Maccoby, Eleanor E., e Jacklin, Carol N. (1974): *The Psychology of Sex Differences*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Macdonald, Myra (1995): *Representing Women. Myths of Feminity in the Popular Media*. London / New York / Sydney / Auckland: Edward Arnold.

Macdonald, Sharon, Holden, Pat, e Ardener, Shirley (Eds.) (1987): *Images of Women in Peace and War: Cross-Cultural and Historical Perspective*s. London: Macmillan Press Ltd.

Macedo, Ana Gabriela (Org.) (2002): *Género, Identidade e Desejo. Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia.

Maciel, Diana (2010): "Género na sociologia portuguesa". In: *CIES e-Working Papers*. Lisboa: ISCTE.

Mackay, Donald G. (1983): "Prescriptive grammar and the pronoun problem". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society.* Rowley, MA: Newbury House Publishers: 38-53.

Mackay, Donald G., e Konishi, Toshi (1980): "Personification and the pronoun problem". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 149-163.

Magalhães, Izabel (2005): "Interdiscursity, gender identity and the politics of literacy in Brazil". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 181-204.

Maltz, Daniel N., e Broker, Ruth A. (1982): "A cultural approach to male-female miscommunication". In: Gumperz, John J. (Ed.): *Language and Social Identity*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 196-216.

Marques, António Manuel (2009): "Género e mudanças tecnológicas: o caso das indústicas gráficas". In: *Ex Aequo*, n.º 20: 143-157.

Martin-Lagardette, Jean-Luc (1998): *Manual da Escrita Jornalística*. Lisboa: Pergaminho.

Martín Rojo, Luisa, e Gómez Esteban, Concepción (2005): "The gender of power: the female style in labour organizations". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 61-89.

Martyna, Wendy (1980): "Teaching about language and the sexes". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 295-303.

_____ (1983): "Beyond the he/man approach: the case for non-sexist language". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society.* Rowley, MA: Newbury House Publishers: 25-37.

Mayo, Clara, e Henley, Nancy M. (Eds.) (1981): *Gender and Nonverbal Behaviour*. New York: Springer-Verlag.

McConnell-Ginet, Sally (1983): "Intonation in man's world". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 69-88.

_____ (2003): "'What's in a name?' Social labeling and gender practices". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 69-97.

McConnell-Ginet, Sally, Borker, Ruth, e Furman, Nelly (Eds.) (1980): *Women and Language in Literature and Society*. New York: Praeger.

McElhinny, Bonnie S. (1995): "Challenging hegemonic masculinities: female and male police officers handling domestic violence". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 217-243.

_____ (2003): "Theorizing gender in Sociolinguistics and Linguistic Anthropology". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 21-42.

McKeever, Walter F. (1987): "Cerebral organization and sex: interesting but complex". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 268-277.

McMillan, Lesley (2007): *Feminists Organising against Gendered Violence*. New York: Palgrave MacMillan.

McQuail, Denis (2003): *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

McRobbie, Ângela (2009): *The Aftermath of Feminism. Gender, Culture and Social Change.* Los Angeles / London / New Delhi / Singapore / Washington DC: Sage Publications.

Mendoza-Denton, Norma (1995): "Pregnant pause: silence and authority in the Anita Hill-Clarence Thomas hearings". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 51-66.

Meyerhoff, Miriam (1996): "Dealing with gender identity as a sociolinguistic variable". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 202-227.

_____ (2003): "Claiming a place: gender, knowledge, and authority as emergent properties". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 302-326.

Meyers, Marian (Ed.) (1999ª): *Mediated Women. Representations in Popular Culture*. Cresskill, NJ: Hampton Press.

Meyers, Marian (1999ᵇ): "Fracturing women". In: Meyers, Marian (Ed.): *Mediated Women. Representations in Popular Culture*. Cresskill, NJ: Hampton Press: 3-22.

Midões. Miguel (2008): "Comunicação homem – mulher: Guerra ou diálogo". Internet. Disponível em www.bocc.ubi.pt (consultado em 27 de maio de 2011).

Mill, John Stuart (1986): *The Subjection of Women*. New York: Prometheus Books.

Miller, Casey, e Swift, Kate (1976): *Words and Women*. New York: Anchor Press.

_____ (1989): *The Handbook of Non-Sexist Writing*. London: The Women's Press.

Miller, Stuart (1983): *Men and Friendship*. Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, Inc.

Mills, Sara (Ed.) (1995): *Language and Gender: Interdisciplinary Perspectives*. London / New York: Longman.

_____ (2002): "Rethinking politeness, impoliteness and gender identity". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 69-89.

_____ (2003): *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2008): *Language and Sexism*. Cambridge: Cambridge University Press.

Milroy, James, e Milroy, Lesley (1998): "Mechanisms of change in urban dialects: the role of class, social network and gender". In: Trudgill, Peter, e Cheshire, Jenny (Eds.): *The Sociolinguistics Reader, Volume1: Variation and Multilingualism*. London: Arnold: 179-195.

Mitchell, Juliet (1975): *Psychoanalysis and Feminism*. New York: Vintage Books.

Moir, Anne, e Jessel, David (1992): *Brain Sex. The Real Difference between Men and Women*. New York: Delta Books.

Montagu, Ashley (1999): *The Natural Superiority of Women*. 5.ª Ed. Walnut Creek / Lanham / New York / Oxford: Altamira Press.

Monteiro, Ana Cristina, Caetano, Joaquim, Marques, Humberto, e Lourenço, João (2006): *Fundamentos de Comunicação*. Lisboa: Ed. Sílabo.

Monteiro, Nuno Gonçalo (2008): "Os nomes de família em Portugal: uma breve perspectiva histórica". In: Etnográfica 12: 45-58. Internet. Disponível em www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v12n1/v12n1a03.pdf (consultado em 18 de agosto de 2011).

Moonwomon, Birch (1995): "The writing on the wall: a border case of race and gender". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 447-467.

Moscato, Michel, e Wittwer, Jacques (1982): *A Psicologia da Linguagem*. Trad. de Fernando Melro. Lisboa: Editorial Inquérito.

Mota-Ribeiro, Silvana (2005): "Retratos de mulher: um estudo das imagens visuais e sociais do feminino". In: *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, Vol. III: 657-666. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Mota-Ribeiro, Silvana, e Pinto-Coelho, Zara (2005): "Imagens das mulheres na imprensa portuguesa". In: *Livro de Actas – 4.º SOPCOM*: 977-989. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-coelho-imagens-mulheres-imprensa-portuguesa.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Mulac, Anthony (1998): "The gender-linked language effect: do language differences really make a difference?". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 127-153.

Murphy, Bren Ortega, e Zorn, Ted (1996): "Gendered interaction in professional relationships". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 213-232.

Nadelson, Leslee (1981): "Pigs, women, and the men's house in Amazonia: an analysis of six Mundurucú myths". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 240-272.

Nanda, Serena (2000): *Gender Diversity: Crosscultural Variations*. Long Grove: Waveland Press.

Natalle, Elizabeth J. (1996): Gendered issues in the workplace". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 253-274.

Neveu, Érik (2005). *Sociologia do Jornalismo.* 2.ª Ed. Porto: Porto Editora.

Newcombe, Freda, e Ratcliff, Graham (1978): "The female brain: a neuropsychological viewpoint". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 186-199.

Newcomb, T. (1953): "An approach to the study of communication acts". In: *Psychological Review*, n.º 60: 393-400.

Nichols, Patricia C. (1983): "Linguistic options and choices for black women in the rural south". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 54-68.

Nicolson, P. (1995): *Gender, Power and Organization*. London: Routledge.

Nogueira, Conceição (2001): *Um Novo Olhar sobre as Relações Sociais de Género: Feminismo e Perspectivas Críticas na Psicologia Social*. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

O'Barr, William M., e Atkins, Bowman K. (1998): "'Women's Language' or 'Powerless Language'?". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 377-387.

Obler, Loraine K., e Gjerlow, Kris (1999): *A Linguagem e o Cérebro*. Trad. de Ana André. Lisboa: Instituto Piaget.

O'Brien, Mary (1981): "Feminist theory and dialectical logic". In: Keohane, Nannerl O. *et al.* (Eds.): *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago / London: The University of Chicago Press: 99-112.

Ochs, Elinor (1998): "La universalidad de los postulados conversacionales". In: Julio, M. T., e Muñoz, R. (Eds): *Textos Clásicos de Pragmática*. Madrid: Arco Libros: 125-144.

Ochs, Elinor, e Taylor, Carolyn (1995): "The "father knows best" dynamic in dinnertime narratives". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 97-120.

O'Connor, Pat (1992): *Friendships between Women*. New York / London / Toronto / Sydney / Tokyo / Singapore: Harvester Wheatsheaf.

Okamoto, Shigeko (1995): ""Tasteless" Japanese: less "feminine"speech among young Japanese women". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 297-325.

O'Keeffe, Anne (2006): *Investigating Media Discourse*. London / New York: Routledge.

Okely, Judith (1975): "Gipsy women: models in conflict". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 55-86.

_____ (1978): "Privileged, schooled and finished: boarding education for girls". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Defining Females: The Nature of Women in Society*. London: Croom Helm Ltd.: 109-139.

Oliveira, Fernão de (2000): *Gramática da Linguagem Portuguesa*. Edição Crítica, Semidiplomática e Anastática. Org. Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

Ortner, Sherry B. (1974): "Is female to male as nature is to culture?". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 67-87.

_____ (1981): "Gender and sexuality in hierarchical societies: the case of Polynesia and some comparative implications". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 359-409.

Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.) (1981ª): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press.

_____ (1981[b]): "Introduction: accounting for sexual meanings". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 1-27.

Pauwels, Anne (2003): "Linguistic sexism and feminist linguistic activism". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 550-570.

Pease, Allan, e Pease, Barbara (2004): *Why Men Can Only Do One Thing at a Time… and Women Never Stop Talking*. 8.ª Ed. London: Orion Books.

_____ (2006): *Porque É que os Homens Mentem e as Mulheres Choram*. 3.ª Ed. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Philips, Susan U. (1987[a]): "Introduction: the interaction of social and biological processes in women's and men's speech". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 1-11.

_____ (1987[b]): "Introduction". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 15-25.

_____ (2003): "The power of gender. Ideologies in discourse". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 252-276.

Philips, Susan U., e Reynolds, Anne (1987): "The interaction of variable sintax and discourse structure in women's and men's speech". In: Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 71-94.

Philips, Susan U., Steele, Susan, e Tanz, Christine (Eds.) (1987): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

Pierson, Ruth Roach (1987): "'Did your mother wear army boots?' Feminist theory and women's relation to war, peace and revolution". In: Macdonald, Sharon *et al.* (Eds.): *Images of Women in Peace and War: Cross-Cultural and Historical Perspective*s. London: Macmillan Press Ltd.: 205-227.

Pinker, Susan (2008): *The Sexual Paradox: Men, Women, and the Real Gender Gap*. New York: Scribner.

Pinto-Coelho, Zara, e Mota-Ribeiro, Silvana (2005): "O acesso das mulheres ao discurso da imprensa portuguesa". In: *Livro de Actas – 4.º SOPCOM*: 1941-1951. Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/coelho-ribeiro-acesso-mulheres-discurso-imprensa-portuguesa.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Polanyi, Livia, e Strassmann, Diana (1996): "Storytellers and gatekeepers in economics". In: Bergvall, Victoria L. *et al.* (Eds.): *Rethinking Language and Gender Research: Theory and Practice*. London / New York: Longman: 126-152.

Poole, Fitz, John Porter (1981): "Transforming 'natural' woman: female ritual leaders and gender ideology among Bimin-Kuskusmin". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 116-165.

Pooley, Tim (2003): "La differentiation hommes – femmes dans la pratique des langues régionales de France". In: *Language & Société* 106. Paris: Maison des Sciences de l'Homme: 9-31.

Pos, Robert (2006): *The Gender Beyond Sex: Two Distinct Ways of Living in Time.* Victoria, Canada: Trafford Publishing.

Queirós, Bárbara (1999): *O Livro das Boas Maneiras*. Lisboa: Editorial Estampa.

Rego, Arménio (2007): *Comunicação Pessoal e Organizacional*. Lisboa: Ed. Sílabo.

Rei, José Esteves (1998): *Retórica e Sociedade*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

_____ (2000[a]): *Curso de Redacção I – A Frase*. Porto: Porto Editora.

_____ (2000[b]): *Curso de Redacção II – O Texto*. Porto: Porto Editora.

Reis, Harry T. (1998): "Gender differences in intimacy and related behaviors: context and process". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 203-231.

Reiter, Rayna (Ed.) (1975): *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press.

Remlinger, Kathryn A. (2005): "Negotiating the classroom floor: negotiating ideologies of gender and sexuality". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 114-138.

Renzetti, Claire M., e Curran, Daniel J. (1995): *Women, Men, and Society*. 3.ª Ed. S/L: Allyn and Bacon.

Rhoads, Steven E. (2004): *Taking Sex Differences Seriously*. S. Francisco: Encounter Books.

Robbins, Stephen P. (2005): *Comportamento Organizacional*. 11.ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Rodrigues, Isabel Maria Galhano (1998): *Sinais Conversacionais de Alternância de Vez*. Porto: Granito Editores e Livreiros.

Rodrigues, Paula (2003): *Questões de Género na Infância*. Lisboa: Piaget.

Romaine, Suzanne (1999): *Communicating Gender*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

_____ (2003): "Variation in language and gender". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 98-118.

Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.) (1974[a]): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press.

_____ (1974[b]): "Introduction". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 1-15.

Rosaldo, M. Zimbalist (1974): "Women, Culture, and Society: a theoretical overview". In: Rosaldo, M. Zimbalist, e Lamphere, Louise (Eds.): *Woman, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press: 17-42.

Rosental, Claude, e Frémontier-Murphy, Camille (2001*): Introdução aos Métodos Quantitativos em Ciências Humanas e Sociais.* Trad. de José Luís Godinho. Lisboa: Instituto Piaget.

Rowbothan, Sheila (1973): *Woman's Consciousness, Man's World*. Middlesex: Penguin Books.

Sachs, Jacqueline (1975): "Cues to the identification of sex in children's speech". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 152-171.

_____ (1987): "Preschool boys' and girls' language use in pretend play". In: U. Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 178-188.

Salgado, Plínio (1946): *A Mulher no Século XX*. Porto: Livraria Tavares Martins.

Sanday, Peggy Reeves (2002): *Women at the Center. Life in a Modern Matriarchy*. Ithaca / London: Cornell University Press.

Sanson, Helena (2011): *Women, Language and Grammar in Italy, 1500 – 1900*. Oxford: Oxford University Press.

Sapir, Edward (1968): "Abnormal types of speech in Nootka". In: Mandelbaum, David G. (Ed.): *Selected Writings of Edward Sapir: in language, culture and personality*. Berkeley: University of California Press: 179-196.

Sattel, Jack W. (1983): "Men, inexpressiveness, and power". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 118-124.

Saussure, Ferdinand de (2005): *Cours de linguistique générale* (publié par Charles Bally et Albert Séchehaye avec la collaboration de Albert Riedlinger). 5.ª Ed. Paris: Payot.

Schenkein, Jim (Ed.) (1978): *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press.

Schler, Jonathan, Koppel, Moshe, Argamon, Shlomo, e Pennebaker, James (2006): "Effects of age and gender on blogging". Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31de março de 2011).

Schramm, W. (1954): *The Process and Effects of Mass Communication*. Urbana: University of Illinois Press.

Schulz, Muriel R. (1975): "The semantic derogation of woman". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 64-75.

Scott, Kathryn P. (1980): "Perceptions of communication competence: what's good for the goose is not good for the gander". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 199-208.

Serra, Joaquim Paulo (2008): *Manual de Teoria da Comunicação*. Covilhã: UBI, Libros Labcom.

Severo, Cristine Gorski (s.d.): *O Papel do Género / Sexo nos Estudos Sociolinguísticos de Variação/Mudança*. Internet. Disponível em http://www.cefetpr.br/deptos/dacex/8cristine.htm (Consultado em 29 de maio de 2007).

Shannon, C., e Weaver, W. (1949): *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press.

Shaw, Alison, e Ardener, Shirley (Eds.) (2005): *Changing Sex and Bending Gender*. New York / Oxford: Berghahn Books.

Shaw, Alison (2005): "Changing sex and bending gender: an introduction". In: Shaw, Alison, e Ardener, Shirley (Eds.): *Changing Sex and Bending Gender*. New York / Oxford: Berghahn Books: 1-19.

Sheldon, Amy (1993): "Pickle Fights: Gendered Talk in Preschool Disputes". In: Tannen, Deborah (Ed.): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press: 83-109.

Sheldon, Amy, e Johnson, Diane (1998): "Preschool negotiators: linguistic differences in how girls and boys regulate the expression of dissent in same-sex groups". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 76-98.

Sherzer, Joel (1987): "A diversity of voices: men's and women's speech in ethnographic perspetive". In: U. Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 95-120.

Shlesinger, Miriam *et al*. (2009): "Markers of translator gender: do they really mater?". Internet. Disponível em http://u.cs.biu.ac.il/~koppel/Publications.html (consultado em 31de março de 2011).

Shore, Bradd (1981): "Sexuality and gender in Samoa: conceptions and missed conceptions". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 192-215.

Shotter, J. (1993): *Conversational Realities*. London: Sage.

Showalter, Elaine (Ed.) (1989[a]): *Speaking of Gender*. New York / London: Routledge.

_____ (1989[b]): "Introduction: the rise of gender". In: Showalter, Elaine (Ed.): *Speaking of Gender*. New York / London: Routledge: 1-13.

Shucard, David W., Shucard, Janet L., e Thomas, David G. (1987): "Sex differences in the patterns of sclap-recorded electrophysiological activity in infancy: possible implications for language development". In: U. Philips, Susan U. *et al.* (Eds.): *Language, Gender, and Sex in Comparative Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press: 278-295.

Sidnell, Jack (2003): "Constructing and managing male exclusivity in talk-in-interaction". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 327-352.

Silva, Adriana Thiara de Oliveira (2004): "A comunicação dos amantes. O processo de comunicação entre homens e mulheres na busca por um encontro existencial". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-adriana-thiara-comunicacao-dos-amantes.pdf (consultado em 4 de fevereiro de 2012).

Silva, Manuela (1999): *A Igualdade de Género. Caminhos e Atalhos para uma Sociedade Inclusiva*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.

Silva, Maria Regina Tavares da (1992): *Feminismo em Portugal na Voz de Mulheres Escritoras do Início do Século XX*. 2.ª Ed. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres / Ministério do Emprego e da Segurança Social.

Silveira, Jeanette (1980): "Generic masculine words and thinking". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 165-178.

Silveirinha, Maria João (1997): "O discurso feminista e os estudos dos media: em busca da ligação necessária". Internet. Disponível em http://www.bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-maria-joao-discurso.pdf (consultado em 1 de março de 2012).

_____ (Org.) (2004): *As Mulheres e os Media*. Lisboa: Livros Horizonte.

Simkins-Bullock, J. A., e Wildman, B. G. (1991): "An investigation into the relationship between gender and language". In: *Sex Roles* 24.

Smith, Philip M. (1985): *Language, the Sexes and Society*. Oxford: Basil Blackwell.

Sopeña-Bolardi, Emma (2004): "Género y cortesía en *Chocolat*: una manifestación de confluencia". In: *Pragmática Sociocultural: estúdios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.

Sousa, Jorge Pedro (2006): *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Spender, Dale (2001): *Man Made Language*. 3.ª Ed. London / New York / Sidney: Pandora.

Spinelli, Elsa, e Ferrand, Ludovic (2005): *Psicologia da Linguagem. O Escrito e o Falado. Do Sinal à Significação*. Trad. de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget.

Spivak, G. C. (1988): *In Other Worlds*. London: Routledge.

Stanley, Júlia Penepole, e Wolfe, Susan J. (1983): "Consciousness as style; style as aesthetic". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 125-139.

Stanley, Maureen Tobin, e Zinn, Gesa (Eds.) (2007): *Female Exiles in Twentieth and Twenty-first Century Europe*. New York: Palgrave Macmillan.

Stocks, Janet, Díaz-Martínez, C., e Halleröd, B. (Eds.) (2007): *Modern Couples Sharing Money, Sharing Life*. New York: Palgrave Macmillan.

Strathern, Marilyn (1981): "Self-interest and the social good: some implications of gender imagery". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 166-191.

Sudnow, David (Ed.) (1972): *Studies in Social Interaction*. New York: The Free Press.

Sunderland, Jane (2002): "Baby entertainer, bumbling assistant and line manager: discourses of paternal identity in parentcraft texts". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 293-324.

_____ (2004): *Gendered Discourses*. New Yok: Palgrave Macmillan.

_____ (2006): *Language and Gender: an advanced resource* book. New York: Routledge.

Sunderland, Jane, e Litosseliti, Lia (2002): "Gender Identity and discourse analysis". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 1-39.

_____ (2008): "Current Reasearch Methodologies in Gender and Language Study: Key Issues". In: Harrington, Kate *et al.* (Eds): *Gender and Language Research Methodologies*. New York: Palgrave MacMillan: 1-18.

Sutton, Laurel A. (1995): "Bitches and shanky hobags: the place of women in contemporary slang". In: Hall, Kira, e Bucholtz, Mary (Eds.): *Gender Articulated: language and the socially constructed self*. London: Routledge: 279-296.

Swacker, Marjorie (1975): "The sex of the speaker as a sociolinguistic variable". In: Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 76-83.

Swann, Joan (1989): "Talk control: an illustration from the classroom of problems in analysing male dominance of conversation". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 122-140.

_____ (2002): "Yes, but is it gender?". In: Litosseliti, Lia, e Sunderland, Jane (Eds.): *Gender Identity and Discourse Analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company: 43-67.

_____ (2003): "Schooled language: language and gender in educational settings". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 624-644.

Swann, Joan, e Maybin, Janet (2008): "Sociolinguistic and Ethnographic Approaches to Language and Gender". In: Harrington, Kate *et al.* (Eds): *Gender and Language Research Methodologies*. New York: Palgrave MacMillan: 21-28.

Talbot, Mary M. (1998): *Language and Gender. An Introduction*. Cambridge: Polity Press.

_____ (2003): "Gender stereotypes. Reproduction and challenge". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 468-486.

_____ (2005): "Choosing to refuse to be a victim: 'power feminism' and the intertextuality of victimhood and choice". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 167-180.

Talbot, Mary, Atkinson, Karen, e Atkinson, David (2003): *Language and Power in the Modern World*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.

Tannen, Deborah (1990): *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation*. New York: Harper.

_____ (Ed.) (1993): *Gender and Conversational Interaction*. New York / Oxford: Oxford University Press.

_____ (1994): *Discourse and Gender*. Oxford: Oxford University Press.

_____ (2003): "Gender and family interaction". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 179-201.

Thimm, Caja, Koch, Sabine C., e Schey, Sabine (2003): "Communicating gendered professional identity: competence, cooperation and conflict in the workplace". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 528-549.

Thompson, J. B. (1999): *A Mídia e a Modernidade. Uma Teoria Social da Mídia.* Petrópolis: Vozes.

Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (Eds.) (1975ª): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House.

Thorne, Barrie, e Henley, Nancy (1975ᵇ): "Difference and Dominance: an overview of language, gender, and society". In: *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, MA: Newbury House: 5-42.

Thorne, Barrie, Kramarae, Cheris, e Henley, Nancy (Eds.) (1983ª): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House.

Thorne, Barrie, Kramarae, Cheris, e Henley, Nancy (1983ᵇ): "Language, gender and society: opening a second decade of research". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 7-24.

Torres, Amadeu, e Assunção, Carlos (2000): *Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira – Edição crítica, semidiplomática e anastática*. Lisboa: Academia das Ciências.

Touraine, Alain (2008*): O Mundo das Mulheres*. Lisboa: Instituto Piaget.

Traquina, Nelson (2007): *O que é Jornalismo*. 2.ª Ed. Lisboa: Quimera.

Trechter, Sara (2003): "A marked man: the contexts of gender and ethnicity". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 423-443.

Trost, Melanie R., e Alberts, Jess K. (1998): "An evolutionary view on understanding sex effects in communicating attraction". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 233-255.

Trudgill, Peter (1997): "Social Differentiation of English in Norwich". In: Coupland, Nikolas, e Jaworski, Adam (Eds.): *Sociolinguistics. A Reader and a Coursebook*. London: Macmillan Press Ltd.: 179-184.

_____ (1998): "Sex and Covert Prestige". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 21-28.

Trudgill, Peter, e Cheshire, Jenny (Eds.) (1998): *The Sociolinguistics Reader, Volume 1: Variation and Multilingualism*. London: Arnold.

Turshen, Meredeth (2007): *Women's Health Movements*. New York: Palgrave MacMillan.

Vintém, João Manuel Cabecinha (2008): *Diferenças de Género e Desigualdades Sociais na Saúde e Doença em Portugal*. Tese de Mestrado. Lisboa: ISCTE.

Walsh, Clare (2001): *Gender and Discourse: Language and Power in Politics, the Church and Organisations*. London: Pearson Education.

Watzlawick, Paul, Bavelas, Janet Beavins, e Jackson, D. (1967): *Pragmatics of Human Communication*. New York: WW Norton.

Weatherall, Ann, e Gallois, Cindy (2003): "Gender and identity: representation and social action". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 487-508.

Werder, Rasa Von (2006): *Can Female Power Save the Planet? The Fate of World Depends on Women*. New York/ Lincoln / Shangai: iUniverse, Inc.

West, Candace (1998[a]): "Not just 'doctors' orders': directive-response sequences in patients'visits to women and men physicians". In: Cheshire, Jenny, e Trudgill, Peter (Eds.): *The Sociolinguistic Reader, Volume 2: Gender and Discourse*. London / New York / Sydney / Auckland: Arnold: 99-126.

_____ (1998[b]): "When the Doctor is a "Lady": Power, Status and Gender in Physician – Patient Encounters". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell: 396-412.

West, Candace, e Zimmerman, Don H. (1983): "Small insults: a study of interruptions in cross-sex conversations between unacquainted persons". In: Thorne, Barrie *et al.* (Eds.): *Language, Gender and Society*. Rowley, MA: Newbury House: 102-117.

Whitehead, Harriet (1981): "The bow and the burden strap: a new look at institutionalized homossexuality in native North America". In: Ortner, Sherry B., e Whitehead, Harriet (Eds.): *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. Cambridge / London / New York / New Rochelle / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press: 80-115.

Wilkinson, S., e Kitzinger, C. (1995): *Feminism and Discourse: Psychological Perspectives.* London: Sage.

Williams, Drid (1975): "The brides of Christ". In: Ardener, Shirley (Ed.): *Perceiving Women*. London: Malaby Press: 105-125.

Williams, J. E., e Best, D. L. (1990): *Measuring sex stereotypes. A multination study*. Newbury Park: Sage Publications.

Winstead, Barbara A., Derlega, Valerian J., e Rose, Suzanna (1997): *Gender and Close Relationships.* Thousand Oaks / London / New Delhi: Sage Publications.

Wodak, Ruth (2003): "Multiple identities: the roles of female parliamentarians in the EU Parliament". In: Holmes, Janet, e Meyerhoff, Miriam (Eds.): *The Handbook of Language and Gender*. Oxford: Blackwell Publishing: 671-698.

_____ (2005): "Gender mainstreaming and the European Union: interdisciplinarity, gender studies and CDA". In: Lazar, Michelle M. (Ed.): *Feminist Critical Discourse Analysis: Gender, Power and Ideology in Discourse*. London: Palgrave Macmillan: 90-113.

Wolf, Mauro (2009): *Teorias da Comunicação*. 10.ª Ed. Lisboa: Editorial Presença.

Wolfe, Susan J., e Stanley, Julia Penepole (1980): "Linguistic problems with patriarchal reconstructions of indo-european culture: a little more than kin, a little less than kind". In: Kramarae, C. (Ed.): *The Voices and Words of Women and Men*. Oxford: Pergamon Press: 227-237.

Wollstonecraft, Mary (1967): *A Vindication of the Rights of Woman*. New York: Norton Library.

Wood, Julia T. (Ed.) (1996ª): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company.

_____ (1996ᵇ): "Gender, relationships, and communication". In: Wood, Julia T. (Ed.): *Gendered Relationships*. Mountain View / London / Toronto: Mayfield Publishing Company: 3-19.

Wood, Julia T., e Dindia, Kathryn (1998): "What's the difference? A dialogue about differences and similarities between women and men". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 19-39.

Woods, Nicola (1989): "Talking shop: sex and status as determinants of floor apportionment in a working setting". In: Coates, Jennifer, e Cameron, Deborah (Eds.): *Women in Their Speech Communities*. London / New York: Longman: 141- 157.

Woofield, Ruth (2007): *What Women Want from Work – Gender and Occupational Choice in the 21st Century*. New York: Palgrave Macmillan.

Wright, Paul H. (1998): "Toward an expanded orientation to the study of sex differences in friendship". In: Canary, Daniel J., e Dindia, Kathryn (Eds.): *Sex Differences and Similarities in Communication*. London / Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers: 41-63.

Yagello, Marina (1978): *Les Mots et les Femmes*. Paris: Payot.

_____ (1989): *Le Sexe des Mots.* Belfond: Virgule.

Zimmerman, D., e West, C. (1975): "Sex roles, interruptions and silences in conversation". In: Thorne, B., e Henley, N. (Eds.): *Language and Sex: Difference and Dominance*. Rowley, Massachussetts: Newbury House: 105-129.

_____ (1998): "Women's Place in Everyday Talk: Reflections on Parent – Child Interaction". In: Coates, Jennifer (Ed.): *Language and Gender: A Reader*. Oxford: Blackwell Publishing: 165-184.